

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA
JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

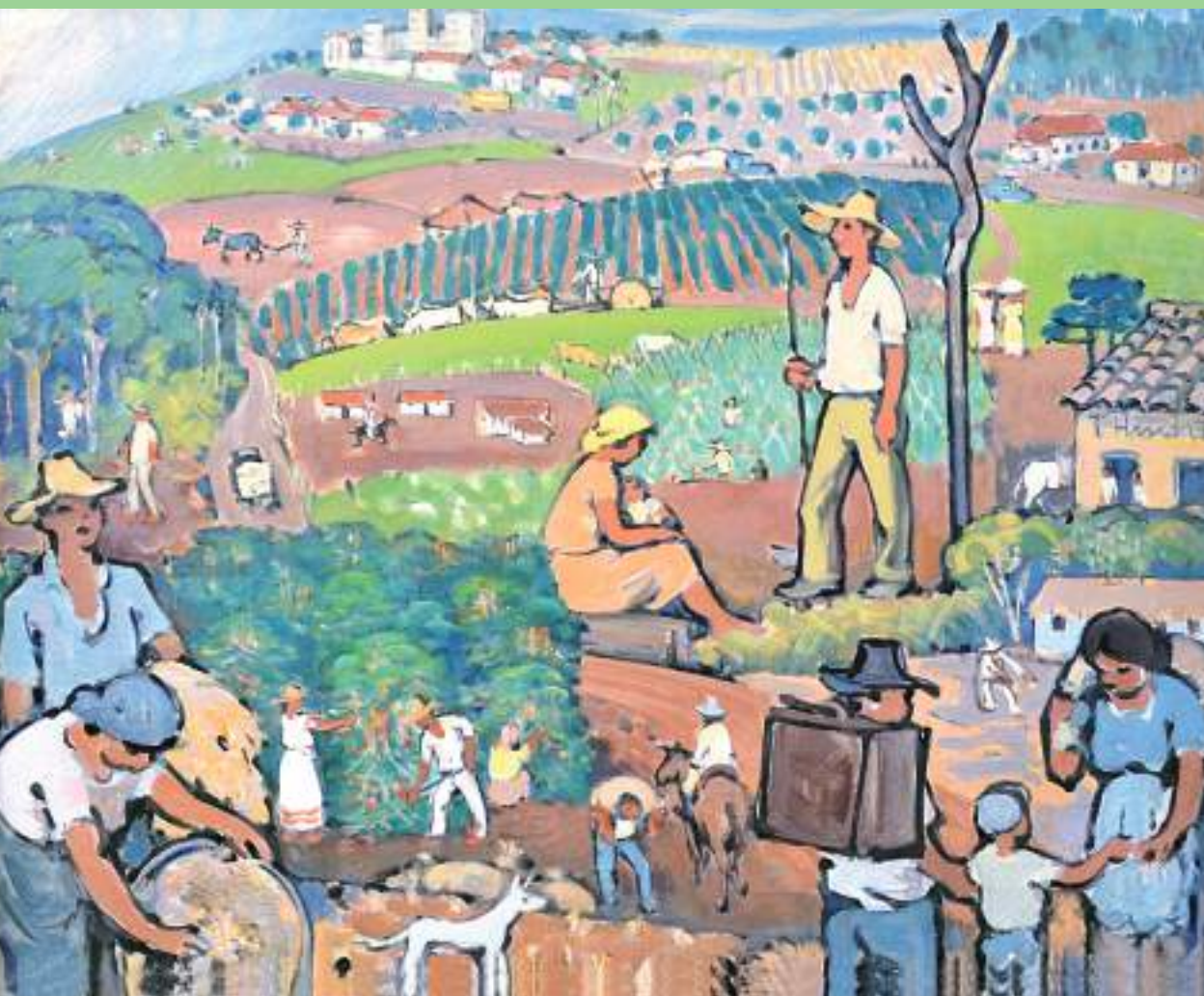


KIYOSHI YAMAMOTO
E TOMOO HANDA

Prêmio Kiyoshi Yamamoto

Contribuição da Comunidade Nikkei para a Agricultura Brasileira

Guenji Yamazoe
Alfredo Tsunechiro
Coordenadores



O quadro que ilustra a capa deste livro é de autoria de Tomoo Handa (1906-1996), um dos mais destacados artistas plásticos da comunidade *nikkei*. A reprodução desse quadro foi gentilmente autorizada por Nelson Miyahara, colecionador de obras de Handa.

Tomoo Handa conheceu Kiyoshi Yamamoto em 1939 e, a partir de então, tornaram-se amigos inseparáveis. Yamamoto apoiou os movimentos culturais e literários criados por Tomoo Handa e seu grupo, como o Mumeikai (Associação dos Desconhecidos), que posteriormente evoluiu para Doyokai, antecessor do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (Jinmonken). Yamamoto e Handa foram os fundadores do Nihon Bunka Shinkokai (Associação de Promoção da Cultura Japonesa), que deu origem à atual Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (Bunkyo).

O quadro é uma das muitas obras de Handa que retratam o cotidiano do colono japonês na agricultura e, segundo Nelson Miyahara, era o preferido do autor, pois estava sempre exposto no local mais visível de sua residência. Datada de 1973, em aquarela, nas dimensões de 74 cm x 79 cm, Handa conta os primeiros anos da história da imigração japonesa, desde a derrubada de matas (desbravamento), passando por plantio e colheita de café, cultura de tomate, frutas, reflorestamento com eucalipto, é também rica em personagens: o lavrador com sua enxada, a mãe que amamenta, que chora ao se despedir do filho de partida para cidade, etc. A propósito, Handa é também autor do livro “O imigrante japonês”, lançado em 1987, considerado o relato mais completo sobre o imigrante japonês. Enfim, o quadro e seu autor têm muito a ver com o conteúdo deste livro.

Prêmio Kiyoshi Yamamoto

Contribuição da Comunidade Nikkei para a Agricultura Brasileira

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA
JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL**



Prêmio Kiyoshi Yamamoto

Contribuição da Comunidade Nikkei para a Agricultura Brasileira

**Guenji Yamazoe
Alfredo Tsunechiro**
Coordenadores

São Paulo
2015

© 2015 Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social - Bunkyo
e-mail: contato@bunkyo.org.br
site: www.bunkyo.org.br
telefone: (11) 3208-1755

Coordenadores:

Guenji Yamazoe
Alfredo Tsunechiro

Vários autores

Vários colaboradores

Capa:

Obra de Tomoo Handa, 1973

Revisão, editoração e impressão:

Páginas & Letras - Editora e Gráfica Ltda.
Tels. (11) 3628-2144 - 2618-2461
e-mail: paginaseletras@uol.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prêmio Kiyoshi Yamamoto : contribuição da comunidade
nikkei para a agricultura brasileira / coordenadores
Guenji Yamazoe e Alfredo Tsunechiro. -- São Paulo :
Páginas & Letras Editora e Gráfica, 2015. 224p.

Bibliografia

ISBN 978-85-8191-051-2

1. Agricultura - Aspectos sociais - Brasil 2. Imigrantes
japoneses - Brasil - História 3. Japoneses - Brasil - História
4. Comunidade Nikkei - Brasil 5. Prêmio Kiyoshi Yamamoto
I. Yamazoe, Guenji. II. Tsunechiro, Alfredo.

15-09062

CDD-630.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Agricultura 630.981

Sumário

Agradecimentos	VII
Mensagem do Ex-Ministro da Agricultura	VIII
Mensagem do Governador do Estado de São Paulo	IX
Mensagem do Embaixador do Japão no Brasil	X
Mensagem do Cônsul Geral do Japão em São Paulo	XII
Mensagem da Presidente da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social - Bunkyo	XIV
Apresentação	XV
O Homem Kiyoshi Yamamoto (1892-1963).....	1
Kiyoshi Yamamoto e a Fazenda Tozan.....	17
As Pessoas da Família Yamamoto	27
Mesa-Redonda: Kiyoshi Yamamoto e os Tozan Kenshuseis	31
A História da ABETA e do Prêmio Kiyoshi Yamamoto	59
Fruticultura, Área de Grande Contribuição dos Imigrantes Japoneses e de seus Descendentes	67
Trajatória dos Imigrantes Japoneses e de seus Descendentes na Olericultura do Brasil....	95
O Papel da Comunidade <i>Nikkei</i> na Evolução da Avicultura Brasileira.....	109
Os Imigrantes Japoneses e seus Descendentes e o Desenvolvimento da Floricultura do Brasil	127
Um Século de Conquistas na Cafeicultura: lutas e desafios	137
Contribuição da Comunidade Nipo-Brasileira para a Produção de Grãos no Brasil	145
Cultivos Pioneiros: juta, chá, pimenta-do-reino, rami, cravo-da-índia, bambu, cogumelo <i>shiitake</i> , grama em tapete	157
Cadeias Produtivas: sericicultura, bovinocultura, cana-de-açúcar, agroindústria	161
Sistemas de Produção: mecanização agrícola, conservação do solo, irrigação, sistemas agroflorestais, desenvolvimento regional	167
Ensino, Pesquisa e Extensão.....	173
Ações Comunitárias e Cooperativismo.....	181
Meio Século Avançando.....	187
Perspectivas da Agricultura <i>Nikkei</i> no Brasil.....	191
O Futuro do Prêmio Kiyoshi Yamamoto	197
Lista dos Agraciados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1965-2015.....	198
Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto (Gestão 2015-2017)	200
Lista de Siglas e seus Significados	202
Créditos das Fotos	205

Agradecimentos

A Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto externa os agradecimentos a todos os envolvidos no processo de elaboração desta publicação, em especial:

Aos Patrocinadores:

FUNDAÇÃO KUNITO MIYASAKA
AGROINVEST KAYATANI S. A.
IHARABRAS S. A. INDÚSTRIAS QUÍMICAS
FUNDAÇÃO SHUNJI NISHIMURA DE TECNOLOGIA
SAKATA SEED SUDAMERICA LTDA.
TAKII DO BRASIL LTDA.
MINAMI INDÚSTRIA DE APARELHOS PARA LAVOURA LTDA.
PROMISSOR CORRETORA DE SEGUROS
GRUPO MNS

Aos Colaboradores:

HIROSHI IKUTA, um dos fundadores da ABETA e idealizadores do Prêmio Kiyoshi Yamamoto
TORU IWASAKI, Presidente Honorário da Fazenda Tozan do Brasil Ltda.
JÚLIO MIKIO YAMAMOTO e LUIZ TOSHIO YAMAMOTO, filhos de Kan Yamamoto e netos de Kiyoshi Yamamoto
PARTICIPANTES DA MESA REDONDA: KIYOSHI YAMAMOTO E OS TOZAN KENSHUSEIS, pelos depoimentos sobre convivência com Kiyoshi Yamamoto
NELSON MIYAHARA, pela cessão graciosa de imagem do quadro de Tomoo Handa, que ilustra a capa deste livro
TADAO SUNAGA, pelo depoimento sobre a ABETA e os primórdios do Prêmio Kiyoshi Yamamoto
TAKAO SAKAI, pelo depoimento sobre a ABETA
KIYOMI AMENOMORI, pelo depoimento sobre sua participação e do Hideki Amenomori nas atividades da ABETA
KATSUNORI WAKISAKA, pelo depoimento sobre a convivência com Kiyoshi Yamamoto
ADEMAR KIYOSHI AKIMURA e TSUYAKO AKIMURA, pelos depoimentos dados sobre Choju Akimura
FLÁVIO NAKAOKA, pelo trabalho fotográfico
PATRÍCIA YUMI TSUNECHEIRO, pela edição de algumas fotos antigas
SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (BUNKYO), nas pessoas de:
EDUARDO GOO NAKASHIMA, Secretário Geral Administrativo
REGINA KONDO, pelos serviços de secretaria executiva à Comissão.
CÉLIA ABE OI, pelas sugestões sobre o conteúdo do livro
KENIA GOMES, pela revisão dos textos



Nossas Homenagens e Congratulações

Alysson Paolinelli

Presidente da Associação Brasileira dos
Produtores de Milho (ABRAMILHO)

Presidente do Conselho Consultivo do Fórum do Futuro

Presidente do Conselho Consultivo da Companhia de Promoção Agrícola (CAMPO)

Com os mais cordiais cumprimentos a toda comunidade *nikkei*, à Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (*Bunkyo*) e à Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, manifestamos a nossa grande satisfação em poder prestar homenagens e congratulações à sociedade nipo-brasileira, pelo 45º Prêmio Kiyoshi Yamamoto “*Contribuição da Comunidade Nikkei para a Agricultura Brasileira*”, no exato momento em que se comemora, com grande regozijo, os 50 anos de instituição do aludido prêmio, destacando, não somente os ilustres homenageados, os Senhores *Hiroshi Noda*, *Pedro Isamu Mizutani* e *Riogo Amaya*, mas também a toda comunidade *nikkei*, que muito contribui ao desenvolvimento do nosso Brasil, destacadamente na Agricultura e no Cooperativismo.

Destarte, como amante da agricultura, com raízes assentadas na vasta região do Cerrado e como homem público nas diversas passagens nos poderes estadual e no âmbito federal (Ministério da Agricultura), tivemos oportunidades especiais de convívio com autoridades e ilustres personalidades do Japão e da comunidade *nikkei*, como os Senhores *Michio Watanabe*, *Toshio Doko*, *Tatsuzo Mizukami*, *Kazuo Haruna*, *Takashi Hisamune*, *Tomomi Ashikaga*, bem como o *Dr. Gervásio Inoue*, da CAC-CC, com quem iniciamos, efetivamente, o desenvolvimento sustentável do Cerrado, no Alto Paranaíba (São Gotardo, MG), seguido pelo Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER), onde, há 3 (três) décadas, o Cerrado era cognominado “*Terra de ver longe*” para, transformá-lo num verdadeiro “*Celeiro Mundial de Alimentos*” de que o mundo tanto necessita para sua segurança alimentar e nutricional.

E, o convívio e relacionamento com infinitas outras personalidades nipo-brasileiras, cujo relacionamento e diplomacia trouxeram-nos a sólida base de amizade, fraternidade, consideração e respeito mútuo, consubstanciada na cooperação e relacionamento bilateral de plena complementaridade que nos move, incentiva, emociona e faz-nos manifestar, neste momento, a toda comunidade *nikkei*, nossas homenagens e congratulações, pelo memorável 45º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, augurando a todos, que a iniciativa dessa natureza seja fomentada e dinamizada cada ano. Parabéns e felicidades a todos!

Atenciosamente.

Alysson Paolinelli

Mensagem Prêmio Kiyoshi Yamamoto



Geraldo Alckmin

Governador do Estado de São Paulo

No momento em que celebramos os 120 anos de assinatura do Tratado de Amizade Brasil-Japão, marco inaugural das relações diplomáticas entre os dois países e decisivo para o início da imigração japonesa, é com imensa satisfação que saúdo a publicação do livro *Prêmio Kiyoshi Yamamoto - Contribuição da Comunidade Nikkei para a Agricultura Brasileira*.

O valioso papel dos japoneses e seus descendentes no avanço da agricultura é um dos pilares da enorme contribuição que a imigração japonesa trouxe ao Brasil e a São Paulo. Aqui, onde os imigrantes lavraram terras e fundaram cidades, acolhemos hoje a maior comunidade nipônica do mundo fora do Japão, com mais de 1,3 milhão de japoneses e seus descendentes.

A amizade que nos une é longa e duradoura. Em 2015, também celebramos o centenário do Consulado Geral do Japão em São Paulo, instalado para atender às demandas diplomáticas e prestar auxílio aos compatriotas que, em sua maioria, chegavam para trabalhar nas fazendas de café do Estado. Lembramos ainda os 107 anos do navio *Kasato Maru*, que trouxe para Santos as 165 famílias que inauguraram o ciclo da imigração japonesa no Brasil; os 60 anos de fundação do Bunkyo, a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, legítima representante da comunidade nipo-brasileira em nosso país, e os 50 anos do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, que homenageia produtores agrícolas e leva o nome do fundador e primeiro presidente do Bunkyo.

Encontramos a figura carismática do doutor Kiyoshi Yamamoto nas mais diversas frentes de atuação em prol da imigração e do bem-estar dos imigrantes do Japão. Nascido em Tóquio e lá formado em agronomia, ele chegou a São Paulo em 1926, aos 34 anos. À frente da administração da Fazenda Monte d'Este, hoje Fazenda Tozan, na região de Campinas, obteve sucesso no controle biológico das pragas do café e estimulou a vinda de outros jovens técnicos agrícolas ao Brasil.

Desde 1965, o Prêmio Kiyoshi Yamamoto reconhece o trabalho de produtores rurais paulistas que se destacam em suas respectivas especialidades. Chamo atenção para a alta qualidade de seus critérios: além de sucesso econômico, a premiação leva em conta a inovação tecnológica, o pioneirismo e a originalidade, a capacidade multiplicadora dos resultados, a preservação do meio ambiente e a contribuição do produtor para o progresso da comunidade local e da sociedade como um todo.

A história das contribuições dos imigrantes japoneses e seus descendentes para elevar a qualidade e a produtividade da agricultura paulista é feita de coragem, trabalho árduo e empreendedorismo. Este livro documenta algumas dessas contribuições, imprescindíveis para o progresso do nosso Estado.

É com muita honra que parabeno os organizadores desta obra e a comunidade nipo-brasileira e presto respeitosa reverência ao doutor Kiyoshi Yamamoto por todo o seu legado.



山本喜誉司賞創設50周年記念誌への寄稿 梅田駐ブラジル日本国大使

山本喜誉司賞創設50周年を迎えるにあたり、日本政府を代表して御挨拶申し上げます。また、この記念すべき年に山本喜誉司賞を受賞される天谷様、水谷様、野田様に心よりお祝いを申し上げます。

1965年の第一回授賞式から、この50年間に152名の方が本賞を受賞されています。受賞者の功績を拝見すると、日系人の方々が工夫と研究を重ね、如何にブラジルの食を豊かにし、如何に農業分野の発展に貢献をされてきたかが良く理解できます。ブラジルの農業は、今やブラジル経済の大黒柱であるのみならず、日本および世界の食料安全保障を支える大きな存在になっています。山本喜誉司賞を受賞された方々は、正に世界規模の貢献をされたといっても過言ではありません。

また、山本喜誉司賞は、農業分野で貢献のあった方々の優れた功績を広く周知する上で、この50年間大きな実績を残されました。選考委員会委員をはじめとする全ての関係者の御尽力に敬意と感謝を申し上げます。

ブラジルは世界有数の親日国であり、日本・日本人は信頼されています。また、日本食、柔道、アニメ等はブラジル文化の一部として受け入れられています。このことは日系社会の皆様が長年にわたり、真摯な生き方を通じて、ブラジルの発展、日本文化の普及に尽力されてきたことの大きな成果の一つであります。

今年（2015年）、日本とブラジルは外交関係樹立120年を迎え、ブラジル各地の日系協会の全面的協力を得て9百近い行事が開催されています。6月18日（日本移民の日）には、ブラジリア連邦議会（下院）で公聴会が開催されました。30名の連邦議員が参加し、日伯関係強化について発言されました。多くの方が、農業分野における日系人の貢献を特筆されていたことに加え、子供の頃から日本食や日本文化が身近に存在していたこと、日系社会が「勤勉」、「高い職業倫理」をブラジルにもたらしてくれたことを高く評価されていました。日本大使として大きな誇りを感じる機会となりました。皆様のこれまでの御尽力に対し心より感謝を申し上げます。

最後に、山本喜誉司賞が末永く存続すること、すべての関係者とご家族の御健勝を祈念し、私の挨拶とさせていただきます。

Mensagem do Embaixador do Japão no Brasil, Kunio Umeda, ao Livro em Homenagem aos 50 anos do Prêmio Kiyoshi Yamamoto

Com os meus cordiais sentimentos, desejo tecer algumas palavras sobre as comemorações dos 50 anos do Prêmio Kiyoshi Yamamoto em nome do governo do Japão. Além disso, parablenzo o Sr. Amaya, o Sr. Mizutani e o Sr. Noda pelo recebimento do prêmio neste ano comemorativo.

Desde o primeiro prêmio em 1965, 152 pessoas foram condecoradas ao longo desses 50 anos. Ao ver as contribuições dos condecorados, pode-se compreender como os nipo-brasileiros contribuíram para o desenvolvimento agrícola e enriqueceram a culinária brasileira através de sua criatividade e suas pesquisas.

O setor agrícola do Brasil é um dos pilares da economia do país e também é importante para a segurança alimentar do Japão e do mundo. Até se pode dizer que as pessoas condecoradas pelo Prêmio Kiyoshi Yamamoto têm feito contribuições em nível mundial. O Prêmio Kiyoshi Yamamoto tem sido significativo ao longo desses 50 anos para divulgar as pessoas que contribuíram para a área agrícola. Quero externar o meu profundo agradecimento e respeito à Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto.

O Brasil é um dos países que mais simpatizam com o Japão, e tanto o Japão como os japoneses têm grande credibilidade neste país. Além disso, a culinária japonesa, o Judô e o Animê tornaram-se parte da cultura brasileira. Esse fato é fruto de todo o esforço prestado pelas comunidades nipo-brasileiras ao longo dos anos através do seu exemplo de vida em prol do desenvolvimento brasileiro e da divulgação da cultura japonesa.

Neste ano de 2015, em que comemoramos os 120 anos do estabelecimento das relações diplomáticas entre Japão e Brasil, estão sendo realizados cerca de 900 eventos em várias localidades do Brasil em colaboração com as comunidades nipo-brasileiras. No dia 18 de junho, dia da imigração japonesa, foi realizada uma audiência pública na Câmara dos Deputados Federais com a presença de 30 deputados que manifestaram palavras a respeito das relações bilaterais. A maioria dos presentes destacou as contribuições de descendentes de japoneses à área agrícola e elogiou o fato de que a comunidade nipo-brasileira trouxe ao Brasil o conceito de diligência e ética profissional. Sinto orgulho disso como embaixador do Japão no Brasil e agradeço do fundo do meu coração pela contribuição de todos.

Manifestando os meus sinceros votos pela continuidade eterna do Prêmio Kiyoshi Yamamoto e pelo sucesso das pessoas envolvidas e de suas famílias, encerro aqui minhas palavras.



「第45回山本喜誉司賞」授賞式挨拶

在サンパウロ日本国総領事 中前 隆博

本年の山本喜誉司賞授賞式にあたり、御挨拶申し上げます。

ブラジルは、現在世界でも有数の農業生産大国となりました。いまやブラジルは世界の食糧安全保障には不可欠の存在であり、またアグリビジネスは今後も成長が見込まれる産業です。このブラジルの農業の発展史における日系人の方々の貢献は誰もが認めるものです。それは、そ菜・果実・花卉・養鶏といった新たな品種・技術の導入・改良、移住初期からセラードに至る農地開発、農業協同組合活動等多岐にわたりますし、それまでブラジルになかったものの導入など大変重要なものばかりです。このような日系人の農業分野での活躍により、ブラジル国民がより多くの野菜を口にするようになり、現在では和食や日本食材が日常の食事となっています。

今回受賞される天谷 リョウゴ様、水谷 イサム ペドロ様、野田 ヒロシ様におかれましては、長年それぞれの分野で農業の技術面・経営面での改善や支援に取り組み、大きな成果をあげられてきました。受賞者の皆様の長年にわたるご苦労と功績に心より敬意を表します。

本日の受賞者をはじめ日系人の皆様によるブラジルへの様々な貢献は、ブラジルにおける日系人及び日本に対する高い評価につながっており、私共も大変誇らしく、また有り難く存じます。

皆様におかれましては、これからもますますの御健勝と各専門分野での活躍を祈念し、お祝いの言葉とさせていただきます。

山本喜誉司賞 50 年記念誌挨拶文

祝辞

在サンパウロ日本国総領事 中前 隆博

この度、山本喜誉司賞制定 50 周年を記念して本誌が発刊されるにあたり心からお喜び申し上げます。

ブラジルは、現在世界でも有数の農業生産大国となりました。アグリビジネスはブラジルにとって今後も成長が見込まれる産業です。ブラジルの農業に対する日系人の方々の貢献は、そ菜・果実・花卉・養鶏といった新たな品種・技術の導入・改良、移住初期からセラードに至る農地開発、農業協同組合活動等多岐にわたります。また、これらはそれまでブラジルになかったものの導入など大変重要なものばかりです。その幅の広さ・重要性は、山本喜誉司賞歴代受賞者の顔ぶれからも推し量ることができます。

また、このような日系人の農業分野での活躍により、ブラジル国民が野菜を口にするようになり、現在では和食や日本食材が日常の食事となっています。

加えて、農業における日系人の活躍とブラジルへの貢献は、ブラジルにおける日系人および日本に対する評価を確立する大きな要因となっています。これは、就業構造が変化し、ブラジル各界で多くの日系人の方々が活躍されるようになった今も、日系人の皆様および日本にとって大きな財産です。

このような「農業」を表彰する山本喜誉司賞がこれまで半世紀にわたって続いてきたことは大変意義深い事です。また、大自然を相手に、息の長い取組を必要とする農業分野で営々と研究を続けられた歴代受賞者の皆様に対し、心から敬意を表します。

これからも日系農業並びに山本喜誉司賞が末永くブラジル農業の発展に貢献され活躍されること祈念し、お祝いの言葉とさせていただきます。

2015 年 8 月

Palavras de Saudação Referente à Publicação do Livro de 50 anos do Prêmio Kiyoshi Yamamoto

Takahiro Nakamae
Cônsul-Geral do Japão em São Paulo

Gostaria de externar as minhas sinceras congratulações pela publicação do livro comemorativo de 50 anos do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, intitulado “Prêmio Kiyoshi Yamamoto - Contribuição da comunidade *nikkei* para a agricultura brasileira”.

Atualmente, o Brasil é considerado um dos principais produtores agrícolas mundiais. O agronegócio brasileiro é um dos setores de grande potencial de crescimento.

Desde os primeiros imigrantes até o desenvolvimento do Cerrado e de outras regiões, os agricultores *nikkeis* buscavam melhorar a qualidade e também o aumento da produção, introduzindo diversos conhecimentos e técnicas que não havia no Brasil, como a expansão de novas variedades, criação das cooperativas agrícolas, introdução de novas tecnologias na horticultura, fruticultura e avicultura. Através da leitura das biografias dos premiados é possível saber com detalhes e acompanhar a importância dessa contribuição na história da agricultura brasileira.

O aumento da oferta de verduras e legumes por produtores japoneses estimulou o consumo cotidiano destes alimentos pela população brasileira. E atualmente, a culinária japonesa e os produtos alimentícios japoneses já fazem parte da alimentação na mesa do brasileiro.

Com mudança estrutural no mercado de trabalho, vários descendentes migraram para outras áreas profissionais e hoje atuam ativamente em prol do desenvolvimento do Brasil, contribuindo, desse modo, para o reconhecimento perante a sociedade brasileira. Tornando-se assim uma herança importante não só para comunidade *nikkei*, mas para o Japão também.

Por esse motivo, há uma grande importância nesta premiação que vem ocorrendo há meio século. Destaco minha admiração à perseverança dos trabalhadores e pesquisadores diante da adversidade da natureza na agricultura.

Encerro minhas palavras, desejando que a agricultura nipo-brasileira e o Prêmio Kiyoshi Yamamoto contribuam para o sucesso e o desenvolvimento da agricultura brasileira.



Saudação

Harumi Arashiro Goya

Presidente da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa
e de Assistência Social - Bunkyo

Neste ano em que coincidem datas comemorativas de especial relevância para a comunidade nipo-brasileira e para o intercâmbio Brasil-Japão, saudamos com entusiasmo a iniciativa da Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto na organização desta edição.

O legado de Kiyoshi Yamamoto está relacionado aos diferentes aspectos da trajetória dos imigrantes japoneses no país. Engenheiro agrônomo, Yamamoto chegou ao Brasil com a missão de administrar a Fazenda Tozan, passando a incentivar a pesquisa agrícola – estudos em que ele próprio se dedicou com afinco. Ao mesmo tempo, promoveu a vinda de jovens técnicos agrícolas do Japão para aplicar seus conhecimentos em nosso país.

Nesse aspecto, a publicação desta obra como marco dos 50 anos da instituição do Prêmio Kiyoshi Yamamoto é de especial relevância para destacar a contribuição ao desenvolvimento da área agrícola brasileira, não só do patrono como também daqueles que tiveram seus trabalhos reconhecidos.

O nome de Kiyoshi Yamamoto fez parte do grupo de líderes que atuou fortemente para o restabelecimento do intercâmbio Brasil-Japão no período pós-guerra. Juntamente com seus companheiros, viabilizou a participação do governo japonês e da comunidade nipo-brasileira nas comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo e na construção do Pavilhão Japonês no Parque Ibirapuera.

Portanto, em 2015, ao se comemorar os 120 anos do Tratado de Amizade Brasil-Japão, é de grande significado dar destaque a personalidades, como Kiyoshi Yamamoto, que sedimentaram o caminho desse relacionamento.

Há 60 anos, Kiyoshi Yamamoto se tornou o primeiro presidente do Bunkyo, cargo que traduziu sua decisiva liderança para conduzir o apaziguamento dos tempos revoltos da comunidade nipo-brasileira logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Intelectual engajado no esforço de esclarecimento da real situação do Japão junto aos imigrantes residentes no Brasil, dedicou-se para fundar uma entidade que pudesse representar a comunidade nipo-brasileira, tanto em nível nacional como internacional, incluindo o Japão.

Além da fundação, em 1955, Yamamoto empenhou-se firmemente na desafiadora campanha de construção da sede da entidade, conquista que se concretizou com sua inauguração em abril de 1964, infelizmente, após nove meses de seu falecimento.

É, portanto, com grande satisfação que saudamos esta publicação comemorativa que dá destaque a um dos ícones da trajetória dos japoneses neste país e a quem expressamos nossa profunda gratidão.

Apresentação

O Prêmio Kiyoshi Yamamoto foi instituído em 1965 pela Associação Brasileira de Estudos Técnicos da Agricultura (ABETA), com o objetivo de homenagear agricultores da comunidade *nikkei* que se destacaram nas respectivas áreas de atuação e legar para futuras gerações as obras do Dr. Kiyoshi Yamamoto. Ao longo desses 50 anos, foram premiadas 152 personalidades que contribuíram para o desenvolvimento da agricultura na comunidade nipo-brasileira e constitui-se, hoje, em prêmio de maior longevidade do setor agrícola brasileiro. Para comemorar o Jubileu de Ouro do Prêmio, a Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto propôs-se a publicar o livro PRÊMIO KIYOSHI YAMAMOTO - *Contribuição da Comunidade Nikkei para a Agricultura Brasileira*. Detalhada apresentação individual dos premiados até 2008 foi feita em HISTÓRIA DO PRÊMIO KIYOSHI YAMAMOTO, publicado em 2009. Valendo-se dessa preciosa fonte, e de livretos da Comissão sobre os premiados de 2009 a 2015, esta publicação teve como principais propósitos:

1. conhecer melhor a atuação do Dr. Kiyoshi Yamamoto na área agrícola através dos trabalhos que tiveram início na Fazenda Tozan, desde o seu processo de aquisição, em 1927: reflorestamentos pioneiros de eucalipto; cafeicultura, com pesquisas sobre a vespa de Uganda no controle da broca do café; citricultura; pecuária; planejamento de uso e conservação do solo; parcerias com a Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo nas pesquisas e produção de sementes; fabricação de saquê; sua preocupação na formação dos recursos humanos, como os Tozan Kenshuseis (Estagiários da Fazenda Tozan); fundação da ABETA para apoiar tecnicamente os agricultores, etc.;
2. analisar de forma setorial, a importância dos agricultores *nikkeis* nas suas diferentes áreas de atuação, como fruticultura, olericultura, avicultura, floricultura, cafeicultura, grãos, cultivos pioneiros, produção animal, sistemas agroflorestais, mecanização agrícola, conservação do solo, irrigação, agroindústria, desenvolvimento regional, cooperativismo, ações comunitárias, ensino, pesquisa e extensão, sempre tendo como referência os contemplados do Prêmio. Nesse sentido, é interessante observar que 45 dos premiados, ou seja, cerca de 30% do total, eram da área de fruticultura, podendo-se constatar por aí a importância da participação dos *nikkeis* neste setor da agricultura brasileira.

Para emoldurar todo esse cenário, o livro contou com o artigo *Meio Século Avançando*, uma valiosa contribuição do Engenheiro Agrônomo Roberto Rodrigues, Ex-Ministro de Agricultura Pecuária e Abastecimento, Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA).

Guenji Yamazoe
Alfredo Tsunehiro
Coordenadores

O Homem Kiyoshi Yamamoto (1892-1963)

Tan Yamamoto

Nasceu em Tóquio no ano de 1892, em plena efervescência da transposição do Japão do feudalismo para um período mais ocidentalizado, beneficiando os jovens estudantes, ávidos de coisas novas. Porém, em sua adolescência, Kiyoshi Yamamoto, embora advindo de uma boa família, sofreu muito. Falecendo seu pai, ele teve a infelicidade de, com o novo casamento de sua mãe, ter um padrasto mulherengo e perdulário, que logo deixou a família em péssimas condições econômicas. Com o término do feudalismo, não houve como salvar a família. Conservou-se sua classe aparente graças à sua avó, chamada Kim, de personalidade forte. Meu pai me falava sempre dela como uma mulher extremamente enérgica e sempre mal humorada.

Com a morte prematura do padrasto e sem meios de estudar decentemente, frequentava bibliotecas, passando ali boa parte de sua juventude. “Minhas escolas”, dizia meu pai, “foram boas bibliotecas que tinham começado a surgir no novo Japão”. Mas foi recompensado. Além de ter podido entrar na mais importante universidade do País, onde estudou agronomia, teve colegas e amigos, muito dos quais foram mais tarde destaque na sociedade e na vida cultural e política do Japão. Foi o amigo mais íntimo do famoso escritor Akutagawa, autor de *Rashomon* (Portal do Inferno), imortalizado pelo cineasta Kurosawa e que recebeu o mais alto laurel no Festival de Veneza. Akutagawa, além de outras obras de valor, escreveu o livro “Kappa”, traduzido para diversas línguas e comparado ao clássico inglês *Utopia*, de Thomas Morus. Contou-me minha mãe que, embora admirasse Ryonosuke Akutagawa, sentia medo dele devido à sua excepcional inteligência. “Parecia, quando me fitava, que ele adivinhava os meus pensamentos”.

Minha mãe, por sinal, era bastante moderninha para a época. Praticava esportes, inclusive natação, conhecia música e era exímia tocadora de “koto”, tradicional instrumento de cordas. Dizem que o romance entre ela e Kiyoshi foi de amor à primeira vista. Kiyoshi era oito anos mais velho. Não sei se devido a esse fato e ser ainda muito jovem na ocasião, ou porque esse namoro era contrário às tradições matrimoniais do Japão, houve uma quase irreduzível reação da família materna. Mas segundo meu pai, a principal causa era que ele, apesar da boa origem, era tido como um pobretão, de futuro incerto! Mas acabaram casados e a sorte os ajudou.

Devido à distinção com que havia terminado o curso de agronomia, ele foi convidado pelo dono da Mitsubishi, Hisaya Iwazaki, para trabalhar na Fazenda Koiwai, especializada em cavalos de raça, gado leiteiro e criação de ovinos. Ao mesmo tempo em que deixava esfriar a rixa com a família da esposa, conseguia um bom emprego no Koiwai Nojo. E deu-se tão bem na fazenda, que, pouco

tempo depois, Iwasaki lhe confiou uma tarefa muito mais importante e árdua: cuidar e desenvolver a cultura do algodão da Mitsubishi na China. As plantações situavam-se nas regiões férteis do norte-nordeste da capital Pequim (Beijim), chegando mesmo dentro da Manchúria. E foi em Pequim que o casal Yamamoto ganhou mais dois filhos, além da filha nascida no Japão. Kiyoshi trabalhou na China durante cerca de sete anos, falava um chinês fluente e era muito respeitado. Durante bom tempo tiveram a companhia de Miyaji e sua mulher, que mais tarde foram para o Brasil também. Foi em 1925, que, em meio às confusões da passagem do Império chinês para a República, Yamamoto foi chamado para comandar novo projeto, desta vez no Brasil.

Hisaya Iwasaki desejava investir mais no campo agrícola e por intermédio da Tozan Noji Kabushiki Kaisha, fundada para este fim, escolheu o Brasil, que oferecia enormes e boas perspectivas e já contava com muitos imigrantes japoneses trabalhando no país. Deixando mulher e filhos no Japão em casa de parentes, Yamamoto seguiu sozinho para a nova terra. Então procurou propriedades ao redor de Campinas, nessa época já a maior cidade do Estado após a capital, São Paulo. Aqui, cabe um capítulo especial para conhecer melhor quem era esse Yamamoto. Antes de viajar, estudou com consciência tudo que poderia saber sobre o Brasil, desde a história dos navegantes portugueses, como eles chegaram aqui e tomaram posse das novas terras e as colonizaram, assim como usos e costumes do país após a independência e, posteriormente, na República. Com todo esse cabedal, ele aqui chegou e imediatamente tratou de adquirir uma fazenda nos arredores de Campinas. A fazenda Ponte Alta, de propriedade de Camargo Andrade, foi a escolhida.

Levadas a bom termo as negociações de venda, ele efetuou imediatamente a radical transformação no trato das terras, a maioria coberta de cafezais. Paralelamente à aquisição da fazenda, Yamamoto contratou uma jovem professora brasileira chamada Ruth. Dona Ruth foi de uma eficiência ímpar. Quando sua família chegou, Yamamoto já se expressava bem na nova língua e milagrosamente fizera amizade com o que havia de mais seleta na sociedade campineira, a partir do próprio fazendeiro Camargo Andrade, com quem negociara a propriedade, agora rebatizada de Fazenda Monte d'Este (Tozan, em japonês). Tornaram-se suas amigas as famílias dos Penteado, Maia, Nogueira, Morais Salles, Egídio Almeida Prado e outros mais. Arguto e inteligente, através dessas pessoas conseguiu contato com organizações agropecuárias, especialmente com o já célebre Instituto Agrônomo de Campinas, considerado o melhor do país.

Naquela época tudo girava em torno do café, a riqueza incontestada do Brasil. Pois a primeira medida de Yamamoto foi conversar com os colegas do Instituto. Um desses técnicos, posteriormente Diretor-Geral da entidade, Dr. Paulo Cuba de Souza, contou-me que o Yamamoto, falando em compreensível português, assombrou o pessoal com sua visão de como poderia ser o Brasil agrícola do futuro se iniciassem naquele momento modificações em sua estrutura. Disse-lhes que o País iria se ver em sérias dificuldades, plantando apenas café. O resultado dessas reuniões foi que houve, posteriormente, constante

troca de informações entre o Instituto e a Monte d’Este. Desde então, trabalhando em conjunto, a Fazenda Santa Elisa do Instituto e a Fazenda Monte d’Este tornaram-se conhecidíssimos, eram locais que recebiam visitantes do mundo todo. Lembro-me que aconteceu muita coisa na fazenda, desde então. Houve queimada em determinadas áreas da fazenda, mas antes os troncos das árvores maiores foram transportados para a serraria e transformados em tábuas e vigas de diversas espessuras. Nas áreas desmatadas, surgiram depois plantas diversas. Lembro-me que no local chamado Bocaiuva, às margens do rio Atibaia, que fazia divisória entre a Monte d’Este e outras propriedades, eu vi centenas de pequenos jacás, delas emergindo mudinhas que eu desconhecia. Perguntei a meu pai o que era aquilo tudo. É para o “reflorestamento”, respondeu-me, “árvore que se corta é árvore que precisa ser replantada”. Menino ainda, não entendi patavina do que ele me dizia. Mas à medida que se passaram os meses, essas plantinhas cresceram mais rápidas que eu. Poucos anos depois, pelo menos alguns alqueires daquele terreno estavam ocupados por esguias e altas árvores, que a essa altura eu já sabia o que eram: os pés de eucaliptos. Em outras partes, Yamamoto estabeleceu rotações, etapas ainda praticamente desconhecidas no Brasil.

Por exemplo, de tempos em tempos, onde havia uma cultura, esta era substituída por outra diferente, onde havia cafezal plantava-se algodão, e assim por diante. Pouco tempo mais tarde foram adquiridas duas fazendas nas proximidades de Pindamonhangaba, a Sapucaia e a Tetequera, uma para a criação de gado leiteiro e a outra para cultivo de arroz. Conheci ali a família Yassuda. Sei que essas fazendas foram vendidas posteriormente, mas desconheço os motivos. Talvez a antevisão do que iria acontecer depois da guerra... Como de fato quase foi vítima a própria Monte d’Este! Em Campinas, Yamamoto, embora de modo controlado, continuou com o cultivo dos cafezais. Plantou-os especialmente nos terrenos onde havia terra roxa muito boa para desenvolvimento de certos tipos de café.

Lembro-me também daquele período em que os cafeicultores, apavorados, temeram pelo surto da broca do café, que ameaçava destruir culturas inteiras da rubiácea, inclusive em Monte d’Este. Foi graças aos seus estudos de um pequenino inseto, a vespa de Uganda, que puderam salvar a totalidade dos cafezais do Estado de São Paulo, sem necessidade de quaisquer tipos de inseticidas, apenas utilizando a vespinha, inimigo mortal da broca do café. A obra que Yamamoto escreveu, não só detalhando o “modus operandi” da vespinha mas especialmente como usá-la na prática para exterminar a perigosa praga, acabou nas mãos da Universidade Imperial de Tóquio, que houve por bem, outorgar a Yamamoto o honroso título de Doutor em Ciências Agronômicas. Quando lhe dei parabéns, ele, modestamente me esclareceu que aplicara apenas a máxima: “Sempre que possível, procurar a solução no Equilíbrio da Natureza”. E não deixou de me explicar o que significava esse tal de “Equilíbrio”. Hoje, lembrando suas palavras, lamento que, no açodamento do poder, as grandes potências mundiais tenham se lançado ao desenvolvimento e uso indevido e desenfreado do tecnicismo em detrimento do equilíbrio ambiental!

Outras Obras de Yamamoto na Fazenda

A Indústria Agrícola Campineira Tozan, localizava-se no local denominado “Poço”, às margens do rio Atibaia, próximo de Carlos Gomes, onde operava a estação da estrada de ferro Mogiana, hoje extinta. Essa nova Indústria iniciou-se com a fábrica de “Sakê”, cogitada há algum tempo, mas antecipada por Yamamoto devido a um motivo que pouca gente sabe, o uso desenfreado da cachaça, a temida pinga que era consumida fora de controle pelo pessoal de origem japonesa. Além de prejudicial à saúde, a pinga provocava ações de represália violenta a qualquer falta dos colonos por parte de alguns capatazes. O pior era que entre esses próprios funcionários mais graduados, o mau uso da bebida levava-os a brigas violentas, a socos e pontapés, como eu presenciei “ao vivo” diversas vezes. Yamamoto ficou sabendo que isso era frequente também entre os imigrantes de outras regiões do Estado.

As Olarias e a Serraria

Lembro-me, quando criança, ter visto as olarias da fazenda, no “Poço”. Essas olarias, empregando a argila que proliferava nas margens do rio Atibaia, forneceram a totalidade dos tijolos e telhas empregadas na construção de casas, alojamentos, galpões e demais beneficiamentos da Monte d’Este. Também não me esqueço do grande galpão, a cerca de cem metros da sede, ao interior do qual eu, no começo, adentrava com muito medo, a serraria. À época em que a Fazenda foi adquirida já havia a serraria, mas essa foi substancialmente ampliada tanto no espaço como em material. Lembro-me daqueles carroções puxados por parselhas de bois, carregando pesadas toras de madeira, grossos troncos que eram empilhados em frente à serraria. Era um espetáculo maravilhoso em sua natural rudeza, presente no Brasil desde os tempos da colonização. Hoje, ele me aparece na lembrança como se fossem ilustrações de Rugendas ou Debret. Essa serraria, operada por italianos e descendentes, desde a manhãzinha se fazia ouvir, estridente, cortando os troncos, transformando-os em tábuas e ripas. Eu vivia lá dentro, admirando as enormes serras circulares, e aspirando o cheiro de madeira e saibro. Yamamoto ia supervisionar a serraria em companhia de Morita, que durante algum tempo trabalhou na fazenda. Grande Takeji Morita, um marceneiro excepcional!

A Escola e a Professora Dona Maria

De uma pessoa instruída como Kiyoshi Yamamoto não se poderia esperar outra coisa: a escola. Foi uma de suas primeiras providências. Por indicação do Dr. Silvio de Moraes Salles, foi escolhida a professora dona Maria. Além de excelente mestra, era de absoluta confiança. Sua família era proprietária de conhecido curtume em Campinas, fornecedor dos fazendeiros da região e era gerido por seu irmão. Quando pequeno, eu, toda vez que ia a esse estabelecimento, ficava encantado com o soberbo cavalo embalsamado que ornamentava o interior da loja, logo à entrada.

É necessário que, além de louvar a sua bondade e eficiência no ensino, eu exalte o seu senso de sacrifício. Pois saibam que dona Maria, para chegar à Escolinha, em primeiro lugar pegava o trem da Mogiana, em Campinas, e ia até a estação de Tanquinho, onde a esperava a charrete do Poletti, nosso inesquecível cocheiro. E tinha que aguentar a viagem por uma estradinha de terra, no meio de uma densa mata até chegar à entrada da Fazenda e daí para a Escola. E era isso a semana toda, mesmo nos sábados, pois naquela época não havia “weekend”. E dona Maria, acabado o ano escolar, ainda se lembrava de premiar os melhores alunos. Eu, que também frequentei a Escola, ganhei, não um brinquedo, mas nada mais nada menos que o livro de Collodi, o Pinóquio (ainda com cch). Agradeço até hoje o presente, pois além de ser o primeiro que li, foi o motivo para que eu me tornasse um amante inveterado de livros.

Depois de sua aposentadoria, a professora dona Zoé foi sua substituta. Mas a dona Maria não foi esquecida. Quando, anos depois, Yamamoto, na parte da fazenda denominada São José, inaugurou uma escola para jovens agrônomos, na forma de estágio, eles tiveram que aprender a língua portuguesa inicialmente. Pois foi a veterana professora dona Maria quem foi contratada para cuidar do curso. Em uma das vezes em que fui à fazenda, tive ocasião de me encontrar com dona Maria na escola, sendo apresentado aos seus alunos. Então pudemos recordar aqueles bons tempos!

Yamamoto e os Esportes

Meu pai, além de apreciar esportes, introduziu-os na fazenda a partir do futebol, já naquela época bastante popular entre os colonos, que o praticavam em terreninhos, atrás de suas casas na colônia. Isso sem falar nos garotos que se utilizavam de qualquer coisa que lembrasse uma bola, tais como meias cheia de papel e até bexigas de animais. Mas, com a nossa vinda, eu e meu irmão, fascinados pelos esportes, logo estávamos pedindo ao nosso “velho” que nos comprasse uma bola de couro, no início a de número 1, pois havia naquele tempo até a de número 5, a oficial, para adultos. Logo formamos times de moleques, filhos dos colonos mais achegados à sede, como jardineiros, pedreiros, motoristas, cocheiros e padeiros e outros de igual categoria. Mas a parte principal ele não esqueceu, os adultos. Indo à Campinas, consultou um clube profissional, e assim juntamente com a edificação da capela e da escola, no lado oposto, logo surgiu um campo de futebol em tamanho oficial, com traves e demarcações em cal, para a prática do esporte bretão. Dois times foram formados com camisetas diferenciadas, mas ambas verdes.

Outras grandes fazendas vizinhas seguiram o exemplo, e em breve tempo muitos “desafios” foram lançados um contra o outro! Também floresceu a bocha (antes era aquele jogo das ferraduras). Para os funcionários trouxe mesa de bilhar e pingue-pongue, além de, num terreno entre o pomar e os terreiros para secagem dos grãos de café, inaugurar nada mais nada menos que uma quadra de tênis. Alguns anos mais tarde, findo o perigo das expropriações, inaugurou-se a piscina, com trampolim e tudo. Nessa piscina, os famosos “peixes voado-

res" japoneses, mundialmente conhecidos, entre eles os campeões Furuhashi e Hashizume, se exibiram diante do pessoal da Monte d'Este.

Yamamoto também introduziu o "kendo", esporte marcial japonês, com toda sua roupagem tradicional e as legítimas espadas de bambu. Levei muita pancada do professor Ikeda, que era exímio espadachim! Este, como outro esporte, o "baseball" não teve vida longa por falta de praticantes. Sugestionado por Shin Kimitsuka, então diretor da Tozan e fanático praticante do golf, tentou, usando um extenso gramado, a uns duzentos metros à direita da escola, instalar o campo, um modo de atrair os ricos de Campinas e arredores. Mas percebeu logo que o empreendimento não tinha futuro. Além disso, ele estava em vias de chefiar a Organização Tozan em todo o Brasil substituindo Kimitsuka, como realmente aconteceu em 1940. Levou então toda sua família para São Paulo.

Detalhes de sua Personalidade

Kiyoshi Yamamoto era ao mesmo tempo, alegre ou sisudo, tranquilo ou energético, dependendo das circunstâncias. Ele me dizia que um homem como ele, dirigindo pessoas ou entidades, deveria ser maleável como o junco ou firme como uma rocha! Mas para mim, Yamamoto, pelo menos com sua família, foi sempre bondoso e em certas ocasiões, quando adoecíamos ou éramos vítimas de acidente grave, ele se transformava e parecia sofrer mais que nós próprios. Lembro-me de como ele tratava sua filha You, minha irmã mais velha. You-tchan, realmente merecia esse tratamento, pois era inteligente, meiga e extremamente prendada. O pai fazia tudo pela filha. Comprou um belo cavalo, muito manso, chamado Outono, e gostava de passear com ela pela fazenda. Outras vezes, eu via os dois pintando quadros a óleo, desenvolvendo um dom que era comum aos dois. Aliás, meu pai era profundo conhecedor da história da pintura impressionista, sobre a qual possuía dois álbuns excelentes, No entanto, tinha fixação por Millet, devido aos seus quadros acentuadamente campestres. E era exatamente uma paisagem, se não me falha a memória, de um trecho da fazenda, que ela estava pintando, quando teve de voltar do colégio às pressas por ter contraído tifo no internato. Infelizmente ela faleceu. O desespero que o acometeu foi uma das coisas que jamais esquecerei. Na noite fatídica, ficou falando baixinho, por longo tempo com Youko até ela morrer.

Um ano antes, peguei tétano por andar num canteiro cheio de esterco com meu pé ferido. A doença agravou-se e estive também perto da morte, não fora ele trazer o médico, quase à força, altas horas da noite. Parece-me uma tragédia grega em três atos, pois, um ano após o falecimento de minha irmã, eu, um garoto muito peralta, ao chegar à última prateleira de um alto armário, escorreguei e cai de cabeça para baixo, só me salvando porque o meu braço foi a primeira parte de meu corpo a atingir o solo coberto de ladrilhos. Com tripla fratura fui levado às pressas por meu pai ao hospital "Circolo Italiano" de Campinas, donde saí ainda sob o efeito do clorofórmio, vomitando muito. Só acordei mesmo, já no meu quarto, com o braço esquerdo engessado numa tipoia. Voltei várias vezes para o hospital, mas sempre morrendo de medo. Meu pai tinha de

prometer comprar brinquedos lá na Casa Genoud, tradicional loja da Rua Barão de Jaguará. Terei sempre na lembrança todo o carinho e paciência com que me tratou. Assim era ele, na intimidade de sua família.

Experiências Postas de Lado

Na parte debaixo da Sede, à direita do grande pomar, havia uma lagoinha bastante piscosa, cheia de lambaris e das temidas traíras, mas de carne saborosa. Erguia-se ali um velho engenho, daqueles que vemos em ilustrações da época colonial, quando começava no Brasil a sua primeira atividade agrícola. Aquela construção à beira da lagoa fora abandonada pelos antigos donos da fazenda e despertou a curiosidade de meu pai. Sei somente que, certo dia, estando a pescar com caniço de bambu e anzol mosquito na lagoa, ouvi a engenhoca começar a funcionar. Ao mesmo tempo em que mandara plantar um canavial, meu pai restaurara o engenho e eu, pela primeira vez na vida tomei garapa. E o melado, então! No terreiro em frente à sede, em lugar de grãos de café, vi esparramado, dias depois, uma porção de açúcar de cor marrom. Estranhei, pois pensava que devia ser branca. Depois me explicaram que o produto ainda não fora refinado. Era o açúcar mascavo. Para mim ficou tudo na mesma. O que tenho certeza é que por aquele alambique, o álcool nunca se transformou em pinga. O engenho durou pouco. Provavelmente a produção do açúcar não estava em seus planos.

Também em frente às residências dos funcionários-chefes, num terreno gramado, houve uma primeira tentativa para produzir queijo fresco. Por certo, foi apenas uma experiência quase amadora. Mas que saíram dali queijos deliciosos, isto saíram, pois os provei diversas vezes! Creio que sou o único sobrevivente a saber que a Fazenda teve um pombal. Pombal mesmo, com criação de pombos-correios e que ficava bem ali, no início do pomar da sede. Lembro-me de como transportavam as aves para bem longe, geralmente lá onde se situava a fábrica de “saquê”. Os voos eram perfeitos, tanto na ida como no retorno. Se alguma ave não voltava, era ou por obra de caçadores ou pela ação predatória de gaviões. Os pombos eram usados também para, em revoada, iniciar eventos como os “undokais”. Talvez, de todos os empreendimentos suspensos, houve um que meu pai, lamentavelmente nem pôde iniciar. Não me recordo com precisão quando foi. Ele, apontando as casas dos colonos, confidenciou-me que a próxima obra imprescindível seria de ordem sanitária e social. “Preciso dotar as casas dos trabalhadores com água encanada, além de instalações sanitárias. É o mínimo que posso fazer!” Infelizmente, Yamamoto faleceu aos 31 de julho de 1963 e não conseguiu concretizar seu sonho.

O Grave Conflito da Shindo-Renmei

O fim da guerra no Pacífico com a rendição do Japão às Forças Aliadas causou entre os japoneses e seus descendentes no mundo todo uma natural consternação. Mas no Brasil, por falta de informações, dado o estado de isolamento forçado de boa parte dos imigrantes japoneses, fez nascer no coração dos mais

fanáticos, a crença natural de que a sua Pátria havia sido a vencedora no conflito. Para confundir ainda mais essas pessoas, alguns elementos perniciosos, tanto brasileiros como nipônicos, aproveitadores da dor alheia, espalharam o boato de que navios japoneses iam aportar aqui para transportá-los à Pátria. Vários sitiantes, além de proprietários de terrenos e casas venderam tudo que tinham a preço aviltante, ludibriados. Todos esses fatos desorientaram ainda mais a parte da colônia denominada “katchigumi” ou seja, os que acreditavam na vitória do Japão, a ponto de os mais fanáticos iniciarem violenta campanha contra seus compatriotas com a ameaça de matá-los como traidores.

Para evitar o agravamento dessa desunião dentro da colônia, pessoas mais esclarecidas reuniram-se para tal fim, entre eles Yamamoto. Evidentemente havia espíões infiltrados, pois a retaliação foi imediata. Na mesma noite, veio o aviso por telefone de que dois dos mais destacados elementos presentes na reunião tinham sido assassinados. O alerta, por certo foi transmitido por familiares das vítimas. Com toda a certeza, meu pai seria o próximo. Tomamos imediatamente todos os cuidados, com meu pai exibindo uma frieza impressionante. Dez minutos, se tanto, um carro da Rádio Patrulha estacionou frente ao portão. Era providência do nosso amigo Fujihira, muito ligado à polícia. Ele próprio chegou minutos depois. Trazia-nos um revólver calibre 38. Com todas essas medidas e mais a Rádio Patrulha, pudemos pelo menos ficar mais calmos, apesar de o telefone tocar a todo o momento e meu pai ter de usá-lo para alertar os membros da reunião. Na manhã seguinte, vi o carro da polícia ainda estacionado na frente de casa. Não houve mais sossego dali por diante. Telefonando ou vindo pessoalmente, dando muito trabalho aos dois guardas, amigos e conhecidos vinham solidarizar-se com Yamamoto.

De um deles, João de Almeida Prado, bom amigo, meu pai recebeu uma potente Mauser alemã de repetição; de outro um novíssimo Colt calibre 32. Pouco depois do meio-dia, apresentou-se um investigador de polícia, com ordem expressa para ficar vinte e quatro horas junto à família até ordem em contrário. Ficamos amigos desse policial, amável e muito educado. Ele dormia sempre num sofá, bem perto da porta principal. Seguiu-nos, quando, aconselhados, mudamos de casa. Durante alguns meses ficou morando conosco, sempre bem-humorado. Em frente à nova casa, o carro-patrulha também permaneceu todo esse tempo, com dois guardas se revezando vinte e quatro horas do dia. Foi com alívio que, certo dia, soubemos que a situação estava praticamente controlada. O carro da polícia não veio mais e Lázaro, este o nome do agora nosso amigo investigador, nos deixou. Parece-me que ganhou uma lembrança de meu pai, ou melhor, duas, pois o novíssimo revólver Colt 32 tornou-se sua propriedade!

O Imperador da Colônia

Agora que os ânimos tinham arrefecido, chegara a hora da aproximação dos dois grupos, de modo definitivo. Yamamoto acolhera o auxílio financeiro do governo japonês para ajudar na reconstrução da nova era para a comunidade *nikkei*, apesar de alguns serem contrários a isso, conseguiu a aprovação final. Seguiu-se a

sábua vinda ao Brasil do Príncipe Chichibu e da princesa Yuriko, ele, irmão do Imperador Hirohito. A presença do casal comoveu toda a colônia e fez desaparecer o que restava dos ressentimentos passados. Paralelamente a todos esses acontecimentos, Yamamoto e as demais seletas personalidades que compunham seu "staff", davam seguimento a uma sábua conjugação de medidas, a primeira das quais era a formação de uma associação capaz de unir todos os japoneses e seus descendentes brasileiros. Lembro-me do dia em que se alugou um andar em pequeno prédio, nas imediações da Praça João Mendes, se não me falha a memória, na Praça Carlos Gomes. Foi colocada na entrada da sala, estrategicamente, uma grande placa, onde se lia garbosamente, Associação Paulista de Cultura Japonesa (São Paulo Nihon Bunka Kiyokai). Foi nesse prédio e nesse salão que na gloriosa noite de 1955 cerca de quinze pessoas e mais Yamamoto e seu filho fundaram a futura Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. Nos dias subsequentes, mais de trezentas pessoas assinaram o documento, tornando-se também fundadoras da futura Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, a Bunkyo!

Comemorações do IV Centenário de São Paulo

Um ano antes, todos os países com quem o Brasil mantinha relações diplomáticas, foram convidadas para participarem da efeméride. O Parque Ibirapuera foi escolhido para centro das festividades e sofreu uma série de modificações. E foi dentro do Parque que a maioria dos mais adiantados países do mundo ergueram cada qual as suas edificações, de acordo com seus usos e costumes. Yamamoto que fora designado presidente da colônia japonesa para os festejos do IV Centenário, teve uma ideia brilhante, construir uma edificação típica japonesa utilizando, porém, material nativo e autêntico do País do Sol Nascente. Aprovada a sua sugestão, Yamamoto iniciou a arrecadação do dinheiro necessário para tal empreendimento junto às principais firmas da colônia. Ao mesmo tempo, utilizando o seu prestígio, conseguiu substancial ajuda do governo japonês. Com isso, Yamamoto mandou trazer para São Paulo tudo que era necessário para erguer a Casa Japonesa: madeira, telhas, esteiras, material de construção além de árvores e arbustos. Até rochas e areia vieram do outro lado do mundo. Tendo conseguido um terreno estratégico à beira da lagoa, fez surgir no Parque Ibirapuera o mais original de todos os pavilhões ali erguidos. Finda a festa do IV Centenário, desmontou-se tudo, menos uma, a Casa Japonesa, tombada pela Prefeitura de São Paulo, alvo da visita pública por parte de milhares de pessoas. Com a criação de belíssimas carpas coloridas, num tanque que circunda um dos lados do edifício, além da exposição permanente de diversos objetos da antiga arte japonesa, o Pavilhão surge como mais uma das grandes realizações de Kiyoshi Yamamoto.

Yamamoto e a Revolução Constitucionalista

Em 1932, a fazenda Monte d'Este, após ter sobrevivido garbosamente às crises do café, estava colhendo os frutos das medidas que preconizara anos antes no Instituto Agrônomo de Campinas. Houve uma diversificação intensa de

culturas espalhadas por toda a fazenda. Algodão, milho, novos cafezais... Foi por essa época que, contrariados pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, os paulistas tomaram a dianteira desejando a volta da Constituição, e com isso teve início a revolução. A história desse movimento foi rápida e sangrenta, afetando até a fazenda, pois em certo momento ela ficou no centro das forças antagônicas.

Eu, na ocasião estudava o primeiro ano primário do famoso Grupo Escolar Carlos Gomes, e mesmo nós, pequenos, sentíamos no ar a preocupação dos camponeses sobre o desfecho dessa revolução. Na escola mesmo, homens e mulheres, pais e mães dos alunos faziam campanha para angariar dinheiro, alimento, roupa, jóias e tudo que pudesse ajudar as forças paulistas. Eu, que já há meses estava morando em Campinas, na casa de dona Ruth, a mesma que nos ensinara a falar a língua portuguesa, ao ir para a fazenda no sábado, falei sobre o assunto com meus pais. Fui atendido e ao voltar para a escola, carregava pacotes e mais pacotes de produtos da fazenda. Daí em diante, a coisa se agravou. Comecei a notar grande movimentação de soldados nas ruas da cidade e um certo alvoroço entre diretores e professores, embora procurassem esconder a gravidade da situação. Dias depois a escola encheu-se de pais e mães. Vinham buscar os filhos e em questão de minutos restaram poucos meninos, entre eles, eu.

O diretor, de quem a meninada tinha medo e respeito, me viu ali, todo assustado, e perguntou-me se eu sabia voltar sozinho para casa. Eu sabia, sim, não ficava tão longe assim. Então ele me despachou, resmungando qualquer coisa como "não consigo me comunicar..." E lá fui, lépido, mas no meio do caminho encontrei dona Ruth, que toda nervosa estava se dirigindo para a escola. "Vamos que o carro da fazenda está para chegar". Em casa, tive a surpresa de encontrar meu irmão Kan, que estudava no Colégio Diocesano Santa Maria, dispensado pelos padres. Dona Ruth e sua irmã mais velha dona Ritinha, juntaram meus pertences, e não sem tempo, pois logo em seguida chegou Fujiwara guiando o carro da fazenda. Passo agora para a segunda parte dessa narrativa, em que surge novamente a figura de meu pai.

Yamamoto e a Revolução

Logo que chegamos, vi que o ambiente estava carregado. Notei que minha mãe estava atarefada, arrumando roupas em malotes. Não me incomodei muito com essas coisas. Estava na fazenda, e pronto. Fui procurar o meu amigo Dade e, aí sim, vi que algo estava errado, pois a casa dele estava fechada. O seu vizinho João Parmaceno, o motorista de caminhões, idem. Fiquei sabendo que a grande maioria dos colonos estava se afastando. Perguntei ao Fujiwara o que estava acontecendo, e ele me respondeu que meu pai dera ordens para que saíssem da fazenda. Explicou-me, como se fosse a coisa mais natural do mundo que os soldados paulistas e os do governo estavam em guerra e iam lutar um pra cá e o outro pra lá, apontando Campinas e o lado oposto onde ficava Bocaiuva e rio Atibaia. Completou dizendo que a fazenda ficava no meio, por isso era perigoso ficar gente na propriedade. - Então vamos todos embora? - perguntei - Seu pai é que sabe! - respondeu-me.

Ao entardecer, percebi que todos os funcionários graduados estavam reunidos no escritório e meu pai falava com eles. A coisa parecia ser tão séria que fiquei atrás da porta escutando. Meu pai falava em japonês e eu não entendi quase nada. Somente depois de terminada a revolução, o próprio Fujiwara me contou tudo que tinha acontecido. Meu pai, naquele dia, explicou que ele pessoalmente iria permanecer na fazenda, pois sendo responsável pela propriedade precisava honrar a confiança que lhe outorgara Iwazaki. Estavam os seus auxiliares livres para qualquer resolução. Apenas queria que de qualquer modo suas famílias abandonassem a fazenda o mais rápido possível. Fujiwara não me contou quais funcionários fizeram companhia a meu pai. Ele, Fujiwara sei que ficou, e acredito que pelo caráter da maioria, todos ficaram. O único ausente, o escrivão Álvaro do Amaral, fora se alistar nas tropas paulistas!

As diversas famílias se dispersaram. Meu pai resolveu que nós fôssemos, primeiro para Campinas, e tão logo arranjàssemos lugar em algum trem, iríamos para São Paulo. Das famílias da fazenda a única que nos fez companhia foi a de Ikeda, pois ele não tinha parentes no Brasil. Fiquei ainda dois dias na fazenda e isso me deu oportunidade de presenciar um episódio que pouca gente viu: o combate de dois aviões, um branco, paulista e outro vermelho, dos federais. O avião paulista com toda a certeza veio interceptar o vermelho. Vi-os em combate realizando “loopings” e ouvi o matraquear das metralhadoras. O avião vermelho de repente manobrou e sumiu no horizonte. A presença desse avião foi como que um aviso de que as forças federais estavam se aproximando de Campinas.

A Família Yamamoto

Dentro do lar, nossa vida familiar era perfeita e corria em santa paz. Quando cheguei do Japão com mamãe e dois irmãos, ao ver meu pai, tenho a certeza de que não estranhei nem um pouco. Os diversos meses que nos separaram pareceram-me, devido à minha tenra idade, bastante naturais e em questão de dias já me acostumava com ele, brincalhão que ele era. Quando, uma semana depois chegaram as malas com nossos pertences, junto às roupas vimos uma porção de brinquedos que haviam sido enviados por nossos parentes do Japão. Os de menor volume foram guardados em duas ou três gavetas. Não tive vontade de brincar com eles. Eu estava mais interessado com as novidades do meu novo lar e com a diferença de ambiente dessa terra estranha. Dizia minha mãe que, no começo, de duas coisas eu tinha medo, da família Polleti, todos loiros, e de dois serviçais negros. Mas cerca de uma semana depois, todos eles se tornaram meus amigos. O casal Polleti tinha vindo do sul da Itália, ele, um homem bonachão e simpático, e a mulher, dona Luiza, uma autêntica calabresa, tagarela como ela só! Eles tinham três filhas e um garoto de minha idade. A filha menor, Isabel, àquela época com cerca de doze ou treze anos, foi contratada para trabalhar na sede como empregada. Com a convivência afeiçoei-me aos dois. O garoto, loirinho, depois que me conheceu, vinha constantemente brincar comigo. Chamavam-no Dade, embora seu verdadeiro nome fosse Carlos, conforme soube mais tarde.

O único entrave entre nós era que eu não falava o português e ele muito menos o japonês. Mas com a chegada de dona Ruth, professora que ensinara tão bem meu pai, em pouco tempo toda a família ficou em condições de travar conversação razoável com a nova gente. Parece mentira, mas isso ocasionou um sério contratempo para o meu amiguinho Dade. Estava eu a me divertir com ele, quando pedi que queria ver também os seus brinquedos. Para meu espanto ele confessou-me que nunca tivera um. Com a inocência própria de toda a criança, fui ao meu quarto, puxei fora uma das gavetas cheia de brinquedos e dei-a a ele. “Fica pra você, eu tenho outra”. Lembro-me, como se fosse hoje, o Dade, mal podendo com o peso da gaveta, correndo, tropeçando, louco para mostrar à sua mãe o presente que eu lhe dera. Minha mãe, notando o silêncio, veio à porta ver se eu não estava fazendo alguma arte. Em japonês, perguntou-me onde estava o amiguinho. Na mesma língua respondi-lhe que ele fora embora. Mas não cheguei a completar a resposta. Logo vimos o Dade de volta, só que em companhia da mãe, ela carregando a gaveta com uma das mãos e com a outra trazendo-o pela orelha, transtornada! E o Dade com as orelhas em brasa chorando. Quando chegaram perto, dona Luiza, também em lágrimas se lamentava que eles eram pobres, mas não roubavam, que perdoasse o que o filho fizera.

Minha mãe, sem nada entender interrogou-me o que estava acontecendo, estranhando aquela gaveta nas mãos de dona Luiza. Tive de explicar que como Dade não tinha brinquedos eu o presenteara com a gaveta e com tudo que havia dentro. Aí minha mãe compreendeu. Do melhor modo que pode, ela esclareceu o mal entendido. E apontando para mim deu a sua sentença: “Você culpado!” Pegou a gaveta que dona Luiza lhe estendia, escolheu um brinquedo e entregou-o ao Dade. “Esse, seu presente!” Mais aliviada dona Luiza ainda gritou para o filho “Diga obrigado, seu moleque!” Além do Dade fiquei muito ligado à família Polleti. Almocei muitas vezes na casa deles antes de vir para São Paulo. A marcenaria que dona Luiza fazia era boa demais! Junto ela servia uma cuia de vinho doce, costume que trouxera da Itália, eu sempre tomava um pouquinho. Seus bolinhos de lambari também eram de dar água na boca. Mas nada superava os pães que dona Luiza assava no curioso forno feito com tijolos, fora da casa. Para nós, crianças, ela costumava fazê-los menores e com formato diferente.

Recordo-me, desse tempo, o quanto eu amava minha irmã You, ou Yotchan, como eu a chamava, não só pelo modo carinhoso como me tratava mas também por ser minha protetora toda a vez que meu irmão Kan corria atrás de mim! Infelizmente, perdemos nossa irmã muito cedo! Lembro-me quando certo dia ela apareceu na casa da fazenda, inesperadamente. Em geral, ela voltava aos sábados da escola Progresso de Campinas, onde era interna. Muito alegre corri ao seu encontro, pois adorava brincar com ela, mas meu pai, desta vez brecou-me dizendo: “Tan-chan, desta vez, não, ela está cansada, vai dormir um pouco”. Vi-a entrar em seu quarto. No dia seguinte, ela e meu pai saíram cedo. Soube que iam para Campinas. Voltaram tarde, mas eu, menino travesso, brincando sabe-se lá onde, somente a vi, quase ao anoitecer, deitada em sua cama, quietinha.

Em fins de 1962, estando nós dois em seu escritório, ele, de repente, voltando-se para mim, fez um surpreendente “mea culpa”. “Não me arrependo dos meus atos, mas agora meditando bem, sinto que falhei num certo ponto, a minha família. Chego a esta idade e não tenho bens para deixar para vocês. Mas quero lhe contar um segredo. Comecei a preparar minha última obra, um completo estudo sobre a Geografia Brasileira, onde coloco todas as minhas experiências, tudo que sei sobre o assunto. E este será o meu legado a vocês!” Ao ouvir suas palavras, juro, nunca fiquei tão contente em minha vida. Gostaria de saber onde foram parar os primeiros manuscritos dessa obra, a não ser que devido à insidiosa doença que o acometeu, meu pai não tenha tido tempo de iniciá-los.

Um Jardim Zoológico num Jardim Comum

Yamamoto gostava muito de animais. Não só dos domésticos. Sabedores disso, era frequente conhecidos seus trazerem animais selvagens como presente. Claro está que nesse rol não constavam onças e afins. Até jacarés e cobras venenosas mandavam. Estas últimas ficavam dentro de cercados apropriados. O único jacaré, de bom tamanho, tinha mesmo um tanque para se banhar. Assim também se fez com capivaras e ariranhas. Todos os demais animais viviam em cercados, mas a maioria deles tinha completa liberdade. Assim era comum ver caititis, corças, tamanduás, um casal de coatis, a preguiça, andarem pelo jardim, e às vezes até dentro da casa, com exceção da preguiça, sempre pendurada nos galhos à procura de favos. Também foram hóspedes um macaquinho muito esperto e um sagui que vivia dentro de casa, pulando incessantemente e com o mesmo afã, mordendo o meu pescoço! As aves, nenhuma presa. Havia de todas as espécies, galinha, patos, gansos, galinhas d’Angola, perus... Algumas pertencentes aos colonos, mas todas vivendo em estado de liberdade.

Havia casos curiosos, como o de patinhos correndo no meio de pintinhos e atrás das galinhas! Um colono é que me esclareceu o estranho caso. Algumas vezes, alguém, sem querer, ou de propósito, coloca um ovo de pato junto aos ovos da galinha. Aí, ela fica chocando todos juntos, e quando os pintinhos, quebrando as cascas, saem, também o patinho faz o mesmo. E quando a galinha leva a ninhada para passear e ciscar, o patinho vai junto porque julga que está seguindo sua mãe. O mesmo caso do famoso conto do Patinho Feio! Penso eu que meu pai também achava que o filho era, antes de mais nada, um ser livre, pois apesar dos graves acidentes por que eu passei, deixava-me à solta. Minha pobre mãe vivia sobressaltada com as minhas peraltices, tais como subir em árvores, em cima de telhados, sumir por horas e horas, sabe-se lá onde... (diga-se a bem da verdade que eram lugares perigosos que eu frequentava) junto a dois ou três moleques da minha idade, indo pular em lagoas sem saber nadar, provocar com paus compridos cascavéis, que enrodilhadas em posição de ataque davam botes, ao som daqueles guizos sinistros. Aliás, não eram tão difíceis de serem encontrados. Vasculhávamos por debaixo de arbustos ou mesmo de pés de café. Havendo alguma coisa branca e seca, pronto. Cobra na certa. Como elas costumam

mam trocar de pele, deixava-as, mas permaneciam nas redondezas. Cascavéis, urutus, jararacas e outras cobras peçonhentas eram encontradas com certa frequência. Lembro-me de ter presenciado, por diversas vezes, colonos picados pelos ofídios tomando injeção na barriga. Quem as aplicava era geralmente o Ikeda. O Instituto Butantã, junto com os soros, enviava também caixas de madeira especiais para guardarem cobras apanhadas vivas, assim como o pegador, um cabo comprido com laço de couro na extremidade. Essas serpentes eram enviadas ao Butantã para extração do veneno. Mas fora as cobras, duas vezes houve em que passamos por reais perigos de morte: eu e meu irmão mais velho, o Kan, que, pensando bem, também era outro menino bastante travesso. Certo dia, junto com dois moleques fomos andando vários quilômetros pela região das pastagens chamada São José, até chegar às margens do rio Atibaia. Pretendíamos pescar quando, em certo trecho, descobrimos uma canoa, tipo piroga, com um remo dentro. Sem medir as consequências, lançamos o barco no rio e pulamos dentro. No começo tudo ia bem, até nos aproximarmos de uma corredeira. Aí a canoa pegou velocidade e com ela o medo. Meu irmão que empunhava o remo perdeu o controle e não sei o que seria de nós se o barco não tivesse desviado para um remanso, onde ele pode finalmente levá-lo até à margem. Saímos dando gargalhadas, mas dava para se notar que cada um de nós pulara da embarcação com o coração batendo violentamente!

Alguns meses mais tarde, estive com o Kan no trecho de São José, onde havia uma lagoa. Ali, na margem, abandonado, jazia um velho barquinho. Pois não é que o peralta do meu irmão conseguiu levá-lo para dentro da água, saltando dentro! Eu, mais prudente desta vez, fiquei olhando o barco se afastar lentamente. E estava já a cerca de cinco ou seis metros da margem, quando o Kan, apavorado percebeu que havia uma tábua rachada no fundo do barco, por onde a água começou a entrar aos borbotões. Pelo menos nessa hora ele foi esperto, saltou fora imediatamente. Afundou na água e quando emergiu o seu anjo da guarda estava com ele. Meu irmão tinha a água pelo pescoço. Mais um pouco adiante, e ele poderia ter se afogado, pois o Kan não sabia nadar na época. Relembro essas perigosas aventuras também por um motivo. Tudo se passou na região da fazenda denominada São José. Esse trecho, onde havia lagoa, passou anos mais tarde por intensa modificação. Yamamoto iniciou ali, não só o plantio de abacateiros como do laranjal. Quando começaram a dar frutos, foi adquirido um entreposto em Campinas, onde os frutos maduros eram tratados, lavados e encaixotados. Lembro-me que no papel colado nos caixotes havia impressos e além dos dizeres de praxe em preto, a famosa marca em vermelho da Mitsubishi. Ali também se fabricava o extrato da casca da laranja para fins diversos.

Voltando para São José, também ali pertinho iniciou-se a criação de galinhas poedeiras de raça Rhodes e Leghorn. Como nesse tempo eu morava em São Paulo, e só ia à Fazenda raramente, não pude acompanhar o que se passou na Granja. Alguns anos depois, ainda em São Paulo, fiquei sabendo que parte da Fazenda tinha sido vendida para o Jôquei Clube de São Paulo, que estabeleceu ali a sede para remonta dos cavalos de corrida. Ao mesmo tempo soube que toda a parte leste, que limitava a fazenda com propriedades vizinhas, foi loteada e

vendida. Essas terras foram todas transformadas em chácaras, formando o cinturão verde, conhecido como Colônia Tozan. Alguns desses novos proprietários eram conhecidos meus, e creio que se deram bem, como os Hattori e os Ikeda.

A Colônia Nipo-Brasileira Acima de Tudo

Inesquecíveis foram os fatos que se sucederam dentro da sala de nossa casa da Rua Fabrício Vampré em certa manhã, quando meu pai pediu que nos reuníssemos, os três filhos e mulher. Vimos pela expressão de seu rosto que o assunto era grave. Eu, que conhecia bem o meu velho, geralmente sereno e alegre, fiquei bastante preocupado. E de fato, fazendo-nos sentar em frente a ele, cada qual em uma poltrona, encarando-nos, começou a recordar os dias em que, gostando tanto de seu trabalho, prometeu a si mesmo que ficaria no Brasil pelo tempo que pudesse. “Por que vocês acham que fiz com que eu e os filhos fossem batizados, acrescentando aos seus um segundo nome brasileiro? Vocês sabem que quem escolheu os nomes foi o Dr. Silvio. Dr. Silvio de Moraes Salles, advogado respeitado pelos campineiros, sobrinho de Campos Salles, o quarto Presidente da República do Brasil. Só sua mãe não quis, por ser “Xintoísta”, e eu respeitei suas convicções. Foram depois anos de muito trabalho, mas valeu a pena. Acredito que vocês também viveram bem e sentem como brasileiros fossem. Depois veio essa ‘merda dessa guerra’”.

Devo esclarecer que Yamamoto embora muito educado, conhecia bastante bem a maioria dos nomes “feios” do linguajar luso-brasileiro. Quanta coisa desagradável aconteceu. Juntos, toda a família sofreu. Além de sermos considerados inimigos pelas autoridades, tivemos, nós, os chamados “Súditos do Eixo” de sofrer perseguições infundadas. Mas, vocês sabem bem, em nenhum momento os nossos amigos brasileiros e a maioria do povo desta terra nos hostilizou, muito pelo contrário! Enfim a guerra acabou, o Japão capitulado, mas não para boa parte da colônia japonesa. Eu, vocês que sempre foram bem informados, vimos consternados como reagiram os japoneses, que, patrioticamente não aceitavam esse fato consumado. E vejam, boa parte dos imigrantes japoneses morava no interior paulista praticamente proibida de ouvir rádio e ler os jornais da colônia. Todos sabiam que o Japão sempre se vangloriou de jamais ter perdido uma guerra em todos os seus dois mil e seiscentos anos de existência como nação independente, e agora espalhavam essa “mentira”!



Kan, Kiyoshi, Issoe, Jun, Tan (antes da II Guerra Mundial)



Família de Júlio Mikio Yamamoto: Júlio Homare, Blanca e Júlio



Tan, Kan, Jun, Issoe, Kiyoshi (pós II Guerra Mundial)



Família de Luiz Toshio Yamamoto: Pedro Moya (enteadado), Ana Cláudia Moya (esposa), Júlia Yamamoto (filha), Luiz Toshio e Luiz Yamamoto (filho)



Jun, Issoe, Tan, Kiyoshi, Kan (1950-1953)



Família de Marta Yamamoto: Marta Fumi, Antonio, Paulo Kan e Cristina Kei

Kiyoshi Yamamoto e a Fazenda Tozan

Guenji Yamazoe

A Família Iwasaki e a Fazenda Tozan

Hisaya Iwasaki assumiu a direção das empresas Mitsubishi em 1893, com apenas 29 anos de idade, como 3º Presidente, sucedendo o pai, Yataro e o tio, Yanosuke. Ao deixar o cargo, em 1916, Hisaya resolveu dedicar-se à agricultura e organizou em 1919 a Companhia Agrícola Tozan (Tozan Noji Kabushiki Kaisha), com objetivos sociais, desvinculada da Mitsubishi e incorporando a Fazenda Koiwai, que já pertencia à família Iwasaki. A partir daí, Hisaya direcionou os interesses da Tozan para o exterior (Yanagida, 2012).

O primeiro contato da família Iwasaki com o Brasil ocorreu em 1925, quando Hikoyata, primogênito de Hisaya, em viagem de retorno ao Japão, após concluir quatro anos de estudos na Inglaterra. Hikoyata, em companhia de Hidetaka Taga, representante da Mitsubishi no Brasil, percorreu durante quase um mês várias regiões do País. No final de 1926, dois outros filhos de Hisaya, Takaya e Tsuneya, estiveram no Brasil e em companhia dos então recém-chegados no Brasil, Kiyoshi Yamamoto, Fujio Mizukami, além de Hidetaka Taga, percorreram os estados de São Paulo e Paraná, durante quase um mês (Yanagida, 2012).

Em 1941, além das fazendas Koiwai e Suehiro no Japão, a Tozan atuava na Coreia, Taiwan e na Sumatra, península Malaia. No Brasil, em 1941 a organização denominada Casa Tozan, atuava nas áreas comercial, bancária, agrícola, industrial e imobiliária. A área agrícola era representada pela Fazenda Monte d'Este, de 4.000 hectares, em Campinas, pela Fazenda em Pindamonhangaba, de 6.000 hectares e uma indústria de extração de óleo essencial de citros. Nessa mesma época, a fazenda de Pindamonhangaba foi vendida, pois situava-se em uma região estratégica entre Rio-São Paulo, portanto corria o perigo de ser confiscada, caso o Brasil declarasse guerra contra os países do Eixo (Yanagida, 2012).

Kiyoshi Yamamoto

Kiyoshi Yamamoto nasceu em Tóquio, em 1892, formou-se em agronomia pela Universidade de Tóquio em 1917, ingressando, em seguida, na empresa Mitsubishi. Após uma fase de treinamento na Fazenda Koiwai e breve passagem numa estação experimental de algodão na Coreia, foi enviado para região Nordeste da China, onde se dedicou ao trabalho de melhoramento genético de algodão durante sete anos, tendo alcançado grande sucesso na obtenção de algodão de fibra longa, denominada Shangai, mediante cruzamento das variedades de origem chinesa e egípcia. Para se aquilatar a importância desses trabalhos, o governo da República Popular da China, assim que tomou poder daquele país, mais de 20 anos depois, convidou Yamamoto, para dar continuidade à pesquisa.

Yamamoto retornou ao Japão em 1926 e no mesmo ano foi designado para o Brasil. Em companhia de Fujio Mizukami e Hidetaka Taga, ambos funcionários da Mitsubishi, realizaram pesquisas de propriedades rurais em várias regiões do Estado e também no Rio de Janeiro e Minas Gerais, tendo pré-selecionado sete áreas. Em seguir, Masaharu Sakamoto, Diretor Superintendente da Companhia Agrícola Tozan, esteve no Brasil em 1927 e após percorrer todas as áreas pré-selecionadas, localizadas no Estado de São Paulo, decidiu-se pela aquisição das fazendas Bocaiuva, Ponte Alta e Bela Vista, a 12 km do centro de Campinas, que vieram a constituir a Fazenda Tozan (Yanagida, 2012).

Na sua fundação, essa fazenda foi denominada Monte d'Este, tradução literal de Tozan, em português. Em 2003, Toru Iwasaki, CEO da Fazenda Tozan do Brasil Ltda., oficializou a unificação do seu nome para Tozan (Mori, 2012) nos dois idiomas. A proximidade do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) foi um dos fatores que influenciaram na aquisição da propriedade próxima de Campinas. De acordo com Hideto Fujiwara, ao assumir a Fazenda, de imediato Yamamoto procurou o IAC e, desde então, houve uma intensa parceria entre a Fazenda Tozan e esta instituição, a começar pelo controle biológico da broca do café por meio da vespa de Uganda, citricultura, etc. Por vários anos, a Fazenda Tozan sediou os campos de cooperação de produção de sementes selecionadas de café, milho híbrido, algodão, etc., da Secretaria da Agricultura.

Em 1930, Yamamoto perdeu Yoko, a filha mais velha, à época com 12 anos, após breve enfermidade. Enterrada em Campinas, parece que esse fato foi determinante pela sua permanência definitiva no Brasil. Em 1932 ocorreu outro episódio importante. A Fazenda Tozan transformou-se em praça de guerra da Revolução Constitucionalista. Foram cavadas trincheiras pelos constitucionais (paulistas), enquanto os legalistas, vindos do Rio de Janeiro, avançavam com canhões sobre a Fazenda, o tiroteio durou durante três dias e três noites. Foi hasteada a bandeira japonesa em frente à Fazenda para indicar que se tratava de propriedade estrangeira. Yamamoto retirou todos os trabalhadores brasileiros e suas famílias, permanecendo apenas os japoneses na sede da Fazenda (Fujiwara, 1981).

Tomekiti Goto, que na época trabalhava na Fazenda como auxiliar de contabilidade, lembra que apesar dos intensos tiroteios, as únicas vítimas de bala perdida foram um bovino e uma cabra. Quando soube do término da Revolução, três meses depois, Yamamoto não conteve o seu alívio por não ter ocorrido nenhuma baixa, promovendo uma grande confraternização, com a liberação de todo o estoque de pinga, vinho e whisky existente na adega da Fazenda (Goto, 1997). Marcas de bala no mirante e obuses não explodidos são reminiscências daquela Revolução que ainda permanecem na Fazenda. Conforme revela o livro de registro de visitas, a Fazenda Tozan foi, ao longo dos tempos, passagem obrigatória de todas as figuras importantes do meio governamental, político, empresarial, artístico e literário do Japão.

Em 1940, Kiyoshi Yamamoto substituiu Shin Kimitsuka na administração geral da Casa Tozan. Com a declaração de guerra do Brasil contra os países do

Eixo, em 1942, a Fazenda Tozan foi confiscada e sua administração ficou sob intervenção federal. Logo após o término da II Guerra Mundial, a Fazenda Tozan correu sério risco de ser alienada, primeiro para o governo da Holanda, que estava á procura de áreas de assentamento de populações excedentes da própria Holanda e da ex-colônia Indonésia, após sua independência. Dada a resistência oferecida por Yamamoto e funcionários contra a venda, o governo holandês acabou desistindo e adquiriu uma área próxima que deu origem a Holambra. Outro interessado em adquirir a Fazenda era a Fundação Rockefeller (Fujiwara, 1981).

O seu descongelamento só foi decretado em 10/10/1950 pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra, após demoradas e ingentes negociações, quando Yamamoto se valeu de extensa rede de amizade entre as autoridades que ele cultivou desde sua chegada ao Brasil e com eficiente atuação de Teiichi Suzuki, consultor jurídico da Casa Tozan. De todos os bens que a Tozan possuía no exterior, somente os do Brasil foram recuperadas após a II Guerra Mundial (Yanagida, 2012).

A seguir, as principais atividades desenvolvidas por Kiyoshi Yamamoto na Fazenda Tozan, que mesmo depois de ter assumido a direção geral da Casa Tozan, em São Paulo, visitava e percorria a fazenda todo fim de semana, acompanhando e supervisionando minuciosamente todos os trabalhos em andamento até sua morte, ocorrida em 1963.

Reflorestamento

Eucalipto

O filho Tan Yamamoto lembra nas suas memórias que “Houve queimada em determinadas áreas da Fazenda, mas antes os troncos de árvores maiores foram transportados para a serraria e transformadas em tábuas e vigas. Nas áreas desmatadas surgiram depois plantas diversas. Lembro-me que no local chamado Bocaiuva, às margens do rio Atibaia, vi centenas de pequenos jacás, delas emergindo mudinhas que eu desconhecia. Perguntei ao meu pai o que era tudo aquilo ‘É para reflorestamento’, respondeu-me. ‘São mudas de eucalipto. Árvore que se corta é árvore que precisa ser replantada’”. Esse espírito de reposição florestal que é uma tradição florestal japonesa norteou os trabalhos de Yamamoto na Fazenda Tozan.

Adquirida em 1927, já em 1929, dava início ao reflorestamento com eucalipto, sob orientação direta de Edmundo Navarro de Andrade, introdutor do gênero *Eucalyptus* no Brasil e, na época, Chefe do Horto Florestal da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em Rio Claro (SP), de quem se tornou amigo. Segundo Hideto Fujiwara, primeiro funcionário a ser admitido na Fazenda Tozan e gerente por mais de 30 anos, eram chamados de japoneses loucos, pois na própria Fazenda ainda existiam 840 hectares de mata virgem. Fujiwara, recorda que ao iniciar o plantio de eucalipto, Yamamoto construiu uma capela no meio do eucaliptal, em homenagem ao povo brasileiro e que também coincidiu com o seu batismo, com o nome Augusto (Fujiwara, 1981).

De acordo com o prospecto da Fazenda de 1941, existia na Tozan, naquela data, 409,4 ha, com 618.146 pés de eucalipto, tendo já iniciado os primeiros cortes e manejo da brotação. As espécies plantadas eram *Eucalyptus saligna*, *E. tereticornis*, *E. citriodora* e *E. alba*, esta última posteriormente classificada como *E. urophylla*. Lenha e carvão produzidos com eucalipto eram vendidos num depósito em Campinas. Já em 1954, a área reflorestada com eucalipto atingia 642 ha, com 968.990 árvores, conforme prospecto daquele ano, alcançando uma produtividade de 247 a 289 m³/ha. Como principal aplicação é citada a lenha, além de material serrado, postes para rede elétrica, peças roliças para construção. A área total reflorestada, em 1954 representava 21,2% da Fazenda, ocupando os locais mais acidentados da propriedade, demonstrando, não só o interesse pelo reflorestamento mas também os cuidados com o planejamento do uso do solo.

O interesse por reflorestamento na Fazenda Tozan pode ser reforçado pela publicação, em 1957, do manual “O Eucalipto”, em idioma japonês, tendo como editor o próprio Kiyoshi Yamamoto e como autores, Jukichi Yoshima e Shigeto Senbongi. No prefácio, Yamamoto destaca o pioneirismo do renomado agrônomo Edmundo Navarro de Andrade, que introduziu o eucalipto no Brasil e realizou todo o trabalho de sua adaptação científica, constituindo um grande patrimônio madeireiro. Yamamoto ainda se recorda que ao chegar ao Brasil, constatou a carência de carvão mineral no Brasil e previu na madeira de eucalipto o seu sucedâneo e decidiu seguir os passos de Edmundo Navarro de Andrade.

A utilização de carvão de madeira de eucalipto em substituição ao carvão mineral acabou de fato ocorrendo nas siderúrgicas de Minas Gerais. Yamamoto considerou comemorativo o primeiro plantio de eucalipto feito na Fazenda e efetuou apenas um desbaste aos 5 anos, mas ficou espantado com o rápido crescimento da espécie, pois obteve uma produção de 250 m³/ha. Recorda ainda que, sentado na cepa da árvore que acabara de abater, ouviu emocionado os ecos da primeira machadada que deu na árvore que ele próprio plantou. Essa emoção pode ser explicada pelo fato de, no Japão, os filhos ou netos só cortarem árvores plantadas pelos pais ou avôs, pois o seu ciclo de exploração é de, no mínimo, 40 anos. Yamamoto ainda anteviu, há 60 anos, um promissor futuro da química de madeira para eucalipto, que realmente se concretizou, pois hoje o Brasil é o maior produtor mundial de celulose de fibra curta, tendo o eucalipto como matéria-prima.

Tungue

Além do eucalipto, Yamamoto introduziu experimentalmente, em 1931, o tungue chinês, originário de Taiwan. Face aos bons resultados alcançados, a partir de 1936 efetuou novos plantios, tendo atingido em 1941, 200 ha, intercalados com a cultura de cereais e consorciados com café para sombreamento.

Cafeicultura

A história de café na Fazenda Tozan é indissociável à da vespa de Uganda. De acordo com “Assim falou a vespa de Uganda”, na Fazenda Tozan, quando da

sua aquisição, em 1927, existiam 242.000 cafeeiros. No prospecto de 1941, o café ocupava 197 hectares e em 1954, 206 hectares.

A Fazenda Tozan foi escolhida pelo Governo do Estado para abrigar o campo de produção de sementes de café. Em 1954, era a maior produtora de sementes de café da variedade Bourbon Amarelo para a Secretaria da Agricultura, conforme prospecto de 1954. Em 1953, foi introduzida na Fazenda a variedade Bourbon Amarelo e em 1954, a variedade Mundo Novo.

Em 1929, o entomologista Adolpho Hempel do Instituto Biológico seguiu para Kampala, protetorado de Uganda, África Oriental Britânica, de onde trouxe 1.692 exemplares de vespa de Uganda para controle da broca do café (Martins, 1991). No mesmo ano, Yamamoto já recebia os primeiros 200 exemplares dessa vespa, por intermédio do Instituto Agrônomo de Campinas. Essas vespas foram inicialmente reproduzidas nos “centros de criação”, em volta da sede. Já em 1931, foram construídos “centros distribuidores” nos cafezais. A partir desses centros, eram soltas as vespas que atacavam as brocas contidas nos grãos.

Nos frutos “cereja” da safra de 1932, já se constatava a presença de vespas nos grãos infestados de broca. Iniciando a colheita, o progresso da disseminação foi sendo constatado a olhos vistos, especialmente nos arredores dos “centros de distribuidores”. Durante a safra, o maior número de vespas eram capturadas e recolocadas nos “centros distribuidores”. Frutos de “repasso”, contendo vespas, eram totalmente aproveitados para disseminação dos insetos, colocando-os em pequenas “gaiolas distribuidoras”, distribuídas em todo o cafezal, na proporção de uma para cada 250 cafeeiros. Todos esses trabalhos foram efetuados sob a supervisão do Instituto Biológico (Yamamoto, 1948).

Depois desse esforço na disseminação de vespas, a partir de 1934 os “centros de criação” foram suspensos, pois a população começava a aumentar naturalmente, dentro de um “equilíbrio biológico” com a população da broca. No manual “Assim falou a vespa de Uganda”, constam os dados de infestação da broca do café, ano a ano de 1932 a 1947 e demonstra que a infestação que em 1931 atingia 32%, com a introdução da vespa de Uganda, caiu para 1,01% em 1934. De 1935 a 1947, a infestação estabilizou entre 1% a 9%. Muito antes da publicação do livro “Primavera silenciosa”, de Rachel Carson, Yamamoto afirmava que no mundo da biologia, tudo vive em equilíbrio, assim como a broca do café e a vespa de Uganda. Se a vespa exterminar a broca, a vespa de Uganda também será extinta porque o seu único alimento é a broca. Assim, Yamamoto criticava o controle do gafanhoto por pulverização aérea, porque dizimava inclusive toda população de abelhas que ajudava a polinizar o laranja (Yoshima, 1981).

O manual “Assim falou a vespa de Uganda” foi escrito por Kiyoshi Yamamoto em idioma japonês e a sua tradução em português foi publicada durante o grande surto da broca do café ocorrido em 1947, que coincidiu com o lançamento do inseticida DDT. O manual é um guia prático para controle biológico da broca do café, de fácil compreensão, mesmo para os leigos, e tem como “narradora” uma fêmea de vespa de Uganda. É provavelmente uma versão resumida e popular da tese de doutorado que Kiyoshi Yamamoto defendeu na Universidade de Tóquio, em 1950.

Citricultura

A citricultura na Fazenda Tozan teve início em 1930 e, em 1941, ocupava uma área de 263 hectares, predominantemente da variedade Bahia, conforme panfleto de 1941, apresentando excelente produtividade. Dispunha de *packing house* próxima à estação de Campinas, da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, onde os frutos eram classificados, selecionados, embalados e exportados pela própria Casa Tozan. Com o início da II Guerra Mundial, a exportação para Europa foi proibida, o mercado interno revelava-se insatisfatório, mesmo com medidas para aumentar o seu consumo e, portanto, havia excesso de produção (Yoshima, 1981).

A solução que Yamamoto encontrou foi a extração de óleo essencial para exportação. Equipamentos foram importados dos EUA e, em 1942, a Fazenda Tozan já processava 1.500 toneladas de laranja e produzia 20 toneladas de óleo, antecipando as medidas oficiais, pois somente em 1943 a Secretaria da Agricultura, mediante acordo com o Ministério da Agricultura, instituiu o Registro de Comerciantes de Óleos Essenciais de Citros (Martins, 1991). Ocorre que a doença conhecida como *tristeza*, que havia chegado ao Brasil em 1936, se alastrou rapidamente e passou a constituir um grave problema (Martins, 1991), inviabilizando a exportação. A doença chegou à Califórnia com o nome de *quick decline*. Os EUA desenvolveram rapidamente clones resistentes à tristeza e passaram a exportar essas mudas para o Brasil, tendo na sua retaguarda grandes indústrias americanas de suco (Yoshima, 1981).

Pecuária

Em 1928 Toranosuke Ikeda (9º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1973) foi destacado por Yamamoto para cuidar do rebanho bovino, dando início ao trabalho de melhoramento do plantel da raça Indubrasil (Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2009). Já em 1938, a Fazenda Tozan foi campeã, com o touro Barão, na VII Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados, em Belo Horizonte, como primeiro da comunidade *nikkei* a conquistar este prêmio, surpreendendo os tradicionais criadores de Minas Gerais. Em 1939, na VIII Exposição Nacional, no Rio de Janeiro, obteve o 2º e 3º lugares. Na IX Exposição Nacional, no Parque da Água Branca, São Paulo, em 1940, a Fazenda Tozan foi novamente campeã com touro Indubrasil, Gandi, além de 1º, 2º e 3º lugares, coroando os trabalhos de melhoramento (Prospecto Tozan, 1941).

Em 1954, a Fazenda Tozan possuía 436 reprodutores da raça Indubrasil, resultantes do trabalho de melhoramento, mediante seleção, efetuado pela Fazenda por mais de 10 anos, e 130 de gado leiteiro da raça Holandesa. A produção leiteira na Fazenda Tozan teve início em 1952 e tinha por objetivo disseminar a produção leiteira de alta qualidade entre os agricultores *nikkeis*, procurando diversificar a produção nas propriedades rurais (Prospecto Tozan, 1954).

Planejamento de Uso do Solo

Em 1942, era criado o Serviço de Terraceamento, diretamente subordinado ao Gabinete do Secretário da Agricultura, que pode ser considerado o núcleo precursor da conservação do solo no Estado (Martins, 1991). Acompanhando essa política do governo, já em 1943, a Fazenda Tozan adotava em novos plantios de café Bourbon Vermelho, faixas em curva de nível, intercaladas com cultura de cereais e canais de escoamento, com excelentes resultados no controle da erosão (Prospecto Tozan, 1954).

Em 1955, a Secretaria da Agricultura regulamentava as atividades de levantamento aerofotogramétrico de propriedades agrícolas para planejamento conservacionista (Martins, 1991). Nessa época, na Fazenda Tozan já estava em andamento o levantamento aerofotogramétrico, tendo sido incluída como área demonstrativa de conservação do solo da Secretaria da Agricultura, da região da Campinas (Prospecto Tozan, 1954). Ainda sobre solos, após sua morte, em 1965, foi publicado na revista *Lavoura e Cooperativismo*, o trabalho “Os Solos do Estado de São Paulo”, no qual Yamamoto descreve didaticamente a geologia do Estado, a gênese dos diferentes solos e método prático de avaliação da fertilidade natural do solo por meio da vegetação. Sobre o Cerrado, indica o seu aproveitamento agrícola mediante a correção das deficiências químicas e sugere que este potencial seja explorado pelos agricultores *nikkeis*, antecipando o Programa de Desenvolvimento do Cerrado - PRODECER, com a cooperação da Japan International Cooperation Agency (JICA), que ocorreu 20 anos depois.

Fabricação de Saquê

Yamamoto preocupava-se com o alcoolismo entre os imigrantes japoneses devido ao consumo excessivo de cachaça, a popular pinga, que além de prejudicar a saúde, trazia problemas sociais e familiares. Para atenuar esse problema e para que os japoneses pudessem matar as saudades da terra natal, resolveu fabricar na própria Fazenda Tozan o saquê, tradicional vinho japonês feito à base de arroz.

Especialistas foram trazidos do Japão e, em 1934, era inaugurada a fábrica de saquê Azuma Kirin, a única de todo o Hemisfério Sul. Tomekito Goto, contratado como auxiliar de contabilidade da Fazenda, em 1931, foi o responsável pela distribuição da primeira carga de saquê nas principais comunidades japonesas do interior do Estado de São Paulo.

Partindo da sede da Fazenda, num caminhão Chevrolet Tigre, a primeira parada foi em Bauru, onde uma grande multidão aguardava ansiosa a chegada da bebida. Depois rumou para outras cidades da região noroeste, também recebido com muito entusiasmo. Outras viagens foram feitas por Goto ao longo das estradas de ferro Mogiana e Sorocabana, nas maiores concentrações de imigrantes japoneses, sempre com ótima aceitação (Goto, 1997). A maior divulgação do saquê ocorreu nas festividades comemorativas do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo, em 1954 (Yoshima, 1981).

Importância da Fazenda Tozan

O artigo de Edgar Fernandes Teixeira, no então recém-lançado Suplemento Agrícola do jornal O Estado de S. Paulo, edição de 2/3/1955, reflete bem a importância histórica da Fazenda Tozan na época: “A Fazenda Monte d’Este foi fundada para realizar pesquisas e trabalhos que permitissem dar orientação aos imigrantes japoneses que aqui chegassem. O maior mérito da Fazenda Monte d’Este que representou para o imigrante japonês, foi o papel de verdadeiro campo ou estação experimental, na procura de soluções práticas para os problemas agrícolas, muitos dos quais foram ali resolvidos após anos de perseverante trabalho. Jamais houve desânimo provocado pelas vicissitudes, pois, todas as crises e os males que se abateram sobre a agricultura paulista repercutiram em cheio na Fazenda Monte d’Este, como a crise do café, o ataque da broca do café, o abandono dos tungais, a destruição dos laranjais pela ‘tristeza’, etc. Todos esses males foram combatidos e vários deles, como aconteceu com a broca do café, na Fazenda Monte d’Este, contribuição das melhores que se conhece no terreno da aplicação prática dos inimigos naturais para evitar a disseminação da praga. Durante 20 anos, trabalhou-se ativamente para combater a broca do café e, graças ao trabalho ali feito, o combate biológico se mostrou inteiramente eficaz. Um dos diretores da Fazenda, o agrônomo Kiyoshi Yamamoto publicou um boletim ‘Assim falou a vespa de Uganda - guia prático para combate biológico à broca do café’, em que descreve toda técnica empregada para enfrentar o mal e o modo de agir em caso de nova infestação”.

O artigo destaca ainda que a Fazenda Monte d’Este adota o “plano de rotação de cultura para recuperação de terras, plantando algodão, milho e leguminosas (mucuna, lab-lab, centrosema, feijão de porco, crotalária, soja), alcançando produtividade de 270 arrobas de algodão por alqueire. Uma área de 12 hectares é reservada para produção de sementes dessas leguminosas para a Secretaria da Agricultura”. O artigo conclui que “A Fazenda Monte d’Este é um estabelecimento modelo na agricultura brasileira. Seus trabalhos, experimentos e ensaios vêm contribuindo para a solução dos nossos problemas da lavoura e da criação, numa valiosa prova de colaboração japonesa para o desenvolvimento econômico do Brasil”.

Referências

FAZENDA TOZAN. **Panfletos, 1941 e 1954.**

FUJIWARA, H. Yamamoto-San to Tozan Noujyou (Sr. Yamamoto e a Fazenda Tozan) In: YAMAMOTO Kiyoshi Hyouden (Biografia de Kiyoshi Yamamoto). São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1981. p. 20-29.

GOTO, T. *Zassou no gotoku ikite* (Como uma erva silvestre). São Paulo: Topan-Press, 1997. 284 p.

MARTINS, Z. *Agricultura paulista - uma história maior que cem anos*. São Paulo: IMESP, 1991. 581 p.

MORI, K. **Burajiru Nihon Imin Hyakunenshi** - Daiikkan (História de 100 anos de imigração japonesa no Brasil - Volume I). São Paulo: Comissão das Comemorações do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, 2012. v. 1. 724 p.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. **História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto** - centenário da imigração japonesa - personagens de destaque na agricultura. São Paulo: Bunkyo. 2009. 401 p. Edição bilíngue: japonês-português.

TEIXEIRA, E. F. O. A Fazenda Monte D'Este, em Campinas. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2 mar. 1955. Suplemento Agrícola, n. 8, p. 4-5.

YAMAMOTO, K. **Assim falou a vespa de Uganda**. São Paulo: Biblioteca Agropecuária, 1948. 80 p.

YAMAMOTO, T. **O homem Kiyoshi Yamamoto**. 20 p.

YANAGIDA, T. **Iwasaki Hisaya to Burajiru Tozan Noujyou no Sousetsu** (Hisaya Iwasaki e a fundação da Fazenda Tozan no Brasil). In: *Jitsugyouka to Burajiru Ijyu* (Os empresários e a Imigração no Brasil), Shibusawa Eiichi Kinen Zaidan Kenkyubu (Departamento de Pesquisa da Fundação Comemorativa Eiichi Shibusawa), 2012. p. 3-43.

YOSHIMA, J. **Kokô no Guijyutsusha** - Shuzoukoujyo to Yamamoto Hakase (Fabricação de sakê e o Dr. Yamamoto - Pesquisador talentoso e solitário). In: **YAMAMOTO Kiyoshi Hyouden** (Biografia de Kiyoshi Yamamoto) São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1981. p. 30-35.

YOSHIMA, J.; SEMBONGI, S. **Yukari-jyu** (O eucalipto), Campinas: Fazenda Monte d'Este, 1957. 110 p.



Hisaya Iwasaki, fundador da Fazenda Tozan



Medalha de campeão conquistada pela Fazenda Tozan na Exposição de Animais, em Belo Horizonte (1938), com o touro Indubrasil Barão



Marcas de bala da Revolução Constitucionalista de 1932, no mirante da Fazenda Tozan



Medalha de campeão conquistada pela Fazenda Tozan na Exposição de Animais, em São Paulo (1940), com o touro Indubrasil Gandi



Takeo Goto (figura muito importante na recuperação da Fazenda Tozan após a II Guerra Mundial e no desenvolvimento do Banco Tozan, além de amigo de confiança), Jun, Tan, Issoe, Kiyoshi (durante ou logo após a II Guerra, São Paulo)



Kiyoshi e os filhos na Fazenda Tozan (antes da II Guerra Mundial)

As Pessoas da Família Yamamoto

Salim Simão^{1}*

Escrevo esta pequena história de caráter pessoal, à medida que ela surge na minha memória. Esse texto se refere uma pessoa que eu conheci ainda menino, em 1934, a quem dedico o maior respeito. Passaram-se 46 anos desde os momentos inesquecíveis que desfrutei junto à ilustre figura e seus familiares, os seus gestos, a sua expressão e os inúmeros ensinamentos que dele recebi estão indelevelmente gravados na minha mente. Ele era, sem dúvida um japonês, porém possuía uma admirável estatura, pois se relacionava sem o mínimo preconceito e maior normalidade com pessoas de outras raças e outros credos, com quem convivia.

Nascido como filho de libaneses, descobri no seio da família Yamamoto o mesmo ambiente em que nasci. Embora situados no mesmo Oriente, porém separados nas regiões leste e oeste, ambos são povos com tradição de muita diversidade.

Kiyoshi Yamamoto era uma pessoa muito alegre, atenciosa, mas também muito rigorosa. De postura elegante e passos firmes, os olhos eram muito argutos. Ele era respeitado e querido pela sua formação, atitudes e pela sua liderança. A sua educação obtida na universidade do Japão seria aperfeiçoada posteriormente no decorrer das experiências acumuladas na China e demais regiões, proporcionando a Yamamoto uma visão bastante ampla do mundo.

Formado em agronomia, era ao mesmo tempo pesquisador e grande administrador da fazenda. A Fazenda Tozan, que ele administrou em Campinas, tornou-se conhecida como uma propriedade rural-modelo em todo o País. Nessa fazenda, além das culturas permanentes como café, tungue, citros, manga e outras, plantavam-se cereais e outras culturas anuais. O Dr. Yamamoto possuía também uma área reservada para realização de pesquisas científicas. Ele sabia da importância da pesquisa, principalmente num País em desenvolvimento como o Brasil, onde o acúmulo de conhecimentos especiais ainda era muito restrito. A fazenda por ele administrada era um verdadeiro campo experimental, contribuindo para o desenvolvimento da atividade agrícola no Estado de São Paulo, mediante a introdução de novas variedades de plantas e na melhoria da produtividade agrícola.

A Fazenda Tozan foi uma das pioneiras na introdução do tungue, bem como nas experiências com várias espécies arbóreas para o sombreamento da cultura do café. O Dr. Yamamoto teve sucesso na utilização do inimigo natural da broca do café, um dos maiores problemas da cafeicultura na época, e a pesquisa sobre

¹ Professor Titular da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo.

* Extraído do livro Yamamoto Kiyoshi Hyouden (Biografia de Kiyoshi Yamamoto). Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1981. p. 41-50.

este controle foi tema para obtenção de título de Doutor em Agronomia. A Fazenda Tozan não se dedicou apenas à produção agrícola, mas também à criação da raça bovina Indubrasil, chegando a vencer exposições agropecuárias em todo o país. Uma variedade de manga selecionada na Fazenda, cuja pesquisa teve a minha participação, foi batizada como Monte d'Este, em homenagem à Fazenda. Pelo alto nível técnico do seu diretor, a Fazenda Tozan foi considerada como centro experimental do mais alto nível, recebendo visitas de muitos técnicos, especialistas e fazendeiros e agricultores mais dedicados.

Yamamoto era um líder nato. Todos que trabalhavam sob suas ordens eram atraídos por seu caráter e se empenhavam com satisfação nos serviços. Todos os anos eram concedidos prêmios especiais àqueles trabalhadores que completavam cinco anos consecutivos de serviço. A festa de entrega dos prêmios era uma confraternização entre dirigentes e trabalhadores. Esse gesto de incentivo não se restringia apenas à Fazenda, mas também em bancos e outras empresas pertencentes à Casa Tozan, administradas pelo Dr. Yamamoto. Ele possuía uma afiada sensibilidade, mas ao mesmo tempo supria todas as informações necessárias aos seus subordinados para consecução de suas tarefas e era generoso em delegar autonomia para resolver os problemas de sua competência.

Como me referi, o Dr. Yamamoto já pesquisava há 40 anos o controle de pragas com o uso de inimigos naturais. Hoje, decorridos 40 anos, cientistas do mundo inteiro mostram-se preocupados com o abuso inconsequente de inseticidas, buscando intensamente métodos biológicos que não causem danos à humanidade, sem perder o equilíbrio natural. Isso é exatamente o que o Dr. Yamamoto já previa há quase meio século.

Conheci as pessoas da família Yamamoto em 1934 por meio do filho mais velho, Kan, meu colega de turma do ginásio, em Campinas. A amizade que surgiu a partir desse momento, fez de mim um integrante da família e essa relação perdura até os dias de hoje. Muito embora seus pais já tenham falecido, essa relação de amizade não mudou ainda hoje. A minha amizade começou com o filho mais velho Kan e depois se estendeu para os dois irmãos Tan e Jun, aproximando-me naturalmente de seu pai, Dr. Yamamoto e sua esposa. Quando chegava o final de semana, a convite da família, visitava a Fazenda Tozan. Naquela época, eu e Kan estávamos nos preparando para ingressar na faculdade e, a pedido do pai, passei a morar na residência do Yamamoto, em Campinas. Todas as noites, quando aproximava das 23 horas à meia-noite, o pai de Kan costumava vir ao nosso quarto. Além disso, a mãe de Kan sempre trazia chá e biscoitos todas as noites, pontualmente às 22 horas.

Certa noite, Kan e eu resolvemos ir ao cinema sem avisá-los. Quando retornamos, o chá e o biscoito estavam sobre a mesa e ao marcar 23 horas, o Dr. Yamamoto apareceu como se nada soubesse e perguntou "Quantas páginas rendeu hoje? Como não conseguíamos mentir, respondemos que rendera somente seis páginas. Ele, após dizer "Somente isso? É muito pouco para aquele que está almejando ingressar numa faculdade. Além disso, o número não bate para quem começou às 20 horas", deixou o quarto dizendo boa noite. O pai de Kan fez de

conta que não sabia de nada, porém certamente ele estava sabendo da nossa saída sem autorização. Sem dúvida, ele era um homem de princípios, de sabedoria infinita e não gostava de causar constrangimento aos outros. Esse fato foi uma grande lição para nós e a saída sem autorização nunca mais voltou a se repetir.

Alguns anos mais tarde, a família Yamamoto mudou-se para São Paulo. Kan e seus irmãos foram estudar em São Paulo, e eu, em Piracicaba. Toda vez que ia a São Paulo, fazia questão de visitar a família Yamamoto e me hospedava lá. Quando Kan me avistava ficava muito contente dizendo “Salim, venha sempre, pois quando você vem, posso comer feijão”. Evidentemente, fazia questão de visitá-los, toda vez que aparecia oportunidade. Naquela época, após beber e jantar, nos reuníamos em família e jogávamos xadrez ou damas na biblioteca. De vez em quando, nos entregávamos às previsões de corridas de cavalo aos domingos, enfim diversões e assuntos para conversa não faltavam. Certa noite, logo após o término da II Guerra Mundial, fanáticos tentaram atacar a residência dos Yamamoto. No dia seguinte, os familiares estavam bastante preocupados com o ocorrido, mas o Dr. Yamamoto manteve a calma de sempre. Sorrindo ele disse: “Salim, se você se envolver nisso vai se complicar. Deixe em cima da sua cama um papel escrito ‘sou libanês’. Assim, não vai ter problemas”. Mesmo em momentos mais tensos, ele mantinha a serenidade para evitar preocupações a seus familiares e amigos.

Entre os três irmãos, Kan, Tan e Jun, tenho a impressão de que Jun, o mais novo, hoje médico, recebia mais atenção, certamente porque ele era mais travesso e agitado. Os irmãos, Kan e Tan, eram mais introvertidos. Kan estudou administração e posteriormente foi designado gerente de agência bancária no interior do Estado de São Paulo. Procurei o Dr. Yamamoto e pedi para trazê-lo de volta à matriz, caso isso fosse possível. No entanto, o Dr. Yamamoto disse “Kan precisa conhecer a filial do interior. Se não conhecer as dificuldades do interior, não poderá integrar a diretoria da matriz”. Achei que estava correto, mas continuei preocupado. Porém, admiravelmente, Kan conseguiu vencer as dificuldades.

Em outra ocasião, encontrei-me com Tan. Meio artista, meio filósofo, estava começando a trabalhar. A vida não estava fácil para ele. Como se revelou mais tarde, ele possuía uma habilidade e um potencial enorme, mas naquela ocasião ainda estava dando os primeiros passos. Procurei o Dr. Yamamoto no escritório do banco e informei-o do encontro e da difícil condição em que Tan se encontrava. Sem dizer nada, me ouviu, e depois disse: “Estou ciente sobre Tan. Entendo que há despesas depois do casamento e quando se tornar pai. Parece-me que minha esposa, quando chega os finais de semana, visita a casa de Tan, levando frutas e comidas. A nora tem contado tudo para minha esposa. Caso aconteça algo, ele tem a nós que somos pais. Caso eu o ajude, pagando aluguel do ateliê, da casa, com as despesas alimentícias e dinheiro, ele irá se acomodar. Porém, quando ele perceber que é necessário se esforçar, conseguirá vencer. No momento o que está faltando para ele é só a sobre-mesa”. Achei que ele estava com razão. Diz o ditado: Pai que se preocupa com o filho, cuida do crescimento da criança, observando-o por detrás da porta. Não

se deve dar o peixe só porque ele quer comer. Ensinar a pescar é o caminho para a autonomia.

Sem dúvida, o Dr. Yamamoto era uma pessoa autoconsciente das responsabilidades para com a família. Sua filosofia de vida era modelo para os seus filhos cumprirem os deveres e manterem a dignidade humana perante a sociedade. Jamais vi o Dr. Yamamoto excitado ou nervoso. Não importava qual fosse o momento de dificuldade, mantinha sua postura serena do princípio ao fim, respeitando a harmonia e a paz na família. Tive a honra de conviver na intimidade do Dr. Kiyoshi Yamamoto, sua esposa e seus filhos, como também, visitar a terra natal, o Japão, para conhecer os encantos do povo e do país que eu considero com maior orgulho na minha vida.



Jun (vendo fotos), Issoe, Tan (sentado ao piano), Kan, Kiyoshi (São Paulo)

Mesa-Redonda: Kiyoshi Yamamoto e os Tozan Kenshuseis

Uma das preocupações de Kiyoshi Yamamoto era a necessidade de prestar apoio técnico mais efetivo aos agricultores *nikkeis*. Nesse sentido, criou a Associação Brasileira de Estudos Técnicos da Agricultura (ABETA) em 1958 e no mesmo ano passou a receber recém-formados em cursos técnicos ou superiores do Japão para serem treinados na Fazenda Tozan, os Tozan Kenshuseis (estagiários da Fazenda Tozan). Após 18 meses de treinamento e adaptação, eles eram distribuídos nas cooperativas e empresas para atuarem como agentes de assistência aos produtores rurais *nikkeis*. Os Tozan Kenshuseis vieram em três turmas, nos anos de 1958, 1960 e 1962, totalizando 60 estagiários. Lembrando que Kiyoshi Yamamoto faleceu em 1963, portanto há 52 anos, esses Tozan Kenshuseis constituem os raros remanescentes que tiveram convivência pessoal mais próxima com Kiyoshi Yamamoto durante sua permanência na Fazenda Tozan.

A Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto resolveu promover então uma Mesa-Redonda para conhecer, através dos ex-estagiários, o dia a dia de Yamamoto, seus passatempos preferidos, sua postura como professor, as lições de vida que ele transmitiu aos alunos, enfim colher preciosos depoimentos para enriquecer este livro.

Ao saber da realização da Mesa-Redonda, Toru Iwasaki, *Chairman* da Fazenda Tozan, prontamente ofereceu a sede da Fazenda para hospedar a reunião. Participaram dessa mesa redonda, além dos Tozan Kenshuseis e membros da Comissão Prêmio Kiyoshi Yamamoto, o anfitrião, Toru Iwasaki, Júlio Yamamoto, neto de Kiyoshi Yamamoto, Prof. Shiro Miyasaka, os antigos moradores da Fazenda Tozan, Takaaki Uchida, Akiko Uchida, Yoko Noguchi, que tiveram oportunidade de conviver com Kiyoshi Yamamoto.

Mesa-Redonda com os Tozan Kenshuseis

(Estagiários da Fazenda Tozan)

Local: Biblioteca da Fazenda Tozan, Campinas (SP)

Data: 14 de março de 2015

Perfil dos Participantes

Anfitrião

Toru Iwasaki - nasceu em 1950, em Tóquio, formado em administração de empresas pela Universidade de Keio (1973), é Presidente Honorário da Fazenda Tozan do Brasil Ltda.

Convidados Especiais

Júlio Míkió Yamamoto - nasceu em 1954, é filho de Kan Yamamoto e neto de Kiyoshi Yamamoto. Engenheiro Agrônomo, administra clínica odontológica.

Shiro Miyasaka - nascido em Hokkaido, Japão (1924), Engenheiro Agrônomo pela ESALQ/USP (1951), primeiro Doutor em Agronomia *nikkei* pela USP, especialista em melhoramento genético no Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), onde se aposentou. É detentor do **19º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1983**. Foi professor dos Tozan Kenshuseis.

Tozan Kenshuseis

Tadahisa Nishi - nasceu na Província de Aichi, Japão, formou-se em oleicultura pela Universidade de Gifu. Chegou ao Brasil na 1ª Turma dos Tozan Kenshuseis (1958), atuou na Fazenda Tozan, Cooperativa Agrícola Bandeirantes e Adubos Hokko do Brasil.

Hiroataka Sato - nasceu na Província de Kagoshima, Japão, em 1937, formou-se no Colégio Agrícola de Miyako-no-Jyo (1955). Chegou ao Brasil na 1ª Turma dos Tozan Kenshuseis (1958). Trabalhou na Granja Shigueno, em Tatui (SP).

Mikihisa Motohashi - nasceu em Tottori, Província de Tottori, Japão, em 1935. Formado em zootecnia pela Faculdade de Agricultura da Universidade de Hokkaido (1960), veio para o Brasil na 2ª. Turma dos Tozan Kenshuseis (1960). Atuou na Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil, Rações Dutra e Fatec, principalmente na área de nutrição de aves. Atualmente é Presidente da Federação das Associações das Províncias do Japão (KENREN).

Shoji Yamanaka - nasceu na Província de Iwate, Japão, em 1938, formou-se pela Universidade de Agricultura de Tóquio (1960), chegou ao Brasil na 2ª Turma dos Tozan Kenshuseis (1960). Trabalhou na JAMIC e, em 1982, abriu uma empresa de flores e plantas ornamentais em Belém (PA), hoje com 80 funcionários.

Noboru Seki - nasceu em Tokyo, Japão, em 1938, formou-se em agronomia pela Universidade Kyouiku, atual Universidade de Tsukuba (1960). Veio ao Brasil na 2ª Turma dos Tozan Kenshuseis (1960). Foi Secretário da ABETA, trabalhou nas multinacionais japonesas Marukyu, posteriormente na Itochu e Mitsui, com exportação de produtos brasileiros e importação de insumo agrícolas japoneses.

Kenji Shimizu - nasceu na Província de Kanagawa, Japão, em 1934. Formou-se pela Universidade de Pesca de Tokyo, chegou ao Brasil na 2ª Turma do Tozan Kenshuseis (1960). Trabalhou na Equipisca. Foi professor de aquicultura na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Atualmente é consultor em piscicultura.

Shoiti Horiuchi - nasceu em Hokkaido, Japão, em 1937. Formou-se na Faculdade de Zootecnia de Obihiro (1960) e veio para Brasil na 2ª Turma dos Tozan Kenshuseis (1960). Foi produtor rural na Colônia Pinhal, em São Miguel Arcanjo (SP) e trabalhou na Fazenda Tozan. Atualmente mora numa chácara nos arredores de Campinas (SP).

Antigos Moradores da Fazenda Tozan

Takaaki Uchida - nasceu na Província de Tochigi, Japão, emigrou para Brasil em 1955. Desde então dedica-se à fruticultura, na Colônia Tozan, em Campinas.

Akiko Uchida - nasceu na Fazenda Tozan, em 1933. Acompanhou a família no retorno ao Japão em 1943 e, em 1957, reimigrou para o Brasil. É esposa de Takaaki Uchida e filha de Toranosuke Ikeda (9º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1973), que foi funcionário e morador da Fazenda Tozan, desde sua inauguração, e seu administrador (1935-1943).

Yoko Noguchi - nasceu em São Paulo (1939), filha de Suelo Noguchi, morou na Fazenda Tozan, onde seu pai foi funcionário, até 1984. É Cirurgiã-Dentista, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1962).

Membros da Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto

Guenji Yamazoe (presidente da Comissão), Kunio Nagai, Shinichi Oki (moderador da Mesa Redonda), **Kazuhisa Shiraishi** e **Noriko Tanaka** (responsável pela gravação e redação desta Mesa-Redonda).

1. Palavras de Abertura

MODERADOR OKI: O Prêmio Kiyoshi Yamamoto comemora este ano 50 anos de sua instituição. Em novembro próximo, coincidindo com a cerimônia de outorga do 45º Prêmio, pretendemos lançar um livro comemorativo. Esta Mesa-Redonda foi programada com vistas à publicação desse livro, abordando quatro assuntos. O primeiro tema será voltado aos estagiários da Tozan para lembrar o conteúdo e a postura do Prof. Yamamoto em suas aulas, além das palavras de disciplina que ficaram marcadas. O segundo tema serão os comentários das lembranças referentes ao dia a dia do Prof. Yamamoto, tais como o relacionamento com os estagiários, seus hobbies e passatempos preferidos. O terceiro tema será a impressão que o professor deixou perante os estagiários durante seus trabalhos e, por último, será abordada a relação do Prof. Yamamoto com a ABETA e as colônias vizinhas, além das contribuições deixadas para a melhoria das técnicas agrícolas do Brasil. Dando início à pauta da reunião solicitamos as palavras de saudação e objetivos da mesa redonda, do Sr. Yamazoe, Presidente da Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto.

YAMAZOE: Prezados senhores, agradecemos a participação de todos, deixando os seus afazeres, principalmente aos estagiários da Tozan aqui presentes e aos demais participantes: Sra. Akiko Uchida, Sra. Yoko Noguchi, Sr. Júlio Yamamoto e Sr. Shiro Miyasaka. Agradecimento especial ao Sr. Iwasaki que contribuiu para a realização desta Mesa-Redonda, cedendo este espaço. Este ano estaremos completando 50 anos de criação do Prêmio Kiyoshi Yamamoto. Em comemoração a essa data, resolvemos lançar um livro. Para tanto, estamos buscando dados e informações, principalmente em contato com pessoas que tiveram relacionamento mais direto com o Prof. Yamamoto. Nesse aspecto, o grupo dos

Tozan Kenshuseis forma um grupo raro. Como já se passaram 52 anos após o seu falecimento, as pessoas que conheceram o Prof. Yamamoto são muito poucas e, deste modo, o resgate das lembranças dos Tozan Kenshuseis será extremamente valioso. No livro, pretendemos focalizar as contribuições do Prof. Yamamoto à agricultura brasileira, assim os pontos de vista e a opinião dos senhores serão de grande valia. Portanto, hoje gostaríamos de ouvir as lembranças concernentes ao Prof. Yamamoto de forma livre e franca. Agradecemos a colaboração.

MODERADOR: Pedimos ao Sr. Iwasaki suas palavras de saudação.

IWASAKI: Sou Toru Iwasaki. Não conheci o Prof. Yamamoto pessoalmente, mas a partir de 1994 passei a interagir e, em 2006 solicitei ao Prof. Yanaguida, da Universidade de Keio, para catalogar todos os materiais existentes na Fazenda sobre o passado e completando hoje 10 anos não se pode dizer que os trabalhos foram concluídos, mas todos os materiais aqui existentes foram reunidos no salão de dados que foi construído para este fim. Como já foi observado anteriormente pelos senhores, pelo menos os documentos em japonês foram completamente digitalizados e, quanto ao português, temos o conhecimento do que existe, mas a pesquisa ainda não está em andamento. De qualquer modo, os documentos que estavam espalhados foram juntados em um único local e, para evitar a deterioração, retiramos todos os grampos, por exemplo, sendo acondicionados com papel neutro entre si, colocados nos envelopes de papel neutro, embalados em caixas de papel neutro e mantidos sob temperatura controlada. Entre eles, citando como exemplo, existem manuscritos pessoais do Prof. Yamamoto e diversos trabalhos científicos ainda não apresentados, ou mesmo, um tipo de diário relatando a Revolução Constitucionalista de 1932, que também se encontra arquivado, além de diversos outros materiais. Como alguns materiais foram levados para o Japão, não posso afirmar que todos, mas a grande parte do material se encontra aqui. Existem documentos escritos sobre café, relatórios que os estagiários deixaram, além de diversos outros. Caso haja interesse em consultá-los, peço que nos solicite para colocar à disposição. Agradeço pela oportunidade de hoje.

MODERADOR OKI: Futuramente este arquivo será de acesso ao público?

IWASAKI: Sim, alguns documentos, por exemplo, irão complementar os de outros centros de informação. A maioria dos documentos é escrita. Há também algumas fotos.

OKI: Ou seja, vai aumentar mais um patrimônio da comunidade.

MOTOHASHI: Todavia, seria possível excluir do arquivo as notas de aproveitamento dos estagiários? (risos)

OKI: Peço aos presentes a gentileza de fazer suas saudações, iniciando pelos estagiários.

MOTOHASHI: Há muitos anos não entrava nesta sala, mas recordo-me de que, quando chegamos integrando o segundo grupo de estagiários, fomos recebidos pelo Prof. Kiyoshi Yamamoto na sala de recepção, e fizemos um brinde

com o saquê Azuma Kirin e em seguida fui entrevistado nesta sala. Sinto-me emocionado por realizar esta mesa redonda num local tão memorável. Creio que o Sr. Nishi teve contato por mais tempo com o Prof. Kiyoshi Yamamoto, mas na época em que fomos estagiários, tivemos apenas a oportunidade de encontrar duas ou três vezes para ouvi-lo, mas sempre tivemos uma grande consideração pelo Prof. Kiyoshi Yamamoto toda vez que líamos o livro escrito por ele. Por isso, gostaria de falar como estagiário e espero que os colegas também concordem.

2. Disciplina e Aulas do Professor Yamamoto aos Estagiários da Tozan

OKI: Abordando o primeiro tema, acredito que o Prof. Yamamoto ministrava as aulas regularmente e, nessa ocasião, o que o Prof. Yamamoto tentava ensinar aos senhores?

MOTOHASHI: Possivelmente, quem teve acesso às aulas diretamente com o Prof. Kiyoshi Yamamoto foram os da primeira turma. Portanto, começemos pelo Sr. Nishi.

NISHI: A cerimônia de abertura do Centro de Treinamento da Fazenda Tozan com a primeira turma de estagiários foi no dia 8 de julho de 1958. Nessa ocasião, a Sra Akiko Uchida também esteve presente e permanecemos aqui durante um ano e meio. Comentando rapidamente durante esse período, o Dr. Yukawa (Prêmio Nobel de Física) esteve no dia 20 de julho. Em seguida, no dia 1º de agosto vieram os atletas Oguimura e Tanaka do time de tênis de mesa do Japão e fizemos mesa redonda com eles após o jantar. No dia 12 de agosto, fomos visitar a fazenda experimental no Paraná, de acordo com o planejamento do Prof. Yamamoto e pudemos acompanhar a derrubada de matas. Um mês e meio ou dois meses após a nossa chegada, começaram a surgir reclamações dos estagiários, como a má qualidade da comida (risos) e dos serviços pesados. O Sr. Yamamoto mandou-nos ver o interior ao menos uma vez. Partimos daqui a São Paulo de trem, e de São Paulo fomos a Maringá em trem de terceira classe e sujos (risos). De Maringá fomos de caminhão, passando por Umuarama e chegando a Iguazu. A partir desse local já não existia asfalto e a poeira era horrível. Os estagiários dessa fazenda estavam derrubando a selva com machado. Depois que vimos essa imagem, os estagiários não voltaram a reclamar (gargalhadas).

MOTOHASHI: Talvez tenha sido este o objetivo do Dr. Yamamoto.

NISHI: Creio que tenha sido este o principal objetivo do Prof. Yamamoto. Em dezembro, houve a visita do Rikidozan (campeão de luta livre na época) e recordo-me que fomos chamados após o expediente para apertar as mãos do Rikidozan e ouvir dele a história de Edo (Tóquio). No dia 12 de setembro iniciaram-se as aulas do Prof. Yamamoto. Nessa ocasião, eu tive uma impressão profunda. Irei ler um trecho da introdução escrita por ele: “Nesta data de hoje, em 12 de setembro de 1958, darei início às aulas para a primeira turma de estagiários na atividade agrícola da Fazenda Tozan com o tema Agricultura no Brasil. Para discutir a agricultura brasileira, é necessário que tenha a compreensão da

natureza do Brasil de forma científica. Recomendo que tenha conhecimento, primeiramente da natureza do continente da América do Sul para depois compreender o Brasil como uma parte da América do Sul. Vocês, estagiários que nasceram e cresceram no Hemisfério Norte e receberam educação, levando em consideração esse ambiente e que vieram estagiar no Brasil em busca de trabalho, vida e se firmar-se no Hemisfério Sul, considero de extrema importância esta compreensão para a vida futura. Sob este ponto de vista, farei da primeira parte da aula Agricultura Brasileira, uma descrição de fácil compreensão sobre a natureza do continente sul-americano como um dos grandes continentes do mundo para dar sequência à pesquisa nos limites do Brasil. O conteúdo desta aula poderá ser denominado Manual da Agricultura Brasileira. Portanto, espero que cada um dos estagiários, de acordo com sua capacidade intelectual, preferências e interesses venham aprofundar as pesquisas sobre o assunto". Estas foram as palavras de abertura da aula do Prof. Yamamoto. A seguir, o professor falou sobre o clima do continente sul-americano e, depois dessa aula, ainda tivemos umas quatro ou cinco aulas, sendo que cada aula durava de uma hora e meia a duas horas. Imagino que o professor tenha preparado um roteiro para essas aulas para, posteriormente, publicar um grande livro. Posteriormente ao falecimento do Prof. Kiyoshi Yamamoto, tive contato com o Sr. Yamaguchi, da Empresa Tozan, sobre o acervo de documentos na Fazenda e também em relação ao pagamento do terreno onde estava localizado o centro de treinamento. Também mantive contato com a viúva do Sr. Yamamoto, com o pai do Julio, Sr. Kan, Jun, enfim tive relacionamento com toda a família Yamamoto. Por essa razão sou um dos estagiários que considero mais próximo da família Yamamoto.

OKI: Muito obrigado. Já que estamos falando sobre aula, Prof. Miyasaka, o senhor que era agrônomo mais jovem, formado aqui no Brasil, não houve momentos de conflitos com os professores quando se referia à natureza e ciência? Como foi o ponto em comum entre os agrônomos daqui com Prof. Yamamoto?

MIYASAKA: Eu havia acabado de me formar e não passava de um principiante quando fui convidado pelo Prof. Yamamoto para lecionar aos estagiários. Com o meu atrevimento fui ser professor, mas acredito que, eu que fui criado no Brasil, tive mais a aprender com as pessoas que vieram do Japão, invertendo a posição. Recordo-me que, estimulado pelo Prof. Yamamoto, eu, issei, que não sabia de nada, apenas obedeci à frase "Basta dizer o que você sabe" e tive a oportunidade de falar. Ele possuía um conhecimento amplo, desde clima, solo, controle biológico, mostrando-me e ensinando na prática a eliminação de pragas de forma natural e, ouvindo os jovens japoneses, aprendi muito mais do que ensinei. Uma das grandes lições do Prof. Yamamoto foi a mudança do meu destino, passando a me interessar pela pesquisa. Foi uma decisão que ainda hoje me comove. Ele possuía uma forma única de ensinar, talvez seja pela sua personalidade e o poder de atração, ou seja, pela sensibilidade dele, causando uma impressão que se resumia num profundo agradecimento. No aspecto social ele dizia: "O que a colônia poderá fazer diante da situação de caos em que se encontra o Brasil?" Diante dos seus conhecimentos, ele explicava que o Japão perdeu a guerra e ainda passava por várias dificuldades e qual deveria ser a

postura dos japoneses que moravam no Brasil, com referência aos problemas de “makegumi” e “kachigumi”, transmitindo o seu espírito de liderança segura, deixando claro que a ele é que deveríamos seguir. Naquela época ele dizia: “Faça o bem para as pessoas”, orientando-nos como enfrentar a situação. Recordo-me que ele nos orientava, baseado em experiências próprias e palavras, que “você poderá ter grandes ambições e anseios, mas procure sempre servir à sociedade”.

OKI: Na época o senhor era responsável por algum departamento?

MIYASAKA: Entrei no centro de pesquisas (Instituto Agrônomo de Campinas, IAC), visando ao melhoramento da soja. Eu acreditava que, para fazer a difusão da soja, era preciso fazer o melhoramento genético.

3. Cotidiano do Professor Yamamoto - Assuntos Relacionados aos Estagiários, Observação Sobre Pesquisa e seu *Hobby* Preferido

UCHIDA: Sou Uchida e moro na terra adquirida pela venda da parte da Fazenda Tozan. O pai da minha esposa Ikeda, reemigrou do Japão e veio para a Colônia Tozan sob indicação do Sr. Yamamoto e lembro que, quando ainda era estagiário, ele visitou a nossa propriedade umas três vezes. O que ainda mantém ainda na minha memória foi quando na sua primeira visita o professor pegou o solo e o lambeu. A frase citada pelo Prof. Miyasaka: “Hito no tame, shakai no tame” (Em prol das pessoas, em prol da sociedade) também nos foi dito e essa frase está bem guardada. Por ocasião do nosso casamento, ganhamos um presente do Prof. Yamamoto e, em retribuição, visitamos a sua casa onde nos foi dita a mesma frase: “Hito no tame, shakai no tame”, que sempre recordo.

MOTOHASHI: A aula citada pelo Sr. Nishi não foi dada para a segunda turma de forma direta, porém fomos entrevistados individualmente, creio que tenha sido nesta sala, onde recordo que cada um abordou seus anseios, temas, o que pretendia fazer durante o estágio na Fazenda Tozan. No meu caso, escolhi a pecuária e naquele dia, junto com a segunda turma, caminhamos durante 15 a 20 minutos em direção ao centro de treinamento. No caminho, encontramos uma carreira de belo rebanho de gado Nelore e tive a impressão de que o gado nos encarava com ar de mistério. Logo em seguida, fui levado ao Parque da Água Branca, em São Paulo, onde acontecia uma Exposição. Nessa Exposição, a Fazenda Tozan também foi premiada e achei esplêndido o bovino que fora exposto. Naquela época, o melhoramento genético do gado bovino também estava sendo realizado aqui na Fazenda. Eu trabalhava mais com nutrição e ração animal, e durante a entrevista citei que gostaria de, primeiramente, conhecer sobre a pastagem. Aí, fui autorizado, juntamente com o Seino, a plantar um canteiro demonstrativo de forrageira, no local chamado pomar no fundo do quintal e que hoje não existe mais. Como eu tinha curiosidade sobre a produção e processamento de produtos lácteos, tenho lembrança de que, três a quatro meses antes de concluir o estágio, fiz o produto com o nome Milkiss na

fábrica de saquê. Nessa época, tenho certeza de ter encontrado com o Prof. Yamamoto. Até então não houve oportunidade de encontrá-lo, mesmo na época em que fizemos uma manifestação contra a baixa remuneração, já citada anteriormente pelo Sr. Nishi, quando sentamos debaixo do abacateiro, que produzia frutos muito gostosos e que hoje não existe mais. Naquela ocasião não fomos atendidos pelo Prof. Yamamoto. Na formação de pessoas, muitas vezes ele não se expressava com palavras, como já senti na entrevista. Lembro-me também que nos ensinava que era preciso perseguir os objetivos, mesmo que isto levasse longo tempo.

OKI: Qual era a remuneração dos estagiários?

NISHI: No meu caso era um salário mínimo por mês. Quanto valia naquela época? Talvez em torno de R\$ 2.400,00 de hoje.

SHIMIZU: O nosso salário mínimo era em torno de 500 ienes.

NISHI: Quanto custava o cigarro que comprava naquela época? O preço da Mistura Fina era em torno de R\$ 4,00.

SEKI: Recordo bem que na vinda do Sr. Shimizu do Japão, trouxe consigo alevinos e adultos de enguia, no navio. Imagino que o Sr. Shimizu tenha sofrido bastante para criar esses alevinos durante a viagem. Para construir um tanque, a pedido do Sr. Shimizu, fiz um projeto, detalhando com cálculos, a quantidade de tijolos e cimento necessários, acompanhado de uma bela planta baixa. O Sr. Yamamoto gostou muito do projeto e exclamou: "Está ótimo!", e a sugestão foi aprovada de imediato, seguida de compra de materiais. Nesse momento, senti que o Sr. Yamamoto decide em cima de cálculos, raciocínios e argumentos, não sendo movido pela intuição.

NISHI: No meu caso, após ter concluído o período de estágio, fiquei aqui mais uns quatro anos como funcionário. Na verdade, eu sou formado em horticultura pela Universidade de Gifu e o Prof. Yamamoto também era formado na mesma especialidade pela Faculdade de Agronomia da Universidade de Tóquio e ele gostava muito de plantas também. Foi um período muito sobrecarregado para o Prof. Yamamoto, que também estava ocupado com a realização da comemoração dos 400 anos da cidade de São Paulo e, logo em seguida, houve as comemorações do cinquentenário da imigração japonesa no Brasil. Após ter concluído esses eventos, empenhou-se na fundação da Associação Cultural Japonesa, da organização do kenjinkai, etc. Foi um período bastante atarefado, mas mesmo assim ele sempre vinha aqui todos os finais de semana. Passava os sábados e domingos, às vezes em companhia da esposa, ou com visitantes. A programação era sempre, chegando por volta das três da tarde, logo em seguida, até a noite, dava volta pelos fundos da sede. No dia seguinte, percorria toda a fazenda acompanhando o trabalho das vespas de Uganda que ele próprio pesquisava nos cafezais, vendo as plantações de algodão, de milho e finalmente, retornando após a visita a fábrica de saquê. Durante a minha permanência na Fazenda, chegaram quatro caixas grandes da Embaixada do Japão, Rio de Janeiro. Tinham sido enviadas pelo Departamento de Bambu da Universidade

de Kyoto. Ao abrir me deparei com bambu, só bambu. Como as caixas foram enviadas de navio, os toletes brotaram durante a viagem e os brotos estiolados ficaram emaranhados. Das 17 ou 18 variedades, apenas duas ou três vingaram, entre elas a Hotei, que é um tipo de bambu bem pequeno. Esse fato mostra o quanto o professor gostava de plantas. Enquanto trabalhava na Fazenda, recordo-me de que fui levado a diversas feiras e exposições como as floriculturas de Campinas, exposição anual de caqui em Cotia, floricultores de Limeira, entre outros locais.

OKI: Sobre flores, havia relacionamento com a Associação de Amigos das Flores?

NISHI: Eu não tinha relacionamento. Acredito que naquela época ainda não existia essa Associação. Acho que surgiu em torno dos anos de 59 e 60.

NAGAI: Naquela época havia a Associação dos Amigos de Floricultura, que realizou exposições durante vários anos com a participação de pessoas que cultivavam flores, bonsais, e plantas ornamentais por hobby. Foi assim que se deu o impulso no cultivo e comercialização de flores pelos *nikkeis* e já se passaram mais de 60 anos.

NISHI: Quando eu era funcionário daqui, fui ao IAC, e na Seção de Caqui foram identificadas várias plantas ornamentais. Além disso, pedi para o Dr. **Goro Hashimoto (28º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1997)**, especialista em história natural, identificação de diversas árvores. Para cada planta foi confeccionado um cartão de identificação. Acredito que tenha em torno de 250 a 300 desses cartões guardados na Fazenda.

MIYASAKA: Fui auxiliado pelo professor, quando trabalhava com o melhoramento genético da soja e andava por diversas colônias colecionando as amostras de soja que os japoneses haviam trazido no bolso e cultivavam. E lembro bem que, graças à influência do Prof. Yamamoto, pude colecionar diversas variedades como Abura (óleo), Aliança, etc. Outro item é referente à adubação verde relacionada com a centrosema e, naquela época, ganhei do Prof. Yamamoto um exemplar que ele cultivava aqui, e lembro que a utilizei para o melhoramento da adubação verde daquela época.

NISHI: Realmente, nesta fazenda tinha centrosema. A pesquisa sobre a soja desenvolvida pelo Prof. Miyasaka tornou este país uma referência em soja, mas na época em que nós chegamos, em torno de 1958, a soja só existia no Rio Grande do Sul, cultivada em pequena escala, e em São Paulo ainda não se plantava.

MIYASAKA: E graças ao Prof. Yamamoto, foi aberta a Fazenda Holambra aqui ao lado. Nessa Fazenda foi trazida da Europa a primeira colheitadeira de soja chamada Harvest. A mecanização da soja também iniciou aqui. Com o apoio da Fazenda Tozan, o meu professor orientador José Gomes da Silva intermediou diversas maneiras quanto ao cultivo mecanizado da soja pela primeira vez no Brasil.

OKI: Sr. Yamanaka, tinha algum hobby de interesse comum com Prof. Yamamoto? Ele possuía algum hobby especial?

YAMANAKA (Shoji Yamanaka, 37° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2007): Eu causei vários problemas ao professor Miyasaka e aos demais professores que davam excelentes aulas. Durante a noite, fazíamos coisas às escondidas na casa do Sr. Ikeda. Como eles estão aqui presentes, expresso minha sincera gratidão. Eu vim sozinho como estagiário da segunda turma e tive o suporte dos professores Kanji Kato e Ippei Asuzawa, que me levou a diversos locais e apresentou vários professores e, após dois meses de treinamento, me embarcaram no navio. Assim que embarquei, contraí conjuntivite e acabei ficando cego e cheguei a pensar que seria melhor morrer (risos), e caso viesse a ter a cegueira como sequela, partiria para o campo da massagem ou do Shiatsu. Fiquei durante um mês num quarto escuro do centro de treinamento, deixando todos preocupados. Enquanto eles estudavam, eu recebia cuidado de diversos professores. Creio que já havia passado um ano e dois meses, próximo ao final do estágio, quando fui chamado para esta sala pelo Prof. Yamamoto para uma entrevista. Eu compareci porque era uma ordem do professor. Fui entrevistado sozinho nesta sala, e ele me disse: “Você está como estagiário há quase um ano e meio. Tem um convite para você trabalhar na JAMIC. Como é um órgão do governo japonês, acho melhor do que numa empresa privada. Você não quer ir?”. Respondi de imediato ao professor “Sim, eu irei”. Fui para entrevista, em São Paulo, mas para não me sentir só, convidei Abe e Shimizu irmos juntos. E assim fomos nós três ao escritório da JAMIC e, para nossa surpresa, os três foram aprovados. Naquela época, quando o aeroporto de Brasília era ainda provisório, fomos a Belém, saindo de Brasília, num avião que acomodava aproximadamente 150 passageiros. Quando chegamos a Belém, ficamos horrorizados com a precariedade do local. Isso foi em fevereiro de 1962. Quando ainda estagiava aqui, vieram os escritores Yasunari Kawabata e Akiko Koyama. Imaginava ter algum dia uma esposa tão bela como a Sra. Koyama, mas, infelizmente... (risos), os meus pais me mandaram do Japão a minha atual esposa.

OKI: Sr. Yamanaka, o Prof. Yamamoto possuía algum gosto por bonsai, coleção de bambus ou interesse por alguma outra coleção?

YAMANAKA: Creio que a pessoa que o Sr. Nishi comentou agora pouco tenha sido o Prof. Muroi da Universidade de Kyoto. O Sr. Sembongi era responsável pelo eucalipto e quando cheguei aqui fui informado que não chovia sequer uma gota há meio ano e, por este motivo, resolvi fazer um experimento de cobertura de solo usando o *Pinus*, que estava plantado aqui em cima. O Prof. Yamamoto trazia muitos materiais do Japão como micélios de shiitake e de outros cogumelos. Atendendo sua solicitação, construí um tanque na área de brejo localizada por trás do centro de treinamento. No meio do tanque, construí uma ilha e com a ajuda de Nakajima fizemos o reflorestamento e colocamos estacas, avaliando os resultados durante o período de estágio. Eu ficava quase o tempo todo no pomar, onde havia castanheiras e sempre praticava travessuras, comendo castanha assada. Quando o professor vinha ele dizia: “O cheiro da flor da castanheira tem um aroma semelhante ao líquido que sai do seu corpo” (risos).

OKI: Então ele dizia essas brincadeiras?

YAMANAKA: Outro episódio foi do pinheiro japonês vermelho (*Pinus densiflora*) e preto (*Pinus thunbergiana*) com oito meses, quando estava no tamanho ideal para fazer bonsai, foi chamado um professor de bonsai especialmente para fazer o transplante em vasos. Foram montados cerca de 100 vasos e aprendi vários métodos. Recordando agora, foi tudo graças ao Prof. Yamamoto.

OKI: Sra. Uchida, houve casos em que o professor fazia visitas de surpresa?

Sr. UCHIDA: O meu sogro (**Toranosuke Ikeda, 9º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1973**), tinha um bom relacionamento com o Sr. Yamamoto e ele vinha sempre nos visitar. O Sr. Yamamoto havia dado as piores terras da Colônia Tozan para ele, porque sabia que nas mãos de Ikeda elas se tornariam produtivas. Mas, preocupado por esse motivo, ele nos visitava com frequência.

Sra. UCHIDA: Ele foi uma pessoa maravilhosa. Brincava com as crianças. Todos, Tan, Yuu, Kan eram chamados para brincar comigo de pingue-pongue (tênis de mesa), às vezes o Sr. Yamamoto vinha conversar comigo e eu jogava, subindo na cadeira, pois era baixinha, tinha apenas 8 anos. A minha irmã mais velha não ia. Eu ia porque minha mãe e meu pai me mandavam ir. Brincávamos de pega-pega no terreiro, houve momento em que quase me afoguei na piscina. Levavam-me para brincar na quadra de tênis também.

MOTOHASHI: Isso foi antes da guerra? O seu pai, Sr. Ikeda, trabalhava como gerente desta fazenda?

Sra. UCHIDA: Ah, sim. O Sr. Ikeda foi gerente da fazenda. Ele atuou principalmente na pecuária bovina, conseguindo prêmio de campeão nas exposições. Maravilhoso.

Sra. UCHIDA: Fui levada para o Japão durante a II Guerra Mundial e pensei: “Ah, sequer não sei o idioma japonês”.

MOTOHASHI: No entanto, antes de ir ao Japão teve uma passagem por Bornéu?

Sra. UCHIDA: Sim, meu pai foi para a Ilha de Sumatra.

MOTOHASHI: Foi só seu pai?

Sra. UCHIDA: Somente meu pai. Eu fiquei com a minha avó durante dois anos, no Japão. Mas pude regressar bem, apesar de passar apenas com uma marmita. Fui ao Japão sem saber o idioma japonês e, mesmo aqui, com as aulas da Dona Maria, só estudei pela metade. Como não sabia o japonês, sofri muito no Japão, estudando sempre até meia-noite, mas foi bom ter ido ao Japão, pude estudar, consegui acompanhar as turmas.

OKI: Quem trabalhava com o Nelore era seu tio, Sr. Jun?

YAMAMOTO: Sr. Jun, o caçula.

4. Impressões Sobre o Professor Durante a Pesquisa

OKI: Então vamos passar para o próximo assunto, a pesquisa, e gostaria de pedir ao à pesquisa, se era franco, colaborativo, ou era de manter segredo.

SHIMIZU: Acho que esta conversa será detalhada e longa.

OKI: A enguia é ainda hoje um grande problema. Pediria para contar sobre a situação da criação de enguia na época.

SHIMIZU: As primeiras palavras que troquei com o Prof. Yamamoto foram quando eu disse “Cheguei” e ele me respondeu “Está de boca aberta?”, “Não, está tudo bem, está viva, sem problemas”, eu respondi, e foi então que ele disse “Estou falando de você”. Nesse momento, percebi que ele me pregou uma peça. Usamos esse termo quando o peixe fica de boca aberta. Eu já imaginei que o peixe estivesse abrindo e fechando a boca, por falta de ar. E por isso respondi que estava tudo bem. As primeiras palavras que troquei com o Sr. Yamamoto foram essas, mas na realidade, a pessoa que veio ao Brasil nas comemorações do aniversário de 400 anos da cidade de São Paulo era o pai de um amigo meu. Ele era embaixador da Itália, mas havia retornado após o país ter perdido a guerra, e como ele havia se tornado professor de ensino médio, eu já tinha assistido a uma aula dele. Ele tinha vindo ao Brasil por volta de 1954 ou 55 e contou: “O Brasil é muito bom. Em Bastos, há também um lugar chamado Fazenda Tozan”. Foi nesta época que finalmente o Japão começou a ter um conhecimento melhor sobre o Brasil. Eu estava matriculado em um curso de espanhol meio de brincadeira. Fui apresentado por aquela pessoa ao Dr. Kiyoshi Yamamoto. Resolvi escrever ao Prof. Yamamoto, que eu queria fazer uma visita e ele me respondeu em seguida, numa carta de duas ou três linhas, informando que havia entendido o meu pedido. Escrevi de novo e agora recebi uma carta de onze páginas, em letras meio vacilantes e no final, colocou uma assinatura que era um rabisco, deixando-me em dúvida se ele mesmo teria assinado a carta. Ele me perguntou se eu teria conhecimentos sobre o cultivo de enguia em cativeiro, então enviei um relatório de aproximadamente 30 páginas. Aí, ele me escreveu: “Se você quiser vir, pode vir”. Isso aconteceu no final do ano 1958. “Se vocês quiserem vir, haverá um programa de treinamento em 1960, então inscreva-se nele”, informou o Prof. Yamamoto. Foi então que eu decidi me dedicar totalmente aos estudos sobre criação de enguia em cativeiro durante um ano e pouco. Em fevereiro de 1959, fui a Oigai, começando por pegar alevinos de enguia e começou uma longa jornada. Quando cheguei ao Brasil, primeiro no Rio de Janeiro, havia uma pessoa chamada Takeo Goto. Ele conversava fumando um cigarro enrolado em palha de milho, mas era uma pessoa muito séria e de poucas palavras. O seu filho também tinha vindo junto. Como ele era um nissei, não quis ser rude e disse “muito prazer” (risos), mas ele me respondeu “pode falar em japonês” (risos). Desde então, tive auxílio do Sr. Yamamoto também em relação à enguia. No entanto, o Prof. Yamamoto não pensava somente na criação de enguia. Parece que ele pensava na aquicultura como um todo no Brasil. Depois que eu cheguei, nos primeiros seis meses, ele me levou umas duas vezes à Estação Experimental em Pirassununga. Percebi que durante as conver-

sas com o responsável pela Estação de Pirassununga a postura do Prof. Yamamoto estava mudando em relação à criação de peixe. Quando nós chegamos à Fazenda Tozan, já havia *black bass* nos tanques e também tilápia moçambicana. Achei interessante, e enquanto o Prof. Yamamoto se encontrava, efetuei dois ou três transportes de enguia. Em determinado momento, ele me perguntou se não poderia fazer o transporte de camarão. Ele disse que seria interessante e rentável enviar camarões vivos para o Japão. Eu disse: “Professor, isto é impossível”. Ele disse que poderia testar enviando-os do Japão para cá, e se chegassem vivos, poderia pensar na possibilidade. Foi enviado para cá, e quando chegou aqui, já estava cheirando mal. A carpa capim, chamada também *grass carp*, cresce alimentando-se de capim, e ele disse para importarmos esta espécie. Pedi para minha escola enviar e criei aqui em baixo. Quando elas cresciam até 28 ou 30 centímetros, começavam a ficar ariscas, e ao verem a sombra das pessoas, fugiam agitadas. Então, metade do que foi trazido morreu e sobraram apenas uns seis peixes, que foram entregues ao centro de pesquisas de Pirassununga. Em seguida, trouxemos o *pond loach (dojo)*. Esse era relativamente fácil de cuidar, e criamos no tanque aqui embaixo. Eu achei que naquele ambiente não iriam se reproduzir naturalmente, então injetei a hipófise de uma espécie de rã comestível, a rã touro. Isto deu certo, houve desova de pequenos alevinos que começaram a aparecer e o Sr. Yamamoto fazia gestos para observar. À noite ele me chamava para esta sala, se sentava aqui e fumava o seu cigarro. Ele não falava muito, só uma ou duas palavras durante uns cinco minutos, e às vezes acendia o cigarro ao contrário. Acho que ele realmente gostava de fumar.

OKI: Gostaria de saber como eram transportados alevinos do Japão, em sacos plásticos com oxigênio?

SHIMIZU: Sobre isso deixei um relatório na Fazenda Tozan. Do Japão até Cingapura foram 72 horas em viagem de ida e volta. Foram realizados dois testes sem abertura da embalagem e para os preparativos mais 16 testes. Os resultados destes testes também estão guardados na Fazenda Tozan.

OKI: Quantos foram criados e quantos consumidos?

SHIMIZU: No meio do processo, eu comecei a achar que o tanque era muito pequeno e que se não drenássemos a água aos poucos, seria arriscado. Mas durante um longo período a água vinha ou de Tanque Vermelho ou Laranja, e a água vinha de uma distância de uns 800 metros. Quando chovia, entrava uma água lamacenta, que era outro problema. Discutimos o que poderíamos fazer, nessa altura, cerca de 80% estavam mortos. Conclui que se fossemos criar enguia novamente em cativeiro, seria muito difícil fazê-lo na fazenda. Então, pedi para um colega mais novo para assumir, mas não aceitou. Recordo que foi em abril (1963), fui me despedir do Prof. Yamamoto e ele me disse: “a água do vizinho não é tão doce”, e estas foram as últimas palavras do Prof. Yamamoto. No dia do seu enterro, estava no interior do Maranhão, realizando levantamento sobre peixes.

OKI: Isto está relacionado com o Sr. Tsujino, dos alevinos franceses e brasileiros...

SHIMIZU: Sim, depois disso, eu trouxe primeiro do Japão, e na época, 1 kg custou por volta de 400 dólares, e hoje em dia o valor aumentou mais de cem vezes, comparado com o valor da época. Isso porque é difícil de se conseguir alevinos. Eu pensei em lidar com espécies de Nantes e Bordeaux, na França, Comacchio, na Itália e de Cuba. Cuba foi o único lugar de onde não pude trazer, mas meu amigo conseguiu fazer pelo menos uma coleta em Cuba. As enguias existem no mundo inteiro.

OKI: Qual a ração?

SHIMIZU: Tive dificuldades com a ração para enguia. Pedi para comprarem sardinha e dei a eles, mas no começo havia aqui uma criação de bicho-da-seda. Eu peguei umas crisálidas, mas elas já vinham completamente podres (risos). Em seguida, comprei sardinha e dei a eles, mas então os trabalhadores disseram: “Eu não como sardinha, nem sardinha consigo comer”, e aquilo foi um choque para mim (risos).

YAMAZOE: Ouvi dizer que o professor Yamamoto era uma pessoa de visão ampla. Para começar, ele ficou famoso pela agricultura, com café, algodão, milho, silvicultura, com o eucalipto, e então a pecuária, com o zebu e nelore. E também a aquicultura, portanto, ele tinha uma visão realmente ampla, abrangendo agricultura, silvicultura e aquicultura.

SHIMIZU: Isso mesmo. Sobre a aquicultura, existe um livro, e parece que ele tinha muito interesse no assunto. A enguia era apenas um exemplo. Chegando aqui, eu não sabia o que fazer, ia sozinho na escola, queria construir um açude para enguia. O Seki foi quem me ajudou em tudo. Todos os levantamentos para construir o açude foram feitos por ele. Eu apenas segurava a corrente e ele fazia o levantamento (risos). Todos esses dados devem estar guardados na Fazenda Tozan.

OKI: A enguia chegou até o ponto de ser comestível?

SHIMIZU: Atingiu aproximadamente 60 centímetros.

OKI: Então todos comeram?

SHIMIZU: O mais pesado tinha cerca de 350 gramas.

SHIMIZU: A carpa capim (*grass carp*) parece que está agora está bem consolidada no Brasil. Mas não é a espécie que eu trouxe. Imagino que ela tenha entrado posteriormente, da China ou de algum outro lugar. A carpa capim, a carpa prateada (*silver carp*), bem como seus parentes parecem estar se reproduzindo por aqui atualmente.

UCHIDA: Quando eu saí do Japão, eu cortei umas 220 enguias. Ainda tenho a faca para cortar enguias, mas a minha lâmina é para a esquerda, pois sou canhoto. Eu cortei, e a Sra. Isoe Yamamoto temperou. Eu trouxe o molho do tempero em uma garrafa térmica, mas a Sra. Isoe disse que este era doce (risos). Fiquei na dúvida se colocava na panela de vapor ou assava daquele jeito mesmo, mas achei que daria muito trabalho, então assei.

NISHI: Sr. Uchida, estou confessando agora, mas naquela época éramos solteiros, uns cinco ou seis jovens. O Sr. Shimizu cortou uma e nós comemos. Isso era segredo (gargalhadas).

OKI: Sr. Seki, o senhor disse que construiu um açude, qual era o tamanho?

SEKI: Era um tanque pequeno. Eram alevinos pequenos, que tinham vindo de navio a íamos criá-los ali. Não era tanque para produção. Foi o trabalho que eu fiz logo que cheguei ao centro de treinamento.

OKI: Já havia realizado algum outro serviço de construção civil?

SEKI: No Japão, eu estudei engenharia civil, e com um professor especialista em solo, assistia às suas aulas, por isso tinha bons conhecimentos sobre solos; foi então que um dia eu escutei o Sr. Yamamoto falando no banco de trás do carro: "Na realidade, eu gostaria de escrever um livro sobre os solos do Brasil". De fato! O solo do Japão e do Brasil são bastante diferentes. A meu ver, o solo japonês é extremamente fino, com partículas extremamente pequenas e com uma alta propriedade de retenção da umidade. Então, este foi o ponto que chamou o interesse do Sr. Yamamoto, e eu pensei que ele estava tentando descobrir o que fazer para aumentar o poder de retenção de umidade do solo brasileiro, e acho que ele estava analisando este assunto sob este ponto de vista. Ele mantinha contato frequente com o IAC, ele aplicava na fazenda aquilo que era pesquisado no IAC. Principalmente com relação ao plantio de algodão e os métodos de plantio de café, plantava-se quatro, dois, ou um pé, para obter maior produtividade. De segunda a sexta assistíamos as aulas e no sábado havia prática de campo. Uma das práticas era de arrancar o pendão da parte mais alta do pé de milho para fazer hibridação. Era um trabalho solicitado pelo IAC para produção de sementes de milho híbrido. Com relação à silvicultura, conforme comentado pelo Sr. Yamazoe, além do eucalipto, havia também plantios de tungue (aburaguiri), abrangendo aquícultura, agricultura, silvicultura, pecuária, além das suas aplicações práticas. Acho que umas das grandes características do Prof. Yamamoto era sua visão muito ampla.

OKI: Sr. Horiuchi, fale sobre alguma impressão com relação às pesquisas realizadas com o Prof. Yamamoto, máquinas agrícolas.

HORIUCHI: Não foi sobre máquinas, mas apenas gostava disso. Depois que eu vim, estudei aqui junto com todos durante um ano e meio, e quando estava pensando o que fazer depois da conclusão de estágio, fui chamado pelo Sr. Yamamoto e eu disse: "Na época de estudante realizei pesquisas sobre jovens em zonas rurais e sobre gerenciamento". Na época, estava em andamento no Bunkyo um recenseamento da colônia japonesa e estavam procurando alguém que tivesse estudado estatística. Então eu disse: "Estatística foi o que eu mais estudei. Eu sempre atuei nessa área". Então, de imediato fui levado ao Banco Tozan e o Sr. Teiichi Suzuki me pediu para aplicar métodos estatísticos no recenseamento que estava sendo realizado e trabalhei lá durante um mês.

OKI: Então, Sra. Noguchi, fale-nos sobre a sua ligação com o professor.

NOGUCHI: Não tive muita ligação com Prof. Yamamoto. Como filha de funcionário da fazenda, do convívio com ele, só guardo boas lembranças. Então, o sentimento que eu tenho é que ele sempre se preocupou bastante com o bem-estar das pessoas. Em 1962, quando terminei a faculdade, meu pai levou o convite de formatura e ele aconselhou que meu pai providenciasse um cargo público, mas infelizmente ele não pode ajudar porque logo em seguida ele ficou muito doente e veio a falecer. Então, hoje eu sinto que, se ele tivesse me dado essa oportunidade de ter um cargo público, estaria muito bem.

OKI: Em que área você se formou.

NOGUCHI: Sou cirurgiã-dentista.

OKI: Na época, qual era a proporção de *nikkeis* que faziam faculdade de odontologia?

NOGUCHI: Na minha turma eram dois nisseis. Não tinha muito...

OKI: Gostaria de perguntar ao Sr. Toru, você não conheceu o Prof. Yamamoto, mas sabia da existência desta fazenda no Brasil, sabia das atividades desenvolvidas?

IWASAKI: Eu tinha um certo conhecimento.

OKI: Pela nossa percepção, a Fazenda Koiwai era muito famosa, seria um lugar ideal para fazer treinamento. Quais seriam as impressões sobre uma fazenda no Brasil?

IWASAKI: As fazendas do Brasil e do Japão não tinham ligação direta. Na década de 1990, a Fazenda Koiwai enviou pessoas para formar um elo com a Fazenda Tozan, mas isto não teve nada a ver com o Prof. Yamamoto. Assim, só fiquei sabendo do Prof. Yamamoto quando vim para esta fazenda e li diversos livros a respeito. Além disso, havia muito material aqui, então achei que isto deveria ser preservado de alguma maneira. Quanto ao assunto tratado anteriormente, por exemplo, existe uma espécie de tese simplificada, ou um relatório sobre o café do Brasil, datado de 1929, e é um documento extremamente detalhado. Não cheguei a ler o conteúdo todo, mas quando o professor Yanaguida estava organizando, ele comentou que havia esses materiais e foi então que eu conheci. A letra do Prof. Yamamoto era muito bonita, detalhada, admirável. Um dia olhei o material, e é algo feito com cuidado, minúcia, caprichado e de fácil leitura.

OKI: Sr. Júlio Yamamoto, o senhor tem alguma lembrança do seu avô? Onde nasceu?

YAMAMOTO: Em São Paulo. Não me lembro de muita coisa dele porque sempre estava com muita visita e a gente vinha para a fazenda para passear e ir ao mato. Mas, meu tio antes de morrer, escreveu algumas coisas da fazenda, da família e acho que dá para tirar muita coisa daqui. Eu pedi autorização para o meu primo. Eu tirei cinco cópias e vou deixar aqui. E, muitas das coisas que eu vi, eu não entendo muito japonês, mas consegui entender. Tem muita coisa que está escrito aí e acho que foi antes da vinda de vocês. Ele fala muito da família,

como ele era dentro da família, porque meu pai também não comentava muito. Então, eu entendi muita coisa aqui de como ele era na família. Eu só tenho poucas lembranças, acho que eu tinha sete ou oito anos.

OKI: Brincava muito aqui na fazenda?

YAMAMOTO: Vinha aqui nas férias. Aí depois meu pai, que trabalhava no Banco Tozan e foi para Lins, a gente vinha só de vez em quando, uma vez por ano para cá. Quando estava em São Paulo a gente vinha mais.

5. Quais foram as Contribuições do Dr. Kiyoshi Yamamoto para a Melhoria da Tecnologia Agrícola Brasileira? Relacionamento com a ABETA

OKI: Passamos agora para o último tema, seguido de debate. Inicialmente, acredito que o grau de contribuição do Prof. Yamamoto foram muitos, incluindo a ABETA, para a melhoria das técnicas agrícolas no Brasil, que é o ponto mais importante. Prof. Miyasaka, poderia dar a sua opinião a respeito?

MIYASAKA: As pesquisas realizadas aqui, por nós, foram muito bem avaliadas pelo Instituto Agrônomo de Campinas. Recordo-me que, quando participava das reuniões e mesmo em outras instituições como, por exemplo, na Holambra, sempre que se comentava sobre pesquisas realizadas na Fazenda Tozan, com estagiários e o modo de pensar do Prof. Yamamoto, eram muito respeitadas. Senti que as novas atividades desenvolvidas com a vinda de jovens técnicos do Japão deveriam ser mais conhecidas. Além disso, a impressão que o Prof. Yamamoto nos deixou perante a sociedade, é a sua a força exercida de diversas maneiras, durante o período de pós-guerra no meio *nikkei*, que estava bastante confuso no Brasil.

OKI: Eu sempre andava colado ao Prof. Goro Hashimoto e, naquela época, o professor tinha livre acesso em instituições como o Jardim Botânico e Universidade de São Paulo, mantendo conversas livremente, no mesmo nível como pesquisador. Hoje, se nós, agrônomos japoneses, procurarmos essas instituições, sequer somos atendidos.

MIYASAKA: Com certeza, eu também tenho a mesma impressão.

OKI: Naquela época até o próprio IAC nos olhava com outros olhos.

MIYASAKA: Naquela época o nosso diretor deixava a agenda aberta quando havia a visita do Prof. Yamamoto.

SEKI: Um dos importantes papéis que o Sr. Yamamoto cumpriu como *nikkei* foi o de ser o único membro japonês na Sociedade Rural Brasileira, assim como ser o primeiro e único membro do Jockey Clube. Talvez seja o lado pouco conhecido, mas o Sr. Yamamoto tinha uma grande natureza humana, com amplo relacionamento, participando como *nikkei* na Sociedade Rural Brasileira, que reunia os grandes fazendeiros da época.

OKI: Sr. Nishi, eu também quando fazia visitas ao Sr. **Shimosaka (Togoro Shimosaka, 22º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1988)**, no Cerrado para vender adubo e mudas de café, todos seguiam as orientações técnicas da Tozan. Nesse ponto, qual teria sido o grau de contribuição?

NISHI: Acredito que isso tenha acontecido graças à orientação que o Prof. Yamamoto deu à Fazenda desde o período antes da II Guerra e mantida posteriormente. A contribuição do Sr. Yamamoto vem desde a obtenção do título de doutorado no Japão com as pesquisas sobre vespa de Uganda. Em qualquer lugar que se vá, no Brasil, essa pesquisa é conhecida. Quando voltei a trabalhar aqui, fui primeiro na Seção de Café do IAC com o Dr. **Alcides Carvalho (13º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1977)**, que ainda era vivo. Ele era geneticista de café mundialmente conhecido. Quando mencionei que era da Fazenda Monte d'Este, ele respondeu: "Ah, Dr. Yamamoto". Eu fiquei surpreso e fui encaminhado por ele para Luiz Carlos Fazuoli, também conhecido geneticista de café.

OKI: O Prof. Yamamoto era muito conhecido entre os brasileiros. O nome da Fazenda Monte d'Este era associado ao Prof. Yamamoto e o nome do Prof. Yamamoto ao café, tal o grau de conhecimento do nome dele.

YAMAZOE: Pode-se dizer que a Fazenda Tozan e o IAC trabalharam juntos? O IAC realizou pesquisas e experimento aqui. Ou seja, aqui era como se fosse um campo experimental do IAC. Bem que gostaríamos de ouvir as pessoas do IAC que conheceram o Prof. Yamamoto. O Sr. Fazuoli ainda encontra-se bem? Gostaríamos de ouvi-lo.

MOTOHASHI: Obviamente que, mesmo que o encontremos, ele deve estar com a idade bastante avançada.

SEKI: Acredito que o Prof. Yamamoto não tenha se envolvido diretamente nos detalhes da pesquisa, porque ele não dispunha de tempo. Quando viemos aqui, existia a pesquisa com a vespa de Uganda. Com exceção dessa pesquisa, ele só cuidava de assuntos maiores. Além disso, a sua forma de trabalhar era a aplicação dos resultados de pesquisa obtidos no IAC.

OKI: Assim, a vespa de Uganda era bastante famosa e tinha problemas como o ferormônio, inseticida biológico que hoje é aplicado em diversas áreas. Até que ponto a vespa de Uganda foi difundida nas vastas áreas de cafezais em todo o Brasil? Será que não terminou apenas como tema de pesquisa ou como mais pesquisa?

SEKI: Não sei dizer se a pesquisa sobre vespa de Uganda serviu para a cultura do café.

MOTOHASHI: Pode ser respondido pelos agrônomos...

OKI: Quero dizer que, depois disso surgiram os inseticidas fortes para combater a broca do café, como o BHC e o DDT, que foram difundidos por uns 20 anos.

NISHI: O prof. Yamamoto reproduziu e disseminou a vespa de Uganda e depois continuou pesquisando e alcançando resultados que foram apresentados por escrito.

YAMAZOE: Foi publicado em português: “Assim falou a vespa de Uganda”. Achei muito interessante como foi escrito, em forma de manual, de fácil compreensão. .

NISHI: Eu ganhei os dados daquele livro através do Sr. Yoshimura, que trabalhava aqui na fábrica de sakê e tinha os originais. Ele me passou, dizendo: “Me restam poucos anos de vida. Nishi, você poderia ficar com os originais?”. Deixei-as em casa por uns dois ou três anos dentro de um quadro, mas achei que não estava sendo útil e entreguei a uma pessoa do Bunkyo, a quem doe. Nesse artigo, realmente estavam escritos, detalhadamente, os resultados após a soltura da vespa de Uganda e o que aconteceu na fazenda.

YAMAZOE: No manual “Assim falou a vespa de Uganda”, constam dados de 17 anos, de 1930 a 1947. Está descrito detalhadamente ano a ano a incidência da broca do café no período que houve soltura de vespa de Uganda na Fazenda Tozan. O manual possivelmente foi publicado antes da obtenção do título de doutorado do Prof. Yamamoto. Portanto, acredito que os dados básicos da tese constam no manual.

NAGAI: A vespa de Uganda não está sendo muito utilizado no café. A cana-de-açúcar também é atacada pela broca, controlada biologicamente. Atualmente, está bastante difundido o uso de inimigo natural. Assim, atualmente estão em uso fungos para controle da broca do café.

OKI: Como está a questão da prevenção da broca do tomateiro com feromônio, divulgado pela TV?

NAGAI: Diversas empresas têm desenvolvido inimigos naturais e atualmente estão sendo comercializados. Está sendo utilizado para o controle de ácaros, um outro ácaro como inimigo natural. Isso significa que nos dias de hoje esse tipo de controle tende a aumentar cada vez mais.

NAGAI: Mais um item a complementar. Isso foi quando eu ainda era criança e visitei essa Fazenda, onde o Prof. Yamamoto fazia pesquisa com sombreamento de café, usando o tungue, do qual se extrai o óleo (aburagui). Porém, não deu bons resultados porque a sombra era excessiva, de 50%. Provavelmente, essa pesquisa também foi realizada em parceria com especialistas do IAC.

NISHI: Na época em que cheguei aqui, do outro lado da estrada, tinha pés de café plantados com árvores de sombreamento. Naquela época, não era tungue. O tungue estava plantado mais abaixo do mirante, localizado no ponto mais alto. Na época em que chegamos, plantava ingá para sombreamento.

NAGAI: Isso foi na fase seguinte e o ingá dá uma boa sombra. De acordo com um especialista do IAC, o sombreamento de 50% é excessivo nesta região, recomenda-se 30% e foi indicado que o ingá era melhor. Acredito que o Prof. Yamamoto tenha feito essa pesquisa também.

OKI: Relacionado à árvore, houve festa de 150 anos de Jichinsai naquela igreja. Em volta da igreja, debaixo do eucalipto, existe uma planta da família Anonácea e os frutos, depois de moídos, substituem a pimenta-do-reino. Essas

informações aparecem na bibliografia. Não sei de onde veio, será que alguém entende desse assunto? Ficam carregadas de flores grandes, brancas e dão frutos empipocados.

YAMANAKA: O Prof. Yamamoto sempre trazia isso e aquilo, as plantas e sementes que estavam na moda (risos).

OKI: Sr. Yamanaka, o senhor que trabalhou na JICA, houve algum momento em que a Tozan tenha lhe servido de apoio?

YAMANAKA: Na entrada da Fazenda havia uma touceira de bambu gigante e eu levei-a para multiplicar. Levei várias plantas que o professor tinha, como centrosema e agave, que divulguei.

OKI: Sobre a crotalária, que foi citada como adubação verde para a soja. Houve alguma pesquisa sobre crotalária? Hoje não se fala muito, mas há uns 30 anos a semente de crotalária foi muito comercializada, porque se dizia que controlava o nematoide.

MIYASAKA: Um dos principais motivos porque a crotalária não foi utilizada como adubo verde foi devido à dificuldade de adquirir semente, não era fácil de ser encontrada. Tinha também a mucuna.

MIYASAKA: Há diversas pesquisas sobre controle de nematoide. De qualquer modo, o que nós queríamos aprender dos professores era a visão ampla que eles tinham e não o campo restrito que o IAC nos passava. Nesse aspecto, o controle biológico daquela época era algo que tinha muito sentido.

MIYASAKA: Estou me lembrando do Prof. Yoshiharu Fujii, de quem fiquei muito amigo quando trabalhava na Universidade de Tsukuba, no Japão. Ele tem-se empenhado em vir ao Brasil ocasionalmente para estudar o manejo de plantas de forma integrada, utilizando a alelopatia no controle de ervas invasoras. Desse ponto de vista, espero contar com a cooperação de pessoas mais jovens do Japão, como acontecia antigamente. Eu já estou com 90 anos de idade e as ideias continuam, mas na realidade... Neste ponto, peço a colaboração de todos.

OKI: Sr. Sato, o senhor está calado.

SATO: Na época em que cheguei, certa vez o professor disse: “Aprender logo o idioma, saber aproveitar o dinheiro dos outros, fazer o que você gosta e dedicar-se às pessoas, também é vida”.

YAMANAKA: Sr. Oki, uma das coisas que fui advertido pelo Prof. Yamamoto foi que, caso viesse casar com uma brasileira, ficaria bem gordo (risos).

OKI: Ou seja, você não pôde casar com uma brasileira?

YAMANAKA: Até os 31 anos de idade (risos)

6. Relato das Recordações dos Estagiários

OKI: Agora peço para contar as lembranças entre os estagiários. Sra. Ikeda, como eram os estagiários daqui? Vinham sempre tomar pinga?

Sra. UCHIDA: Sim, tomavam bastante (risos).

OKI: Tomavam o 51 (cachaça) ou deixavam preparados o de alambique?

Sr. UCHIDA: Havia uma com o nome 29. Isso foi antes de aparecer o 51. Na parte baixa da fazenda havia uma lagoa e o pessoal vinha nos procurar na hora do jantar, com algum propósito.

YAMANAKA: Eu, o Ito (risos).

UCHIDA: A distância era de aproximadamente 2 quilômetros até o centro de treinamento, e não conseguiram caminhar de volta esses 2 quilômetros. E, no campo, mais abaixo da casa, havia uma lagoa onde o pessoal dormia até a manhã seguinte.

OKI: Isso, principalmente com o Sr. Yamanaka?

YAMANAKA: Bem, nós fazíamos um debate. Quando chegava no auge da discussão, terminava com a frase “Então tente fazer!”. Aí, ficamos todos sem saída (risos).

UCHIDA: O meu relacionamento com os estagiários é longo, mas creio que a maior contribuição do Prof. Yamamoto foi a de ter chamado esses estagiários. Eu continuo na atividade agrícola, mas o período em que a agricultura brasileira era mais ativa foi justamente a época em que vocês atuaram como estagiários e posteriormente como agrônomos. Até hoje, nós estamos gratos aos estagiários por terem nos auxiliado em assuntos relacionados à agricultura. Também, acredito que isso se deve à visão futurista do Prof. Yamamoto.

NISHI: Na época em que permaneci aqui, ia à Colônia Tozan com frequência. Formamos um time de beisebol e mal iniciamos, vencemos o campeonato local, ainda no primeiro ano. Assim, fomos participar do campeonato brasileiro no Bom Retiro. Aconteceu que o time venceu de *Called Game*, por 18 ou 19 a zero, do time de Londrina. Eu não sabia, mas o Prof. Yamamoto estava assistindo o nosso jogo na arquibancada, atrás do *backnet*.

Eu era funcionário da Fazenda. O gerente da Fazenda era o Sr. Fujiwara e eu havia tirado uma folga de feriado prolongado para ir ao jogo de beisebol sem avisar (risos). Quando voltei, o Prof. Yamamoto veio passar o sábado, domingo e segunda-feira como sempre, e como de costume, saiu às nove da manhã para dar uma volta na Fazenda no veículo do Sr. Fujiwara. Acabei me encontrando com eles e me convidaram: “Nishi, você quer ir junto?” Pulei no carro pensando “que bom!”. À medida que íamos rodando a Fazenda, Prof. Yamamoto reclamava: “Sr. Fujiwara, esse cafezal está sujo, falta capinar”. A certa altura ele me perguntou: “Nishi, como foi o beisebol?” (gargalhadas). O Sr. Fujiwara ficou me olhando com uma cara estranha. Fui ingênuo. Esse foi um dos casos (risos).

OKI: Quantos dos estagiários se tornaram técnicos na colônia?

MOTOHASHI: Da colônia? Das cooperativas agrícolas?

OKI: Quase todos, incluindo a colônia?

MOTOHASHI: Acho que não chegou a esse ponto, mas pelo menos a metade.

NISHI: Deve ter chegado aos 70 ou 80%, se eu não estiver enganado.

OKI: E o Sr. Shimizu, o que fez depois da enguia?

SHIMIZU: Chegou um estagiário calouro chamado Johei Koike e ele me disse: “Pode deixar comigo!”. Ele ficou aqui durante meio a um ano após o falecimento do Dr. Yamamoto e depois tornou-se professor titular do Departamento de Aquicultura da Universidade Federal do Ceará em Fortaleza. Eu tornei-me um nômade e rodei o Brasil todo, por mais de um ano. Depois, fui trabalhar na metodologia administrativa da pesca e levantamento de dados da atividade pesqueira. E, finalmente, hoje trabalho como consultor e pretendo me aposentar este ano, pois completarei 80 anos de idade.

SEKI: Tem o Matsuoka da terceira turma, que se tornou professor titular da Universidade de Minas Gerais (Viçosa).

MOTOHASHI: São três pessoas da terceira turma. Um foi para os Estados Unidos, outro foi para Fortaleza ou Recife na aquicultura e encontrei pessoalmente. Ele gosta de uma bebida alcoólica! Mesmo no meio da aula, deixava pinga na mesa e virava a garrafa direto na boca (risos).

MOTOHASHI: No final, acabou estragando o fígado.

MOTOHASHI: O Prof. Miyasaka comentou agora pouco que recebeu estímulo de nós, jovens, mas nós também ficamos surpreendidos quando assistimos às aulas do professor. Quando fomos pedir explicação sobre vários tipos de feijão, ele escreveu tudo em kanji, vários kanjis que nem nós sabíamos. Não imaginávamos que fossemos encontrar pessoas assim no Brasil. E, veja isso (mostrando as anotações daquela época). Por acaso apareceu uns dois ou três dias atrás essas anotações da aulas do Prof. Miyasaka. Está escrito em nome científico. E como eu não conseguia escrever em kanji o que o professor escreveu, eu acrescentei anotações ao lado. (gargalhadas). Além dele, haviam professores como Hiroshi Saito, Tsunezo Sato e Nishimukai, este último era do Colégio de Economia de Kobe. Fomos examinados por eles, e como não conseguíamos escrever direito, gostaríamos de pedir para que as provas guardadas no arquivo da Fazenda, se tornem públicas mais adiante (risos).

OKI: Gostaria que contassem mais algumas passagens pitorescas. Por exemplo, que o Sr. Yamanaka tenha caído na lagoa embriagado.

OKI: Todos se davam bem entre si? Não chegaram a judiar?

NISHI: Judiar, creio que não. Sobre bebida, digo que bebíamos muito!

MOTOHASHI: Após o falecimento do Prof. Yamamoto a viúva morava num local que não era condizente. O Prof. Kiyoshi Yamamoto era uma pessoa que não se importava com o seu próprio patrimônio, não deixando nenhum bem, dando a impressão que ele se dedicava para os outros. A Sra. Isoe morava num pequeno apartamento, de frente para a praça da Liberdade.

NISHI: Após o falecimento do Sr. Yamamoto, eu mantive constante contato com a família. O Dr. Jun Yamamoto foi meu padrinho de casamento. A viúva, Sra. Isoe, morava um ou dois andares abaixo do apartamento do Dr. Jun, por isso, eu a visitava sempre. Depois, Dr. Jun mudou-se para Paulista e a Sra. Isoe, para Aclimação, numa casa pequena. Ficou a impressão de que o Prof. Yamamoto pouco se importava com a casa. Na ocasião da vinda de Shigueru Yoshida (então primeiro-ministro do Japão), que passou uma noite em São Paulo, nós estávamos na pensão, com cinco ou seis pessoas, em roupas sumárias, pois estava quente, “jogando conversa fora” quando a Sra. Isoe apareceu, deixando por uns momentos o jantar oferecido para o primeiro-ministro Yoshida e ouvimos dela a queixa: “O meu esposo não ajuda em nada nas coisas de casa”. Vários anos após o seu falecimento, quando comecei a manter o contato com a Sra. Isoe, tive a convicção dessa sensação. Ele era acadêmico, intelectual típico.

MOTOHASHI: Ele não tinha nenhum apego ao patrimônio pessoal.

NISHI: Me lembro que havia uma variedade de manga com o nome da Fazenda, manga Monte d’Este, que hoje não existe mais. Será que na sua casa ainda tem?

UCHIDA: Não, não tenho.

NISHI: Não tem? Na propriedade do Sr. Tsutsumi havia um pé, apesar de que o sítio já foi vendido. Esses cinco pés que eu digo ficavam aqui bem em frente, no meio das goiabeiras. Era uma árvore frondosa. Essa manga tinha o formato de um coração com coloração verde, mesmo estando madura. Eram muito boas porque eram duráveis e o prof. Yamamoto, quando ia ao Japão, levava sempre umas duas ou três escondidas no bolso. Quem deu esse nome foi o Dr. Salim Simão.

YAMAMOTO: Estudou com meu pai em Campinas.

NISHI: Na época do ginásio, o Dr. Kan, que é o pai dele, era da mesma idade, Salim Simão foi para Piracicaba, enquanto o pai dele foi para São Paulo na área de Ciências Contábeis. Foi aí que eles se separaram. O Salim Simão morou por alguns anos na casa do Dr. Kiyoshi Yamamoto estudando junto com Sr. Kan. Por esse motivo, o Dr. Salim colocou o nome de Monte d’Este na manga. Quando Prof. Yamamoto faleceu, o Dr. Salim Simão veio de Piracicaba especialmente para o velório e fez um cumprimento de despedidas, às lágrimas. O Dr. Salim Simão, então Diretor da ESALQ, ficou extremamente emocionado.

YAMAZOE: O centro de treinamento ficava aqui dentro da Fazenda?

MOTOHASHI: Ficava a uns 20 minutos daqui caminhando.

NISHI: A Tozan havia comprado três fazendas, sendo que uma delas nós chamávamos de São José, e nela existia um prédio que parecia ser a sede da fazenda. Quando fizeram o centro de treinamento foi acrescentado um prédio para alojamento para nós, e quando fechou o centro de treinamento, o prédio ainda existiu por mais uns três anos.

SEKI: Eu publiquei uma revista chamada Ano de 1950 e numa página coloquei as fotos do centro de treinamento e fotos de pessoas importantes que passaram por aqui.

MOTOHASHI: Conforme foi citado há pouco, na época de recepção da nossa segunda turma, havia uma foto do Sr. Yasunari Kawabata e do Srs. Yamamoto, Hiroshi Saito e Tomoo Handa bebendo.

NISHI: O prédio da antiga fazenda, onde funcionou o centro de treinamento ainda existe. Ele está nas mãos de um brasileiro. Quando da conclusão da terceira turma e estando já definido o encerramento do programa, fomos eu e mais uns dois ou três colegas da primeira turma a São Paulo procurar o Sr. Shozaburo Yamaguchi para negociar a compra do prédio. O Sr. Yamaguchi não concordou em vender. Como não tínhamos dinheiro, pedimos que o pagamento fosse parcelado, mas a nossa proposta foi totalmente recusada.

MOTOHASHI: Aproveitando a presença do Sr. Iwasaki, a Fazenda Tozan aparece na Fazenda Koiwai e no Mitsubishi (shopping) do Marunouchi, mas não há nenhuma referência sobre o Kiyoshi Yamamoto. Existe possibilidade para deixar espaço para isso?

IWASAKI: Acho isso difícil.

NISHI: Sr. Motohashi, a Fazenda Tozan dentro da Mitsubishi, não passa de uma pequena empresa, e o Sr. Yamamoto nessa Fazenda não passava mais do que “balconista-chefe” perante a Mitsubishi. Portanto, acredito que não seria uma pessoa a ser incluída no topo da empresa Mitsubishi.

IWASAKI: Além disso, não é Mitsubishi. Não há nenhuma relação direta da Fazenda Koiwai com a Fazenda Tozan, na qual eu simplesmente tentei criar um vínculo, não é tão simples.

MOTOHASHI: De fato. Entendi.

SHIMIZU: Entre as pessoas que nos deram o suporte durante o estágio, somente o Prof. Miyasaka continua na ativa, mas no período abrangendo antes e depois do estágio, tivemos a ABETA e o Sr. Haga, Cônsul, que nos deu apoio, orientação ou nos encaminhou para emprego. Sobre isso quem está mais bem informado é o Seki.

SEKI: Posso falar sobre a ABETA?

MOTOHASHI: Poderia falar sobre ABETA quando você foi Secretário-Geral?

SEKI: Sobre a ABETA, acredito que no livro “História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto” não está escrito de forma correta, assim, vou falar com este foco. Após concluir o estágio na Fazenda Tozan, passei um ano em Campinas desempregado. Aí, recebi convite do Cônsul Haga, por intermédio de um estagiário, para trabalhar na ABETA. Acredito que tenha sido no início do ano de 1962 e o escritório, naquela época, localizava-se na Rua Roberto Simonsen, número 72 a 78. Esse local ficava entre a Praça da Sé e a Rua Quinze de Novembro. A sede da ABETA ficava no segundo piso do Banco Tokyo, e não do Banco Tozan. Eu assumi o serviço de escritório após o Sr. Yamaki, que era irmão mais novo de uma pessoa famosa em poesia e poema japonês daquela época, que morava em Suzano. No artigo do Sr. Haga,

do citado livro, consta que Seki sucedeu o Sr. Kon no cargo de Secretário-Geral da ABETA, mas desconheço que o Sr. Kon tenha trabalhado. Referindo-me ao local na época, o Banco Tozan ficava na Rua Silveira Martins, 64. Sempre que ia pegar a assinatura do Prof. Yamamoto, o procurava no 7º andar do Banco Tozan, onde ficava a secretária do Sr. Yamamoto. Kiyoshi Yamamoto era presidente da ABETA, o vice-presidente era Takeo Hattori, o diretor superintendente era Tatsuo Sunaga. Além deles havia Keiichi Matsumoto, de Itaquera, e Taiti Yoshioka. Sempre fazíamos reunião em uma sala do restaurante da Rua Galvão Bueno, almoçando no local. Dava impressão de que se reuniam somente pessoas discretas (risos), as pessoas responsáveis pela ABETA eram bem conhecidas, porém na sua maioria, simples. Naquela época havia grupos de pesquisas de pecuária, avicultura, formavam mesas redondas e fazia-se muita pesquisa. Depois de Silveira Martins, mudamos para o subsolo do prédio do Bunkyo, recém-construído, logo após a mudança do Enkyo (Beneficência Nipo-Brasileira), onde a ABETA conseguiu uma sala gratuitamente. E naquela época o Sr. Yamamoto sempre vinha a Campinas aos sábados e domingos e relaxava nesta sala. Certo dia, na rua, ele me disse “Seki, formou esta protuberância aqui no pescoço e não sarou. Vou consultar o médico”. Quando saí daqui, achei que o câncer pulmonar já tivesse disseminado para o câncer de laringe. Quando o Sr. Yamamoto faleceu, ele morava num belo prédio que ficava à esquerda do túnel 9 de julho, indo do Anhangabaú para a Av. Paulista. Eu sempre ia à casa dele para pegar a assinatura e lembro que encontrava com a irmã do Sr. Ikeda, que morava com a família do Sr. Yamamoto. Trabalhei na ABETA com o Prof. Yamamoto aproximadamente dois anos. Naquela época, o Sr. Yamamoto estava muito ocupado com o Bunkyo. Parece que o trabalho na ABETA era apenas hobby dele. Quem idealizou o Prêmio Kiyoshi Yamamoto foi o Sr. Sunaga. Ele elaborou o termo de instituição do Prêmio e os critérios para a seleção dos premiados. Por indicação do Cônsul Haga, fui trabalhar no Marukyu, empresa vinculada à empresa de implementos agrícolas Kubota.

OKI: Muito obrigado pelo relato interessante sobre a ABETA. Agora vamos ouvir sobre o vovô Kiyoshi Yamamoto.

YAMAMOTO: Tinha muito coisa para falar, mas vou falar em português. Muita coisa tomei conhecimento agora e eu fico grato por vocês manterem o nome dele. Fico muito agradecido.

OKI: Nós é que agradecemos.

YAMAMOTO: Nós não tivemos tanto contato assim e para nós, foi só um avô que, talvez quando a gente era criança ele deve ter dado atenção, mas depois a gente não teve mais... Depois que faleceu também, nossos pais também não comentaram muita coisa. Então, a gente acabou deixando de lado, cada um foi correr atrás de suas vidas e, agradeço muito a vocês que lembram muita coisa dele. Fiquei muito emocionado, muita coisa. Isso aqui também eu li (manuscrito do Sr. Tan), achei muita coisa que ele fez por todos. Ele sempre olhou pelos próximos. Muito obrigado.

NISHI: Várias coisas que pertenciam ao Dr. Jun Yamamoto, você tem guardado?

YAMAMOTO: Que tipo de coisas?

NISHI: Por exemplo, nas obras completas do Ryunosuke Akutagawa, publicadas pela Kawanami Bunko, existe uma coletânea de cartas trocadas entre Ryunosuke Akutagawa e Kiyoshi Yamamoto.

YAMAMOTO: Ele nunca falou nada sobre esse livro. Ele levou muita coisa para Ikoi-no-Sono, em Bom Sucesso. Porque eu lembro que tinha uma biblioteca, um armário cheio de livros. Tinha livros em japonês, tinha livros de medicina...

NISHI: Há uma coleção de 15 volumes de Akutagawa e o 16º volume especial, que se refere à coletânea de cartas trocadas entre Kiyoshi Yamamoto e Ryunosuke Akutagawa. Isso gostaria de ler.

MOTOHASHI: E se procurar no site...

NISHI: Creio que encontre. Após eu ter saído da Fazenda, fiquei dois anos no Japão. Nesse período Toson Shimasaki visitou esta fazenda e escreveu um ensaio, com o título de Ryoshu (Melancolia de Viagem) Procurei por esse livro diversas vezes no sebo de Kanda, no Japão e quando encontrei pensei: "Que livro caro!", que na verdade custava 500 ienes.

YAMAMOTO: Eu lembro que ele fez muita doação. Agora, não sei onde ele fez.

7. Palavras Finais

YAMAZOE: Prezados senhores, agradeço pelos interessantes depoimentos apresentados nesta mesa redonda, sejam eles as opiniões ou lembranças, das quais serão de grande valia para a elaboração do livro. O livro será editado em português e tudo que foi gravado será transcrito em português. No entanto, como não vai constar tudo no livro, está previsto que a gravação poderá ficar armazenado em algum site. Como há alguns textos do livro escritos originalmente em japonês, pretendemos também deixar num site.

NAGAI: Estamos seguros de que o Prof. Yamamoto fez a sua grande contribuição perante esta Fazenda, mas eu, particularmente, acredito que há mais um item importante, que é o seu talento. Acho que o professor tinha um espírito muito forte para formar pessoas e os estagiários da Tozan se incluem entre elas. Há um episódio com Fábio Yasuda, que creio que os senhores o conheçam. O pai do Sr. Yasuda foi responsável pela fazenda de Pindamonhangaba da Tozan e sempre procurava o Prof. Yamamoto. O Fábio, que na época ainda era um garoto, vinha junto. O Fábio não falava japonês, mas recebeu influência do prof. Yamamoto e foi estudar na ESALQ, em Piracicaba. Não chegou a se formar, mas tinha diversos contatos com o Salim Simão. O Fábio tornou-se uma pessoa respeitável a ponto de ser o primeiro nissei a assumir um ministério. Portanto, acho admirável esse espírito que o Prof. Yamamoto possuía, de formar pessoas.

SHIRAIISHI: Ouvindo os senhores hoje, tive a oportunidade de conhecer melhor a personalidade e a profundidade da sabedoria do Prof. Yamamoto. Ao mesmo tempo, senti que os senhores passaram por momentos muito importantes de suas vidas, durante o período da Tozan. Principalmente, no que se refere ao

texto do primeiro dia de aula, citado pelo Sr. Nishi, Ouvindo isso, fui fortemente tocado pelo espírito de luta do Dr. Yamamoto e pelo sentimento de criar jovens líderes no Brasil e cada vez mais fico surpreendido pelo professor. Encerrando, gostaríamos de agradecer a todos da Tozan que nos proporcionou este momento para estarmos reunidos aqui hoje.

OKI: Não havendo mais nada a tratar, considero encerrada a Mesa-Redonda. Muito obrigado.



Mesa-Redonda dos Tozan Kenshuseis na biblioteca da Fazenda Tozan, da esquerda para a direita: Shoji Yamana, Hirotaka Sato, Tadahisa Nishi, Shinichi Oki, Mikihisa Motohashi, Kenji Shimizu e Noboru Seki



Participantes da Mesa-Redonda dos Tozan Kenshuseis junto à lápide comemorativa dos 50 anos dos Tozan Kenshuseis



Almoço de confraternização oferecido pelo Sr. Toru Iwasaki, após a Mesa-Redonda, vendo-se da esquerda para a direita, Shiro Miyasaka, Toru Iwasaki, Guenji Yamazoe, Takaaki Uchida, Akiko Uchida e Yoko Noguchi



No mesmo almoço, da direita para a esquerda, Toru Iwasaki, Júlio Yamamoto, Guenji Yamazoe, Kunio Nagai e Kazuhisa Shiraishi

A História da ABETA e do Prêmio Kiyoshi Yamamoto

Guenji Yamazoe

A participação mais ativa de Kiyoshi Yamamoto na liderança da colônia japonesa teve início logo após o final da II Guerra Mundial, quando a comunidade se dividiu entre os “makegumi” ou derrotistas, que acreditavam na derrota do Japão na guerra, e os “kachigumi” ou vitoristas, que não aceitavam neste desfecho. Foi então criado um grupo de “esclarecidos”, reunindo as principais lideranças da colônia na época, entre os quais Yamamoto, “para levar ao conhecimento dos compatriotas o comunicado do governo japonês sobre a crítica situação enfrentada pela nossa pátria” (Okubaro, 2006), iniciando-se uma ampla campanha de esclarecimento.

Em 1950, depois de árduas negociações com as autoridades brasileiras, Yamamoto conseguiu obter o descongelamento de bens pertencentes aos cidadãos dos países do Eixo, que foram confiscados durante a guerra. Logo a seguir, Yamamoto defendeu tese de doutorado sobre Vespa de Uganda, na Universidade de Tóquio, tendo obtido o título, com louvor. A partir daí, Kiyoshi Yamamoto desponta como autêntico líder da comunidade *nikkei*, ao presidir a Comissão Colaboradora da Colônia Japonesa para as Comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, instituída em 1952.

Aproveitando o clima altamente favorável com o sucesso das festividades ocorridas em 1954, criou em 1955, a Sociedade Paulista de Cultura Japonesa, antecessora da atual Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (Bunkyo), seguida pela fundação da Aliança Cultural Brasil-Japão, em 1956, e as comemorações dos 50 anos da imigração japonesa no Brasil, em 1958, com a presença do Príncipe Mikasa.

A História da ABETA

A criação da Associação Brasileira de Estudos Técnicos da Agricultura - ABETA, também em 1958, de iniciativa de Yamamoto, inseriu-se nessa sequência de eventos altamente positivos. Em reunião ocorrida no final de dezembro de 1957, foi assinado o documento “Princípios da Fundação da Associação Brasileira de Estudos Técnicos da Agricultura” pelos seus fundadores: Jukichi Yoshima, Kaoru Hiramatsu, Keiichi Matsumoto, Kiyoshi Yamamoto, Kyunossuke Kanegae, Narumi Ueno, Renkichi Hiraga, Shugueo Hayashi, Sigueru Ushigussa, Shuhei Fujikatsu, Takeo Hattori, Tatsuo Sunaga e Toichiro Toyota. Esse documento retrata bem a situação da agricultura na época:

“A agricultura, em especial no Estado de São Paulo, atravessa um período crítico, de um lado as terras depauperadas e por outro lado, a redução de novas áreas a serem desbravadas, instabilidade nos preços de produtos agrí-

colas, política de industrialização em detrimento à agricultura, além das intempéries climáticas. Havia necessidade de tornar a agricultura menos dependente de fatores climáticos, mais intensiva e racional. Na realidade a modernização da agricultura já está ocorrendo”. O documento aponta ainda a falta de entrosamento entre pesquisadores e agricultores. Para preencher essa lacuna, são propostas, entre outras, as seguintes atividades para a ABETA:

- correlacionar os estudos e a prática, mantendo relações com institutos de pesquisas e escolas, do Brasil e do exterior.
- organizar uma biblioteca de publicações agrícolas, resumir assuntos de interesse e distribuir diretamente a pessoas ligadas aos diversos ramos da agricultura.
- importar, experimentar e difundir variedades novas de plantas aqui cultivadas.
- estabelecer entrosamento mais íntimo das técnicas agrícolas nipo-brasileiras.
- enviar os estudiosos a outros países mais adiantados para aquisição de novas técnicas, convidar técnicos de renome, principalmente do Japão.
- patrocinar palestras, reuniões, cursos, exposições, etc.

Em carta endereçada ao então Cônsul-Geral do Japão em São Paulo, Kiyoshi Yamamoto comunica a fundação da ABETA, nos seguintes termos:

“Em 09/2/1958 foi realizada a Assembléia de Constituição da ABETA, quando foram aprovados os estatutos e eleita a primeira Diretoria: Presidente - Kiyoshi Yamamoto, Vice-Presidente - Shigueo Ushigussa, 1º Secretário - Tatsuo Sunaga, 2º Secretário - Hiroshi Ikuta, 3º Secretário - Toichiro Toyota, 1º Tesoureiro - Fumio Koike, 2º Tesoureiro - Shozo Nogami, Conselho Fiscal - Shigueo Hayashi, Jukichi Yoshima e Shigueo Mizoguchi, Conselho Deliberativo - Shuhei Fujikatsu, Takeo Hattori, Renkichi Hiraga, Kaoru Hiramatsu, Kyunossuke Kanegae, Hideo Kimura, Fujitaro Nagao, Tsukane Tanaka, Narumi Ueno e Taichi Yoshioka”.

Em reunião, no mesmo dia, foram criados os seguintes grupos de trabalho: café e chá, algodão, culturas tropicais especiais, frutas do clima tropical, frutas do clima temperado, hortaliças, flores, cereais, florestamento, pecuária, aves, abelhas, bicho-da-seda, processamento de produtos agrícolas, melhoramento, doenças e pragas, defensivos, solo, adubo, engenharia rural, mecânica, climatologia, administração rural. Também foi fixada como meta, numa primeira etapa, atingir 1.000 associados.

A ABETA foi criada, no início de 1958, às vésperas das comemorações do cinquentenário da imigração japonesa no Brasil, momento em que a comunidade

marcava um grande salto, “deixando de ser um aglomerado de trabalhadores braçais para uma posição de destaque na comunidade rural brasileira”.

Takao Sakai, que foi Secretário-Geral da ABETA por cerca de 20 anos, lembra que por meio de seus associados elaborava projetos de financiamento bancário, pelos quais os bancos remuneravam a entidade. Entretanto, esse pagamento não cobria as despesas e a ABETA se via obrigada a completar o orçamento. Assim, depois de algum tempo essa atividade foi abandonada. A ABETA era basicamente mantida pelas contribuições, no valor de um salário mínimo, das cooperativas de Cotia e Sul Brasil e pelo Banco América do Sul, bem como pelas mensalidades dos associados, o que permitiu formar um fundo de cerca de 80 mil dólares, que ajudou a se manter mesmo após a cessação das contribuições regulares das empresas e dos sócios.

A seguir alguns marcos da ABETA ao longo dos quase 35 anos de existência.

Conselho de Administração

Eleito em 31/3/1980, com mandato de quatro anos - Presidente - Ruy Kikuty, Vice-Presidentes - Izuho Taniguchi, Ciro Okamoto, Hiroshi Yokoi e Toyoshiko Kashima. Secretário - Hideki Amenomori, Tesoureiros - Hadjimi Icuno e Takao Sakai. Membros - Mario Nakano, Taishi Nakamura, Mikihisa Motohashi, Hiroshi Ikuta, Tsukane Tanaka e Kunio Kitakata.

Conselho Fiscal - Takehiro Ono, Chô Yoshida e Mitsuo Yamanaka.

Eleito em 30/3/1984, com mandato de quatro anos, sem definição de cargos - Hadjimi Icuno, Ruy Kikuty, Izuho Taniguchi, Yoitilno, Takao Sakai, Hideki Amenomori, Toyoshiko Kashima, Hiroshi Yokoi, Mikihisa Motohashi, Hiroshi Ikuta, Tsukane Tanaka, Sonosuke Chiku, Yukiharu Suzukawa, Kazuhisa Shiraishi, Hisao Haba, Kenji Kuga, Masaru Katayama, Shuiti Hashizume, Tadahisa Nishi e Ciro Okamoto.

A História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto

Logo após a morte de Kiyoshi Yamamoto, em 31/7/1963, surgiu espontaneamente no seio da ABETA um movimento para a criação do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, para lhe prestar justa homenagem e preservar sua memória. Não houve uma coordenação bem definida, mas, segundo Hiroshi Ikuta, o núcleo inicial para a instituição do Prêmio foi ele próprio, Ruy Kikuty e Izuho Taniguchi. Akiyo Haga, Adido Agrícola do Consulado-Geral do Japão em São Paulo empenhou-se pessoalmente percorrendo as cooperativas agrícolas de Cotia e Sul Brasil, obtendo apoio entusiástico dos respectivos Presidentes Gervásio Tadashi Inoue e Guenitiro Nacazawa. Lembra que Takeo Hattori, colega de turma de Kiyoshi Yamamoto na Universidade de Tóquio, e Tatsuo Sunaga, então Diretor-Secretário da ABETA, tomaram a iniciativa do Prêmio, com a colaboração dos agrônomos nikkeis e já no segundo aniversário de falecimento de Kiyoshi Yamamoto, em 1965, ocorreu a primeira cerimônia de premiação (Haga, 2009). A partir de então, com a extensa rede formada por agrônomos, veterinários e

zootecnistas das cooperativas agrícolas de Cotia e Sul Brasil, a maioria filiados à ABETA, paralelamente aos trabalhos da Diretoria da ABETA, buscavam-se potenciais candidatos ao Prêmio.

Segundo Hiroshi Ikuta, foi uma época em que existia uma fartura de candidatos, pois além de um grande número de produtores rurais nikkeis, havia um acúmulo de merecedores do Prêmio no passado e o Prêmio era muito disputado, inclusive havia as “autocandidaturas”. Segundo Takao Sakai, a seleção dos premiados era feita pela própria Diretoria da ABETA e recorda que nunca houve grandes discussões na escolha, geralmente ocorria por consenso.

Conta-se que por falta de recursos, as cerimônias de outorga de Prêmios, nessa época eram bastante singelas, a confraternização que se seguia à cerimônia era preparada pelas próprias esposas dos Diretores da ABETA, entre elas Rosa Taniguchi, esposa do Izuho Taniguchi, conforme depoimento da Kiyomi Amenomori, viúva do Hideki Amenomori. Ela mesma levou em 1991, um bolo para a confraternização do Prêmio. Gostaram tanto que a partir de então se tornou “boleira” oficial do Prêmio. Eram também promovidos bonenkais no final de ano, quando Amenomori, que trabalhava na produção de frutas no Nordeste, trazia dourado de até 12 kg. pescado no rio São Francisco e ele mesmo assava para servir durante essas festas.

Com a extinção da ABETA, a partir de 1999 o Prêmio passou a ser organizado pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (Bunkyo), por uma Subcomissão, dentro da Comissão do Fundo de Pesquisa - Banco Sumitomo. Faziam parte dessa Subcomissão, Ruy Kikuty, 35º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2005, (Presidente de 1999 a 2002), Hiroshi Ikuta, 35º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2005, (Presidente de 2003 a 2004), Izuho Taniguchi, 38º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2008, (Vice-Presidente de 1999 a 2004), tendo como demais membros Hisado Haba, Kazuhisa Shiraishi, Taketo Nishimura e outros que constam no quadro abaixo, Composição da Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto.

Em 2005, foi institucionalizada a Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, sob a presidência de Miyoko Shakuda, tendo tomado o atual formato, com maior número de membros. Também data dessa época, graças ao patrocínio de empresas, o início da publicação de opúsculos com apresentação dos premiados.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS TÉCNICOS DA AGRICULTURA - ABETA. Ata de criação da ABETA. São Paulo, 1958.

HAGA, A. A ABETA e o Prêmio Kiyoshi Yamamoto. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto - centenário da imigração japonesa - personagens de destaque na agricultura. São Paulo: Bunkyo. 2009. p. 228-229. Edição bilíngue: japonês-português.

OKUBARO, J. J. O Súdito (Banzai, Massateru!), São Paulo: Terceiro Nome, 2006, 542 p.



LÁPIDE DA PORTEIRA PRETA, MOGI DAS CRUZES, SP

Hiroshi Ikuta, último remanescente do grupo que instituiu o Prêmio Kiyoshi Yamamoto, ao lado da lápide com *kigô* (caligrafia artística), escrita por Kiyoshi Yamamoto, em 1960. Em eventos comemorativos, é tradição japonesa uma autoridade importante gravar uma mensagem alusiva, escrita de próprio punho. Segundo consta, Kiyoshi Yamamoto não era dado a esse ritual, mas nas comemorações dos 40 anos da Colônia Porteira Preta, em Mogi das Cruzes, onde nasceu Hiroshi Ikuta, Yamamoto acabou gravando em lápide os caracteres *Nyushoku Kinen 1960* (Comemoração da Colonização 1960) por insistência do seu amigo Hachiro Nishi. Atualmente a lápide está instalada no Bunkyo de Mogi das Cruzes.

Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1999-2015

(continua)

Membro	Ano																
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Hisao Haba	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M
Kazuhisa Shiraiishi	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M
Takeo Nishimura	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M
Hiroshi Ikuta	M	M	M	M	P	P	VP	PH	PH	VP	MH	MH	M	M	M	M	
Ruy Kikuty	P	P	P	P													
Izuhu Taniguchi	VP	VP	VP	VP	VP	VP	VP	PH	PH	VP	MH	MH					
José Canashiro	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M					
Tetsuo Nohara	M	M	M	M													
Miyoko Shakuda							P	P	VP	VP	VP	VP	M	M	M	M	
Masasuke Mashima							M	VP	M	M	M	M	M	M	M	M	M
Junji Ishikawa							M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M
Kozo Fujii							M	M	M	M	M	M	M				
Akio Ogawa							M	M	M	M							
Hatsumi Kamishibahara							M	M	M								
Masako Iida							M	M	M	M	M	M	M				
Mitsuo Baba							M	VP	M								
Isidoro Yamanaka									P		M	M	M	M	M	M	M
Takayoshi Nishikawa									M	M	M	M	M				
Issui Takahashi									VP	VP	P	P	M				
Shiro Kondo									M	M	M	M	P	P	M	M	M

De 1965 a 1998 - promovido pela ABETA

De 1999 a 2004 - promovido pela Subcomissão, dentro da Comissão do Fundo Bunka de Pesquisa - Banco Sumitomo

A partir de 2005 - promovido pela Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto

M - Membro; P - Presidente; VP - Vice-Presidente; PH - Presidente Honorário; MH - Membro Honorário

Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1999-2015

(continuação)

Membro	Ano																
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Minoru Takano										M	VP	VP	VP	VP	M	M	M
Akira Kishimoto													M	M	M	M	
Takanoli Tokunaga												M	M	M	VP	VP	VP
Shinichi Oki									M	M	M	M	M	M	M	M	M
Kunio Nagai														M	VP	VP	VP
Guenji Yamazoe														M	P	P	P
Toyoshiko Kashima														M	M	M	M
Noriko Tanaka											M	M			M	M	M
Alfredo Tsunehiro																	M
Massatoshi Noda																	M
Kenzo Neguishi																	M
Mário Eidi Sato																	M

De 1965 a 1998 - promovido pela ABETA

De 1999 a 2004 - promovido pela Subcomissão, dentro da Comissão do Fundo Bunka de Pesquisa - Banco Sumitomo

A partir de 2005 - promovido pela Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto

M - Membro; P - Presidente; VP - Vice-Presidente; PH - Presidente Honorário; MH - Membro Honorário

Fonte: dados originais da revista Colônia, Bunkyo, v. 126-140, 1999-2013.

Fruticultura, Área de Grande Contribuição dos Imigrantes Japoneses e de seus Descendentes

*Hisao Haba
Takanoli Tokunaga
Mário Eidi Sato*

O Prêmio Kiyoshi Yamamoto, ao completar cinquenta anos de existência, contemplou quarenta e cinco personalidades na área de fruticultura. Entre elas estão agricultores, pesquisadores, especialistas prestadores de assistência técnica e agentes de extensão. O trabalho dedicado e persistente dos premiados contribuiu, e vem contribuindo intensamente, para o desenvolvimento e a diversificação da atividade frutícola brasileira.

Uva Itália (Pirovano 65)

1. **Susumu Usui (5º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1969)**. Deparou-se com a uva Itália em 1940, no viveiro de Luciano Poletti, Engenheiro Agrônomo e especialista em fruticultura, em Ferraz de Vasconcelos (SP). Trabalhou nesse viveiro, ao deixar o emprego adquiriu bacelos de diversas variedades de videiras, entre elas a uva Itália, que não produzia por falta de cuidados. Enxertou o material, estudou minuciosamente a planta e tornou-se o primeiro produtor em escala comercial. Quando ficou conhecido o sucesso da cultura, recebeu muitos visitantes e estagiários *nikkeis* de Suzano, Mogi das Cruzes, Ibiúna e outras localidades, que retornavam às suas propriedades e iniciavam o cultivo. Desse modo, a espécie expandiu inicialmente de Ferraz de Vasconcelos para regiões vizinhas, anteriormente citadas. Seguiu depois para São Miguel Arcanjo, outras regiões do Estado de São Paulo, região norte do Paraná e do semiárido nordestino (Vale do São Francisco). A cultura ultrapassou também o limite do território brasileiro, chegando ao Paraguai e República Dominicana. Na história da fruticultura, não houve outra espécie com tamanha dispersão como a uva Itália.

Depois de alguns anos, Usui se transferiu para São José dos Campos, na propriedade de um velho amigo, com o cultivo da uva Itália e ocupou o cargo de gerente. Nessa época, estudava a possibilidade de antecipar a brotação da uva, no inverno, envolvendo os ramos com plástico e cobrindo a superfície do solo, também com o plástico, na tentativa de elevar a temperatura. Prestava assistência técnica e os japoneses o consideravam como o “pai da uva Itália”. Fez previsão de que a região do Vale do Rio São Francisco seria o futuro da cultura da uva Itália. Pensava também na conservação da fruta em câmara fria, para dilatar o período de comercialização.

Segundo dados da Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), no ano de 2014, foram comercializadas 7.331,34 toneladas de

uva Itália, no Entrepasto Terminal de São Paulo, procedentes de 89 municípios dos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Bahia, Paraná, Minas Gerais e Pernambuco. Os municípios de Petrolina (PE), São Miguel Arcanjo (SP), Marialva (PR), Juazeiro (BA) e Curuçá (BA) foram os cinco maiores abastecedores, em ordem decrescente. Os produtores são pequenos, médios e grandes, que ofertam a fruta durante todo o ano. Os benefícios dessa cultura, que iniciou com um bacelo (ramo), foram imensuráveis.

2. Kazuta Imagawa (8º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1972). Em 1957, juntamente com outros produtores foi o introdutor da uva Itália na região norte paranaense, trazendo mudas de São Paulo. Dessa maneira, contribuiu para a diversificação da atividade agrícola. Aplicou a tecnologia de explorar sob a cobertura de plástico, que antecipava a colheita, em até 60 dias, defasando do pico da colheita. Procurou sempre novas tecnologias e retorno econômico da exploração.

3. Masuto Fujiwara (10º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1974). Em 1954, mudou-se para São Miguel Arcanjo e iniciou o cultivo da uva Itália. Na primeira tentativa não foi feliz, mas em 1957, após o estágio de seu terceiro filho, com o experiente Usui, o empreendimento foi bem-sucedido.

Preocupou-se com a recuperação da fertilidade do solo, com a incorporação de matéria orgânica, e diversificação da atividade, introduzindo cultura perene. Em 1973, sob o comando dos três filhos, a família colhia 20.000 caixas de uva.

4. Hiroshi Saito (12º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1976). Em 1948, motivado pelo artigo do Susumu Usui sobre a cultura da uva Itália, publicada numa revista agrícola da comunidade japonesa, contatou o especialista e foi seu estagiário.

Em 1950, adquiriu mudas de uva Itália na Estação Experimental de Moinho Velho, da Cooperativa Agrícola de Cotia, e iniciou o cultivo, mas a exploração em escala comercial ocorreu apenas a partir de 1955. O sucesso de sua atividade despertou interesse de outros agricultores, que o procuravam para buscar informações.

Contribuiu com as seguintes inovações: a) condução da planta em forma da letra Y, também conhecido como sistema de condução em manjedoura. Esse método de condução favorecia a incidência de raios de sol na planta, promovendo o aumento de produção; b) diminuição da densidade de plantio; c) abertura, preparo da cova e plantio: cova profunda e utilização de adubos orgânicos, cavacos de madeira, para dar condições ideais para o desenvolvimento das raízes. O preparo iniciava em abril e o plantio ocorria em agosto.

5. Masaru Hirooka (15º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1979). Em 1965, após uma forte geada, que dizimou a cultura de cafeeiro, iniciou a cultura de uva Itália, plantando 400 pés. Antes de tomar essa decisão, visitou muitas áreas de cultivo.

Na década de 1960, na região de Londrina, Assai e Maringá, havia 1.000 produtores de uva Itália, superando o Estado de São Paulo em volume de produção.

Contribuições tecnológicas deixadas por Masaru Hirooka: a) determinou a dosagem de ácido giberélico a ser aplicada, no cacho, de acordo com as condições climáticas do local, dispensando o oneroso trabalho de desbaste das bagas; b) utilização de cálcio cianamida, no final do inverno e início da primavera, para quebra de dormência; c) evitar os danos ocasionados pela geada, com a queima de lenha embebida em óleo; d) proteção da cultura com tela para evitar os danos causados pelo granizo, chuvas fortes, ataque dos pássaros e diminuir a incidência de radiação. Com essa tecnologia, dispensou a proteção individual dos cachos com sacos de papel parafinado.

6. Kotaro Okuyama (19º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1983). Na década de 1960, com o empobrecimento do solo, deixou a cafeicultura e optou pelo plantio da uva Itália. A sua grande contribuição foi detectar na cultura, a ocorrência de uma mutação somática, com frutos de coloração vermelha, que foi nomeada como cultivar Rubi-Okuyama. A planta foi apresentada pelo Engenheiro Agrônomo Masasuke Mashima (PKY-1995), no 4º Fórum de Especialistas em Fruticultura, em 1977, realizado no Estado de Bahia, e foi referendada como novo cultivar. Indubitavelmente, Okuyama e outros valorosos agricultores serão lembrados como pesquisadores da “Universidade a Céu Aberto”.

7. Mamoru Yamamoto (24º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1991). Natural de Birigui (SP), produzia batata e cebola em Santana do Itararé (PR). Depois da visita à Califórnia (EUA) e Israel, ficou impressionado com o resultado da irrigação na produtividade das culturas.

Regressando ao Brasil, em 1971 adquiriu uma área de 2.500 hectares, em Santa Rita da Boa Vista (PE), dentro do Projeto da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Nessa região árida, com condições climáticas semelhantes à da Califórnia e com possibilidade de irrigação, implantou a cultura de uva Itália que o notabilizou. Decorridos alguns anos, a região passou a ser um grande polo de produção de frutas.

8. Ikuo Furuhashi (27º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1995). Era cotonicultor, cafeicultor, plantador de amendoim e avicultor. Com a intenção de diversificar a exploração, recorreu ao Engenheiro Agrônomo Kaoru Hiramatsu (PKY-1970), da Cooperativa Agrícola Sul Brasil, que sugeriu o cultivo da uva Itália.

Em 1968, Furuhashi, juntamente com mais 10 agricultores, foram pioneiros no cultivo das uvas Itália e Niágara na região de Irapuru (SP).

A grande contribuição de Furuhashi foi o método de podar duas vezes ao ano e colher apenas uma vez. Podava primeiramente em fevereiro ou março e novamente de julho a outubro, trinta dias após a colheita. Com essa prática, colhia em período sem produção em outras regiões. Esse sistema ficou conhecido como sistema Furuhashi de condução.

Chegou a essa tecnologia quando encontrou um ramo quebrado que emitiu broto e produziu excelente cacho. Tornando a exploração interessante, a região de Irapuru chegou a ter 140 famílias que se dedicavam ao cultivo da uva Itália, numa área de 250 hectares, transformando a região numa das maiores produto-

ras de uva Itália do Estado de São Paulo. Atualmente, a atividade é conduzida por seus herdeiros e os maiores entraves são os preços baixos dos produtos e a escassez de mão de obra.

9. Osamu Yamashita (28º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1997). Passou a ser integrante da Colônia Agrícola Fukui, em São Miguel Arcanjo, no bairro Pinhal, em 1962, data da sua criação. Dedicou-se inicialmente à olericultura e depois à cultura de pessegueiros e da uva Itália. Com o sucesso alcançado por Osamu Yamashita na cultura da uva Itália, em pouco tempo, a maioria dos produtores aderiu ao cultivo desta espécie frutífera.

Na viticultura, contribuiu com a tecnologia do uso de ácido giberélico, promotora do alongamento dos cachos e maior duração da fruta após a colheita. Para reduzir a incidência de raios solares e proteção contra o granizo, utilizou telas de fio plástico. Yamashita sempre deu muita atenção para produzir produtos de qualidade.

Quando houve o aumento da produção da uva Itália, iniciou a exportação e preconizava a necessidade de diversificar com o plantio de outras espécies de frutas como caqui, tangerineira poncã, nespereira e abacateiros.

No início das atividades, a Colônia recebeu muita orientação técnica da Cooperativa Agrícola Sul Brasil, hoje extinta. Na área de horticultura, era assistido pelo competente especialista Izuhō Taniguchi, e na fruticultura, por Kaoru Hiramatsu. Quando este se afastou devido à idade, foi sucedido por Hisao Haba (decano da comissão do PKY).

A Colônia e a região, sob a liderança do Osamu Yamashita e da nova geração de produtores inovadores, realizaram a Festa da Uva de São Miguel Arcanjo, durante 31 anos consecutivos. Recentemente, através do Programa de Microbacias Hidrográficas, da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Governo do Estado de São Paulo, foi instalado um moderno *packing-house* na Colônia Fukui, beneficiando todos os produtores.

Atualmente, a atividade da propriedade é gerida por seu filho. Dedicou-se às culturas de dekopon (tangerina híbrida entre tangerina poncã e Kiyomi), caqui Fuyu e atemoia.

10. Tadao Takakura (36º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2006). Em 1964, plantou uva destinada à produção de vinho, passando no ano de 1968 para a uva Itália. Em julho de 1968, surgiu uma planta na cultura, que produziu cachos com frutos de coloração vermelha. Confirmada que se tratava de uma mutação somática, a nova planta, recebeu o nome de Benitaka. A designação é o resultado da junção das palavras “beni” que no idioma japonês significa vermelha e “taka”, as iniciais de Takakura.

Em 1993, dentro da cultura de uva Benitaka, surgiu novamente um ramo com cacho semelhante à variedade moscatel de Hamburgo, de cor roxa escura, que recebeu o nome de cultivar Brasil.

Tadao Takakura contribuiu detectando duas ocorrências raras, que se tornaram novos cultivares. Doravante nas explorações, em alta escala, manejadas por trabalhadores contratados, oxalá haja pessoas observadoras como Takakura, para apontar novas surpresas agradáveis.

Pêssego

11. Sakuzo Sawabe (2º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1966). Criou o pessegueiro cultivar Sawabe, cruzando um pessegueiro de Registro, originado de semente, com o outro. Foi pioneiro no plantio de pessegueiro em Botucatu (SP), dentro do projeto idealizado e implantado por Sho Yoshioka. Nesse local, Sawabe trabalhava diariamente, sem ajudante, motivo de compaixão dos agricultores vizinhos. Depois de alguns anos, com a vinda de outros agricultores para cultivar o pessegueiro, Sawabe passou a ser admirado.

Criou também outro cultivar de pessegueiro, adaptado às condições climáticas de Botucatu e goiabeiras com excelente qualidade. Foi consultor da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Governo do Estado de São Paulo, prestando assistência técnica aos agricultores. Era católico fervoroso e acreditava que fora predestinado para cultivar pêssego, por isso, cumpriria a missão com respeito ao meio ambiente.

12. Taiti Yoshioka (6º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1970). Utilizando o cultivar Rei da Conserva realizou diversas hibridações, que deram origem aos 36 híbridos. Na pesquisa foi um autodidata, tendo consultado muitas publicações, mas muito contribuíram os conhecimentos de seu irmão Sho Yoshioka.

Foi diretor do Sindicato Rural de São Paulo, dedicou esforços para o fortalecimento do órgão da classe, pois acreditava que a classe rural teria de ser forte para ser representativa. Suas pesquisas não favoreceram seu enriquecimento, levou uma vida simples e alegrava-se quando os plantadores eram beneficiados graças às suas tecnologias.

13. Sho Yoshioka (15º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1979). Chegou ao Brasil em 1935, depois de estagiar durante oito anos numa propriedade com a cultura de pêssego. Em São Paulo, animado com a produção de pessegueiros, arrendou uma área de 20 hectares, por um prazo de 20 anos e plantou 1.500 mudas de pessegueiros importadas do Japão, mas não houve adaptação às condições climáticas brasileiras. Trabalhou como empregado do proprietário até que sua própria propriedade se tornasse rentável.

Posteriormente, com a alienação da gleba arrendada, adquiriu 48,4 hectares e plantou 200 mudas enxertadas de pessegueiro encontrado no local. Esse cultivar, nomeado posteriormente como Rei de Conserva, produzia frutos com polpa de coloração amarela, ideal para industrialização. Inicialmente, o referido cultivar, com sabor inferior ao outro de polpa branca, que era produzido pelos irmãos Yoshioka, não foi bem aceito.

Entretanto, com o início do processamento industrial do pêssego, o produto foi valorizado, beneficiando todos os produtores. Por muito tempo, dominou o mercado. Com o sucesso alcançado pela cultura, Itaquera passou a ser conhecida como terra do pêssego. Sucederam-se muitas edições da “Festa do Pêssego”, para divulgar a qualidade do produto, a cultura japonesa e a cidade.

Quando Sho começou a se preocupar com o excesso de produção do pêssego Rei da Conserva, seu irmão Taiti hibridou Rei da Conserva com outras variedades, obtendo diversos cultivares novas.

Sho Yoshioka idealizou a Festa do Pêssego, liderou o movimento de eletrificação rural, construiu escola de ensino fundamental, foi diretor da Federação de Produtores do Estado de São Paulo, interlocutor com as indústrias na negociação para fixação do preço do pêssego e diretor da Associação dos Produtores de Pêssego. Quando o pêssego importado ameaçava o produto nacional, solicitou ao Governo Federal para restringir as importações. A proposição foi aceita. Sempre incentivou os produtores para se associarem às organizações de classe para o seu fortalecimento.

Criou em Botucatu uma colônia para produção de pêssegos, realizando seu velho sonho. Posteriormente, o projeto serviu de modelo para a Cooperativa Agrícola de Cotia assentar os jovens japoneses e solteiro que traziam do Japão. Por volta de 1978, o pessegueiro expandiu para os municípios paulistas de Mogi das Cruzes, Atibaia, Campinas, Piracaia, Mairinque e Valinhos.

As contribuições de Sakuzo Sawabe, Sho Yoshioka, Taiti Yoshioka foram importantes na expansão e avanço tecnológico da cultura do pêssego no Estado de São Paulo, beneficiando muito agricultores. Entretanto, foram também importantes os trabalhos dos pesquisadores e extensionistas de órgãos públicos, atuação das cooperativas agrícolas e produtores de “insumos”, principalmente de mudas.

14. Keinosuke Murakami (25º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1992). Em 1947, a família adquiriu 14,14 ha de terras em Guapiara (SP), onde já se encontravam 100 famílias de imigrantes japoneses. A maioria cultivava o tomateiro. Numa região de topografia acidentada, com o empobrecimento do solo, iniciou o cultivo de plantas frutíferas. Experimentou diversas espécies, mas foi o pessegueiro que deu melhor resultado. Com essa constatação, reuniu mais 13 amigos e fundou a Associação dos Pesquisadores de Fruticultura, com o objetivo de transformar a região em grande produtora de pêssego. Empreendeu diversas viagens à Estação Experimental de Fruticultura, localizada em Pelotas (RS), para adquirir conhecimentos. O trabalho foi recompensado, pois passados alguns anos, Guapiara tornou-se grande produtora de pêssego.

Na década de 1990, de 76 famílias *nikkeis* de Guapiara, 40 cultivavam pêssego. A colheita ocorria no mês de dezembro e a produção era enviada para vários centros consumidores, evitando a concentração da oferta num único mercado, o que provocava queda de preço. Depois de quase 30 anos de produção de pêssego, Keinosuke previa a necessidade de introduzir outras culturas alternati-

vas. A Murakami foi creditado o mérito por ter evitado a decadência da Colônia Japonesa de Guapiara.

Em 2013, com a continuidade do trabalho de melhoramento das instituições de pesquisas, foram comercializadas na CEAGESP, em torno de 10 variedades de pêssegos de excelente qualidade, colhidas a partir de agosto até fevereiro em diversas regiões paulistas e Sul do Brasil. O pessegueiro foi também uma espécie frutífera cujos estudos foram iniciados pelos agricultores altruístas de descendência japonesa e que, com o passar dos anos, iria atingir o estágio atual de exploração, beneficiando toda a sociedade brasileira.

Goiaba para Mesa

15. Shiniti Ogawa (15° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1979). No ano de 1952, adquiriu terra no Bairro Santa Alice, na baixada fluminense, onde construiu granja e plantou citrus, que não prosperou. A seguir, cultivou melão e melancia que também não foram bem-sucedidas.

Sem obter resultados com as culturas testadas, estudou o clima e o solo da região e concluiu que a manga, o maracujá e a goiaba seriam as explorações adequadas. Optou, então, pela cultura da goiaba. Sem fonte de consulta sobre a cultura, iniciou cruzando a goiabeira da região com outra, cearense. A primeira produzia frutos saborosos com excelente aroma, mas era sensível às doenças. A segunda era menos afetada pelas enfermidades, entretanto os frutos eram de baixa qualidade. Do cruzamento, colheu 200 sementes e plantou-as, porém, devido à grande variabilidade, o resultado não foi nada animador.

Após mais estudos, enxertou sobre a variedade fluminense, as melhores plantas obtidas pelo cruzamento e obteve plantas com frutos de polpa vermelha, de excelente qualidade. O cultivar obtido foi chamado Santa Alice de Ogawa. Prosseguindo o trabalho de seleção, criou as cultivares Ogawa II e Ogawa III, que expandiu para a região de Campinas, Atibaia e outras regiões.

Contribuiu, também, com a técnica de enxertia utilizando borbulhas. Para a retirada da borbulha usava cápsula metálica de espingarda, bem afiada. O método aumentou o rendimento e a efetividade do enxerto. Ogawa sempre compartilhou seus conhecimentos com as pessoas que o procuravam.

Em 1968, quando se filiou à Cooperativa Agrícola de Cotia do Rio de Janeiro era o único produtor de goiaba, mas, em 1978, passou a ter 70 cooperados que produziam goiaba. Estes respondiam com 15% de toda goiaba vendida pela Cooperativa no mercado do Rio de Janeiro.

16. Haruo Kumagai (23° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1990) e 17. Seiichi Kumagai (23° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1990). Em 1956, os irmãos Kumagai adquiriram uma propriedade no Bairro de Pedra Branca, Campinas (SP). Iniciaram o cultivo com 200 goiabeiras encontradas na região, que produziam frutos pequenos e pouco atraentes, mas alguns produtores já produziam goiaba com relativo sucesso.

Haruo Kumagai obteve o sucesso, quando cruzou uma goiabeira de origem australiana com as plantas existentes na região.

Os irmãos Kumagai, sem o domínio da prática de enxertia, usaram a multiplicação por sementes durante 11 anos. Afortunadamente, dessas plantas originou a cultivar com frutos de polpa branca, com excelente qualidade e de maior durabilidade após a colheita, que recebeu o nome de Kumagai. A variedade chegou a dominar quase a metade da produção de goiabas do Estado de São Paulo e era também exportada para o mercado europeu. Atualmente, ainda é exportada para os países europeus através do Aeroporto de Viracopos, em Campinas (SP).

No ano de 1977, procuraram Shiniti Ogawa para aprender a técnica de enxertia. A partir dessa data, conseguiram aumentar significativamente a produção de mudas.

Além dos cultivares criados, os irmãos Kumagai deixaram os seguintes ensinamentos: meticulosa prática da poda, raleio dos frutos, ensacamento dos frutos, uso de fertilizantes, irrigação e controle fitossanitário.

Atualmente, a propriedade de Seiichi Kumagai está sob os cuidados de seu filho Issao Kumagai. A área cultivada não sofreu alteração. Issao Kumagai foi reconhecido como Primeiro Produtor de Goiaba Branca, no ano de 2010, conquistou a certificação da Global Gap, Eurep Gap e OIA, e a Certificação Selo Paulista/OIA, ambas em 2010. No período 2014-2015, a meta é obter Certificação Brasil Orgânico.

18. Pedro Sato (36° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2006). Em 1996, estabeleceu-se em Nova Iguaçu (RJ) e iniciou o cultivo da goiabeira adquirindo de Shiniti Ogawa o direito de produção da cultivar Ogawa Santa Alice. Esse cultivar com excelentes qualidades culinárias era muito precíval. Assim, pesquisou para incorporar, ao cultivar, maior durabilidade da fruta após a colheita. Após sucessivos cruzamentos, em 1998, lançou a cultivar Pedro Sato.

Na época da premiação, 60% da produção brasileira de goiaba para mesa era produzida no Estado do Rio de Janeiro, 37% no Estado de São Paulo e o restante no Estado de Minas Gerais.

Pedro Sato foi diretor do Clube Nikkei de Tanguá (RJ) em 1974, vice-presidente em 1997 e presidente em 1984. Por sua contribuição à comunidade, recebeu várias honrarias.

Para o desenvolvimento dessa cultura, além dos premiados, foram importantes as contribuições de Tadao Ogawa, produtor de Mogi das Cruzes, que no fim da década de 1950, selecionou goiabeira australiana, encontrada no Horto Florestal de Rio Claro, e introduziu o escalonamento da poda. Devem-se também menções às pesquisas da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, de Jaboticabal (SP), e do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) e trabalhos de extensão dos órgãos públicos e privados.

Os agraciados pelo PKY, nesta área, e outros estudiosos contribuíram para o crescimento da cultura da goiaba, mas o pioneiro nos estudos foi Sakuzo Sawabe

(PKY 1966) que, no período em que ninguém dava valor a essa fruta, iniciou o trabalho de melhoramento; partindo de plantas “nativas” e multiplicando por sementes, selecionou as melhores plantas com frutos atraentes e saborosos. Iniciou também as práticas de poda, desbaste e ensacamentos dos frutos e tratamento fitossanitário.

No ano de 2014, foram enviadas ao CEASA do Rio de Janeiro 11.949,20 toneladas de goiaba para comercialização. Eram procedentes de 84 municípios pertencentes aos estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Pernambuco, com predominância de produtores dos municípios paulistas. A goiabeira é uma espécie que se adapta às diversas condições climáticas, aceita bem a poda para determinar a época de colheita, é longeva, oferece bom retorno econômico e é uma opção de exploração para pequenos médios e grandes produtores. Na área de fruticultura, a goiabeira foi uma das espécies cujo melhoramento teve o pioneirismo de um agricultor nikkei, que vislumbrou numa planta “nativa” a potencialidade da cultura. Após longos anos de estudos a goiaba se tornou um importante item da fruticultura brasileira.

Pera Asiática

19. Ichiro Namekata (21º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1986). No ano de 1956, em Araucária (PR), próximo à Curitiba, Hatiro, pai de Ichiro Namekata, adquire uma propriedade e, em 1957, inicia o cultivo de pera asiática variedade Yari. Estudou a cultura com muita persistência, mas até o seu falecimento, que ocorreu em 1964, não havia atingido o objetivo, que era de produzir, economicamente, a pera asiática.

Seiiti assumiu o trabalho deixado pelo pai e, em 1966, fundou a Associação dos Fruticultores do Sul do Paraná, para pesquisar a cultura de pereira cultivar Yari, pessegueiros e ameixeiras.

Em 1970, com a introdução das peras Tsuru (de origem chinesa) e Hakucho (cruzamento de Yari com Tsuru, realizado no Japão), polinizadores da pera Yari, obteve-se uma produtividade animadora. Para a multiplicação da planta passou-se a utilizar a pera d’água como porta-enxerto da Yari. Finalmente, Seiiti atingiu o objetivo perseguido por longo tempo.

Com o domínio dos conhecimentos, houve aumento da produção, porém o consumo era baixo por causa do desconhecimento do produto pelo consumidor. Namekata se dedicou mais 10 anos para divulgar a nova pera.

20. Noritaro Murata (24º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1991). Em 1939, tornou-se proprietário de terra no bairro Lagoa Seca, em Rancharia (SP). Cultivou cafeeiro, algodoeiro e dedicou-se à sericicultura. Foi um dos pioneiros no cultivo do tomateiro, da uva Itália e da avicultura em escala comercial, na região. Em 1978, produziu maracujá azedo para a Indústria Maguary.

Dedicou-se ao trabalho de melhoramento do maracujazeiro, cruzando uma planta, que encontrou em Iguape (SP), com as cultivares Maguary, Vale do Ri-

beira e Norte (do Pará). Depois de seis anos produziu cultivar com frutos graúdos, com polpa amarela intensa e transparente, com grande potencial para atender ao comércio de fruta *in natura*.

Posteriormente, a Cooperativa Agrícola Sul Brasil, Regional de Marília (SP), sob a orientação do Engenheiro Agrônomo Fumio Matsuda, desenvolveu também novo cultivar, com frutos ainda maiores.

Com o retorno de seu filho Katsuyoshi Murata, do Japão, após o estágio concedido pela Associação Internacional dos Agricultores do Brasil (Noyukai), começou a cultivar a pereira asiática. Colocando em prática os conhecimentos adquiridos durante o treinamento, notabilizou-se com a produção de pera asiática da cultivar Okussankiti.

Noritara Murata assumiu cargos nas organizações de classe e da comunidade nipo-brasileira da região. Recebeu diversas honrarias. Atualmente, as atividades da propriedade são conduzidas pelos herdeiros. Entre outras, há produção de pera asiática da cultivar Atago, que requer muitos conhecimentos técnicos.

Conscientes da importância do associativismo, os herdeiros de Noritaka Murata e outros produtores da região constituíram a Associação de Fruticultores da Alta Sorocabana, que congrega a maioria dos fruticultores de Rancharia, Presidente Prudente, Álvares Machado, Narandiba, Presidente Venceslau e Regente Feijó.

Segundo informação da CEAGESP, a pera é uma das frutas mais consumidas pelos brasileiros. A demanda é atendida pela importação de peras de variedades europeias. Assim, há grande espaço para ser ocupado pela pera asiática, que é muito saborosa, mas para a expansão do plantio há necessidade de clima adequado e muito conhecimento sobre a cultura.

No Estado de São Paulo, as principais regiões produtoras são Presidente Prudente, Rancharia, Narandiba e Sorocaba. A partir de 1978, a CEAGESP começou a receber peras kossui, hossui e nijiseki, todas variedades japonesas, produzidas em Ramos (SC).

Abacate

21. Taizo Ito (13º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1977). Em 1933, passa a residir em Itapetininga (SP), onde adquiriu uma propriedade de 89,54 hectares. Na nova propriedade, cultivou diversas variedades de hortaliças, mas deixou a atividade devido ao aumento da incidência de pragas e doenças.

No ano de 1939, iniciou a criação de aves, ao que se dedicaria por vinte anos. Em 1960, optou pela fruticultura. Iniciou plantando 250 plantas para observação. A coleção era constituída por videira, pessegueiro, ameixeira, pereira, caquizeiro, figueira e macieira. Dessas espécies, interessou-se pela uva Itália. Deixando o cultivo da uva Itália, plantou abacateiro, espécie ainda pouco plantada pelos japoneses. Para dominar a tecnologia da exploração, consultou bibliografias especializadas e um dos filhos foi à Escola Superior de Agricultura

“Luiz de Queiroz” (ESALQ), em Piracicaba (SP), para aprender a técnica de enxertia. Introduziu, também, cultivares com épocas diferentes de maturação dos frutos. Com o sucesso alcançado pelo empreendimento, recebeu muitos interessados. Para os interessados na cultura, informava a sua longa experiência e as particularidades dessa espécie.

Em 1969, produziu 16.000 mudas que foram adquiridas pelos interessados de Capão Bonito, Itapeva, Itararé e Jales, no Estado de São Paulo. Foram também para Brasília, Estado de Minas Gerais e Paraná.

Nas décadas de 1970 e 1980, a família Ito cultivava 43,56 hectares de abacateiros. Deixou a atividade no ano de 2010, e não houve continuidade pelos seus sucessores.

22. Tsujimatsu Makiyama (26º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1993). No ano de 1947, iniciou a cultura de abacateiro para diversificar a exploração. Após o estudo da origem dos abacateiros, a história da introdução e expansão no Brasil, Makiyama formou um banco de germoplasma na sua propriedade, semeando mais de 100 abacateiros com características diferentes. O objetivo era obter cultivar com produção no final do ano, período de pouca oferta.

Através desse trabalho, surgiu uma planta com produção no final de ano, com fruto de semente pequena e muita polpa, que suportou a geada ocorrida no ano de 1975. O cultivar foi denominado Margarida.

Em 1980, produziu mudas, que foram vendidas para os seguintes locais: São Paulo, Brasília, Minas Gerais, Rio de Janeiro e países da América do Sul. Na região norte do Estado de Paraná, também houve muito plantio.

Na época da premiação, estimou-se que 10% da área plantada eram do cultivar Margarida. Atualmente, a atividade da propriedade está nas mãos dos filhos e netos, que introduziram culturas de orquídea, lichia e caqui. Foi também desenvolvido novo cultivar de abacateiro, denominado Makiyama.

Mamão

23. Noboru Oya (20º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1984). Na década de 1970, quando a pimenteira-do-reino, no Pará, foi quase totalmente dizimada pelo fungo *Fusarium*, começou a cultivar o mamoeiro tipo papaya, utilizando as sementes trazidas de Havaí, por um monge da igreja Tenrikyo. Para implantar a exploração, realizou muitos testes e recorreu inclusive à Universidade de Havaí para solicitar informação técnica. No início, o mamão papaya foi considerado um fruto fino, diferindo daquele que o consumidor estava habituado. Para diferenciar do mamão comum, acondicionou em caixas menores e enviou ao mercado de Belém (PA), mas não alcançou o resultado esperado.

Em 1974, aproveitando o carregamento de melão, enviou o mamão para São Paulo. No início, a grande distância a ser percorrida, a fragilidade do mamão ao transporte, a inexistência de embalagem adequada, o desconhecimento do produto e o preço, considerado elevado, foram os principais problemas en-

frentados. Solucionados os problemas e com o asfaltamento da rodovia Belém-São Paulo, Oya vinha pessoalmente a São Paulo para divulgar o produto. Com o passar do tempo, houve aumento no consumo que superou as expectativas. Em 1970, o mamoeiro era muito cultivado em Belém e região e foi o responsável pela recuperação econômica da agricultura paraense.

Em 1977, foi fundada a Cooperativa Agrícola Amazônica e Oya filiou-se a ela. Com o passar do tempo, a cultura foi para as regiões sul do Estado da Bahia e Minas Gerais (Pirapora) e o produto paraense perdeu competitividade. Tentou-se, então, exportar o mamão pelo Aeroporto de Viracopos, em Campinas (SP), o que não evoluiu devido à complicada logística e burocracia. Nesse cenário, os produtores de Pirapora passaram para produção de uva Itália e no Pará a produção de mamão diminuía a cada ano.

24. Hidehiko Fujiwara (20º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1984). Veio do Japão em 1958 e instalou-se em Santa Izabel do Pará (PA), onde cultivou pimentão, repolho, tomate e melão, atuou na criação de rãs e de frangos. Como não havia a possibilidade de competir com os produtos que chegavam de outras regiões, depois da construção da Rodovia Belém-Brasília, plantou o mamoeiro, e como cultura alternativa para longo prazo, o dendezeiro. Com o passar do tempo, passou a ensinar a técnica do cultivo do mamoeiro e do dendezeiro aos associados da Cooperativa Agrícola Paraense que, com o declínio das culturas de pimenta-do-reino e do melão, estava próxima de insolvência.

Em 1978, Hidehiko Fujiwara, como único remanescente da diretoria inicial, liderou a recuperação da Cooperativa, dando exemplo aos demais, comercializando tudo que produzia através da organização, obtendo financiamento do Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC) e da empresa Mitsui, do Japão. A boa fase da cultura do mamoeiro e a parceria firmada com a Cooperativa Agrícola de Cotia, também contribuíram para revigorar a organização.

Na cultura do dendezeiro, a importação de sementes e o longo tempo até o início da produção eram os grandes entraves. Com o início da produção do óleo de dendê, que alcançava bom preço no exterior, passou a ser o principal produto agrícola da região.

Entre as décadas de 1980 e 1990, a Fazenda Fujiwara possuía 260 hectares de dendezeiro, 50 hectares de mamoeiro, 20 hectares de mangueira e 15 hectares de abacateiro. Plantava também abóbora, melão e melancia.

Os agricultores da região reconheciam o valor dos conhecimentos sobre técnicas agrícolas de Fujiwara, mas o reconhecimento maior foi a atuação para recuperar a Cooperativa. Noboru Oya e Hidehiko Fujiwara contribuíram para a organização da comunidade, introdução de novas opções agrícola e sua expansão.

O auge da produção do mamão, no Pará, ocorreu após a decadência do mamoeiro “comum”, de Monte Alto (SP), em 1967, devido à ocorrência de vírus. Devido às excelentes qualidades o mamão “papaya” alcançava bom preço. Sendo uma cultura rentável, houve expansão para o Estado da Bahia, hoje o maior

produtor, Espírito Santo, e outros. Em Inhumas (GO), o Engenheiro Agrônomo Mário Nagao implantou uma modelar cultura.

Atualmente, a cultura do mamoeiro em toda a sua cadeia produtiva é organizada e utilizam tecnologias modernas, graças ao trabalho dos pesquisadores, agentes de extensão e empresários engajados na cultura. O atual progresso foi alcançado graças às medidas fitossanitárias para conviver com a doença causada pelo vírus, fixando a atividade que sempre migrava para novas áreas indenes. Recentemente, o mamão tipo "formosa", introduzido pelo agricultor de descendência japonesa, surgiu no mercado.

Caqui Fuyu

25. Yoshio Hoçoya (32° Premio Kiyoshi Yamamoto, 2002). Em 1963, a família Hoçoya estabeleceu-se em Biritiba-Mirim (SP) e iniciou o cultivo do caquizeiro Fuyu. Após o falecimento do pai, Yoshio assumiu a direção da propriedade e tornou-se conhecido pela produção de caqui Fuyu, de excepcional qualidade.

Para alcançar esse mérito, não descartou as experiências adquiridas por seu pai e a dedicação de toda a família. Ao iniciar a atividade, o pai do Yoshio foi orientado por Kaoru Hiramatsu. A família revelou também outro irmão como excelente fruticultor, que se dedica à fruticultura em Mogi das Cruzes (SP).

As maiores contribuições do homenageado foram a utilização de variedades polinizadoras, fazendo sobre-enxertia em planta de cultivar Fuyu, aperfeiçoamento nas práticas de poda, proteção individual dos frutos por ensacamento, tratamento fitossanitário criterioso, ponto ideal para a colheita dos frutos, e outras tecnologias. Preocupou-se na seleção dos frutos e uniformidade dos mesmos na embalagem. Com esses cuidados, o caqui Fuyu produzido por Hoçoya notabilizou-se entre os consumidores. Pela excelente qualidade do produto, recebeu o reconhecimento da ex-Cooperativa Agrícola Sul Brasil como o melhor produtor de caqui Fuyu durante 30 anos seguidos.

Banana

26. Yuji Yamada (38° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2008). Em 1984, implantou uma extensa cultura da bananeira irrigada, na região do semiárido nordestino.

Para a comercialização, fundou a empresa Brasnica Frutas Tropicais, na época, o maior distribuidor de banana prata do Brasil. A empresa gerou muitos empregos e, facilitando os canais de comercialização, promoveu a ampliação da área de cultivo na região.

Empenhou-se, também, na comercialização do limão, da manga e pesquisou a viabilidade de vender a cajamanga e o umbu, com a intenção de alavancar o progresso dos produtores tradicionais.

No ano da premiação, Yuji Yamada cultivava 1.100 hectares de bananeiras com irrigação, 150 hectares de plantas cítricas e 1.620 hectares de outras espé-

cies frutíferas. Criava também 2.500 cabeças de gado. Pelo sucesso no empreendimento, recebeu muitas honrarias.

Lichia

27. Ikuto Maeda (37º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2007). Em 1959, começou o plantar lichia. Para se capacitar sobre a cultura, visitou as estações experimentais e produtores de Taiwan. Após o retorno, aplicou os conhecimentos adquiridos e conseguiu excelente produção.

Em todas as atividades, Maeda sempre aplicava as melhores tecnologias disponíveis para obter produtos de qualidade. Na lichia, envolvia os frutos com filme plástico para manter a coloração externa dos frutos.

Divulgou a cultura através de imprensa falada e escrita. Do pioneirismo dessa personalidade, a lichia tornou-se mais uma grande opção para os fruticultores. Devido ao bom preço da fruta, principalmente na época das festas natalinas, a cultura se expandiu para todas as regiões do Estado de São Paulo e de outros estados brasileiros. Na época em que recebeu o Prêmio Kiyoshi Yamamoto, cultivava 2.600 plantas que produziam 120 toneladas por safra.

Segundo o Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agrícola do Estado de São Paulo (LUPA), de 1995/96, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, havia 102 propriedades com a exploração da lichia, que ocupava uma área de 347,10 hectares. No LUPA realizado em 2007/08, passou para 472 propriedades e área de 1.615,00 hectares. Em 2010, o Estado de São Paulo era o maior produtor, mas também havia cultura nos estados da Bahia, Minas Gerais e Paraná.

A cultura recebeu também grandes contribuições tecnológicas dos pesquisadores da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), em Jaboticabal (SP), da Universidade Federal de Viçosa (MG) e da Universidade de Brasília (UnB). Recentemente, com o surgimento de um ácaro que praticamente inviabiliza o cultivo, se não houver o controle, a condução da planta deverá sofrer profunda modificação.

Maçã

28. Tamitsu Nishimori (17º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1981). Em 1974, iniciou o cultivo da macieira, na colônia de assentamento da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), em São Joaquim. Foi um dos primeiros a se instalar na referida colônia. Nishimori, havia longos anos, pretendia cultivar a macieira, porém não fora possível por falta de informações técnicas.

Em 1976, em contato com Kenshi Ushirozawa (PKY, 1976), renomado especialista em macieira, da Japan International Cooperation Agency (JICA), que prestava serviços ao Governo do Estado de Santa Catarina, foi informado que em São Joaquim havia uma região com clima ideal para cultivo. Imediatamente procurou a CAC, que se interessou pelo assunto e planejou assentamento de

produtores para a produção de maçã. Foi o início da cultura no Brasil, com variedades de excelente qualidade que, com o tempo, iriam substituir parte da importação brasileira de maçã.

Nishimori iniciou o plantio com a cultivar Fuji. Quando recebeu o prêmio, estava com 16.000 plantas em 20 hectares. A produtividade era excelente e as qualidades do fruto eram superiores às das frutas importadas da Argentina.

Para consolidar o empreendimento, foi decisiva a atuação da CAC, que desde o início, participou intensamente com sua equipe técnica na seleção de áreas, no planejamento da gleba, na distribuição dos lotes, na assistência técnica, no suprimento de insumos, na elaboração de logística de transporte, na infraestrutura para a conservação e outros. Foi também interlocutor com os órgãos dos governos Estadual e Federal para aprovação do projeto e obtenção de recursos necessários.

Em 1982, o núcleo da CAC produzia 440.000 caixas. A cultura expandiu para outras regiões catarinenses, passando a ser o maior estado produtor de maçã no Brasil, com a adoção de avançada tecnologia de produção e armazenamento em ambiente controlado.

Em 1990, o Brasil produzia 355 mil toneladas de frutas, ocupando o 15º lugar entre os países produtores de maçã. Assim, deixou de ser um grande importador e passou a exportar.

O lançamento de novos cultivares, como Princesa, Baronesa e Condessa, pela Epagri, Eva e Julieta, pelo Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR), e Rainha, pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), entre outros, com exigência de poucas horas de frio hibernal, a maçã passou a ser também cultivada em regiões de clima subtropical. A qualidade do fruto dessas cultivares é inferior à das cultivares Fuji e Gala, mas são precoces, possibilitando a colheita antes da safra catarinense.

Acerola

29. Teruo Shimomaebara (26º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1993). Cultivava pimenta-do-reino, a principal cultura entre os imigrantes japoneses na Amazônia. Em 1981, plantou 700 plantas de acerola, com materiais oriundos de Tomé-Açu (PA). Na década de 1980, com a decadência da cultura da pimenta-do-reino, pela ocorrência da doença causada pelo fungo *Fusarium* e a difícil fase da economia brasileira, muitos agricultores começaram a plantar acerola. Com aumento do número de plantadores, foi fundada a Cooperativa Agrícola Amazônica, de Castanhal (PA).

Em 1984, a Cooperativa Agrícola Amazônica recebeu representantes da indústria japonesa de alimentos Nitirei, interessada na aquisição dessa fruta, fonte rica de vitamina C, sais minerais e outros nutrientes. Houve lançamento de sorvete, geleia, "ketchup", balas e licor de acerola.

Em 1987, a Cooperativa construiu câmara fria, instalou indústria de suco de acerola e forneceu duas toneladas de frutas à indústria Nitirei, que adquiriu mais quatro toneladas nos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Em 1989, os associados da Cooperativa plantaram 50.000 aceroleiras, onde 90% das plantas eram originadas de sementes. Como as plantas multiplicadas por sementes apresentam grande variação no teor de vitamina C, foi iniciado estudo para selecionar plantas com alto teor da referida vitamina.

A exportação do produto, até o início de 1990, era apenas para o mercado japonês. Houve interesse do Canadá, China e países europeus, mas não foi atendida pela Cooperativa devido à falta do produto.

Teruo Shimomaebara reabilitou a economia da agricultura na região e foi o pioneiro na exploração comercial da aceloreira, que se expandiu pelas diferentes localidades do território nacional, sendo atualmente comercializada em grande quantidade na CEAGESP, em São Paulo, em forma de fruta *in natura*.

Damasco Japonês (conhecido como *umê*, *Prunus x mume* SIEB & ZUCC)

30. Sun Ho Fu (39° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2009). Chegou ao Brasil em 1964 e em 1967 integrou-se à Colônia formada por Sho Nishioka, em Botucatu (SP). Informado por membro da colônia japonesa de que não havia produção de *umê* no Brasil, introduziu as sementes de Formosa, China, também conhecida por Taiwan.

As sementes foram trazidas, a seu pedido, por membros de sua família que imigraram para o Brasil. Três anos após o plantio, as plantas frutificaram e a notícia foi recebida com muita alegria, principalmente pelos japoneses.

Para atender aos interessados no plantio, produziu 5.000 mudas, que foram vendidas por um preço módico para a Associação Clube dos Anciões do Brasil e Beneficência Nipo- Brasileira de São Paulo. A negociação foi intermediada pelo senhor Sekiya, de Botucatu, um dos líderes da colônia japonesa local. Foi ele quem motivou Sun Ho Fu para trazer o *umê* ao Brasil.

Atualmente, os japoneses, tradicionais consumidores de *umê*, utilizam na culinária, em forma de conserva ou licor. Há também muita aceitação pelos seguidores de alimentação macrobiótica, de diferentes descendências.

Posteriormente, os técnicos do IAC selecionaram algumas plantas com ótima produtividade. Foram também testadas como porta-enxerto de pessegueiros para formar copa de porte baixo.

Melhoramento das Variedades de Kiwi, Yakon e Nogueira Pecã

31. Takashi Kakihara (38° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2008). Em 1961, adquiriu uma propriedade em Capão Bonito e passou a residir neste local. Na

época, as culturas predominantes eram batata, cebola, milho e feijão. Cultivou essas espécies e, em 1964, plantou nogueira pecã (*Carya illinoensis*), que não proporcionou bom resultado no início. Em 1975, cruzou dois cultivares e obteve plantas promissoras, que foram multiplicadas através da enxertia. Esse material, atualmente, é cultivado nos estados de São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Dando continuidade ao cultivo de novas espécies, em 1986, iniciou a produção e estudo do kiwi (*Actinidia deliciosa*), e produziu novo cultivar com frutos graúdos, de polpa amarela, pouca acidez e formato atraente. Atualmente, é cultivado nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. No ano de 1990, introduziu o tubérculo *yakon* (*Smilax sonchifolius*) do Japão e após os resultados dos estudos realizados na Faculdade de Ciências Agrônômicas de Botucatu aumentou o cultivo e forneceu para a indústria de produtos farmacêuticos. Na época da premiação, o *yakon* era plantada em escala comercial nos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Preocupou-se, também, com a preservação do meio ambiente.

Takashi Kakihara dedicou-se intensivamente às organizações sociais, culturais e esportivas da comunidade nipo-brasileira da região e de outras localidades. No âmbito de intercâmbio cultural recebia estagiários do Japão.

Tratamento Pós-Colheita da Ameixa, Uso do Solo e Desenvolvimento da Fruticultura

32. Tadao Morioka (35º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2005). O início da vinda dos primeiros japoneses para Pilar do Sul (SP) foi em 1945. A região era considerada inadequada para a agricultura devido à baixa fertilidade do solo. Tadao Morioka corrigiu a acidez e incorporou matéria orgânica, acabando com a arraigada imagem. Em pouco tempo, muito japoneses se fixaram em Pilar do Sul e São Miguel Arcanjo, transformando a região em grande produtora de batata.

Dedicou-se ao cultivo da batata e cenoura e posteriormente implantou a fruticultura. Nessa área, na cultura de ameixeira, cultivar Heubener, introduziu a aplicação de gás etil e o tratamento dos frutos a frio, para dar coloração escura à película e melhorar o sabor. A tecnologia causou grande impacto, pois agregou valor ao produto.

Foi também respeitado pecuarista. Importou animais da raça leiteira da Argentina e outros países e produziu até 2.500 litros de leite por dia. Possuía excelentes animais, que foram premiados em diversos certames.

Com o eucalipto produzia carvão e extraía o ácido pirolenhoso, que utilizava na agricultura. Após deixar a pecuária leiteira, passou a criar gado de corte. Essa atividade, além de ser fonte de renda, produzia o esterco.

Hoje a propriedade está sob a responsabilidade de seus competentes filhos, que exploram a tangerina dekopon, (híbrido entre a tangerina Poncã e Kiyomi), atemoia, ameixeira e uva fina, conhecida como “Pilar Moscato”, de alto valor comercial.

O exemplo e o ideal do Tadao Morioka não ficaram apenas na família. Acolhia muitos estagiários, prestou relevantes serviços na área social e educacional da comunidade. Atualmente, Pilar do Sul e São Miguel Arcanjo contam com excelentes produtores e são importantes núcleos de produção de frutas de alta qualidade.

Precursor da Fruticultura de Clima Temperado em Mogi das Cruzes

33. Suehiro Kano (26º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1993). Natural de Itanhaém (SP), passou a residir, juntamente com a família, no Bairro da Capela, em Mogi das Cruzes, no ano de 1920. Foram plantadores de batata, tomate e repolho até 1939, quando decidiram plantar pessegueiro e uva Niágara, para escapar da instabilidade de preços dos produtos da olericultura.

Suehiro Kano empenhou-se, então, em estudar o ramo de fruticultura. Já em 1960, a base da exploração era nêspera, goiaba e caqui. Foi também um grande produtor de pêssegos. No cultivo da nêspera, era muito respeitado pela excelente qualidade da fruta. Foi o precursor da proteção dos frutos ensacando-os com papel jornal, desbaste dos frutos, poda de formação da copa, poda da planta em produção e tratamento fitossanitário. Pelo alto valor da fruta, produzida de maneira artesanal, é praticamente uma cultura explorada somente pelos japoneses. No período de 1995/1996, das 231 propriedades com nêspera no Estado de São Paulo, 197 eram propriedades dos nikkeis, o que representa 85,3%. A região de Mogi das Cruzes é a maior produtora paulista de nêspera.

Com o grande crescimento da fruticultura, Suehiro Kano, juntamente com outros produtores fundou, em 1971, a Associação de Estudos sobre Fruticultura, conhecida em idioma japonês como “Kaju Kenkyu Kai”, que persiste até a presente data. Em 1966, adquiriu uma propriedade em São José dos Campos e cultivou uva Itália, nêspera e tangerina poncã, onde se notabilizou pela quantidade e qualidade da uva Itália produzida. Houve uma época em que se cogitou a realização da festa da uva Itália de São José dos Campos, pelo grande volume produzido pelos viticultores da região. Essa propriedade foi alienada após 10 anos de atividade, sendo a expansão da área urbana uma das causas.

Suehiro Kano teve grande participação no desenvolvimento da fruticultura e engrandecimento da comunidade *nikkei* de Mogi das Cruzes e arredores.

Deixou também a obra em idioma japonês “Kaju saibai to Jinsei”, que no idioma português significa “A fruticultura e Vida”, na qual relata a sua vida como fruticultor e a participação na comunidade japonesa. Depois de seu falecimento, ocorrido em 2011, a propriedade de Mogi das Cruzes passou a ser gerida pelo seu genro, mas com redução de área cultivada e produção menor.

Melhoria da Qualidade de Frutas e Implantação do Turismo Rural

34. Teruo Masuda (38º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2008). Formou-se em horticultura num colégio, no Japão e chegou ao Brasil em 1960. Tornou-se proprietário em 1965 e cultivou cebola e batata.

Em 1977, iniciou o plantio de castanheira tipo japonesa e no ano seguinte plantou caquizeiro Fuyu, ameixeiras e pera japonesa. Na fruticultura, Masuda sempre perseguiu a produção de frutas de qualidade, investindo na melhoria de condições físicas e químicas do solo. Empenhou-se também para associar a qualidade de seu produto com a marca Masuda.

No ano de comemoração do centenário da imigração japonesa no Brasil, a propriedade Masuda foi matéria veiculada pela emissora de televisão japonesa NHK, como exemplo de agricultor bem-sucedido no Brasil.

Anualmente, Masuda abre a propriedade aos interessados que procuram um dia de lazer. A renda obtida nesse evento é doada ao “Enkyo” e outras entidades beneficentes. Ocupou diversos cargos em entidades de classe, editorial e beneficente e na Associação Nipo-Brasileira de Piedade.

Atualmente, além das espécies frutíferas mencionadas, produz atemoia. Houve introdução de máquinas de classificação eletrônica das frutas, o número de empregados é menor do que na ocasião da premiação, investe na qualidade de vida dos funcionários e preocupa-se em desenvolver a agricultura de maneira sustentável.

Implantação e Desenvolvimento da Fruticultura em Região Subtropical

35. Yoshiji Kakihara (1º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1965). Depois de se dedicar ao cultivo das plantas tradicionais, ingressou na fruticultura. Introduziu, pesquisou e cultivou espécies nunca plantadas antes na região, tais como pereiras, videira, caquizeiros, pessegueiros e outras.

Na época da premiação, em sua propriedade cultivava pera, caqui, uva e outras espécies frutíferas. Plantou também a noqueira pecã (*Carya illinoensis*), consorciada com as videiras e pereiras, pois acreditava ser uma nova opção para os fruticultores.

Yoshiji Kakihara possuía muitas plantas frutíferas, mas se preocupava muito com a qualidade dos frutos produzidos, redução do custo de produção e diversificação da exploração. Na sua propriedade, já se dedicava ao cultivo de plantas ornamentais e noqueira pecã.

Yoshiji Kakihara era a fonte de informação sobre o cultivo de plantas frutíferas. Muitos produtores tomavam o seu parecer antes de iniciar uma exploração de frutas. Prestou relevantes serviços com informações sobre viabilidade das culturas, em distintas regiões, e ainda cedeu os materiais para propagação.

Desenvolvimento da Fruticultura na Região com a Introdução e Pesquisa de Novas Espécies, Inovação e Difusão da Tecnológica

36. Kiyoshi Shimazaki (44° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2014). Dedicou-se às culturas de algodão, milho e criação de aves. Em 1980, passou a cultivar a goiabeira. Ciente de que a sobrevivência, em sua pequena área, dependia da qualidade do produto e diversificação de espécies frutíferas, introduziu muitas espécies e observou o seu comportamento. Inovou e introduziu novas tecnologias de manejo da cultura. Graças ao seu trabalho investigativo e difusão dos resultados, a região produz abiu, acerola, carambola doce, goiaba, caqui, manga, rambutão, mangostão, caju, pitáia e outras espécies frutíferas.

Entre as contribuições para o desenvolvimento da fruticultura, merece ser destacada a criação, em parceria com instituições de pesquisa do Estado de São Paulo, de cultivar de caramboleira C1, com frutos adocicados e muito apreciados pelos consumidores. Adotou também a multiplicação por enxertia, permitindo a propagação apenas de plantas desejáveis. Introduziu a prática de poda, que ficou conhecida como “poda toca de índio” devido à configuração da copa, e iniciou o desbaste dos frutos, que resultou no aumento da produtividade e tamanho dos frutos.

Expansão da Cultura do Abacaxi, Variedade Havaí e sua Industrialização

37. Shoji Korin (40° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2010). Idealizou e fundou a Associação de Produtores de Abacaxi do Município de Guaraçai (SP). Contribuiu também para transformar o município no maior produtor de abacaxi, cultivar *Smooth Cayenne*.

Como dirigente da Associação dos Produtores de Abacaxi do Município de Guaraçai promoveu a capacitação dos agricultores e melhoramento do cultivar. Atualmente, com a colaboração do IAC, empenha-se na criação de novo cultivar de abacaxi, denominado IAC Fantástico. Há também contato com uma empresa da Província de Okinawa, Japão, para exportar o abacaxi semiprocessado. Sempre se preocupou com o desenvolvimento regional baseado na agricultura, criando novas oportunidades que proporcionaram renda, emprego e desenvolvimento social da comunidade sem agredir o meio ambiente.

Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão

38. Keiiti Matsumoto (1° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1965). Foi um dos primeiros premiados na área de fruticultura. Formado pela Universidade de Tóquio, em 1912, prestou serviços num abrigo de crianças carentes. Pessoa de elevado espírito humanitário, imigrou para o Brasil em 1929, trazendo consigo 60 jovens do abrigo, mas tinha a intenção de trazer mais 200. Chegando ao

Brasil, fixou-se em Itaquera e a prioridade absoluta era a educação dos jovens que trouxera. Em 1931, com a criação do Centro de Treinamento Agrícola pela “Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha”, em M’Boi, atual Embu das Artes (SP), foi o seu diretor. Em 1937, após formar 200 técnicos, o estabelecimento foi fechado. Os técnicos preparados pelo Centro atuaram em diversas regiões do país e um dos mais ilustres foi Sussumu Usui (PKY-1969), renomado especialista em uva Itália.

Com o encerramento das atividades do Centro de Treinamento, Keiiti Matsumoto retornou à sua propriedade em Itaquera e começou a recuperar as suas plantações. Continuou as pesquisas, e mesmo nos períodos difíceis para a sua sobrevivência compartilhava seus conhecimentos com outros agricultores. Foi respeitado especialista em fruticultura, tendo criado os cultivares de castanha japonesa KM-1 e KM-2 (letras iniciais do seu nome e sobrenome), com frutos graúdos e maturação no período das festas natalinas. Era também um profundo conhecedor de avicultura e nessa área assessorou muito os avicultores das regiões de Bastos e Colônia Tietê (localizada no atual município de Pereira Barreto). Importou também aves para produzir ovos que seriam destinadas às incubadoras.

Foi diretor da Associação dos Fruticultores do Estado de São Paulo e Presidente da Associação de Avicultores. Em 1957, foi ao Japão com a autorização do governo brasileiro para promover o intercâmbio de conhecimentos sobre técnicas de cultivo e troca de sementes. Ao retornar ao Brasil, trouxe muitas variedades de plantas.

39. Kaoru Hiramatsu (6º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1970). Chegando ao Brasil, em 1933, instalou-se na Colônia Aliança, em Mirandópolis (SP), e, depois de um ano, mudou-se para Mogi das Cruzes, no Bairro de Cocuera, na propriedade de Takashi Furuhata. Trabalhou nessa propriedade durante três anos, período em que teve a oportunidade de aplicar os seus conhecimentos teóricos. Aprimorou as técnicas de cultivo de pessegueiros, videiras e muitas espécies frutíferas, que sempre foram compartilhadas com outros agricultores.

Trabalhou na Cooperativa Agrícola de Mogi das Cruzes como engenheiro agrônomo e, posteriormente, chefiou o departamento de fruticultura da Cooperativa Agrícola Sul Brasil, hoje ambas extintas. Nessas cooperativas, assistiu os diversos agricultores de diferentes regiões formando fruticultores exemplares. Proferiu diversas palestras e demonstrações práticas sobre a técnica de manejo das plantas frutíferas.

Previu que o Brasil poderia ser exportador de frutas desde que houvesse o cuidado de instalar a cultura em regiões aptas para obter frutos de qualidade com custo menor. Preocupado com o futuro dos fruticultores, preconizava que cabia à primeira geração de imigrantes legar aos sucessores um ambiente para desenvolver atividades, usufruindo de todos os confortos da sociedade moderna, além de manter a família unida não apenas pelo trabalho, mas também nos momentos de lazer. Na sua propriedade agrícola de Mogi das Cruzes, onde realizava muitas observações, acolhia os jovens agrônomos do Japão.

40. Kenshi Ushirozawa (12º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1976). Renomado especialista na cultura de macieira veio ao Brasil em 1971, como especialista da JICA, atendendo à solicitação do Governo do Estado de Santa Catarina. Com suas pesquisas encontrou um local com as condições climáticas ideais para o cultivo de variedades de macieira Fuji e outras, que trouxera do Japão. A sua contribuição foi primordial para o início da cultura de cultivar Fuji de excelente qualidade que, com o tempo, iria substituir os produtos que o Brasil importava. As técnicas sobre a quebra de dormência com a aplicação de óleo mineral, manejo da cobertura vegetal entre plantas, correção da acidez do solo, aplicação foliar do magnésio e ações para evitar a queda de flores, foram também as suas contribuições. Recomendou elaborar calendário para aplicação de defensivos e fertilizantes. Personalidade atenciosa, recebia todos que o procuravam.

Para homenageá-lo pela imensurável contribuição à cultura da macieira em Santa Catarina e no Brasil, seu busto foi erigido por seus admiradores na Estação Experimental de São Joaquim, da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI). As extensas plantações de macieiras pesquisadas por Kenshi Ushirozawa que vicejam nos campos brasileiros são o seu verdadeiro busto.

41. José Ribeiro de Almeida Santos Neto (14º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1978). Formado pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ), em Piracicaba (SP), em 1923, dedicou-se à pesquisa na área de fruticultura. No período de 1958 a 1970, dedicou-se inteiramente à pesquisa da videira, no Instituto Agrônomo de Campinas (IAC). Lançou diversas variedades de videira destinadas à mesa e vinificação. Criou também porta-enxertos. Publicou diversos livros e trabalhos científicos. Aposentou em 1970, mas ainda trabalhava para produzir videira resistente à Phylloxera, praga que ataca as raízes, dispensando assim a enxertia.

42. Orlando Rigitano (15º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1979). Graduiu-se pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, em Piracicaba, no ano de 1940. Foi pesquisador e chefe da Seção de Fruticultura do IAC de 1941 até a sua aposentadoria. Chefiando a equipe constituída pelos dedicados e competentes agrônomos Fernando Antonio Campo-Dall’Orto, Mario Ojima e Wilson Barbosa, deixou importantes contribuições à fruticultura nacional. Entre elas, a criação de pessegueiros, ameixeiras e nectarineiras, com baixa exigência de frio para a quebra de dormência, marcou época na fruticultura de clima temperado. A cultura, que era indicada apenas para regiões serranas com clima ameno, passou a ser cultivada em locais mais quentes e de topografia plana, mudando totalmente as práticas de manejo.

Houve também o surgimento de grandes empreendimentos. No caso do pessegueiro, os cultivares de ciclo de maturação precoce, mediano e tardio ampliaram o período de execução dos trabalhos, beneficiando o produtor, que pode dimensionar melhor a necessidade de mão de obra. Para o consumidor, o pêssego ficou disponível por um período mais longo e por um preço mais acessível. Publicou diversos trabalhos de pesquisa.

Fundou e presidiu a Associação de Fruticultores de São Paulo em 1970. Em reconhecimento aos trabalhos recebeu diversas homenagens.

43. Masasuke Mashima (27º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1995). Engenheiro Agrônomo formado no Japão, veio ao Brasil em 1958, instalando-se em Mogi das Cruzes na propriedade de Kaoru Hiramatsu. Com esse especialista aprendeu tecnologias sobre o cultivo da videira cultivar Itália, pessegueiro, caquizeiro e nespereira. Em 1963, foi contratado pela Cooperativa Agrícola de Cotia e prestou serviços até 1992 na área de fomento agrícola, quando se aposentou.

Em 1965, foi transferido para a regional do norte do Paraná, onde permaneceu por 20 anos. Na época de sua transferência, a cafeicultura decaía e a fruticultura estava em ascensão. Diante dessa situação, após pesquisas, introduziu diversas espécies frutíferas, que foram úteis para todos os agricultores da região. O experiente técnico recomendava espécies que mais se adaptavam às condições de cada localidade.

Como contribuição à fruticultura regional, descobriu cultivar de abacateiro com produção na escassez do produto. Na cultura da uva Itália, desenvolveu técnicas de exploração adequadas à região, introduziu o uso de hormônio, cultivo em ambiente protegido com filme plástico e quebra de dormência com aplicação de diversos produtos químicos.

Ao Kotaro Okuyama (PKY-1983), descobridor da uva rubi Okuyama, prestou valiosa assistência desde a descoberta, registro da variedade no Ministério da Agricultura, produção de mudas e divulgação do produto no Brasil e até no Japão.

Publicou revista mensal com informações sobre agricultura, a qual, no período de 20 anos, atingiu 200 edições. Editou também livro sobre a cultivar Itália rubi Okuyama.

44. Masahiro Urata (37º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2007). Como técnico sênior da JICA, sediou-se em Pilar do Sul e prestou assistência técnica aos fruticultores do Estado de São Paulo, nos períodos de 2003 a 2005 e 2006. Durante sua permanência, empenhou-se para melhorar a utilização dos fertilizantes, poda, desbaste dos frutos, aplicação de defensivos e colheita na cultura do caquizeiro. Orientou também quanto à cultura de ameixeiras, "dekopon", "gin-nan" (fruto de *Ginkgo biloba*), videira cultivar japonesa e macieira.

Publicou um calendário sobre as técnicas a serem aplicadas na cultura de caqui e participou de diversos eventos técnicos sobre fruticultura em outros estados brasileiros. As orientações de Masahiro Urata serviram para o aprimoramento tecnológico na fruticultura.

45. Takanoli Tokunaga (39º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2009). Graduado pela ESALQ em 1966, ingressou na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Governo do Estado de São Paulo. Desenvolveu atividades nas Casas de Agricultura de Caçapava, Taubaté e São José dos Campos, na Divisão Regional Agrícola do Vale do Paraíba, com sede em Pindamonhangaba e no Núcleo de Produção de Mudas de São Bento

do Sapucaí (SP). Prestou também serviços junto ao Centro de Frutas do IAC (Instituto Agrônomo de Campinas), em Jundiá (SP), no período de 2002 a 2004.

Sua maior contribuição foi o trabalho de divulgação e expansão da cultura de atemoia, fruta de excelente qualidade e com bom preço no mercado. Para alcançar o objetivo, produziu mudas enxertadas sobre araticum (*Rollinia* sp.), espécie nativa da região, menos suscetíveis aos microrganismos do solo, que causam doenças nas raízes e broca do colete. Assim, a atemoia, que já existia no meio rural, passou a ter maior longevidade, viabilizando o plantio comercial. Para a cultura prosperar, orientou os agricultores no manejo da planta, escolha do local adequado para plantio e aquisição de mudas sadias enxertadas sobre araticum. Publicou também boletim técnico sobre a cultura de atemoia.

Hoje, a cultura é explorada em diversas regiões brasileiras, proporcionando benefícios aos produtores. Com o crescimento da exploração, foi fundada a Associação Brasileira de Produtores de Anonáceas - Anonas Brazil (ABPA), em 2003, e há iniciativa para a exportação.

Para finalizar a descrição sobre os premiados, pelo PKY, na área de fruticultura, durante os cinquenta anos de existência, considera-se que Kaoru Hiramatsu (PKY-1970) foi muito feliz ao deixar a seguinte mensagem: "cabe à primeira geração de imigrantes legar aos sucessores, ambiente para desenvolver as atividades, usufruindo de todos os confortos da sociedade e manter a família unida não apenas no trabalho, mas também no momento de lazer". Não serão essas as preocupações de todos nos dias atuais? Para construir esse mundo, é necessário que haja bom retorno econômico, somente possível com a organização dos agricultores e investimentos em pesquisas para solução dos problemas enfrentados pelos agricultores.

Com relação ao futuro do PKY, com o desaparecimento das cooperativas, que conheciam as atividades dos agricultores e auxiliavam na indicação das personalidades, cabe à comissão muito empenho na divulgação do Prêmio.

Referências

- BIBLIOTECA JOSÉ ANDERES-BIOGRAFIA FERRAZENSE. Luciano Poletti (biografia). Disponível em: <<http://biblioja.blogspot.com.br/p/em-construcao.html>>. Acesso em: 26 ago. 2015.
- CAMPO-DALL'ORTO, F. A. et al. Damasco-japonês (*umê*) em São Paulo: opção para o século 21. Informações Técnicas. *O Agrônomo*, Campinas, v. 47/50, p. 18-20, 1995/1998.
- DONADIO, L. C. (Org.). *História da fruticultura paulista*. Jaboticabal: Sociedade Brasileira de Fruticultura, 2010. 400 p.
- FROTA, M. C.; SOUZA, E. de; MARICATO, O. Variedades de pêra asiática adaptadas a climas quentes estimulam a expansão da cultura para além do sul do país. *Revista Globo Rural*, edição 296, p. 1. jun. 2010. Disponível em: <<http://revis-tagloborural.globo.com/GloboRural/0,6993,EEC957780-1641,00.html>>. Acesso em: 31 jul. 2015.
- HARADA, K. (Coord.). *O nikkei no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cadaris Comunicação: Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, 2013.
- HASEY, J. K. et al. (Ed.). *Kiwifruit - growing and handling*. [S. l.]. University of California, Division of Agriculture and Natural Resources, 1994. (Publication n. 3344).
- KANO, S. *Kaju - saibai to jinsei* (Fruticultura e vida). São Paulo: Topan Press. 2008. 275 p.
- MOTOYAMA, S. *Sob o signo do Sol Levante - uma história da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2011. v. I (1908-1941).
- PADILHA, D. L. *Cooperativismo que deu certo*. São Paulo: Cooperativa Agrícola de Cotia, Cooperativa Central, 1989.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. *História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto - centenário da imigração japonesa - personagens de destaque na agricultura*. São Paulo: Bunkyo, 2009. 401 p. Edição bilíngue: japonês-português.
- TOKUNAGA, T. *A cultura da atemoia*. Campinas: CATI, 2000. 80 p. (Boletim Técnico, 233).
- TSUNECHIRO, A.; PINO, F. A. Agricultores *nikkeis* no Estado de São Paulo. *Informações Econômicas*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 73-83, jan./fev. 2013.
- YOSHIDA, Y.; KATSURAYAMA, Y. Melhoramento genético da macieira no Brasil: perspectiva e contribuição das cultivares japonesas. *Agropecuária Catarinense*, Florianópolis, v. 6, n. 4, p. 12-15, 1993.



Abacate



Abacaxi



Acerola



Atemoia



Caqui Fuyu



Goiaba



Lichia



Maracujá doce



Melão net



Pera asiática



Pêssego



Uva

Trajetória dos Imigrantes Japoneses e de seus Descendentes na Olericultura do Brasil

*Kazuhisa Shiraishi
Mário Eidi Sato*

Introdução

Atualmente, a qualidade e a diversidade de hortaliças que circulam no mercado brasileiro suplanta qualquer mercado centro-latino americano, graças à participação dos imigrantes japoneses e de seus descendentes. Ao ensejo do cinquentenário da instituição do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, apresenta-se, a seguir, a trajetória de desenvolvimento da olericultura no Brasil, recapitulando as contribuições mais relevantes das pessoas que receberam este Prêmio.

O início da olericultura pelos imigrantes japoneses ocorreu quando houve o deslocamento destes do interior do Estado para os arredores de São Paulo. Há registro de que Choju Akimura, formando um grupo de dez famílias provenientes de Guataparã (SP), se instalou na comunidade rural de Juqueri, na serra de Mairiporã (SP), para cultivar a cebola, em 1913. Em breve, com o aumento da migração de agricultores, toda essa região se desenvolveu como produtora de batata, ocorrendo o mesmo em Cotia (SP), que se transformou em extensa área de produção de batata. A escolha dos olericultores japoneses por culturas de produtos menos perecíveis, como a cebola e a batata, ocorreu, possivelmente, devido às condições deficientes de transporte e à precária estrutura de comercialização naquela época.

Os Premiados da Área de Olericultura

Foram contemplados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto 20 produtores e cinco pesquisadores, na área de olericultura, nestes 50 anos (1965-2015). Deve-se destacar o papel fundamental de duas cooperativas, criadas por imigrantes japoneses, no desenvolvimento técnico e econômico dos agricultores *nikkeis*, especialmente na olericultura, na fruticultura e na avicultura: Cooperativa Agrícola de Cotia (PKY 1984) e Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil (PKY 1984), fundadas em 1927 e 1929, respectivamente. As cooperativas desempenharam também um papel fundamental junto aos agricultores mais distantes quanto à disseminação rápida de informações sobre a agricultura, tais como, novas variedades, novos defensivos, novas metodologias de produção, ou mesmo sobre a situação do mercado, condição do plantio, tendências de outras regiões e orientação transmitida através dos seus técnicos. A rede de informações se expandiu juntamente com o crescimento das cooperativas e acredita-se que isto tenha contribuído para formar a base do desenvolvimento eficiente da agricultura bra-

sileira. O papel de fornecimento de informações tem sido um dos importantes serviços prestados pelas cooperativas.

A olericultura tornou-se dinâmica, não somente nos arredores de São Paulo, mas também no entorno de outras capitais, que foram impulsionadas pela participação de novos imigrantes provenientes do Japão. Porém, as maiores dificuldades dos agricultores eram a aquisição de sementes de boa qualidade. Os agricultores *nikkeis* mais dedicados ao cultivo não se contentavam com as sementes comerciais disponíveis e colhiam sementes de plantas mais vigorosas selecionadas da produção própria, também permutavam sementes entre os agricultores. Assim começaram a surgir, em diversas regiões do Brasil, agricultores que se profissionalizaram no melhoramento genético paralelamente à produção comercial. Os frutos que resultaram desses esforços dos agricultores *nikkeis* foram altamente valorizados.

1. Toranosuke Ikeda (9º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1973), em Campinas (SP), depois de efetuar várias seleções de pimentão, conseguiu obter a variedade Ikeda, resistente a vírus, frutos de polpa grossa e de alta qualidade.

2. Toshiharu Kunizawa (9º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1973) introduziu a cultura de quiabo no Núcleo de Piranema, em Itaguaí (RJ), e obteve êxito após sucessivas tentativas e erros, selecionando uma nova variedade denominada Piranema, de alta produtividade e excelente aceitação no mercado, tornando essa produção uma das principais atividades da região.

3. Hiroshi Watanabe (12º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1976) iniciou o cultivo de tomate em Miguel Pereira (RJ), mas a partir de 1949 enfrentou o problema de murcha causada por *Fusarium* e em 1954, a ocorrência de murcha causada por *Verticillium*. Com o trabalho de melhoramento, conseguiu selecionar a variedade Santo Antônio, resistente a essas doenças do solo. Também criou o pimentão da variedade Margareth, resistente a vírus, contribuindo assim para desenvolvimento de toda a região.

4. Tadatoshi Saegusa (23º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1990), em Magé (RJ), criou o pimentão da variedade Piabetá, resistente a vírus, além da excelência na qualidade e alta aceitação no mercado, tornando-a variedade representativa da região.

5. Nagatoshi Yamaguchi (16º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1980), em Pelotas (RS), obteve sucesso na criação de couve-flor da variedade Pé Curto de alta qualidade.

6. Yoshio Uwasa (17º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1981), que recebeu orientação de Nagatoshi Yamaguchi, mudou-se para Londrina (PR), onde criou cenoura resistente ao calor, tornando a região grande produtora no período de verão, chegando a enviar o produto para outros estados.

Quando os *nikkeis* são citados como horticultores, vem logo a imagem de produtor de tomate e batata. Ambas são difíceis de cultivar, mas dependendo da produção pode ser uma grande fonte de renda e sempre constituiu grande

atrativo para os agricultores japoneses, que dominaram as técnicas de cultivo de hortaliças. Principalmente o tomate, de retorno rápido, era produzido pela maioria dos imigrantes recém-chegados. Com a renda auferida por meio dessa cultura, consolidava sua base de sustento e partia para culturas permanentes, como fruticultura, avicultura e café, criando-se assim um padrão de fixação dos agricultores *nikkeis*.

Atualmente, existem diversas variedades de tomate no Brasil, sendo que a maioria é híbrida, mas até há pouco tempo, havia apenas uma variedade de tomate, oblonga, convencional, fixada geneticamente e era reproduzida com sementes colhidas pelo próprio agricultor. Por volta de 1940, um agricultor de Suzano (existe uma versão de que ele se chamava Hanashiro) encontrou um tomateiro resultante de cruzamento natural. Replicado na Colônia Santa Cruz, no Rio de Janeiro, tornou-se bastante popular no mercado carioca e ficou conhecido como variedade Santa Cruz.

Utilizando essa variedade como base, muitos produtores dedicados começaram a encontrar novas variedades de ótima qualidade, como Monma, Samano, Kada, Nagasaki, Yokota, Sakai, etc. Todas batizadas com o nome do próprio descobridor, tinham características peculiares dignas de serem consideradas variedades e parece que surgiram principalmente nas décadas de 1960 a 1970, época em que a tomaticultura estava em plena expansão. Foi o período em que havia maior número de tomaticultores *nikkeis* e a atividade era muito vigorosa. Naquela época, o sistema mais adotado era o de meeiro e a paisagem típica de uma plantação de tomate era de filas de barracos, algumas com três a quatro barracos e, quando a escala era de dezenas, adquiria o aspecto de vila, onde moravam os meeiros. A maior parte do serviço era manual e requeria certo grau de experiência, sendo a garantia da mão-de-obra de boa qualidade um dos principais problemas.

Desse modo, os agricultores especializados em plantios de tomate adotavam o sistema de meeiro pagando por produtividade e muitas vezes se deslocava de uma área de cultivo para outra, junto com os seus parceiros, formando equipes. O barraco era de chão batido, com paredes de madeira para facilitar a montagem, desmontagem e, não raro, o patrão morava junto com meeiro, criando um ambiente familiar e garantindo segurança, pois, quando surgia algum enfermo, por exemplo, o patrão o levava ao médico e prestava toda assistência. Assim, muitas vezes se observavam casos de meeiros acompanharem o seu patrão por longos anos. Como a renda dependia da produção da área que lhe era entregue para cuidar, havia uma verdadeira competição entre os meeiros, começavam a trabalhar cedo pela manhã e havia muito dinamismo entre os trabalhadores. Naquela época, ainda era comum encontrar muitas famílias de japoneses trabalhando como meeiros. Porém, o cenário mudou repentinamente quando se iniciou, na década de 1980, o fenômeno do dekasegui para o Japão. Na mesma época, problemas trabalhistas com os meeiros tornaram-se intensos e este sistema de trabalho era apontado como ilegal, o que provocou desistência em massa dos agricultores que deixaram o cultivo do tomate.

A fragilidade dos agricultores *nikkeis* em disputas judiciais agravou ainda mais a situação. Além disso, o envelhecimento da primeira geração e a dificuldade de se formar sucessores causaram o grave declínio das atividades da olericultura entre os *nikkeis*, não se restringindo somente à tomaticultura. Tempos atrás, ao visitar uma comunidade *nikkei* nos arredores de São Paulo para efetuar uma pesquisa, fiquei chocado com o número de propriedades com proprietários ausentes. Certo agricultor lamentava que ali havia uma vila com dezenas de famílias japonesas, mas que restou só ele. “Até há pouco tempo grandes chuzuais verdes se estendiam, mas hoje...”

Sem nenhuma dúvida, a presença de olericultores *nikkeis* tende a diminuir. Hoje, a cada encontro de empresas de sementes e mudas, nas feiras de exposições de técnicas de hortaliças e demais encontros, são numerosos os olericultores brasileiros presentes, todos atuando de forma vigorosa, em ambiente de grande dinamismo. Observa-se também a transferência de atividades em olericultura dos *nikkeis* para os brasileiros.

Há exemplos de que, no início da década de 1970, foi implantada uma pequena comunidade japonesa em Caçador (SC), constituída de algumas dezenas de famílias, com o apoio da Japan International Cooperation Agency (JICA). Nesse local, cuja atividade principal era a florestal, os japoneses iniciaram o cultivo de tomate para o mercado de São Paulo. Região de planalto, de temperatura amena no verão, o clima era ideal para produção de tomate de alta qualidade, justamente no período de entressafra em outras regiões produtoras, atingindo bons preços. Os trabalhadores braçais que trabalhavam nesses plantios aprenderam rapidamente as técnicas de cultivo e passaram eles mesmos a produzir tomate, transformando-a numa grande região produtora. Este é um exemplo típico de transferência de tecnologia de agricultores japoneses para brasileiros. Outros exemplos de transferência de tecnologia similares ocorreram no Brasil.

7. Takema Tamura (11º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1975) foi o primeiro detentor do Prêmio Kiyoshi Yamamoto como bataticultor e ao ler a sua história percebe-se que é a própria história de desenvolvimento da bataticultura no Brasil. Na década de 1930, quando ele iniciou o cultivo da batata em Cotia, já plantava de batatas-sementes da Holanda e a utilização intensiva de adubos e defensivos agrícolas tornando-se uma cultura de alto investimento. Na tentativa de produzir batata na entressafra, Tamura sofria prejuízo com chuvas contínuas e incidência de doença de requeima que dizimava os plantios, porém na safra seguinte se recuperava dos prejuízos e retomava o folego. Após passar por essas experiências típicas de bataticultores, deslocou-se para Bragança Paulista. Utilizando irrigação por aspersão, alcançou grande sucesso na produção da variedade Bintje de excelente qualidade. Bragança Paulista tornou-se famosa como região de grande produtora de batata dessa variedade. Entre o final da década de 1950 e o início dos anos 1960, ocorreu enorme crescimento na escala de produção de batata na região, com a introdução de irrigação por aspersão, tratores e implementos agrícolas de grande capacidade.

Com a expansão da bataticultura, tornou-se necessário o suprimento de batata-semente de boa qualidade. Para atender a essa demanda, a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) começou a importar matrizes de batata-semente da Holanda, visando à produção nacional de batatas-sementes.

8. Umeiti Shimoguri (13º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1977) participou desde o início do plano de produção nacional de batata-semente organizado pela CAC, em Araucária (PR) e depois em Canoinhas (SC), contribuindo para o sucesso do plano.

9. Kanji Nagano (16º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1980) obteve sucesso na produção de batatas-sementes de qualidade superior, em Araucária (PR), Castro (PR) e Canoinhas (SC), tornando-se o primeiro *nissei* a ser agraciado com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto.

10. Masashi Suguimoto (17º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1981) instalou-se em Suzano (SP), em 1934, onde adquiriu 48 hectares de terras. Depois de dificuldades enfrentadas nos primeiros anos, Sakamoto conseguiu manter alta produtividade de batata, plantada na mesma área durante mais de 30 anos, mediante rotação com o milho, incorporação de matéria orgânica e manejo intensivo do solo. Isso pode servir como exemplo para os agricultores que objetivam uma agricultura sustentável, não se restringindo apenas à batata.

11. Tadao Kimura (18º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1982) foi destacado produtor de batata e líder da bataticultura na CAC. Preocupava-se muito com a melhoria da qualidade de batata-semente e foi premiado como produtor em 1958, tanto em qualidade como em volume. Kimura foi um dos oito integrantes que iniciaram a produção de batata-semente em Castro (PR). O trabalho de produção de batata-semente é de muita responsabilidade, pois a sua produtividade depende principalmente das sementes utilizadas, isentas de doenças do solo e de vírus. Assim, é preciso escolher locais isolados dessa cultura e solos virgens, uma busca bastante trabalhosa.

12. Shigueru Aoyagui (24º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1991) nasceu em Iguape (SP), em 1919. Trabalhou com seu pai, que teve usina de açúcar, fábrica de farinha de mandioca, pesca de manjuba, sericicultura. Em 1955, a propriedade foi desapropriada para a instalação da Estação Experimental do Instituto Agrônomo de Campinas e foi obrigado a se mudar. Comprou terras em São Miguel Arcanjo (SP) com o objetivo de criar porcos e plantar mandioca. Filiando-se à Cooperativa Agrícola de Cotia, passou a produzir batata-semente. Foi rigoroso na seleção de plantas resistentes a vírus. Destinava os tubérculos maiores para venda e os menores para plantio, obtendo duas a três gerações de batata para sementes. A partir de 1970, passou a produzir exclusivamente batatas-sementes com material importado, em locais de maior altitude da Serra do Mar. Em 1972, mudou-se para Piraju (SP), aumentando a área plantada para 100 a 125 hectares, chegando a produzir 50 mil caixas de 30 kg de batatas-sementes. Sempre transmitia suas experiências aos produtores e em 1990, a autossuficiência de batata-semente alcançou 60% nos 5 mil hectares plantados na região sudeste do Estado de São Paulo.

13. Sidney Hideo Fujivara (44° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2014) assim que se formou engenheiro agrônomo pela Universidade Federal de Viçosa, em 1992, assumiu a gestão da propriedade da família, em Capão Bonito (SP). Depois de realizar experimentos comparativos das variedades de batatas, focou na variedade Ágata, plantando grandes áreas, comprovando na prática a produtividade desta variedade como também sua alta aceitabilidade no mercado. Ele tornou públicas todas as informações e por ter difundido a variedade Ágata por meio de capacitação e orientação dos produtores, muitos agricultores foram beneficiados. Atualmente, a maior parte do cultivo da batata no Brasil concentra-se nessa variedade.

O chamado batateiro transmite uma forte imagem de empreendedor audacioso. A bataticultura foi sempre considerada uma cultura de alto risco, em que “a dívida da batata só se paga com a batata”. Porém, essa imagem está mudando com o surgimento de jovens empresários como Fujivara, preocupados com a agricultura racional, diversificada, e com o meio ambiente; parece que os episódios pitorescos que cercam os tradicionais batateiros estão ficando para história.

Passaram-se quase 100 anos desde que imigrantes japoneses iniciaram a olericultura no Brasil. De acordo com a pesquisa realizada, por volta de 1990, estavam sendo cultivadas pelos *nikkeis* cerca de 70 espécies de hortaliças, estima-se que grande número destas hortaliças tenham sido introduzidas por eles. Na busca pela sobrevivência, muitos dos imigrantes se dispersaram por todo o Brasil, desde a região de clima temperado ao clima tropical, mas o que eles plantavam? Na história dos cem anos da olericultura no Brasil, entre as numerosas hortaliças introduzidas, certamente algumas alcançaram grande sucesso regional ou como frutas típicas da região, e outras simplesmente acabaram desaparecendo.

14. Kimisaburo Hirai (11° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1975) alcançou a independência em 1940, adquiriu 24 hectares de terra em Bastos (SP) e resolveu desafiar a produção de melão espanhol da variedade Valenciana, de alta qualidade, numa época em que só existia produto importado no mercado. No início não conseguiu produzir frutos doces, mas por meio de tentativas e erros, finalmente obteve sucesso. Assim, Hirai pode ser considerado o pioneiro no cultivo do melão espanhol no Brasil. A partir de então, o melão amarelo, outra linhagem de melão espanhol, começou a ser cultivado em Bastos, expandindo-se para a região de Sorocabana e para os estados da Bahia, Pernambuco e Pará, tornando-se um dos principais produtos nestas regiões, alcançando grande sucesso, especialmente no Estado do Rio Grande do Norte.

15. Junichi Irikita (33° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2003) instalou-se em Mossoró (RN) em 1978, onde obteve grande sucesso na produção de melão espanhol amarelo de alta qualidade, mesmo sob condições climáticas severas de região típica do semi-árido, transformando a região numa área de grande produção. Hoje, Mossoró tem como foco principal a exportação do melão para a Europa.

16. Kanjiro Fukushi (13° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1977) começou a plantar morango em Jundiá (SP) em 1950 e continuou em Atibaia (SP) na década

da de 1970. Ali, iniciou o cultivo do morango em locais elevados, com cobertura de lona preta e começou a utilizar a irrigação, acabando com o mito de que morango só se plantava em baixadas úmidas. Com essa inovação, o morango produzido tornou-se mais adocicado, além de ter a produção dobrada e transformar o morango num produto típico de Atibaia.

17. Marcílio de Souza Dias (9º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1973), professor da ESALQ/USP, foi pesquisador de grande destaque em melhoramento de hortaliças. Em 1944, Marcílio Dias, engenheiro agrônomo recém-diplomado pela ESALQ, foi contratado para assumir o Setor de Melhoramento de Hortaliças e iniciou o programa de melhoramento com a introdução de muitos cultivares, provenientes da Europa e dos Estados Unidos, de couve-flor, alface, repolho, brócolis, tomate, berinjela, cenoura, e cebola, submetendo-os a técnicas pioneiras de melhoramento genético e aclimatação. Em 1959, Hiroshi Ikuta (PKY, 2005) foi contratado como seu assistente, ficando responsável pela Estação Experimental de Hortaliças do Instituto de Genética, em Mogi das Cruzes (SP). Nessa região, havia se estabelecido um dos mais importantes redutos de imigrantes japoneses dedicados ao cultivo de hortaliças. O apoio e o interesse da comunidade japonesa foram de importância fundamental para o enorme sucesso obtido pelo Prof. Marcílio Dias e sua equipe.

18. Flávio Augusto D'Araujo Couto (22º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1988), nascido na cidade do Porto, em Portugal, em 1925, formou-se em agronomia pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), em Viçosa, em 1947. Obteve o título de *Master of Science*, pela Universidade da Califórnia (1955) e de doutor pela ESAV (1958). Foi professor e coordenador do curso de mestrado da Universidade Federal de Viçosa. Foi chefe-geral da Embrapa Hortaliças (1981 a 1985) e presidente da Emater-DF (1985-1988). Foi um dos fundadores da Sociedade de Olericultura do Brasil. Montou e coordenou um projeto-piloto de produção de sementes de hortaliças, contribuindo para eliminar a dependência tecnológica existente na época. Recebeu diversas distinções e honrarias, entre as quais, a Comenda do Sol Nascente Raios de Ouro com Roseta, em 1988, outorgada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão e recebida na Embaixada do Japão, em Brasília, em reconhecimento pelos trabalhos prestados aos agricultores de origem japonesa no Brasil, e a Placa Embrapa Hortaliças, em 2011, na comemoração dos 30 anos da instalação desta Unidade da Embrapa, quando foi lançado o Cultivar Híbrido Tomate BRS COUTO, em sua homenagem.

19. Hiroshi Ikuta (35º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2005), filho de agricultores imigrantes japoneses de Mogi das Cruzes (SP), graduou-se em agronomia pela ESALQ, em 1954, e foi docente do Departamento de Genética desta escola. Os trabalhos de melhoramento desenvolvidos pelo Prof. Ikuta resultaram no lançamento de diversas variedades de berinjela, repolho, alface, pepino, cenoura, pimentão, entre outras espécies, que revolucionaram o cultivo de hortaliças no Brasil. Dr. Hiroshi Ikuta, em Mogi das Cruzes, SP, conseguiu selecionar o híbrido da berinjela variedade F100, abrindo o caminho para a era dos F1 de produção nacional. Nos últimos anos, o Dr. Ikuta foi colaborador da Universidade de Mogi das Cruzes, além de desenvolver trabalhos de me-

Ihoramento de orquídeas, em convênio com a Associação dos Floricultores da Região da Via Dutra (AFLORD).

20. Hiroshi Nagai (42° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2012), nascido em Tóquio em 1935, chegou ao Brasil em 1954. Graduiu-se como engenheiro Agrônomo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em 1961. No mesmo ano, iniciou suas atividades de pesquisa em melhoramento de hortaliças no IAC, em Campinas. Obteve o título de doutor em Genética e Melhoramento de Plantas pela ESALQ em 1967. Realizou treinamentos de Pós-Doutorado na Universidade do Hawaii (1968), Universidade da Califórnia (Davis) (1968) e Universidade da Flórida (1980). O Dr. Nagai, aplicando alta tecnologia, foi responsável pela criação da variedade Ângela de tomate que marcou época, com elevada resistência a vírus, além da alface da variedade Brasil, com resistência ao vírus do mosaico da alface e elevada tolerância a calor. Por volta de 1978, lançou o cultivar Ângela Gigante de tomate, com frutos grandes e de boa cotação no mercado, que chegou a ocupar 70% da área plantada com tomateiro estaqueado no Brasil, no final dos anos 1980. Recebeu diversas homenagens, como o prêmio de Honra ao Mérito, do Governo do Estado de São Paulo, em 1983, por suas pesquisas com alface e tomate; “Prêmio Marcílio de Souza Dias”, distinção máxima outorgada pela Associação Brasileira de Horticultura, 1986, e Prêmio “Frederico de Menezes Veiga”, distinção máxima pela EMBRAPA.

21. Hiroshi Noda (45° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2015) formou-se engenheiro agrônomo pela ESALQ em 1968 e, em 1975, iniciou seus trabalhos como pesquisador científico do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), juntando-se à equipe do Dr. Warwick Estevam Kerr (ex-professor da USP e de outras universidades e primeiro diretor científico da FAPESP). Concluiu o mestrado (1980) e o doutorado (1981) em Melhoramento Genético de Plantas, na ESALQ. Dedicou-se às pesquisas de melhoramento de hortaliças e à conservação de espécies nativas da Amazônia. Um cultivar de tomate desenvolvido pelo Dr. Noda, com resistência à murcha bacteriana (*Ralstonia solanacearum*) e adaptado ao cultivo na Amazônia, em condições de altas temperaturas, recebeu o nome de cultivar Yoshimatsu, em homenagem a seu pai (Yoshimasa) e sua mãe (Matsu). O cultivar foi originário de uma combinação de material de tomate que veio da Universidade do Havaí, nos Estados Unidos, com outro da Guiana Francesa. As sementes do tomate são fornecidas gratuitamente aos agricultores, os quais produzem sua própria semente para o plantio da próxima safra. Foi coordenador do Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos da Amazônia (NERUA) e atuou como docente e orientador do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e do Curso de Pós-Graduação em Agricultura do Trópico Úmido do INPA. Ao longo da carreira, recebeu muitos prêmios, entre os quais o Diploma de Reconhecimento pelos Relevantes Trabalhos em Prol da Olericultura Nacional, outorgado pela Associação Brasileira de Horticultura, em 2008, e o Prêmio Fundação Bunge, na área de Ciências Agrárias - Produção Agrícola Sustentável, categoria Vida e Obra, em 2014.

22. Akira Iseti (25° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1992) adquiriu sete hectares de terra, em 1964, em Ibiúna (SP), dedicando-se ao plantio de alcachofra,

conseguindo sucesso na produção de excelente qualidade e prolongamento do período de colheita. O êxito alcançado foi devido à aplicação intensiva de esterco, comprovando a importância desta prática.

23. Takashi Chonan (27º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1995) instalou-se em Frei Rogério (SC) em 1961 e, em 1964, adquiriu 50 hectares de terras no Núcleo Tritícola, onde começou o plantio e a pesquisa sobre o alho. Utilizando o alho da região, selecionou e criou a variedade Chonan, de alta produtividade, excelente qualidade, ótima conservação, dentes maiores e de tonalidade roxa, podendo ser considerada como a primeira variedade de alho desenvolvida no Brasil. Reconhecido pelo Ministério da Agricultura em 1977, as áreas de cultivo de alho da variedade Chonan se expandiram não só em Santa Catarina, mas também para a região do Planalto Central do Brasil, transformando o alho em um dos importantes produtos agrícolas.

24. Kazoshi Shiraishi (42º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2012) para assegurar renda rápida em dinheiro, começou a plantar quiabo, como cultura alternativa. Por volta de 1955, quando o transporte dependia da estrada de ferro para alcançar o longínquo São Paulo, o envio de hortaliças para a Capital parecia ser algo inexecutável. No entanto, após várias tentativas e erros, Shiraishi conseguiu obter sucesso no cultivo do quiabo, alcançando altos preços no mercado paulista. A disseminação do *know-how* e as vantagens econômicas de plantio de quiabo têm beneficiado numerosos agricultores; decorridos 60 anos, Araçatuba continua sendo conhecida como a maior produtora de quiabo do Estado de São Paulo.

25. Masanori Toda (42º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2012) começou a plantar melão de rede em estufa em 1990. Nessa época, o norte de Paraná era considerado região muito promissora para a cultura de melão de rede de boa qualidade em estufa. Mas entrou em decadência em menos de 10 anos, devido ao cultivo contínuo do solo em estufa e danos causados pelo nematoide. Para resolver esses problemas, Toda reduziu o uso de adubos químicos e aumentou os insumos orgânicos como *bokashi*, bactérias fotossintetizantes, quitosana, sem se esquecer do esterco animal. Como principal meio de controle de nematoide foi utilizada intensamente a crotalaria como cultura de entressafra para a adubação verde. Ele diz não saber o que realmente fez efeito, mas passados 25 anos, as estufas que ainda hoje produzem o melão de rede de boa qualidade parecem indicar o caminho que a olericultura de estufa deve seguir.

Considerações Finais

Devido ao reduzido investimento exigido e seu rápido retorno financeiro, a produção de hortaliças era procurada pelos primeiros imigrantes japoneses que saíam dos contratos de formação de café no interior do estado à procura de independência econômica. Geralmente, se deslocavam para as proximidades da cidade de São Paulo, dedicando-se em especial à produção de tomate e batata, coincidentemente, para atender ao crescente mercado consumidor constituído por outras grandes correntes migratórias: a italiana e a portuguesa. As técnicas

de produção de tomate tiveram notável contribuição da comunidade *nikkei*, mediante criação de novas variedades, abertura de novas regiões produtoras e formação de produtores não *nikkeis*, que aprenderam o ofício trabalhando como meeiros dos tomaticultores *nikkeis*.

A bataticultura foi a origem da criação de duas das maiores cooperativas da comunidade *nikkei*, inicialmente para solucionar o problema de sua comercialização. Os bataticultores passavam por momentos de altos e baixos, pois dependiam das condições climáticas, fitossanitárias e de oscilação de cotações, além da questão da importação de batatas-sementes da Europa. Considerando a olericultura como um todo, pode-se dizer que foi o setor que mais contribuiu para o enriquecimento e diversificação da culinária brasileira, pois os imigrantes japoneses introduziram perto de uma centena de diferentes espécies olerícolas.

Referências

Associação Brasileira de Horticultura - ABH. **ABH homenageia o Departamento de Genética da ESALQ pelos seus 70 Anos**. Data de Publicação: 5 out. 2006. Disponível em: <<http://www.abhorticultura.com.br/informa/Default.asp?id=5323>>. Acesso em: 6 set. 2015.

CULTURA JAPONESA. **Homenagem ao professor Hiroshi Ikuta no 4º Bunkyo Rural**. Disponível em: <<http://www.culturajaponesa.com.br/?p=2922>>. Acesso em: 10 set. 2015.

OLIVEIRA, M. Entrevista Hiroshi Noda: agricultura sustentável na Amazônia. *Pesquisa FAPESP*, v. 1, p. 022-027, 2015. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2015/01/022-027_Entrev-Hiroshi_227.pdf>. Acesso em: 19 set. 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. **História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto - centenário da imigração japonesa - personagens de destaque na agricultura**. São Paulo: Bunkyo, 2009. 401 p. Edição bilíngue: japonês-português.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. **Cerimônia de entrega do Prêmio Kiyoshi Yamamoto**. São Paulo: Bunkyo. 2009-2014. (no prelo: 2015). Edição bilíngue: japonês-português.

TSUNECHIRO, A.; PINO, F. A. **Agricultores nikkeis no Estado de São Paulo**. *Informações Econômicas*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 73-83, jan./fev. 2013.

Pioneiro Choju Akimura, Fundador da Primeira Colônia Japonesa no Brasil

Guenji Yamazoe



Felício Fagundes e Choju Akimura

Choju Akimura nasceu na Província de Kumamoto, Japão, em 1871, e chegou ao Brasil em 1912 no navio Kanagawa Maru. Herói nas guerras do Japão contra a China e a Rússia, foi condecorado com a medalha Kinshi-Kunsho, ordem militar conferida por bravura em batalha e recebia duas aposentadorias até o fim da II Guerra Mundial. Foi

membro da Guarda Imperial (Konoehi) e serviu ao imperador, depois de passar por um concurso muito disputado. Para servir nessa Guarda tinha de ter, entre outras qualidades, saúde perfeita: sem nenhuma cárie, sem óculos e ninguém da família doente. Não se sabe a razão por que ele emigrou para o Brasil, se estava numa situação tão privilegiada. Essas informações fazem parte do depoimento dado por Tsuyako Akimura, que nasceu na Província de Hyogo, Japão, em 1918, veio para o Brasil em 1925 e casou-se com Toshimitsu, filho de Choju, em 1937. Tiveram quatro filhas e cinco filhos, todos vivos, 14 netos e 12 bisnetos.

Choju Akimura chegou ao Brasil com a família em 1912 e foi trabalhar nos cafezais da Fazenda Guataparã. Dadas as terríveis condições impostas naquela Fazenda, Choju passou a procurar uma saída. Encontrou-se com Takezo Mamizuka, que plantava batata em Taipas, e depois de percorrer mais de um mês os arredores da capital paulista, guiado por Mamizuka, resolveu adquirir uma gleba de 120 hectares de Felício Fagundes, no bairro de Cardoso, em Mairiporã (SP). Esse terreno foi dividido equitativamente entre dez famílias todas egressas da Fazenda Guataparã, de onde haviam saído mediante pagamento de multa, pois abandonaram a fazenda antes do término do contrato. Nascia, assim, a primeira colônia japonesa no Brasil, genuinamente de iniciativa dos imigrantes, sem nenhuma intervenção governamental.

Felício Fagundes, além de facilitar o pagamento pelas terras, parcelado em cinco anos, deu todo o apoio ao grupo do Akimura, financiando as despesas de mudança, de desbravamento, inclusive de subsistência na fase inicial. A primeira cultura desenvolvida teria sido a cebola, com um quilo de sementes fornecido por Felício Fagundes. Dividido entre as dez famílias, obtiveram-se 500 quilos de produção. Seguiu-se a cultura da batata por cerca de 20 anos, cujo primeiro plantio foi graças à batata-semente, também fornecida por Felício Fagundes.

No início, a batata produzida era carregada no ombro, em mochilas de sacos brancos de algodão, divididas em duas partes, uma na frente e outra atrás. Seguiam por 19 km de caminhos íngremes, atravessando a então Reserva Florestal da Cantareira, até o ponto final da estrada de ferro da Cantareira. De acordo com Arthur Fagundes, sobrinho-neto de Felício Fagundes, o caminho utilizado era a atual estrada da Roseira. Depois seguiam de trem até o ponto inicial da ferrovia, no Mercado Municipal, que naquela época ficava na atual Praça Fernando Costa, confluência das ruas General Carneiro e 25 de Março. No retorno, voltavam com os mantimentos na mochila, consumindo-se dois dias nessa viagem de ida e volta. Anos depois, de acordo com Tsuyako Akimura, Choji já possuía uma tropa de 11-12 burros para transporte. Mesmo assim, levava 6 horas para chegar ao ponto final da estrada de ferro Cantareira. Em 1937, Akimura comprou um caminhão Chevrolet Tigre, que só ele e mais dois possuíam em Mairiporã.

Ainda segundo Tsuyako, Akimura foi um dos fundadores da Cooperativa Agrícola de Juqueri, como associado número 19. Logo após o término da II Guerra Mundial, em 1946, Akimura, *kachigumi* convicto, que não acreditava na derrota do Japão, foi expulso da Cooperativa pelo seu Diretor-Gerente, Guenitiro Nacazawa, da ala dos *makegumi*, que aceitava a derrota do Japão. De Choji Akimura, herói condecorado das campanhas vitoriosas do Japão contra a China e a Rússia e ex-membro da Guarda Imperial, certamente, não se poderia esperar outra postura.

Em 1931, quando o município de Mairiporã correu o risco de ser extinto porque a sua renda anual não atingia 60 contos de réis, o Coronel Sezefredo Fagundes, irmão de Felício Fagundes e grande líder político de toda a região, utilizou o próspero desenvolvimento da colônia japonesa como um dos argumentos ao requerer a não anexação ao município de São Paulo. Esse episódio é relatado por Iris Fagundes, nora do Coronel Sezefredo Fagundes, em seu livro “Mairiporã - Aldeia Pitoresca”, que cita a colonização japonesa como um dos dois fatores decisivos no desenvolvimento do município. Nessa época, a colônia japonesa contava 112 famílias. Outro fator foi a abertura da estrada São Paulo-Bragança Paulista, passando por Mairiporã e Atibaia, para cuja conclusão o Coronel Fagundes empenhou todo seu prestígio político e econômico.

Referências

FAGUNDES, I. *Mairiporã - aldeia pitoresca*. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1992. 234 p.

KIYOTANI, M. *70 anos da colonização japonesa de Mairiporã*. (Tradução do original japonês de Ryoiti Yamazoe). Mairiporã: Associação Cultural e Esportiva Doshikai de Mairiporã, 1980. 12 p.



Alface verde e Alface roxa



Couve-flor



Lavoura de batata



Pimentao vermelho



Tomate cereja em estufa



Tomate estaqueado

O Papel da Comunidade *Nikkei* na Evolução da Avicultura Brasileira

Taketo Nishimura

Breve Histórico da Atividade Avícola *nikkei* no Brasil

O presente capítulo apresenta as realizações dos agraciados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto na área de avicultura, precedido de uma breve sinopse sobre a história da avicultura para fins comerciais no Brasil. A criação de aves remonta aos tempos do período colonial. Porém tanto os ovos quanto a carne de aves têm sido destinados para consumo próprio, antes mesmo da época em que não havia criação para fins comerciais. A avicultura de postura, com o objetivo de produção comercial, data apenas dos primórdios da década de 1920.

A empresa Chácara e Quintais, do Estado de São Paulo, começou a importação de matrizes para a postura, dando início à atividade comercial em 1920. Tendo como base a linhagem Leghorn (raça americana), foram comercializados também pintos recém-nascidos das linhagens Minorca, Andaluza, Plymouth Rock, Wiandotte, Rhode Island Red, Orpington. Como resultado, foram constituídas várias comunidades, formadas por pequenos avicultores nos bairros paulistanos de Moema, Vila Mariana, Vila Heloísa e outros. A mesma empresa realizou o evento Semana da Galinha, em setembro de 1926, estimulando a difusão da avicultura para a produção de ovos em São Paulo.

No mesmo ano de 1926, o francês Charles Toutain implantou a Granja Mandi no município de Itaquaquecetuba, próximo a São Paulo, importando galinhas bisavós (300 aves Leghorn branca) e também uma incubadora de pequeno porte. Iniciou, assim, a atividade comercial incubatória, abrindo a comercialização de pintos a partir do ano seguinte, destinada aos agricultores circunvizinhos, acompanhando principalmente a Estrada de Ferro Central do Brasil. Em 1927, Homem de Melo importou a raça Leghorn branca das linhagens inglesa e americana. Essas duas personalidades podem ser consideradas os pioneiros na atividade comercial da avicultura no Brasil.

Entre os japoneses, não está bem claro quem iniciou a avicultura para fins comerciais, porém há registro de que um japonês criava 100 cabeças da raça Leghorn branca no bairro de Santana, São Paulo, em 1924, mas não há certeza. Nessa mesma época, um japonês soube da comercialização de pintos na Granja Mandi e iniciou a criação de galinhas, não com o objetivo para a coleta de ovos, mas para a obtenção do esterco, destinado à adubação de hortaliças.

Em 1928, na Colônia Aliança, em Mirandópolis (SP), Toyozo Nakazawa juntamente com Harukita Amino e outros companheiros criavam galinhas em pequena escala para produção comercial de ovos e de carne. Estima-se que Kazuo Akashi tenha iniciado a incubação e criação com o objetivo de produzir ovos em

Ibitinga (SP), em 1927-1928. Na mesma época, Kanefusa Irie iniciou a pesquisa experimental de incubação e criação, em Piratininga, próximo a Bauru (SP). Irie possuía experiência em incubação, adquirida no Japão.

Com base nas informações confiáveis, pode-se dizer que as pessoas a seguir devem ser consideradas pioneiras, entre os imigrantes japoneses, na avicultura para produção de esterco para uso em suas propriedades. Além de Takeo Hattori, formado em agronomia no Japão, que se iniciou na avicultura em 1928, em Taubaté (SP), temos também Iwao Nagashima e Minoru Tomita, ambos do bairro de Itaquera, São Paulo; Kenichi Nakagawa em 1928 ou 1929, em Cotia (SP), Yoshiji Kodato (1929), no bairro da Freguesia do Ó, São Paulo; entre 1929 e 1930, Yoshizo Yamazaki e Tomita, no bairro da Casa Verde, São Paulo; Miyata, Sadatoshi Ito, no bairro de Caxingui, São Paulo; Keiichi Matsumoto, formado em agronomia, no Japão, no bairro de Itaquera; Masamichi Nagaya, em Poá (SP); Kawana, no bairro Bom Sucesso, Guarulhos (SP) deram início à avicultura visando à obtenção de esterco. Dentre eles, Nagashima, Matsumoto, Nakagawa e Kodato lideraram as pesquisas.

No início da década de 1930, a avicultura se expandiu como atividade complementar à horticultura nos arredores de São Paulo. Nessa época, aumentou o número de agricultores que se deslocaram dos cafezais do interior para São Paulo e o esterco de galinha era muito utilizado para a adubação da cultura de tomate. Como resultado, a avicultura de postura, que foi iniciada por agricultores portugueses e italianos, foi rapidamente difundida entre os agricultores japoneses para fins de obtenção de esterco de galinha. Houve difusão da cultura de tomate, especialmente ao longo da Estrada de Ferro Central do Brasil, e a maioria desses produtores se associou à Cooperativa Agrícola de Mogi das Cruzes. Por essa razão, essa Cooperativa passou a centralizar a avicultura e foi também responsável pela transição da avicultura para produção de esterco para a de ovos.

Outras cooperativas já existentes na época, como a de Itaquera e de Cotia, não se interessavam pela avicultura, pois a maioria de seus associados era bataticultor e consideravam-na um empreendimento de escala muito reduzida. A Cooperativa de Mogi das Cruzes, que foi fundada mais tarde, elegeu, em 1934, Takashi Watanabe como Diretor-Presidente; este era um grande entusiasta da avicultura, ele próprio criava 1.100 cabeças, encorajando, desse modo, os associados para entrar no ramo da produção de ovos. Naquela época, eram raras no Japão granjas que superavam 1.000 cabeças. Desde essa época, essas duas cooperativas *nikkeis* se tornaram referência na liderança da avicultura entre os japoneses, consolidando a Cooperativa Agrícola de Mogi na avicultura de postura e a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) na técnica de criação.

A Cooperativa Agrícola de Juqueri, que posteriormente passou a constituir uma das três grandes cooperativas, na época era uma organização pequena que tinha como atividades principais a batata e as hortaliças. Quem introduziu a avicultura nessa cooperativa foi Guenitiro Nacazawa, em 1937. Tornou-se seu diretor-gerente a partir de 1939. Ele próprio era um pequeno avicultor em Mairiporã (antiga Juqueri) e a partir do final da Segunda Guerra Mundial, como

dirigente da Cooperativa, deu grande importância à avicultura, contribuindo decisivamente para a expansão dessa atividade.

Não há dados precisos, mas, por volta de 1936, a produção de ovos pelos japoneses, ao redor de São Paulo, ainda não era significativa. A atividade tornou-se mais intensa como resultado da ampliação no setor de avicultura na Cooperativa Agrícola de Mogi das Cruzes e principalmente da CAC, que importou do Japão, em 1938, uma incubadora com capacidade para 10 mil ovos. Na mesma época, a CAC introduziu, do Japão, aves da raça Leghorn branca, considerada campeã do mundo em produtividade. A incubadora de grande capacidade, única no Brasil, na época, foi instalada no bairro do Caxingui, em São Paulo.

Após a realização de testes de criação e de postura da linhagem japonesa na incubadora, a CAC passou a distribuir, em 1939, pintos de alta qualidade a preços baixos entre os cooperados, alcançando 34 mil pintos já no primeiro ano. A capacidade de outras incubadoras era pequena, inferiores a 500 ovos (a incubadora tridimensional projetada por Shozo Sakai, em 1938, acomodava 1.000 ovos), com baixo índice de eclosão, que alcançava em torno de 50%, e esta discrepância na capacidade influenciou na distribuição dos pintos. Como resultado, os avicultores dos arredores de São Paulo migraram para a CAC e com atuação predominante desta Cooperativa, entre 1939-1940, os japoneses assumiram a liderança na produção de ovos. Entre os anos de 1940 e 1941, a CAC importou mais cinco incubadoras da marca Masterpeace do mesmo porte, levando as incubadoras não *nikkeis* ao encerramento de atividades. Algumas incubadoras, como as granjas Sakai e Shigueno, ainda conseguiram sobreviver.

Por outro lado, no interior, principalmente na região oeste paulista, também se iniciou a difusão da avicultura para postura. Entre 1939 e 1941, jovens *nikkeis* que participaram dos cursos de capacitação em agricultura, promovidos pela Cooperativa Central Agrícola de São Paulo, receberam orientação sobre avicultura na incubadora de Caxingui e ganharam amostras de pintos de um dia para iniciar a criação, expandindo a avicultura na década de 1940 e formando polos produtores de ovos como Lins, Mirandópolis, Marília, Bastos, Tupã, entre outros.

Durante a Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1942 a 1945, a avicultura de postura da região oeste do Estado passou a abastecer o mercado paulista, mesmo em pequena escala, por meio da Cooperativa Central Agrícola de São Paulo (1942), Cooperativa Agrícola de Cotia (1943) e Cooperativa Agrícola Bandeirantes (1944). Com o término da Segunda Guerra Mundial e a instalação da desordem entre os chamados *kachigumis* e *makegumis*, a Cooperativa Agrícola de Juqueri (denominação alterada para Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil em 1955) também iniciou a atuação na produção de ovos em Bastos. Cada qual procurou expandir-se na região oeste com a instalação de suas bases. A concorrência comercial entre as cooperativas ocasionou um resultado positivo entre os agricultores para a expansão na criação, entrando na fase de prosperidade da avicultura de postura na década de 1950.

Em relação à avicultura de corte, mesmo que tenha iniciada juntamente com a avicultura de postura na década de 1920, a sua difusão foi tardia. Isso

se deveu à demanda limitada em restaurantes, bares, hospitais em geral, embarcações (navios estrangeiros que atracavam para reabastecimento nos portos do Rio e Santos). O pequeno consumo doméstico era atendido nas feiras, com venda de carne fresca de frango caipira. Em princípios da década de 1950, a CAC iniciou experimentalmente a criação de frangos de corte com as raças melhoradas adquiridas (raça americana) e, a partir de 1954, profissionalizou a sua comercialização no mercado paulista.

Dando continuidade ao processo, as maiores granjas *nikkeis* também se lançaram na criação de frango, o que impulsionou a avicultura de corte no Estado de São Paulo na década de 1960. As cooperativas que possuíam instalações para abate e processamento (Cotia, Central, Sul Brasil) dominavam mais de 60% desse mercado. Porém, ao entrar na década de 1970, quando ocorreu a introdução do sistema integrado (cadeia fechada para criação, abate, processamento e exportação), o mercado de frango de corte entre os *nikkeis* não acompanhou as mudanças e ficou apenas como mero espectador. Como resultado, no início da década de 1980, a liderança na produção e comercialização de frango de corte concentrou-se nas mãos das grandes empresas integradas, principalmente a Perdigão e a Sadia. A participação dos *nikkeis* no mercado do frango de corte despencou rapidamente na década de 1990, tendendo a perder forças e entrar em decadência.

Na avicultura de postura, entre meados da década de 1950 e final da década de 1960, ocorreu uma expansão rápida no seu porte, surgindo agricultores *nikkeis* que se tornaram empresas no mercado da avicultura de postura, tendo como destaque as granjas Tanabe, Shigueno, Sakai, Kunitomo, Nagao, em Mogi das Cruzes, além das granjas Mizumoto, Mizuma, Shida, em Bastos, e Granja Ito, em Santo André. Estes ampliaram a participação no mercado, competindo com as grandes cooperativas *nikkeis* e esta corrida influenciou os resultados com o aumento no nível tecnológico, o desenvolvimento de equipamentos e a melhoria na qualidade da ração.

Porém, as cooperativas *nikkeis*, que lideravam o mercado da avicultura brasileira desde a década de 1930, perderam a força de atuação no início da década de 1990. A avicultura de postura passou a ser controlada pelas mãos de grandes empresas *nikkeis* e a avicultura de corte passou para as mãos das grandes empresas frigoríficas (mercado suíno e avícola), perdendo a liderança para estas. E, no decorrer da década de 1990 as grandes cooperativas *nikkeis*, como a Cooperativa Agrícola de Cotia e a Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil entraram em liquidação. Seguidamente, as grandes empresas avícolas também foram afetadas pela falência administrativa, sendo forçados a sair ou suspender a avicultura de postura.

Em relação às raças de poedeiras, a Granja Shigueno iniciou, em 1935, a introdução de raças formadoras de matrizes, com incubadoras próprias. A Leghorn branca daquela época, principalmente a raça japonesa, foi o foco na década de 1950, mas, com a introdução da raça americana na década de 1960, foi excluída. Atualmente, em 2015, as principais raças de aves de postura exploradas são: Hyline, Shaver, Babcock, Hisex, Dekalb, H&N, Lohmann. Quanto

às raças para corte, destacam-se Arbor Acres, Hubbard e Hybro, sendo Hubbard a mais explorada.

Atualmente, na avicultura brasileira de postura, mesmo com a mudança de gerações, alguns empreendimentos *nikkeis* de grande porte mantêm a liderança no mercado do Estado de São Paulo, tais como a Granja Yabuta, com 7.000.000 aves, em Bastos (SP), Ademar Kerkhoff, com 600.000, no Espírito Santo, José Armélio, 3.000.000, em Pernambuco, Granja Ito, 2.000.000, em Sumaré (SP) e Granja Shigeno, 1.500.000, em Tatuí (SP). Além disso, há comunidades de criação coletiva, como é o caso da Colônia Várzea Alegre, que iniciou a avicultura de postura em 1961, no município de Terenos (MS), com a criação de 1.500.000 aves, mantida pelos associados *nikkeis* da Cooperativa Agrícola de Várzea Alegre. Já a Granja Miyamoto, da colônia Efigênio Sales, Manaus (AM), vem batalhando com a criação de 300.000 aves num mercado estritamente local. O número de aves de postura em Bastos totaliza 22.000.000 e está em fase de expansão com a construção de novos galpões para granjas, estima-se que ao final do ano de 2015 surjam mais algumas granjas na escala de 1.000.000 a 2.000.000 de aves cada uma.

Com relação aos equipamentos para avicultura, após a criação de incubadoras planas de Endo e as tridimensionais de Sakai, ainda na década de 1930, houve poucos *nikkeis* dedicados ao desenvolvimento de novos implementos. Somente em 1965, a Yamasa Cia. Ltda., de Yoshio Yamasaki, em Rinópolis (SP), começou a fabricar lavadoras de ovos de grande capacidade, seguindo tendências de automação. No início, a Yamasa lançou equipamentos de lavagem e seleção de ovos com capacidade para 360 dúzias por hora. Atualmente, fabrica equipamentos que chegam a processar 15.000 dúzias por hora, automatizando todas as operações, desde a coleta de ovos até sua embalagem. Esse equipamento é exportado para toda a América do Sul, América Central, Canadá e Estados Unidos.

Contribuição dos Premiados à Avicultura Brasileira

Shozo Sakai (2º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1966) Nasceu na Província de Nagano, Japão, em 1911, veio para Brasil em 1933, como imigrante individual. Trabalhou durante dois anos na Colônia 2ª Aliança, Mirandópolis (SP). Em 1935, aceitando o convite de seu conterrâneo Jiniti Shigueno, mudou-se para Mogi das Cruzes. Juntamente com os irmãos Shigueno (Jiniti e Jun) constituiu a Granja Shigueno e Sakai foi nomeado responsável técnico devido à sua experiência em avicultura, adquirida ainda no Japão.

A Granja Shigueno iniciou a criação com 200 cabeças da raça Leghorn branca e desde o princípio Jiniti Shigueno pensava em construir uma incubadora de ovos. Suas ideias foram repassadas para Shozo Sakai que concretizou o invento. O primeiro usuário da incubadora foi a Granja Mandi, de Itaquaquacetuba (SP), que tinha como administrador o francês Charles Toutain, que importou da França, juntamente com as 300 aves da raça Leghorn, uma incubadora de ovos de pequeno porte.

Com relação à incubadora, Nobuo Endo, chefe do Departamento Avícola do Centro de Treinamento da Fazenda M'Boi, administrado pela Companhia de Desenvolvimento Ultramarino (*Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha - KKKK*), desenvolveu, em 1932, a primeira incubadora plana, com capacidade para 100 a 200 ovos, que funcionava com o sistema de aquecimento de água. O mesmo foi adquirido pela Granja Tanabe, de Shigueaki Tanabe, de Mogi das Cruzes. Nessa incubadora, era difícil manter a uniformidade térmica dos ovos.

A partir de meados de 1929, foram importadas da França e dos Estados Unidos incubadoras do tipo tridimensional. Tomando essas como modelo, Endo construiu uma incubadora no formato de sapateira, denominado *Nagoya Geta-bakoshiki Furanki*. O sistema funcionava com o aquecimento da água através da combustão do querosene e possuía capacidade maior que o formato plano (300 a 500 ovos). Shozo Sakai aperfeiçoou esse sistema, porém o índice de eclosão continuava baixo, em torno de 40 a 50%, assemelhando-se ao índice do sistema plano. Em 1938, Sakai saiu da Granja Shigueno, buscava independência e pretendia continuar no desenvolvimento desses equipamentos, aumentando a capacidade para 1.000 ovos, mas não conseguiu melhorar o índice de eclosão.

Com a importação de incubadoras de grande capacidade pela CAC a partir de 1938, que passaram a produzir pintos de um dia da raça Leghorn branca japonesa de alta produtividade a preços baixos, incubadoras de pequena capacidade desenvolvidas por Endo e Sakai perderam o mercado. Sakai, então, partiu para o trabalho de melhoramento de matrizes e comercialização de pintos, expandindo a avicultura de postura comercial. Sakai, pessoalmente se aperfeiçoou na técnica de sexagem e, devido ao seu alto nível técnico, chegou a capacitar funcionários *nikkeis* para tal atividade. Além disso, contribuiu para a difusão tecnológica, principalmente através da orientação detalhada do sistema de criação aos japoneses, que tinham intenção de iniciar a avicultura comercial.

Yoshiji Kodato (7º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1971) Nasceu em 1906 na Província de Tochigi, Japão. Emigrou para o Brasil em 1926 juntamente com seus pais e irmãos, e trabalhou nos cafezais de Cravinhos (SP), região Mogiana. Mudou-se para o bairro da Freguesia do Ó, São Paulo, iniciando o cultivo de hortaliças e avicultura. Na mesma época, consolidava-se a comunidade japonesa no bairro de Itaquera, na região leste de São Paulo. Entre eles, alguns, como Iwao Nagashima e Minoru Tomita iniciaram a avicultura com o intuito de obtenção do esterco. Outros japoneses das proximidades, principalmente ao longo da Estrada de Ferro Central do Brasil, passaram a experimentar a criação de Leghorn branco por volta de 1928 a 1929 e Yoshiji Kodato foi um deles.

Mesmo em criações de pequena escala, a pesquisa encontrava-se em pleno desenvolvimento e os pioneiros na avicultura na fase de cria foram principalmente Kenichi Nakagawa, no bairro de Moinho Velho, Cotia (SP), e Yoshiji Kodato. Nakagawa é tido como o primeiro avicultor do Brasil a criar 300 aves poedeiras, em 1934-1935. Kodato pesquisou principalmente os cruzamentos e a ração balanceada, tornando-se especialista nesse ramo. Foi Kodato o primeiro no Brasil a descobrir a presença de “endoparasito aviário”. Entre os anos de

1937 e 1938, as pesquisas foram passadas para as mãos das instituições especializadas japonesas e os responsáveis por esta mudança do rumo foram a CAC e a Associação Agrícola Nipo-Brasileira, esta presidida por Kiyoshi Yamamoto.

A Associação Agrícola Nipo-Brasileira foi fundada em junho de 1937, no Caxingui, bairro de São Paulo, mas, devido à eclosão da II Guerra Mundial, suas atividades foram paralisadas em fevereiro de 1942. A partir de então, a pesquisa tecnológica foi desenvolvida pela CAC, sob a liderança interna de Yoshiji Kodato. Em novembro de 1937, a CAC importou do Japão as três raças puras (Leghorn branco, Plymouth Rock, Rhode Island Red) que serviriam como plantéis bisavós. Kodato foi nomeado responsável para o aprimoramento da raça poedeira, coincidindo com a chegada de incubadora japonesa de grande capacidade, em 1938. Essa incubadora foi instalada na Estação de Caxingui e Kodato foi designado seu responsável.

Como responsável, Kodato trabalhou no melhoramento genético de aves poedeiras, além de prestar orientação técnica aos cooperados e realizou a capacitação dos jovens da comunidade rural na difusão da avicultura de postura comercial, em parceria com a Cooperativa Central Agrícola de São Paulo e a Associação Agrícola Nipo-Brasileira. O primeiro curso foi dado em junho de 1939 na Estação de Caxingui, da CAC. Ele mesmo ministrou aulas e distribuiu 200 pintos de um dia para cada participante, recomendando que fossem compartilhados entre os vizinhos. Esse gesto contribuiu fortemente para incentivar a avicultura comercial no interior do Estado de São Paulo, de onde eram procedentes os jovens participantes.

Em 1943, Kodato volta para sua granja, mas em 1950 retornou para CAC a convite e se dedicou até o final daquela década à produção de matrizes e orientação aos cooperados. Mesmo após o retorno à sua granja, continuou realizando pesquisas e na década de 1960 importou raças americanas, avaliou vários sistemas de criação: intensiva, solta, a céu aberto, convencional entre outros, colocando em prática novas sugestões e alternativas, que contribuíram para o desenvolvimento da avicultura brasileira. Paralelamente, contribuiu para a difusão da avicultura por meio de publicações em jornais e revistas em idioma japonês.

Jinichi Shigueno (10º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1974) Nascido na Província de Nagano, Japão, em 1911, emigrou para o Brasil em 1930, junto com seus pais e irmãos e engajou-se na atividade agrícola na Colônia 1ª Aliança, Mirandópolis (SP). Em 1933, conhece Shozo Sakai, também da Província de Nagano, que imigrou para a mesma Colônia. Logo em seguida, a família Shigueno muda-se para Mogi das Cruzes, onde dá início ao cultivo de hortaliças. Assim que se mudaram para Mogi das Cruzes, encontraram alguns agricultores japoneses que criavam galinhas com a finalidade de obter esterco. Na época em que o cultivo de tomate começava a se expandir entre os japoneses em Mogi, o uso do esterco de galinha era recomendado para essa cultura.

Em 1931, os japoneses dessa região uniram-se para formar a Cooperativa Agrícola de Mogi das Cruzes, visando à comercialização conjunta de tomate e

também com interesse para o próprio processamento de tomate. Mas a cooperativa organizada para essa finalidade teve vida efêmera, encerrando as atividades industriais em 1934 por problemas técnicos de processamento. A cooperativa formada para produção e comercialização de hortaliças teve continuidade e o seu presidente, Takashi Watanabe, revelou grande liderança, incentivando a avicultura comercial. Jiniti Shigueno pesquisou cuidadosamente a avicultura na região e no início de 1935 convidou Shozo Sakai, da Colônia 1ª Aliança, com experiência em avicultura no Japão. Concluiu que um dos pontos importantes dessa a atividade era a distribuição de pintos de um dia, encarregando Sakai a construir a incubadora. Nessa época, ainda não havia nenhum japonês que produzisse pintos.

Adquiriu da Granja Mandi, em Itaquaquecetuba, 200 aves matrizes da raça Leghorn branca. A incubação dos ovos dessas matrizes foi realizada na incubadora de ovos tridimensional idealizado por Sakai. Naquela ocasião, além da Granja Tanabe, o Centro de Treinamento da Fazenda M'Boi, administrado pela Companhia de Desenvolvimento Ultramarino - *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha - KKKK* fazia a distribuição de pintos aos interessados, mas como a produção era pequena, a maior parte dos avicultores adquiria da Granja Mandi, de origem francesa, ou da Granja Saxônia, de origem alemã. Com início de atividades de incubação do Shigueno, a avicultura comercial difundiu-se rapidamente ao longo da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Com a importação de incubadoras modernas de grande capacidade pela CAC em 1938, todas as incubadoras existentes, de menor capacidade, fecharam. As granjas Shigueno e Sakai iniciaram, então, pesquisas de matrizes, importando do Japão e dos Estados Unidos as raças melhoradas para formar plantéis selecionados, passando assim a produzir matrizes.

No caso da Granja Shigueno, a granja de matrizes de aproximadamente 29 hectares, Mogi das Cruzes, encerrou suas atividades na década de 1990, mas a granja comercial de Tatuí, constituído por volta de 1967 e administrada por Mitsuki Shigueno, ainda continua sua atividade. Essa granja pode ser considerada a última remanescente entre as constituídas antes da Segunda Guerra Mundial. Atualmente (2015), mantém um plantel de 1.500.000 aves em fase de postura. Além de buscar a redução dos custos por meio de automação das atividades, vem aproveitando o esterco semicurtido para a adubação das culturas agrícolas, como café, laranja, além da diversificação de atividades em Mato Grosso.

A Granja Shigueno dedicava-se, desde sua instalação em 1935, às atividades incubatórias, com a introdução de matrizes. Na época, a raça Leghorn branca do Japão, até a década de 1950, era muito procurada, mas com a chegada das raças americanas, em 1960, essa atividade foi abandonada. Atualmente, as principais raças para postura são Hyline, Shaver, Babcock, Hysex, Dekalb, H&N, Roman. Para frango de corte são utilizadas principalmente as raças Arboracre, Harvard, Hypro, sendo Harvard, a principal.

Motoji Ito (14º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1978) Nasceu na Província de Hiroshima, Japão, em 1915 e emigrou para o Brasil em 1917. Seus pais se de-

dicaram à produção de cana-de-açúcar, arroz e outros produtos na Colônia de Registro, administrada pela KKKK, vindo a gerenciar uma pequena usina de açúcar. Em 1932, começou a trabalhar na agricultura no Itaim Paulista, bairro de São Paulo, e, em 1933, tornou-se independente e iniciou o cultivo de tomate. Em 1936, conseguiu adquirir uma área de 24,2 hectares na Colônia Mizuho, em São Bernardo do Campo (SP), concentra-se na horticultura e fruticultura. Na ocasião, interessa-se pela avicultura, que se expandia ao redor de São Paulo.

Como não conhecia a técnica da avicultura, enviou inicialmente o seu irmão Iwao para a Granja Shigueno, em Mogi das Cruzes, onde trabalhou durante cinco anos, assimilando as técnicas de criação. Em 1941, retornando à colônia Mizuho, juntamente com seu irmão, instalou a Granja Ito. A atividade principal consistia na criação de aves matrizes e incubação e, em 1947, constituiu a granja de matrizes em Santo André. Inicialmente, se concentrou na criação da raça Leghorn branca japonesa e, em 1951, introduziu a nova linhagem dos Estados Unidos, fazendo o cruzamento com a raça nacional brasileira. Com a repetição dos cruzamentos, conseguiu obter a fixação da genética melhorada.

Em 1953, teve início a ocorrência da doença de *Newcastle* na periferia do Rio de Janeiro, que se disseminou rapidamente nas regiões circunvizinhas de São Paulo. Na época, existiam as vacinas (vírus morto), mas sua eficácia era limitada. Buscando linhagens tolerantes à doença, os irmãos Ito empenharam-se em realizar melhoramento genético, sem, no entanto, obter êxito. Em 1960, Motoji Ito visita os Estados Unidos para obter tecnologia de ponta para a granja de matrizes, bem como pesquisar novas linhagens, interessando-se pela raça Hyline.

Nessa época, o Ministério da Agricultura proibiu temporariamente a importação de matrizes como medida de controle sanitário. Assim que houve a liberação em 1961, importou a raça Hyline, que apresentava altas taxas de postura e tolerância à doença. Esse sucesso incentivou outras empresas a importar essa raça. O impacto foi grande, sobretudo nas cooperativas *nikkeis* (Cooperativa Agrícola de Cotia, Cooperativa Central Agrícola de São Paulo e a Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil), que lideravam a avicultura de postura comercial,

Dando sequência, a Granja Ito e a CAC introduziram a raça Kimber. Buscando maior difusão, a empresa Kimber e a Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil realizaram um investimento em conjunto para consolidar a empresa Agresco Avicultura Ltda. Pouco depois, a Cooperativa Central Agrícola de São Paulo escolheu a raça Babcock para ser distribuída nas associações de cada região de sua atuação. Outras granjas de matrizes de grande porte também introduziram as raças Shaver, H&N, Dekalb, entre outras. Essas raças americanas acabaram substituindo todas as raças poedeiras então existentes na década de 1960, num processo iniciado por Motoji Ito.

A Granja Ito ampliou, então, sua atuação na área da granja comercial e, em 1978, adquiriu terras em Itirapina, na região central do Estado de São Paulo, tornando-se a primeira granja no Brasil a criar 1.000.000 de cabeças, isto foi um estímulo para que outras granjas alcançassem essa escala, aumentando a concorrência entre elas. A Granja Ito manteve a liderança, mas na década de

1980, as condições econômicas do Brasil se agravaram e, após o Plano Cruzado, ocorrido em 1986, entrou em crise financeira, levando a Granja Ito a encerrar sua atividade. Atualmente, existe a Granja Ito administrada por Satoshi Ito, com o mesmo sobrenome, mas sem nenhum vínculo familiar com Motoji Ito.

Os problemas de doenças em aves enfrentados pelos irmãos Ito nos anos de 1950 e 1960 foram resolvidos com o advento e disseminação das vacinas na década de 1960. A vacina de soro de vírus morto era importada dos Estados Unidos desde a década de 1950, mas na década de 1960 foi desenvolvida uma nova vacina viva pelo pesquisador Mario Nakano, do Instituto Biológico, da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. A partir de então, esse Instituto deu continuidade às pesquisas sobre doenças aviárias, desenvolvendo novas vacinas e reagentes para análises.

Vacinas contra bronquite infecciosa, laringotraqueite infecciosa, síndrome respiratória agravada pelo micoplasma, foram desenvolvidas em sequência, transformando-as em produtos comerciais. O reagente para a análise da salmonelose (pulorose) também foi desenvolvido e difundido pelo pesquisador Mário Nakano. As vacinas de imunização contra a coccidiose, boubá aviária e mesmo as doenças consideradas incuráveis CRD (Doença Respiratória Crônica) surgiram e tornaram-se comerciais. A única vacina que se atrasou no seu desenvolvimento foi aquela para o controle de laringotraqueite infecciosa, que passou a ser produzida nos Estados Unidos e é importada para Brasil desde 2004. Assim, pode-se considerar que atualmente todas as doenças aviárias no Brasil estão sob controle.

Yoshio Utsumi (26° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1993) Nasceu na Província de Kagawa, Japão, em 1907 e assim que se formou no Colégio Agrícola de Miki emigrou para o Brasil, em 1926, por meio do programa da entidade Rikkokai. Trabalhou com a família Ogasawara no bairro de Itaquera, São Paulo, se esforçou, acumulando economias e, em 1931, tornou-se independente. Foi admitido como técnico na CAC, passando a atuar na assistência aos cooperados, direcionada mais aos pequenos produtores de hortaliças interessados em obter esterco de aves para adubação. Dedicou-se na área da avicultura da CAC durante 25 anos consecutivos, de 1938 a 1963. Em 1943, foi nomeado chefe do Setor de Incubação, em Pinheiros, sucedendo Yoshiji Kodato, que se aposentou, e após 16 anos neste cargo foi chefe da Seção de Avicultura durante nove anos.

Em fevereiro de 1945, a CAC construiu a granja de matrizes em Moinho Velho, Cotia (SP). Utsumi deu maior importância à técnica de sexagem dos pintos de um dia. No final da década de 1930 o índice de acerto da sexagem de pintos na incubadora da CAC era em torno de 90%, considerado de excelente nível no Brasil. Utsumi não se contentou com esse índice, capacitando seus subordinados e filhos dos cooperados. Como resultado, o índice de sexagem pelos cooperados avicultores aumentou para 94%. No início do ano de 1954, por sugestão de Utsumi, a CAC convidou Yoshinobu Sano, do Japão, especialista de alto nível em sexagem. Com treinamento de Sano, a técnica de sexagem atingiu o nível considerado máximo, de 99%, em 1955.

Na mesma época, Utsumi criou a Escola de Sexagem, tendo Sano como professor. Por meio de técnicos como Sasaki, Asaeda, Yamaguchi, Toyoshima e Takagi, inúmeros cooperados, funcionários e seus filhos receberam o treinamento. Diversos técnicos treinados por Utsumi em avicultura tiveram atuação destacada, como Shogo Yamamoto, que, a convite da JICA, deu assistência técnica, não só nas diversas regiões do Brasil, mas no Paraguai e na Bolívia, durante as décadas de 1970 e 1980. Masahiro Yamaguchi também teve atuação destacada na Cooperativa Central Agrícola de São Paulo, tendo, posteriormente, ingressado na Granja Sakai. Há diversos pontos em comum entre o engenheiro Yamamoto e o veterinário Masahiro Yamaguchi. A transformação de Bastos em região de grande concentração de granjas deve-se muito ao trabalho incansável de Utsumi, graças a ele, muitos avicultores passaram de seu caráter complementar para comercial. Também cabe aos esforços de Utsumi a criação do maior centro de processamento de aves de corte da América Latina, pela CAC, em Bastos, em 1966.

Um problema enfrentado por Utsumi na década de 1960 foi a manifestação de sintomas semelhantes à doença causada por *Staphylococcus aureus*, a princípio considerada como uma variação dessa doença bacteriana, porém não solucionada com medicamentos. Ryota Toyozumi, formado em agronomia pela Universidade de Hokkaido, que trabalhava na CAC, desconfiou da possibilidade da deficiência de micronutriente. Alterando a composição da ração experimentalmente, ficou esclarecido que se tratava de deficiência de selênio. A causa encontrava-se no milho produzido nas chapadas do Brasil Central, região de Cerrado, cujo solo é pobre desse elemento mineral.

Keizo Fujikura (38º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2008) Nasceu na Província de Yamagata, Japão, em 1932, formou-se no Colégio Agrícola de Okitama em 1951 e emigrou para o Brasil em 1958 e foi admitido na granja de matrizes de Moinho Velho da CAC.

Tornou-se independente em 1964 e instalou sua granja em Embu (SP). Com os conhecimentos adquiridos em sexagem, no Japão, Fujikura viajou para Argentina, a convite daquele país, para prestar orientação. De volta ao Brasil, ficou temporariamente trabalhando como técnico na granja de matrizes Sakai, em Mogi das Cruzes (SP). Em 1968, adquiriu terras na região de Guaió, próximo a Mogi das Cruzes, e retomou a atividade avícola.

Iniciou-se como avicultor convencional de postura, mas em 1973 mudou o ramo de atividade para a criação de codornas, criando também patos. No caso da codorna, a sexagem dos pintos é extremamente difícil, pois, diferentemente das galinhas, a distinção do sexo pela avaliação da cloaca é complicada, devido ao reduzido tamanho da protuberância genital. Em 1980, Fujikura criou uma nova metodologia de sexagem de codorna, que consiste na diferença de desenvolvimento das penas das asas e cauda dos pintos recém-eclodidos, de acordo com o sexo. Além disso, pode-se avaliar também pela diferença na região da cabeça, bico e pelas pintas na região da canela. Fujikura requereu a patente dessa metodologia de sexagem no Brasil, porém não foi aceita, sob a alegação de se tratar de seres vivos.

As contribuições mais notáveis de Fujikura na criação de codorna foram a metodologia de sexagem e o melhoramento genético. Em consequência, a produção de ovos de codorna no Brasil aumentou vertiginosamente, transformando-se em alimento popular. Não há registro estatístico muito confiável a respeito, mas estima-se que existam atualmente no mercado mais de 30.000.000 de codornas. A demanda pelos ovos de codorna tende a aumentar ainda mais.

A metodologia de sexagem e o melhoramento genético da codorna desenvolvido por Fujikura tem chamado atenção de outros países, como Portugal, Espanha e Japão para a realização de pesquisa conjunta. Nesse sentido, pesquisadores de outros países já estiveram em visita às criações de codorna de Fujikura. Nesse intercâmbio, ele já obteve êxito em desenvolver raça de codorna que produz ovos brancos. Pesquisas genéticas para produção de carne vêm sendo realizadas em parceria com a Associação de Codorna do Japão. Além disso, em relação a influenza aviária (H5N1), vacinas para imunização e ovos isentos de contaminação têm merecido destaque em suas pesquisas.

Fujikura já transferiu a administração para seus filhos, que atualmente (2015) estão criando cerca de 200 mil cabeças de codornas poedeiras e distribuindo anualmente de 400 a 500 mil pintos de um dia. Essa escala o coloca em segundo lugar a nível nacional (a maior criação de codorna encontra-se na casa de 700.000 aves). A produção de ovos de codornas tem aumentado ao ritmo de 5 a 10% por ano, atendendo à crescente demanda. Os pintos de codorna são comercializados nos estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Piauí, Alagoas, Acre, Rio Grande do Norte e Amazonas e a atividade tem crescido a passos firmes.

Yoshimi Shintaku (43º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2013) Nasceu em Cafelândia (SP) em 1935, onde foi criado. Seus pais imigraram para o Brasil em 1927. Após trabalhar nos cafezais, adquiriu 29 hectares de terras em Marília, para se concentrar na cotonicultura. Posteriormente, passou para a produção de milho, feijão, amendoim e outros cereais, batata, melancia e outros. Shintaku, que ajudou seus pais desde 14 anos na lavoura, chegou à conclusão que, para alcançar a estabilidade econômica é de fundamental importância a consorciação de culturas anuais com culturas perenes (frutas). Ao assumir todo o trabalho de seu pai, Yoshimi introduziu a avicultura em 1964, para diversificar as atividades. Inicialmente, a avicultura era uma atividade complementar, de pequena escala, reduzido investimento, baixo nível tecnológico e não mostrou resultados satisfatórios.

No início da década de 1960, houve disseminação da doença de Marek na avicultura brasileira. Não existindo ainda vacina para imunização, desenvolvida somente em 1970, não havia meios para controlar. A leucemia precoce também causava elevada mortalidade e pouco menos da metade conseguia chegar ao estágio adulto. A única alternativa não passava da discreta introdução de pintos resistentes, com foco no acompanhamento da saúde. Para isso, foi reforçado o banho de sol, melhorando a entrada de raios solares, através de remoção de algumas telhas do galpão. No entanto, não foi possível barrar a doença de Marek.

Shintaku, inicialmente, tentou adotar o sistema Marto convidando um profissional do Japão, mas não se satisfiz com a orientação recebida. Na década de 1980, conheceu o médico-veterinário Masahiro Yamaguchi, que havia trabalhado na Cooperativa Central Agrícola de São Paulo e na Granja Sakai, em Mogi das Cruzes. Quando Shintaku o conheceu, atuava como autônomo, dando assistência aos avicultores *nikkeis*. Yamaguchi colocava em dúvida o sistema americano, focado apenas no aumento da produtividade, e começou a pesquisar um sistema de criação com baixo estresse nas aves, desenvolvendo o chamado Sistema Yamaguchi de produção de ovos.

Shintaku concordou com a orientação de Yamaguchi e assumiu a avicultura como atividade principal. Seguiu as recomendações de Yamaguchi e constituiu a Associação de Avicultura Sanko, reunindo avicultores que compartilhavam pensamentos em comum. Os líderes dessa Associação foram Shintaku e Yorozuya (Bastos), congregando avicultores dos estados de São Paulo, Goiás e também de Brasília, formando um grupo de 24 pessoas com espírito em comum.

A base da avicultura do sistema Yamaguchi é a criação de plantéis fortes e saudáveis, tendo como regra inviolável não fornecer água e ração mais do que necessário e não causar estresse nas aves. As orientações do veterinário Yamaguchi eram bastante rigorosas e aqueles que contrariavam as regras rígidas foram se distanciando da Associação. Atualmente (2015), os que dão continuidade ao sistema Yamaguchi são Shintaku, Yorozuya e entre outros, Granja Kuwana, em Ourinhos (SP), Granja Yamane, em Sorocaba (SP), Granja Nitta, em Guataparã (SP), Granja Ikeda, em Bastos (SP), Granja Murakami, em Bastos (SP).

Além de receber orientações diretas de Yamaguchi, o próprio Shintaku buscou inovações. Uma das questões era o tempo de iluminação nos Estados Unidos, que difundiu o método da utilização da iluminação artificial aumentando o tempo de exposição entre 16 a 17 horas diárias para aumento do índice de postura. Essa prática foi assimilada rapidamente pelos avicultores dos países desenvolvidos e, mesmo no Brasil, muitos técnicos adotaram esse tipo de orientação. Shintaku, porém, colocou em dúvida esse procedimento, pois aumentava o estresse das aves e contrariava os princípios de ave forte, ave saudável, transformando a galinha em simples máquina de pôr ovos.

Mas afinal, seria necessário evidenciar a questão do prolongamento das horas de iluminação no Brasil? Para eliminar suas dúvidas, visitou as granjas do Equador, situadas na linha do Equador e no Japão (zona temperada). No caso do Estado de São Paulo, durante o pleno verão, o tempo mais longo de iluminação natural (luz solar) é de aproximadamente 14 horas. Levando em consideração isso como padrão, fez os ajustes no tempo de iluminação. O estresse causado às aves foi reduzido e conseguiu manter também o índice de postura de forma econômica. Conseguiu reduzir as despesas com a energia elétrica e, de modo geral, os pontos positivos foram maiores.

Shintaku não se descuidou também das pesquisas sobre ração. O volume total fornecido ficou restringido apenas às necessidades. As despesas poderiam

ser diminuídas, evitando fornecimento excessivo de ração. Além disso, com o ajuste de vitaminas, minerais e outros, controlou a saúde das aves. Não se contentando com os resultados alcançados, Shintaku está desenvolvendo pesquisas em tecnologia da ração para conseguir produzir ovos como alimento saudável.

No mundo em que a produção de ovos é controlada pelas granjas comerciais de grande escala, a obtenção segura do lucro pelas de pequeno porte deve-se graças à adoção das técnicas que merecem ser consideradas. As instalações da Granja Shintaku mostram o desgaste do tempo. Porém, contrariando o aspecto simples, as condições de saúde das aves dentro dos galpões e o resultado do índice de postura são esplêndidos. As galinhas saudáveis conseguem manter alto índice de postura com baixo custo, resultando em alto nível de produção. A frase “não basta ser grande, mesmo pequenos podem ser rentáveis” vem sendo comprovada por exemplos concretos de Shintaku.

Considerações Finais

É interessante observar que a avicultura, na colônia japonesa, teve como objetivo inicial a produção de esterco destinado a adubar lavouras de hortaliças. Esse fato é compreensível, lembrando que na década de 1920 ainda não existia adubo químico no mercado brasileiro. Somente em meados da década de 1930, a produção de ovos começa a adquirir importância econômica, limitada ainda à pequena produção de pintos de um dia, em incubadoras artesanais de 1.000 ovos, no máximo, e de baixa porcentagem de eclosão.

Nesse sentido, a primeira revolução na avicultura comercial ocorreu em 1939, quando começou a funcionar uma incubadora supermoderna importada do Japão pela Cooperativa Agrícola de Cotia, com capacidade de 10 mil ovos, aliada à introdução de linhagens de aves Leghorn brancas japonesas, de alta produtividade. A partir daí, a colônia japonesa, representada por várias cooperativas, acaba dominando a produção de ovos no Brasil. Na década de 1960, a avicultura é marcada por outro salto tecnológico, com a chegada de linhagens americanas de aves de postura.

Quanto à avicultura de corte, que teve início por volta de 1954, com os primeiros abatedouros instalados pela Cooperativa Agrícola de Cotia, seguida de outras cooperativas e a introdução de raças americanas, experimentou grande crescimento na década de 1960, mas declinou rapidamente no início dos anos 1980, frente às chamadas empresas integradas de Santa Catarina. Em 1994, a avicultura sofreu sério abalo com a liquidação das principais cooperativas, às quais a maioria dos produtores estava associada. Nessa década, também as granjas deram um salto na escala, passando de milhares para milhões de aves por unidade, acompanhado de avançada automação, tendência que vem sendo reforçada nos últimos anos.

Referências

ANDO, Z. Cotia Kumiai 30 nen shi (História de 30 anos da Cooperativa Agrícola de Cotia). São Paulo, 1959.

COMISSÃO DE EDIÇÃO DA HISTÓRIA DA COOPERATIVA AGRÍCOLA DE COTIA - COOPERATIVA CENTRAL, Cotia Sangyoukumiai Chuoukai 60 ne no ayumi (História de 60 anos da Cooperativa Agrícola de Cotia). São Paulo, 1987.

COMISSÃO DA HISTÓRIA DOS JAPONESES NO BRASIL. Burajiru ni okeru nihonjin hattenshi (História dos japoneses no Brasil). Tóquio, 1941-1942. v. 1, v. 2.

COMISSÃO DE FESTIVIDADES DOS 50 ANOS DA COLONIZAÇÃO DE MOGI DAS CRUZES. Takukon eien ni kagayaku - Mogi nyushoku 50 nenshi (História de 50 anos da colonização de Mogi - o esplendor do espírito pioneiro). Mogi das Cruzes, 1971.

KOYAMA, R. Imin 40 nen shi (História de 40 anos da imigração). São Paulo 1949 (Publicado pelo autor).

MIZUNO, M. Bastos 25 nen shi (História de 25 anos de Bastos). Outubro 1955. (Publicado pelo autor).

NAKANO, Y. Burajiru no chikusan jijyo (Situação da indústria animal no Brasil). Subsídios para reunião de estudos do Centro de Desenvolvimento de Tecnologia de Indústria da Carne do Japão, Fundação Central da Indústria Animal, 04/08/2009.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto - centenário da imigração japonesa - personagens de destaque na agricultura. São Paulo: Bunkyo, 2009. Edição bilíngue: japonês-português.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. Cerimônia de entrega do Prêmio Kiyoshi Yamamoto. São Paulo: Bunkyo, 2013. Edição bilíngue: japonês-português.

TOYOTA, S. Burajiru oyobi Cotia no youkei jijyou (Situação da avicultura no Brasil e da Cooperativa Agrícola de Cotia). Relatório da Seção de Avicultura da Cooperativa Agrícola de Cotia, maio 1987.

Fazenda Nova Aliança, de Mitsuaki Shigueno, sobrinho de Jiniti Shigueno (PKY 1974), Tatuí (SP), em 2015



Pintos recém-nascidos, raça Hisex



Coletor automático de esterco em esteira



Criadeira de frangas de até 30 dias, em ar condicionado de 30°C



Frangas Hisex branca



Frangas Hisex marrom



Aviário de 100 m. de extensão com frangas de até 16 semanas



Coletor de ovos



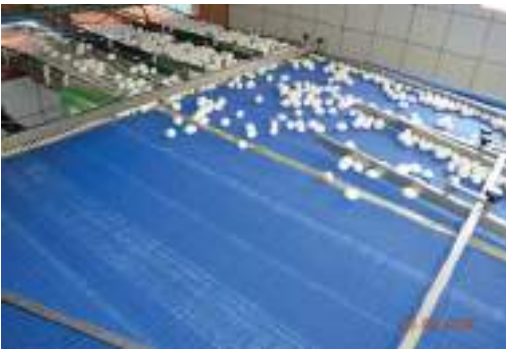
Poedeiras



Ovos subindo para 2º andar em esteira



Coletor de ovos, 2º andar



Classificação de ovos



Inspeção de ovos trincados



Lavagem de ovos



Deteção de ovos riscados por sensor



Modelagem de bandejas para ovos



Embalagem automática de ovos.



Ovos empacotados



Revolvimento de esterco para fermentação aeróbica

Os Imigrantes Japoneses e seus Descendentes e o Desenvolvimento da Floricultura do Brasil

Kunio Nagai

Introdução

A floricultura, em seu sentido amplo, abrange o cultivo de plantas ornamentais, desde flores de corte e plantas envasadas, floríferas ou não, até a produção de sementes, bulbos e mudas de árvores de grande porte. É um setor altamente competitivo, que exige a utilização de tecnologias avançadas, profundo conhecimento técnico do produtor e um sistema eficiente de distribuição e comercialização.

Embora presente no cotidiano do brasileiro desde o final do século passado, a floricultura nacional, até meados da década de 1950, era pouco expressiva, tanto econômica como tecnologicamente, caracterizando-se como uma atividade paralela a outros setores agrícolas. Os principais cultivos localizavam-se nas regiões próximas às capitais do Sudeste e Sul do país, não tendo quase expressão no contexto da agricultura nacional.

No início deste século, a floricultura constituía-se principalmente do cultivo de flores nos jardins e quintais das residências, onde desempenhava função paisagística ou, quando colhidas empregadas na decoração de interiores. Com a especulação imobiliária, as chácaras e as grandes mansões foram gradativamente substituídas por conjuntos residenciais, privando parte da população da possibilidade de cultivar flores para o seu consumo. Houve, desse modo, a necessidade de um suporte representado pelo cultivo em escala comercial de plantas ornamentais diversas.

O pioneirismo na floricultura brasileira coube à colônia portuguesa. A princípio, a produção era pequena e visava abastecer o mercado em épocas definidas de intensa demanda, como Dia das Mães, Dia dos Namorados, Finados e Natal. Com a ocorrência dos fluxos migratórios, assentamentos e diversificação das atividades dos imigrantes, a floricultura passou a apresentar os primeiros sinais de organização e crescimento. Papel preponderante tiveram os italianos, alemães e, principalmente, os japoneses. Com a fundação, por imigrantes holandeses, da Cooperativa Agropecuária Holambra, em 1948, observou-se um novo e decisivo impulso.

Com o aumento da produção, os sistemas de comercialização foram-se alterando, organizando-se os primeiros mercados. Inicialmente, os produtos eram vendidos em barracões armados em praças como no Rio de Janeiro (Centro) e São Paulo (Cantareira, Largo do Arouche, Praça Charles Miller, junto ao estádio do Pacaembu) em locais sem a mínima infraestrutura. E começava a expedição

de pequenas quantidades de gladiolos, por meio ferroviário, a cidades cada vez mais distantes e aumentando, assim, tanto a demanda como a distribuição.

Em 1969, com a inauguração do Mercado de Flores no Entrepósito Terminal de São Paulo (ETSP), da Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), começava a organização do comércio de flores e plantas ornamentais. Nesse terminal, atualmente, as flores e plantas ornamentais são transacionadas às terças e sextas-feiras.

Em 1972, com a organização implantada pela Cooperativa Agropecuária Holambra (CAPH), imprimiu-se uma profissionalização ao comércio de plantas ornamentais, nessa época já bastante diversificada: os grupos de produção e dos comerciantes emergidos dentro da Cooperativa uniram-se na comercialização, ficando a produção sob a responsabilidade de cada produtor. Essa organização refletiu-se no aprimoramento das atividades desenvolvidas pelos demais produtores, de modo que o binômio quantidade produzida/qualidade do produto passou a ser melhor atendido.

Em 1989, a CAPH implantou um sistema de comercialização de flores e plantas por pregão (viva-voz). De distribuidor atacadista que era, transforma-se em mercado de flores e plantas. Nesse ano, a Cooperativa introduziu o sistema de leilão eletrônico (analógico) com utilização de lâmpadas. Em 1991, a CAPH introduziu a Unidade de Negócios Veiling, sistema de leilão por relógio, trazido da Holanda. A abertura do Veiling, sistema de comercialização moderno e transparente, na Cooperativa, em 1989, contribuiu para conduzir a floricultura nacional ao seu estágio de desenvolvimento atual.

O que era *Hobby* virou Atividade Principal

Hatsuo Ishibashi (7º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1971) nasceu em Kumamoto, Japão, em 1903 e veio ao Brasil aos 26 anos. Sempre teve gosto por flores, assim inicialmente era por *hobby*, mas depois se tornou sua atividade principal. Durante a época como colono e depois como proprietário, sempre plantava flores em volta da casa e cuidava nas horas de folga entre os serviços pesados da roça. Com o empobrecimento do solo devido à erosão, no interior, em 1948 mudou-se para a Colônia Fukuhara, em Suzano, e trouxe consigo as sementes de flores e bulbos de gladiolos, que o ajudaram a definir os novos rumos da sua vida.

Em 1949 e 1950, produziu flores como segunda atividade e solicitou a uma pessoa para vender. Como os resultados foram bons, decidiu se dedicar exclusivamente à produção de gladiolos, a partir de 1951. Em 1952, foi pela primeira vez vender flores na feira do Largo do Arouche, centro de São Paulo, onde ocorriam vendas duas vezes por semana e lá já atuavam veteranos do ramo, como Ohira, de Embu (atual Embu das Artes) e Kadomoto, de Caxingui, atual bairro da capital paulista.

Naquela época, havia apenas 11 floriculturas em toda a cidade de São Paulo, e uns 20 fornecedores, entre alemães, portugueses e italianos, considerados

como os pioneiros na produção de flores na região da capital; conforme pesquisa que realizou. O primeiro japonês que sobreviveu com a produção de flores foi Keisaburo Honda, de Mogi das Cruzes (SP), em 1926. Ele escolheu a floricultura porque o retorno era mais rápido e vendia em maços, de porta em porta. Seiichi Suguita, do bairro Capela, também de Mogi das Cruzes, vem a seguir, em 1937. Este desenvolveu uma nova variedade de margarida conhecida como Margaridão, que veio a ser amplamente cultivada. Esses produtores, em geral, produziam em pequena escala paralelamente à produção de hortaliças.

Miyozo Nishikawara pode ser considerado o pioneiro como produtor exclusivo de flores. Começou com produção de rosa em Jaçanã, em São Bernardo do Campo e depois em Rio Grande da Serra, numa área maior. Começou a vender rosas diariamente no mercado da Cantareira em 1944, e às terças e sextas, à noite na feira do Largo do Arouche, tendo posteriormente aberto uma unidade de venda no mercado do Rio de Janeiro. No início enfrentou muitas dificuldades para viver somente com flores.

Futoru Jinnai aprendeu com Nishikawara e começou a produção de rosa em 1948, juntamente com hortaliças, em Ribeirão Pires. Na mesma época, entraram no ramo Kazuo Ohira (Caxingui, Capital, SP), Mitsuru Kondo (Jundiaí), Kadomoto (Taboão da Serra), Seitaro Izumi (Freguesia do Ó, Capital, SP). Um pouco antes, em 1946, Koshichi Yamaki começou a produzir flores, que eram embarcadas na estação de Suzano com destino ao Rio de Janeiro. São citados também Ikari, Okabe, Sambin, Senzaki, todos de Suzano.

Havia alguns japoneses que cultivavam orquídeas como hobby, a partir de 1940, mas não excedem os já citados. Em 1952, Ishibashi comprou uma caminhoneta Chevrolet e passou a se dedicar exclusivamente à comercialização da produção na feira do Largo do Arouche. Plantou diversas variedades de flores, mas concentrou-se na produção de rosa, cravo e gladiolo.

As Exposições de Flores e o Aumento do Consumo

Por volta de 1951, ocorreu uma grande crise no mercado de flores em São Paulo. Alfredo Domingo importou bulbos de gladiolos da Holanda em grande quantidade e plantou em Santo Amaro, na Capital de São Paulo, ocupando sete alqueires (quase 17 ha), em uma só vez. As variedades da Holanda eram de alta qualidade, difíceis de serem adquiridas, e quando a produção inundou o mercado criou-se um grande problema devido à enorme queda nos preços das flores.

A partir dessa ocorrência, Ishibashi passou a visitar o Consulado da Holanda para obter bulbos daquele país. Depois de várias negociações, os holandeses concordaram em fornecer de 200 a 300 bulbos por ano, em caráter experimental. O primeiro lote chegou em 1953 e, a partir daí, a produção de gladiolos entre os japoneses aumentou muito.

Um episódio importante na expansão da floricultura foi a fundação da Associação dos Amigos da Floricultura de São Paulo, em 9 de março de 1952, reunindo cerca de 30 produtores e sob a coordenação de Kenkiti Shimomoto,

então presidente da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC). Shimomoto também foi o primeiro presidente dessa Associação. Os objetivos da Associação eram o fomento da floricultura, a divulgação do consumo de flores e a pesquisa técnica. Sua sede foi instalada junto à sede da CAC e havia reuniões mensais com intenso intercâmbio de informações. Produtores famosos como Kameichi Okamoto, Yamaguchi, Nomura também passaram a fazer parte da Associação e o próprio Shimomoto, conhecido como Orquídea do Shimomoto, entre os brasileiros.

A Associação promoveu a 1ª Exposição de Flores, em novembro de 1955, nas dependências da CAC. Foram expostos cravos, rosas, vasos de begônias, violetas e avencas em latinhas. A 2ª Exposição foi em dezembro de 1956, com enorme efeito promocional junto aos consumidores e também grande incentivo aos produtores. Da 3ª Exposição em diante, passou a se realizar nas dependências mais amplas da CAC, localizadas no bairro do Jaguaré, e em 1965 passou a ser realizada na CEAGESP.

Coincidindo com o 20º aniversário da Associação, em 1972, foi realizada a última Exposição, quando a CEAGESP encerrou sua realização. Nessa época, cada região produtora, como Suzano, Poá, Itaquera, Cotia, Santo Amaro e Atibaia criou sua própria associação, reunindo mais de 1.000 produtores, juntou-se a isto o fato do desaparecimento das principais lideranças, tais como, Nishikawara, Izumi, Ohira e do próprio fundador Shimomoto, que tornava difícil a coordenação. Aliado a isso, com a mudança de geração, a Associação entrou em franca decadência após a última Exposição em 1972.

Na década de 1950, a produção de gladiolo expandiu muito, graças à introdução de bulbos da Holanda, e nessa época Ishibashi também se dedicou exclusivamente à cultura dessa espécie. Outra espécie cuja produção aumentou foi o cravo, especialmente pelo trabalho de Haruju Matsuoka (6º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1970), natural de Kochi, Japão, que trouxe a variedade *William Sym*, lançado no mercado em 1956, com grande sucesso. A partir daí, muitos floricultores passaram a plantar essa variedade.

Seguiu-se a era da rosa a partir de 1958, com os trabalhos dos jovens produtores formados pelos *Cotia seinens*, que a partir de meados de 1960 passaram a liderar a floricultura. Em 1956, ao visitar Haruju Matsuoka, Ishibashi ficou impressionado com o crisântemo *Pot Mum* e resolveu plantar imediatamente esta espécie. Em 1958, construiu duas estufas para o cultivo de cravo com gladiolo, formando duas linhas principais das suas atividades, mas estava à procura de uma saída, pois os problemas de doenças no cultivo de gladiolo eram muito graves.

Em seguida, veio o crisântemo (flor de corte) e, em 1970, o cacto. Depois o mercado foi inundado por crisântemo *Pot Mum* e flores em vaso, consolidando a atual floricultura. Devido a problemas de doenças e necessidade de rotação nas culturas de gladiolo e cravo, Ishibashi passou paulatinamente para plantas ornamentais. Essa oportunidade surgiu quando viajou para o Japão.

O que Ishibashi Aprendeu com a Poluição de Tóquio

Em março de 1961, Ishibashi retornou ao Japão, depois de 32 anos, e visitou as atividades de produção de plantas ornamentais em Kurume, Fukuoka e Tanoshimaru, na ilha de Kyushu e no entorno de Tóquio. Ao observar a produção de mudas de plantas ornamentais ocorreu-lhe a necessidade de promover campanhas de reflorestamento no Brasil. O que ocorre normalmente no Brasil em loteamentos urbanos é a derrubada de florestas, terraplenagem e a entrega do terreno desnudo, sem nenhuma vegetação. O comprador constrói sua casa e planta grama em volta da casa, mas observa-se falta do verde, algo muito distante de um “ambiente verde, bonito e saudável”.

No início da década de 1960, Tóquio enfrentava o sério problema da poluição do ar. Era a época do “sol amarelo”, devido ao gás carbônico expelido por veículos, e pregava-se a necessidade de plantio maciço de árvores. Ali pôde antever o que ocorreria em São Paulo em futuro não muito distante. De um lado, com o aumento de veículos, em circulação e, do outro, a eliminação de florestas devido ao loteamento urbano, com redução do verde em São Paulo e no seu entorno, era mais do que previsível o agravamento da poluição. O que realmente aconteceu, já no início de 1970, com queda de qualidade dos rios Tietê e Pinheiros, gás expelido pelas indústrias, veículos, etc.

Ali encontrou sua grande missão: “a recuperação do verde”. Além dos objetivos imediatos, o plantio de árvores na cidade seria um patrimônio que ficaria para as próximas gerações, diferente da produção de flores, cortadas ou em vaso, que teriam de ser replantadas periodicamente. Por outro lado, as plantas anuais precisam ser vendidas imediatamente, enquanto as árvores podem ser conservadas por vários anos, sem pressa em comercializar. É um empreendimento a longo prazo, mas de retorno assegurado.

Assim, ao retornar ao Brasil, Ishibashi despediu-se da floricultura e iniciou os preparativos para entrar na produção de plantas arbóreas. Realizou algumas pesquisas e ficou sabendo que para se ter conforto satisfatório a área verde necessária é de 36% da área construída. Naquela época, São Francisco e Los Angeles, cidades norte-americanas, se encontravam em situação próxima ao índice ideal. Mesmo a Tóquio de pós-guerra dispunha de 18% de párea verde. Em São Paulo, a situação era de apenas 4,3%.

A primeira espécie ornamental que produziu foi a azaleia, motivado pelas visitas que fez durante sua estada no Japão, quando esta espécie estava em plena florada, tanto nas matas como junto às residências. Nas visitas em viveiros de Kurume, Tanoshimaru, em Kyushu, observou especialmente o plantio da azaleia. Houve tentativas anteriores de introdução de azaleia no Brasil, por meio de mudas, mas, em geral, sem sucesso devido à demora no transporte marítimo ou ao tratamento sanitário inadequado ao chegar ao porto de Santos. Diante desses antecedentes, resolveu introduzir a azaleia por meio de sementes. Teruo Tamura, da Estação Experimental de Kyushu, em Kurume, prontificou-se não só a fornecer sementes, mas também forneceu detalhada orientação quanto à sementeira, reprodução e propagação vegetativa.

Essas sementes chegaram em abril de 1962, trazidas por imigrantes japoneses. Eram sementes das linhagens *Kurume*, *Hirado* e *Unzen*, e provavelmente foram as primeiras introduções de azaleia japonesa no Brasil. As sementes foram semeadas em estufa, de alta umidade e alta temperatura, alcançando ótima germinação. Floresceram após um ano e oito meses. Efetuou a seleção em função das características de formato e coloração das flores, eliminando as defeituosas, e após três anos chegou a 78 clones, que passaram a ser utilizadas como matrizes. Verificou que um deles se tratava da variedade *Hirato* (*Oomura-zaki*) formado por ele há mais de 20 anos, sentiu que valeu a pena, e plenamente compensado pela missão cumprida.

A Flor Constrói a Cultura - A Importância da Missão como Dever

A partir do início da década de 1960, a floricultura expandiu-se muito, especialmente em Suzano, Mogi das Cruzes, Atibaia, Cotia. Em março de 1958, foi constituída a Associação de Floricultura da Região de Suzano e Hatsuo Ishibashi foi eleito o 1º Presidente. Em 1965, a Associação já contava com 100 membros, tendo realizado sua primeira Exposição de Flores, com grande sucesso. Nessa época, ocorria também a exposição em São Paulo e Ishibashi participava da organização de ambas e, em 1968, chefiou uma missão em viagem à Argentina. Na década de 1960, a floricultura expandiu muito e a contribuição dos *Cotia Seimens* foi decisiva neste crescimento. Na década de 1970, com a utilização de estufas, houve uma grande melhoria na qualidade dos produtos ornamentais, contribuindo para a expansão do consumo no mercado de flores e plantas.

Outros Pioneiros da Floricultura

Na cultura de orquídeas em escala comercial, destaca-se Ienori Nakao (12º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1976), inicialmente como *hobby*, em 1966, muda-se para uma propriedade na rodovia Raposo Tavares, escolhida pela proximidade do mercado paulistano. Em 1976, já possuía dez estufas de vidro de 5 m x 20 m, com 20 mil vasos de orquídeas. Sua esposa, Yukie, cuidava da comercialização, distribuindo mil vasos por semana entre 12 floriculturas, sempre em dias alternados para que os clientes tivessem flores sempre frescas. Ienori presidiu a Associação de Orquidófilos de São Paulo de 1973 a 1974.

Kaoru Hino (14º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1978) nasceu em 1900, em Fukuoka, Japão, chegando ao Brasil com 29 anos, tendo alcançado grandes sucessos como agricultor em diversas culturas: café, arroz, tomate, hortaliças, granja avícola e fruticultura. Mas mudou totalmente de ramo passando a dedicar-se ao cultivo de cactos, sendo um dos pioneiros a produzir em escala comercial, chegando a ter sucesso na exportação para Holanda, Dinamarca e EUA.

O Intercâmbio Tecnológico

No ano de 1952, ao mesmo tempo em que era fundada a Associação dos Amigos da Floricultura de São Paulo, a Cooperativa Agrícola de Cotia iniciou pesquisas de cultivo de flores e plantas ornamentais na Estação Experimental de Moinho Velho. O chefe da Estação, Narumi Ueno (4º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1968), nascido em Miyazaki no ano de 1901, encarregou-se pessoalmente dos testes de cultivo de espécies como rosas, gladiolos e variedades de orquídeas, ao mesmo tempo em que os técnicos a ele subordinados realizavam a introdução de variedades, testes de cultivo e a admissão de estagiários em técnicas de floricultura. Essa Estação Experimental não só admitiu estagiários, como também realizou orientação técnica em domicílio aos produtores, contribuindo enormemente para a difusão das técnicas de produção.

As exposições eram promovidas visando dois objetivos: a expansão do mercado consumidor de flores e plantas e o intercâmbio tecnológico entre os produtores, apesar de haver às vezes alguns produtores contando com o faturamento proveniente das vendas diretas nesses eventos. Uma das exposições pioneiras em São Paulo foi aquela promovida pela Associação dos Amigos da Floricultura de São Paulo, em agosto de 1952, com apoio e colaboração da CAC, realizada na sede social dessa cooperativa em São Paulo. Depois que o recinto da exposição foi transferido em 1967 para a atual CEAGESP, a Associação dos Amigos da Floricultura prosseguiu realizando exposições anualmente até 1972.

Atendendo ao pedido da prefeitura de Suzano, a Associação Suzanense de Floricultores expôs mais de 300 itens de produtos na 1ª Feira Biental Agrícola, Industrial e Comercial de Suzano, em 1962, quando realizou também a venda direta de flores, plantas e mudas de árvores. Depois disso e junto com as festas de flores, essa Associação realizou, com afinco, cursos e visitas técnicas a localidades mais desenvolvidas.

O município de Atibaia realizou em 1972 a Festa das Rosas que, posteriormente, evoluiu para a atual Festa das Flores e Morango de Atibaia. Em 1973, a Associação de Produtores de Flores e Plantas Ornamentais da Região de Cotia realizou a Festa do Crisântemo de Cotia. A Cooperativa Agropecuária Holambra realizou a Expoflora e, em 1992, a Associação dos Floricultores da Região da Via Dutra (AFLORD), de Arujá (SP), realizou a Festa de Flores de Arujá. A Expoflora, realizada em Holambra (SP), atrai visitantes de dentro e de fora do país, por ser o maior evento da floricultura no Brasil.

A AFLORD foi fundada em 1981, tendo como primeiro presidente Katsuya Araki (30º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2000), nascido em 1937, em Yamagata, Japão, tendo como objetivos o melhoramento tecnológico dos cultivos, a promoção de movimentos pró-verde e a união e confraternização entre os associados. Esses associados eram floricultores sediados em municípios às margens da rodovia Dutra e demais localidades vizinhas. Kazuo Takanashi (36º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2006), nascido em 1923, na cidade de Tateyama, Chiba, Japão, também foi fundador da AFLORD, tendo sido seu presidente, dedicou-se à floricultura iniciando com a cultura de rosas, gladiolos e depois com a produção

de orquídea *Phalaenopsis*, desenvolvendo a multiplicação em laboratório, através da cultura de meristema. Yoshio Kinoshita (34º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2004) nasceu em 1934, na província de Yamaguchi, Japão, foi outro fundador da AFLORD e dedicou-se à floricultura, destacando-se na produção de mudas de roseira e depois mudas de árvores ornamentais para urbanização.

Considerações Finais

A contribuição mais notável da comunidade *nikkei* na floricultura foi a introdução de várias espécies de flores: gladiolo da Holanda, a partir de 1953, e azaleia do Japão, em 1962, ambas por Hatsuo Ishibashi; mudas de cravo e de crântemo, por Haruju Matsuoka, em 1956, trazidas do Uruguai.

Outra característica dos floricultores *nikkeis* foi a de se organizar em associações para intercâmbio de informações e organização de exposição de flores, que ajudaram na popularização e no aumento do consumo de flores.

Referências

FRANCISCO, V. L. dos S.; PINO, F. A.; KIYUNA, I. Floricultura no Estado de São Paulo. Informações Econômicas, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 17-32, mar. 2003.

FRANCISCO, V. L. F. dos S.; PINO, F. A.; KIYUNA, I. Floricultores do Estado de São Paulo. Informações Econômicas, São Paulo, v. 33, n. 12, p. 74-80, dez. 2003.

SÃO PAULO SHIMBUM. Página Agrícola. Edições: 29/1/1987, 05/2/1987, 12/2/1987 e 19/2/1987.

SILVEIRA, R. B. de A. Floricultura no Brasil. São Paulo: SBFPO. Adaptação. Alcebiades Rebouças São José. UESP, 1993.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto - centenário da imigração japonesa - personagens de destaque na agricultura. São Paulo: Bunkyo. 2009. 401 p. Edição bilíngue: japonês-português.

TSUBOI, N.; TSURUSHIMA, H. Introdução à história da indústria de flores e plantas ornamentais no Brasil. Arujá: AFLORD, 2009. 276 p.

TSUNECHIRO, A.; PINO, F. A. Agricultores *nikkeis* no Estado de São Paulo. Informações Econômicas, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 73-83, jan./fev. 2013.



Antúrio



Azaleia



Bromélia



Ciclamen



Cravo



Crisântemo



Gérbera



Hortênsia



Kalanchoe



Rosa

Orquídea *Phalaenopsis*

Violeta

Um Século de Conquistas na Cafeicultura: lutas e desafios

Toyoshiko Kashima

Os Imigrantes Japoneses

Uma história de trabalho árduo, desafios, dificuldades e de conquistas. Desde o momento da chegada ao Brasil, os primeiros imigrantes japoneses eram destinados a trabalhar nas fazendas de café em São Paulo, maior região produtora na época. Eles substituíram a mão de obra italiana, conseguiram assimilar as práticas culturais e de colheita do produto, a maior riqueza da agricultura.

A entrada desses colonos na agricultura trouxe melhoria na produtividade da cafeicultura brasileira. Sua aptidão em cultivar o solo, garantiu a sobrevivência em terras estranhas e impulsionou o desenvolvimento de suas atividades. Para atender a dieta alimentar própria, desenvolveram o plantio de arroz nas baixadas e montaram pequenas hortas para produção de verduras e legumes. Apesar disso, depois de algum tempo, sentiram que os ganhos nas fazendas eram pífios e o sonho de enriquecer e voltar às terras de origem se tornava distante, mas sua persistência foi decisiva para continuar e vencer. E teve início uma saga de trabalho, sacrifício, coragem e perseverança.

Ao fim do período contratual, os imigrantes se embrenharam na busca por novas opções de trabalho, uns continuaram na agricultura, buscando novos itens agrícolas em pequenas áreas, produzindo gêneros para atender à demanda de produtos alimentares da população. Em 1913, fundaram o primeiro núcleo de japoneses em Juqueri (atual Mairiporã), a 30 km de São Paulo, como produtores independentes no Brasil, com o cultivo da batata. Outra contribuição aconteceu na avicultura no final dos anos 1920. Surgiram granjas para produzir matrizes e, posteriormente, fundaram as primeiras cooperativas de produtores para fornecimento de insumos e distribuição de ovos nos principais mercados.

Os imigrantes japoneses começaram a ser reconhecidos como agricultores. No final de 1912, 92,6% deles dedicavam-se ao cultivo de café. Em 1942, reduziram-se para apenas 24,3%, passando o cultivo de algodão a ter 39,2% e a produção de verduras, legumes, frutas e aves, 19,9%.

Nos anos 1960, com a expansão agrícola no Estado do Paraná, muitos produtores se transferiram e desbravaram matas virgens, implantando a cafeicultura. A comunidade *nikkei* estava presente nessa empreitada. Surgiram grandes cafeicultores no Paraná, como Nomura, Miyamoto com a indústria de café solúvel “Iguaçu”, Hattori e outros.

Eles trouxeram grandes contribuições à modernização da agricultura brasileira, diversificação e introdução de novas culturas, provocando a mudança

do perfil da produção agrícola e o surgimento das cooperativas de produtores agrícolas. A disciplina, a organização e a solidariedade simbolizam os japoneses.

Na Década de 1970, Nasce uma Moderna Cafeicultura

Em 1971, foi lançado o Programa de Revigoração e Renovação da Cafeicultura (PRRC), pelo Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura (GERCA), do Instituto Brasileiro do Café (IBC), recomendando, na instalação de novos cafezais, espaçamento de plantio adensado na linha (uma planta por cova) e em curvas de nível (conservação do solo). Surgiram novas linhagens de café mais precoces e produtivas através de pesquisas desenvolvidas pelo IAC e pelo próprio IBC.

Nesse período, ocorreu a entrada no país da ferrugem (*Hemileia vastatrix*) no sul da Bahia, a qual depois avançou pelos cafezais da região de Franca (SP) e, rapidamente, se espalhou por toda a região cafeeira. Foi um grande impacto para os produtores. Mas as pesquisas científicas sobre a ferrugem do café no IAC estavam avançadas.

O Dr. Alcides Carvalho (13º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1977) nasceu em Piracicaba (SP) em 1913 e formou-se engenheiro-agrônomo pela ESALQ/USP em 1935. Foi pesquisador do IAC, contratado em 1935, e chefe da seção de Genética do IAC (1948 a 1981), que deu origem a praticamente todos os tipos de café cultivados atualmente no Brasil e a um dos bancos de variedades e espécies de café mais completos do mundo. Tornou-se um dos mais respeitados especialistas de café do mundo, deixando benefícios incalculáveis aos cafeicultores, muitos deles *nikkeis*. Foi responsável pelo desenvolvimento de variedades como Mundo Novo (1951) e Catuaí (1970), e variedades resistentes à ferrugem do cafeeiro, como Iarana e Icatu, ainda na década de 1970. Dos 80 anos de sua vida (1913-1993), dedicou mais de 50 ao trabalho no IAC, uma atividade que ele considerava empolgante. O reconhecimento veio em forma de prêmios. Recebeu os títulos de *Doutor Honoris Causa* pela ESALQ/USP e o Prêmio Nacional de Ciência e Tecnologia, em 1982, e foi considerado “Servidor Emérito” pelo Governo do Estado de São Paulo. A antiga Seção de Café e parte da Seção de Genética do IAC foram reunidas em um único núcleo de pesquisa em 2001, que foi nomeado “Centro de Café Alcides Carvalho”, em sua homenagem.

O Dr. Tumoru Sera (Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2010) nasceu em Londrina (PR) em 1951, formou-se engenheiro-agrônomo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) (1973). Fez mestrado e doutorado em Genética e Melhoramento de Plantas na ESALQ e pós-doutorado no Japão (National Institute of Agrobiological Resources); coordenou o programa de melhoramento genético de café do IAPAR. Contribuiu para o desenvolvimento e registro de 13 cultivares de café arábica junto ao Ministério da Agricultura, com genes de resistência à ferrugem, a nematoides (*Meloidogyne* spp.) e à bacteriose por *Pseudomonas*. Desenvolveu, também, o processo de “desenvolvimento e lançamento de cultivares de café em tempo reduzido”. Possui diversos trabalhos de pesquisa em andamento no Paraná, incluindo pesquisas sobre desenvolvimento de cultivares de café

arábica adaptados a calor e seca. É produtor de café, fato que facilitou sobremaneira o seu trabalho para a melhoria da renda dos agricultores do Brasil, não se limitando aos do Estado do Paraná. Tem atuado, também, como professor colaborador da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Em 1975, ocorreu a grande geada “negra”, destruindo lavouras do Paraná (maior produtor de café no país), atingindo também outras regiões produtoras em São Paulo e no Sul de Minas Gerais.

Nessa década, surgiram ainda as indústrias de tratores e equipamentos para aplicação de defensivos e outros insumos, facilitando e proporcionando maior agilidade aos tratamentos fitossanitários das lavouras cafeeiras.

O Cerrado abriu Novos Horizontes Para a Agricultura

No início da década de 1970, ocorreu a abertura do Cerrado no Centro-Oeste, um programa binacional com participação do Japão, visando produção de alimentos. Solos de baixa fertilidade, mas possível de correção, livre de geadas e topografia plana, favoreciam a mecanização total da lavoura (manejo e tratamentos culturais).

Os projetos iniciais começaram em Minas Gerais, com participação de empresas privadas e agentes financeiros governamentais para prover recursos para investimentos fundiários e custeio da produção. Em seguida, avançou-se para outras regiões como Bahia e Goiás. Na Bahia, foi introduzida a irrigação, utilizando o sistema “pivot central” (controle automático de volume e tempo de aplicação), minimizando o impacto da bialidade na produção do café e melhorando a produtividade média da lavoura. A abertura do Cerrado proporcionou a criação de um grande celeiro de produção alimentar para o mundo.

A Colheita Mecanizada do Café é Uma Grande Revolução

As primeiras colhedoras automotrizes de café começaram as operações de colheita em 1981, até então feita manualmente, considerada uma operação morosa, com dificuldades de toda ordem: riscos no transporte de mão de obra, problemas trabalhistas, e à medida que as lavouras avançavam, as fazendas enfrenavam a falta de mão de obra para atender à demanda.

O sucesso dessa tecnologia foi obtido graças à execução do moderno sistema de plantio implantado na década passada e à existência de lavouras instaladas em terrenos mais planos. Essa tecnologia inovadora trouxe uma economia de 50% nos custos de colheita, proporcionando rapidez na operação e eliminando alguns riscos comuns na fazenda em época de grande demanda de mão de obra, além de melhorar a produtividade da lavoura e obter qualidade do produtor ao consumidor. E a partir de então, o “Brasil se tornou o único país com plenas condições de continuar a liderança mundial em oferecer volume, qualidade e café barato”.

Os Cafeicultores Agraciados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto

Masao Igarashi (14º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1978) nasceu na Província de Gunma, Japão, em 1914 e foi agraciado em 1978 pelo cultivo de cereais e, especialmente, por sua longa caminhada na cafeicultura. Preocupou-se sempre em produzir com qualidade e chegou a arrancar todos os pés de café velhos e formar nova roça com variedades voltadas à exportação. Em 1928, chegou ao Brasil e instalou-se na Mogiana, conheceu o café e com ele conviveu por mais de 50 anos. Depois de ser colono de cafezal, mudou-se para Lins, onde viveu a pior fase de sua vida, pois contraiu malária. Depois de cinco anos, transferiu-se para Rolândia, no norte do Paraná, onde começou a plantar café. Em 1958, já em São Jorge do Ivaí (PR), iniciou também os cultivos de trigo e soja, visando diversificação de lavouras, com o café nas terras mais altas e cereais em lugares mais baixos.

Como líder do setor, sua preocupação era inovação e para isto era preciso renovar as lavouras de café com variedades devidamente adaptadas às condições climáticas. Enfrentou geadas várias vezes e, em 1972, a ferrugem do cafeeiro. Igarashi sempre foi fiel às suas convicções — renovação e pioneirismo, sempre rígido dentro dos padrões éticos. Planejar e executar em detalhes, do começo ao fim, era o segredo do sucesso na lavoura.

No Cerrado, duas famílias se sobressaíram no café — Shimosaka e Korogi.

A família Shimosaka chegou ao Brasil em 1956 e instalou-se em Cafelândia (SP) numa fazenda de café; adquiriu experiência em cuidar da lavoura e sempre acreditou na mecanização e profissionalização da atividade. Confiou no Cerrado e Togoro Shimosaka, um dos pioneiros a se fixar na região (PKY 1988), afirmava: “Clima não se compra, terra pode ser pobre, mas pode ser corrigida e o homem, tendo cabeça e pensamento, vence”. O Cerrado tem clima bom, terra barata e plana e boa estrutura. A atitude acima de 900 m proporciona clima ideal para produzir o melhor café do mundo. E a geada de 1975 não afetou a região.

Tadashi Shimosaka (39º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2009), filho de Togoro, nasceu na Província de Fukushima, Japão, em 1937 e chegou ao Brasil em 1956 com a família. Em 1958, adquiriu terras em Jales (SP), onde plantou café, algodão, milho e arroz. Em 1974, participou do projeto conjunto da Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil com o governo federal para assentamento de agricultores no Cerrado mineiro e se fixou em Carmo do Paranaíba (MG).

Com o espírito de “Não podemos mudar o clima, mas podemos mudar a qualidade do solo”, Tadashi fez as devidas correções e incorporou matéria orgânica para melhorar o solo. E como degustador de café, era sempre cuidadoso com a escolha de variedades a serem cultivadas, adubação, colheita e armazenamento do produto, fatores que garantiram um elevado nível do café do Cerrado, tornando-o famoso no mundo inteiro.

Fundou várias empresas e começou a exportar café para o Japão com a marca “Carmo-Shimosaka” e abriu uma loja em Shangai, na China. Sempre buscou a qualidade do café e em, 1993, recebeu o prêmio de “Melhor Café do

Mundo” pela empresa ILLY COFFEE; em 2008, o café “Carmo-Shimosaka” foi escolhido como a melhor marca na campanha do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, realizada no Japão pela UCC COFFEE.

Em 1999 e 2002, com o apoio da JATAK, estabeleceu sistema de “agricultura de preservação ambiental” com adubação verde, difundido pela maioria dos cafezais da região. Com várias culturas praticadas, sempre buscou a diversificação produtiva para proporcionar estabilidade econômica ao empreendimento.

Desde 1965, passou a acolher estudantes e estagiários vindos pela JICA, JATAK e intercâmbio Nipo-Brasileiro, jovens agricultores do Japão que já somam 167 pessoas, sempre dando atenção à formação humana.

Taihei Korogi (41° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2011) nasceu na Província de Miyazaki em 1935, chegou ao Brasil em 1959 e, em 1977, instalou-se em Monte Carmelo (MG), iniciando uma trajetória vitoriosa na cafeicultura. Chegou a ter, em 1988, uma área de 2.000 hectares, com 4,2 milhões de pés de café e produção anual de 74.500 sacas, como fruto de várias ações pioneiras, como a introdução da colheita mecânica, contrapondo ao elevado custo e rigor da legislação trabalhista; diversificação de culturas, com a introdução de seringueiras e de abacateiros como alternativa para substituição de cafezal mais antigo; e introdução da irrigação no cafezal do Cerrado com “pivot central”. Uma das conquistas que merece atenção é o pioneirismo de Korogi, que contribuiu para a divulgação e o reconhecimento, em nível mundial, do café do Cerrado.

O cafeicultor Manoel Tadashi Hirata (25° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1992), nascido em Promissão (SP), em 1934, foi contemplado com o PKY em 1992 pelo desenvolvimento e adaptação do sistema de adensamento no plantio do café, aumentando o número de pés em uma mesma área, prática adotada atualmente pelos cafeicultores. O método tradicional era executado em espaçamento 4 m x 4 m entre as plantas. Hirata adotou 2,00 m x 1,50 m. Muitos se espantaram perguntando se não estava confundindo café com milho. Antes de atingir a fase adulta e no auge da produção, proporcionou maior colheita por área. Na idade adulta, controlou a plantação adotando o sistema de poda como decote, recepa ou esqueletamento e os resultados foram além da expectativa. Hirata demonstrou que um bom planejamento e cuidados adequados aumentavam em muito a produtividade. Os técnicos ficaram surpresos com o nível de rentabilidade e divulgaram os trabalhos, os quais incentivaram outros produtores a incorporarem essa técnica.

O Grande Benemérito do Prêmio que Leva o Seu Nome

Na comunidade *nikkei*, o trabalho pioneiro desenvolvido no café por Kiyoshi Yamamoto, na Fazenda Monte d’Este, é incontestável, principalmente na pesquisa e estudo sobre a “broca do cafeeiro”, implementando o controle biológico através da vespa de Uganda, inimiga natural da praga. Sempre manteve estreitos contatos com o IAC e professores da ESALQ e foi altamente conceituado como técnico. Em 1963, aos 71 anos, veio a falecer, e a Associação Brasileira de

Estudos Técnicos da Agricultura (ABETA) instituiu, em 1965, o “PRÊMIO KYOSHI YAMAMOTO” para perpetuar seu nome e homenagear as pessoas que contribuíram para a agricultura da comunidade nipo-brasileira desde 1965.

Referências

CANAL CIÊNCIA. Portal de Divulgação Ciência e Tecnologia. Notáveis: Alcides Carvalho. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/alcides_carvalho.html>. Acesso em: 6 set. 2015.

CARVALHO, A.; FAZUOLI, L. C. Café. In: FURLANI A. M. C.; VIEGAS, G. P. (Ed.) O melhoramento de plantas no Instituto Agronômico de Campinas. Campinas, Instituto Agronômico, 1993. p. 29-76.

CRUZ, R. et al. Almanaque do centenário da imigração japonesa no Brasil. São Paulo: Escala. 2008. 161 p.

INSTITUTO AGRONÔMICO DO PARANÁ- IAPAR. Pesquisador Tumoru Sera do IAPAR recebe Prêmio Kiyoshi Yamamoto. Disponível em: <<http://www.iapar.br/modules/noticias/article.php?storyid=1059>>. Acesso em: 18 set. 2015.

MALAVOLTA, E. Historia do café no Brasil: agronomia, agricultura e comercialização. São Paulo: Ceres, 2000. 464 p.

MIZUMOTO, C. N. et al. O Cerrado e o seu brilho. São Paulo: Caramuru, 2009. 429 p.

OHNO, M.; FACCIO, M. Centenário da imigração japonesa no Brasil. São Paulo: Larousse Brasil, 2008. 223 p.

RENA, A. B. et al. Cultura do cafeeiro - fatores que afetam a produtividade. Piracicaba: Potafós, 1986. 447 p.

SAKURAI, C. Os japoneses. São Paulo: Contexto, 2007. 368 p.

SILVEIRA, G. M. da (Coord.), Ciclo de estudos sobre mecanização agrícola, 4. Campinas: Fundação Cargill. 1990. 265 p. (Série Técnica Científica, 172).

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto - centenário da imigração japonesa - personagens de destaque na agricultura. São Paulo: Bunkyo, 2009. 401 p. Edição bilíngue: japonês-português.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. Cerimônia de entrega do Prêmio Kiyoshi Yamamoto: anos 2009, 2010 e 2011. São Paulo: Bunkyo. Edição bilíngue: japonês-português.

WATANABE, K. (Org.). Centenário: contribuição da imigração japonesa para o Brasil moderno e multicultural. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2010. 488 p.



Lavoura de café no Cerrado mineiro



Colheita mecanizada de café na Bahia - lavoura irrigada

Contribuição da Comunidade Nipo-Brasileira para a Produção de Grãos no Brasil

Alfredo Tsunechiro

Introdução

A contribuição da imigração japonesa para a agricultura brasileira, no início, foi prover mão de obra para as lavouras de café, como colono, principalmente nas fazendas do Estado de São Paulo. Em outras regiões, como na Amazônia, os pioneiros da comunidade *nikkei* trouxeram e desenvolveram culturas exóticas, como juta e pimenta-do-reino. Após a crise da cafeicultura em fins da década de 1920 e início da de 1930, muitos agricultores de origem japonesa foram procurar novos rumos para suas vidas, mormente o cultivo de lavouras anuais, como algodão, arroz e batata.

A produção agrícola do Brasil cresceu acentuadamente nas últimas décadas, graças à disponibilidade de terras e climas favoráveis e de avanços na pesquisa científica, gerando tecnologias, insumos e conhecimentos de amplo uso pelos agricultores.

A posição e a extensão geográfica do país permitem a obtenção de duas safras no mesmo ano agrícola em grande parte do território, mediante a aplicação de conhecimentos sobre o zoneamento edafoclimático das principais atividades de interesse econômico dos agricultores. Poucos países no mundo dispõem dessas condições para a produção agrícola, como o Brasil.

Entre os produtos de origem vegetal destacam-se os grãos que, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), incluem 15 produtos (algodão, amendoim, arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale). O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) denomina esse conjunto de produtos (grãos) como cereais, leguminosas e oleaginosas. Excetuando-se o algodão e a mamona, os demais grãos são destinados à alimentação humana e animal, tanto direta como indiretamente, após o processamento industrial.

As 15 culturas de grãos no Brasil produziram 209,5 milhões de toneladas na safra 2014/15 e ocuparam uma área plantada de 58,0 milhões de hectares, conforme o levantamento final da CONAB. As culturas que mais contribuíram para esse volume de grãos foram a soja, com 96,2 milhões de toneladas, o milho, com 84,7 milhões de toneladas e o arroz, com 12,4 milhões de toneladas. A área plantada de soja em 2014/15 foi de 32,1 milhões de ha; a do milho, 15,7 milhões de ha e a de arroz, 2,3 milhões de ha.

Os agricultores *nikkeis*, no Brasil, contribuíram e vêm contribuindo de forma expressiva para o desenvolvimento técnico e econômico da agropecuária

brasileira. Vários trabalhos têm destacado essa participação da comunidade nipo-brasileira na economia do país.

As maiores contribuições dos imigrantes japoneses no setor agrícola do Brasil foram na olericultura, fruticultura e floricultura. A participação dessa comunidade em outras culturas agrícolas foi menor, conforme trabalho desenvolvido com dados censitários do Levantamento das Unidades de Produção Agrícola do Estado de São Paulo (LUPA), de 2007/08. Segundo esse trabalho, os agricultores *nikkeis* no Estado de São Paulo foram responsáveis por mais da metade da produção de várias espécies de verduras, legumes, frutas e flores, mas com pequena participação na produção de grãos e outros produtos de baixo valor específico.

As atividades agrícolas de elevada participação do agricultor *nikkei* no Estado de São Paulo, em 1995/96, foram as culturas de nêspera (78% da área cultivada), cravo (98%), crisântemo (60%), alcachofra (88%), rosa (56%), acelga (59%), gengibre (53%), aspargo (50%), agrião (61%), caqui (51%), ameixa (45%), chá (57%), lichia (55%), pera (43%), rúcula (49%), alface (45%), beterraba (48%) e repolho (45%).

Entre as culturas com menor participação dos imigrantes japoneses e seus descendentes, em 1995/96, estão as de menor valor específico, como os grãos: cevada (2,4% da área cultivada), amendoim (5%), algodão (8,8%), feijão (8,4%), trigo (4,4%) e arroz (3,7%). Incluem-se também nessa lista grandes culturas, como mandioca (3,9%), laranja (2,3%), café (3,7%) e cana-de-açúcar (1,7%).

Deve-se, entretanto, ressaltar que no passado as contribuições da comunidade *nikkei* foram muito expressivas, não apenas na cafeicultura, mas também em outras atividades, como bataticultura, rizicultura e, em particular, na cottonicultura, que foi a atividade substituta da cafeicultura após a crise de 1929. Há registros de que a participação dos japoneses e seus descendentes (primeira geração, ou *isseis*) na produção de algodão em meados da década de 1930 foi superior a 50% e de 12% em 1958, em âmbito nacional.

Os Agraciados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto na Área de Grãos

Os premiados da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (Bunkyo), nos 50 anos de outorga do Prêmio Kiyoshi Yamamoto (PKY), desde 1965 até 2015, totalizam 152 personalidades ou instituições. Dos premiados, a maioria é constituída por fruticultores, pesquisadores e extensionistas da área da fruticultura (45 premiados), e poucos (15) são da área de grãos, conforme destacado anteriormente. Entre os premiados, dois são pesquisadores *nikkeis* de instituições públicas e um de instituição privada. Ampla maioria dos premiados trabalhou com dois ou mais produtos, sendo raros os que tinham interesse em apenas uma cultura.

Na primeira edição do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, em 1965, dos quatro premiados dois foram da área de grãos: Kyunosuke Kanegae, de Tremembé (SP), com o arroz irrigado, e Hiroshi Haramoto, de Birigui (SP), com o algodão.

1. Kyunosuke Kanegae (1º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1965) nasceu em Fukuoka, Japão, primogênito de uma família de agricultores pobres e trabalhou em propriedade que pertencia à família. Veio para o Brasil e se estabeleceu no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo. Desde 1923, durante quase 40 anos, trabalhou na recuperação dos brejos do Vale para torná-los produtivos. Na época, o Vale do Paraíba era considerado região inviável para a cultura do arroz, mas, com um sistema de açude e canalização, tornou possível o plantio de arroz irrigado. Através da seleção de sementes, Kanegae melhorou a produtividade da cultura e foi pioneiro no uso da mecanização da colheita.

2. Hiroshi Haramoto (1º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1965) nasceu na província de Oita, Japão, e chegou ao Brasil em 1934. Possuiu fazenda em Birigui (SP), onde cultivou, além do algodão, café, amendoim e outros grãos. Destacou-se como um produtor exemplar de algodão na região noroeste do Estado de São Paulo, obtendo produtividades duas a quatro vezes superiores à média do Estado. Haramoto dedicou-se à pesquisa, planejamento e organização da cotonicultura, e se destacou nas ações comunitárias, incentivando os agricultores da região.

3. Em 1968, o premiado foi Ken Okano (4º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1968), de Morro Agudo (SP), com o algodão e o arroz. Okano nasceu em Ibaraki, Japão, em 1903 e chegou ao Brasil em 1933, empregando-se na Fazenda Cruzeiro, na região nordeste de São Paulo. Já no ano seguinte, arrendou terras da Fazenda Agudo, cujo proprietário, Dr. Francisco Junqueira, foi Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo. Em 1936, passou a gerenciar a Fazenda, sempre com o apoio do proprietário. Okano se destacou como um grande produtor, pesquisador e promotor das culturas de algodão e arroz, tendo realizado mais de 400 palestras nos estados de São Paulo e do Paraná, na década de 1950.

4. Em 1969, foi premiado Eizo Sakai (5º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1969), de Bauru (SP), com o arroz irrigado. Sakai era comerciante em Hokkaido, Japão, e emigrou para o Brasil em 1933, chegando à Fazenda Santa Clara, em Guararapes (SP), como empregado. Depois de 14 anos, Sakai mudou-se para Bauru, onde, com muita dedicação em nove longos anos, implantou curvas de nível na propriedade para irrigação das lavouras. Cultivou arroz e tomate alternadamente e com a irrigação do arroz eliminava a praga nematoide, principal inimiga do tomateiro. Com o plantio em níveis, eliminava o problema da erosão e a irrigação combatia a proliferação de pragas e doenças, mostrando a outros agricultores que era possível combater a erosão e a seca com procedimentos simples.

5. Em 1970, foi laureado Yuzo Nakagawa (6º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1970), de Regente Feijó (SP), produtor de amendoim, feijão, milho e soja. Nakagawa nasceu na província de Yamagata, Japão, em 1902 e chegou ao Brasil em 1924. Trabalhou inicialmente como empreiteiro de colheita de café em Jardinópolis (SP). Após rápida passagem por terras capixabas, retornou a Jardinópolis (SP), onde se estabeleceu como viveirista de café e de frutas. Em 1944, rumou para a região da Alta Sorocabana, mais precisamente no município de Regente Feijó, onde passou a incorporar novas tecnologias nas suas culturas.

A adoção de um conjunto de técnicas ao longo dos anos permitiu a Nakagawa a formação de uma propriedade considerada modelo na região. Desde 1961, destacou-se como campeão ou vice-campeão de produtividade de milho, amendoim, soja e algodão.

6. Em 1971, foi premiado Tsunezaemon Maeda (7º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1971), de Ituverava (SP), com o algodão, o arroz e o milho. Maeda nasceu na província de Saga, Japão, e em 1908 foi ao Peru, como funcionário de uma empresa inglesa de produção de açúcar. Depois de alguns anos, tornou-se um pequeno empresário no Peru, mas retornou ao Japão. Decidiu voltar à América do Sul, desembarcando no Brasil, aos 42 anos, para trabalhar como colono em fazenda de café na região de Ituverava. Plantou milho, arroz e algodão, obtendo excelentes resultados econômicos, o que lhe permitiu adquirir terras.

Maeda, ao contrário dos demais imigrantes japoneses, que pensavam em retornar ao Japão com o dinheiro ganho em terras brasileiras, adquiria terras com o objetivo de permanecer no Brasil, trabalhando com planejamento e critério. A área de produção era espantosa: 2.178 hectares de soja, 1.210 ha de milho, 1.694 ha de algodão e 726 ha de arroz.

Mesmo para um dos pioneiros da mecanização na lavoura, talvez não lhe ocorresse que chegaria a ter 50 tratores e oito colhedoras automotrizes. Maeda ensinava que a força da lavoura estava na mecanização e no capital bem empregado, tendo como base a terra preservada e bem cuidada. Terminada a Segunda Guerra Mundial, Maeda foi ampliando as atividades e na década de 1970 o grupo tinha 13 fazendas com 2.500 hectares de terra, gerenciada por sete filhos e um genro.

7. Em 1972, o premiado foi Kiyoji Endo (8º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1972), de Sertaneja (PR), com a soja e o trigo. Endo nasceu em 1906 na província de Miyagui, Japão e chegou ao Brasil em 1917, com a família, na Colônia Floresta, região da linha férrea Mogiana, onde cumpriu contrato por sete anos como colono. Após passagem por Birigui, mudou-se para o Paraná no início da década de 1930, onde trabalhou como escriturário na Fazenda Nomura, e em Jacarezinho, como comerciante, até 1941. Adquiriu terras para cultivo do café em Leópolis (PR), prosperou na atividade, mas com a crise do café no período de 1950-1955 e a baixa produtividade da lavoura, resolveu substituir a cafeicultura pelas culturas de soja e trigo.

Com a crise do café, muitos produtores venderam as terras e Endo conseguiu ampliar suas propriedades, adquirindo 430 alqueires (1.040,6 ha). Assim, nas décadas de 1960 e 1970, no norte do Paraná, a paisagem predominante era o verde dos cafezais. Na contramão dessa predominância, Endo acreditou que era possível cultivar trigo e soja, usando a mecanização nas lavouras. Planejou plantações em grande escala, mecanizou o trabalho e obteve êxito, mudando o panorama local.

Em 1983, foram premiados Hirofumi Kage, de Guaíra (SP), como produtor de algodão, mucuna preta e milho, e Shiro Miyasaka, de Campinas (SP), como pesquisador de soja e feijão.

8. Em 1983, foi premiado Hirofumi Kage (19° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1983), de Guaíra (SP), como produtor de algodão, mucuna preta e milho. Kage chegou ao Brasil em 1936, com oito anos de idade, tendo como primeira morada Ituverava (SP), onde se dedicou à lavoura. Mudou-se com a família para Guaíra (SP), outra cidade da Alta Mogiana, em 1949, e juntamente com outros imigrantes japoneses impulsionaram a agricultura da região, notadamente a cotonicultura. Por volta do ano de 1960, cresce acentuadamente a incidência de nematoide, uma praga de solo, causando grandes prejuízos aos produtores.

A maioria dos agricultores não dispunha de recursos financeiros para arcar com os custos de aquisição de nematicidas. Preocupado com o problema, Kage procurou os pesquisadores Jorge Abrahão, Carlos A. M. Ferraz e Shiro Miyasaka, do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) para receber orientações sobre o combate aos nematoides. Com os ensinamentos de Miyasaka, Kage iniciou pesquisas com leguminosas resistentes a nematoides e descobriu que a mucuna preta era a mais resistente. Realizou testes, que lhe mostraram que o rodízio de culturas, com milho, mucuna preta e algodão era um método eficiente de combate ao nematoide. O método mostrou-se eficiente também para a cultura da soja e a disseminação do uso beneficiou muitos produtores da Alta Mogiana e do Triângulo Mineiro.

9. Shiro Miyasaka (19° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1983), nascido em Hokkaido, Japão, em 1924, chegou ao Brasil acompanhando a família. Foi um dos primeiros imigrantes japoneses a estudar na ESALQ, em Piracicaba, SP. Ingressou no IAC em 1951, onde se destacou como pesquisador científico, durante 30 anos, criando variedades de soja largamente utilizadas no Brasil, alavancando a produção nacional. Seus estudos não se restringiam apenas ao melhoramento genético da planta, mas também aos aspectos fitotécnicos da cultura, como época de plantio, fertilização do solo, manejo de pragas e doenças e manejo do solo.

Em 1959, o Dr. Miyasaka iniciou as pesquisas sobre a cultura do feijão, dando ênfase aos aspectos nutricionais da planta. Constatou que os agricultores se deparavam com elevados custos para aquisição de adubos minerais. Seus resultados de pesquisa mostraram que a adubação verde, com corte e incorporação de restos vegetais no solo, resultava em aumento de produtividade da cultura do feijão. O Dr. Miyasaka sempre atribuiu o resultado de suas pesquisas não apenas ao trabalho em laboratório, mas principalmente à opinião de quem vivia o dia a dia nas plantações.

10. Em 1997, foi premiado Yukimitsu Uemura (28° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1997), de Mauá da Serra (PR), como produtor de milho, soja e sementes de grãos. Uemura nasceu em Kumamoto, Japão, e chegou ao Brasil em 1929, com seis meses de idade. A família instalou-se em Descalvado, SP, onde os familiares trabalharam como colonos em cafezal. Em 1930, mudaram-se para Álvares Machado (SP), em uma fazenda de proprietários japoneses, permanecendo até 1938, quando adquiriram suas próprias terras. Com a exaustão das terras, as culturas de algodão, batata e cereais passaram a apresentar baixas produtivida-

des, provocando o êxodo da comunidade *nikkei* da região. Em 1957, mudou-se para Mauá da Serra (PR), adquirindo 60 hectares de terras. A região norte do Paraná, na época, produzia muito café, mas as terras da família não eram adequadas para esta cultura.

Após alguns anos de cultivo de batata, verduras e legumes juntamente com outras famílias *nikkeis* que chegaram à região, os cultivos estavam infestados de doenças, causando sérios prejuízos. Uemura resistiu à tentação de abandonar a região, e decidiu adotar novas técnicas que evitassem a erosão do solo, que era arenoso: plantio direto e em contorno topográfico. Após insucesso com as culturas de maçã e caqui, atingiu sucesso com a soja. Na década de 1970, Mauá da Serra e região produziam soja no verão e trigo no inverno. Uemura decidiu dedicar-se a mais uma atividade e criou a empresa Sementes Mauá. Sua preocupação com a erosão do solo beneficiou os agricultores da região com seus experimentos, melhorando a fertilidade e a produtividade do solo.

11. Em 2009, foi premiado José Tadashi Yorinori (39º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2009) nascido em Londrina, em 1943. Graduou-se em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal do Paraná, em 1967, obteve os títulos de Mestre em Fitopatologia pela Universidade de Cornell, em 1971, e de Doutor em Fitopatologia pela Universidade de Illinois, ambas dos Estados Unidos da América. Realizou, no período de 1970-1973, na Embrapa Florestas, em Colombo, PR, os primeiros estudos, até então inéditos, sobre doenças de soja no Estado do Paraná. Colaborou em projetos de pesquisa sobre doenças do trigo, do feijão e de hortaliças.

O Dr. Yorinori foi pesquisador e coordenador do Programa de Pesquisa de Soja do Estado do Paraná, do Instituto Agrônômico do Paraná (IAPAR), em Londrina, entre 1973 e 1978. Ingressou na Embrapa Soja, em Londrina, em 1978, e atuou como pesquisador responsável pela avaliação, seleção e recomendação, junto ao programa de melhoramento de cultivares de soja resistente às doenças da mancha “olho-de-rã” (*Cercospora sojina*), cancro da haste (*Phomopsis phaseoli* f. sp. *meridionalis* / *Diaporthe phaseolorum* f. sp. *meridionalis*), mancha alva (*Corynespora cassiicola*), oídio e podridão vermelha da raiz (*Fusarium* spp.). Desenvolveu estudos e pesquisas sobre as ferrugens “americana” (*Phakopsora meibomia*) e “asiática” (*Phakopsora pachyrhizi*) da soja, realizadas em Lavras, MG, nos EUA e no Japão.

Elaborou os critérios técnicos do “vazio sanitário”, que definiu a obrigatoriedade da eliminação das plantas guaxas e a proibição do plantio de soja no período de 90 dias que antecede o início da semeadura da safra de verão no Brasil, medida que está tendo grande impacto no controle da ferrugem “asiática” no país. Entre os vários prêmios e homenagens que recebeu, destaque-se a de 1999, outorgada pela Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso do Sul, pelos relevantes serviços prestados aos produtores de soja da região; de 2003, pela Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, com o título de “Cidadão Mato-Grossense”; de 2008, pela Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa do Brasil, com o diploma “Honra ao Mérito Kasato Maru”.

12. Em 2010, foi premiado **Dario Minoru Hiromoto (40° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2010)** de Rondonópolis, MT, nascido em Bela Vista do Paraíso, PR, em 1963, com graduação em Engenharia Agrônoma pela ESALQ, em 1985, mestrado e doutorado em Genética e Melhoramento, pela mesma Escola em 1992 e 1999, respectivamente. Foi melhorista no Centro de Tecnologia da Coopersucar, em Piracicaba, SP, no biênio 1998-1999 e pesquisador da Embrapa Soja, em Rondonópolis, no período de 1990 a 2000.

O Dr. Dario sempre acreditou que poderia melhorar a renda dos agricultores através de pesquisas agrícolas, aperfeiçoando as variedades existentes para a resistência a pragas e doenças, aumentando, assim, a produtividade das culturas. Juntamente com 23 produtores, idealizou e fundou o hoje conceituado centro de pesquisa Fundação de Apoio à Pesquisa Agropecuária de Mato Grosso (Fundação MT), em Rondonópolis, sempre liderando a equipe de dedicados pesquisadores. Suas principais realizações foram: 1) melhoramento da variedade de soja resistente ao cancro da haste e ao nematoide de cisto; 2) adaptação de cultivar de soja transgênica resistente ao herbicida glifosato às condições do Mato Grosso; 3) desenvolvimento da tecnologia Inox, que oferece segurança e tranquilidade ao produtor no controle da ferrugem asiática; 4) lançamento de novas variedades de algodoeiro, resistentes às principais doenças, através da incorporação de genes para resistência, com aumento no potencial produtivo e ótima qualidade de fibra, e que hoje dominam o mercado do Estado.

A Fundação MT prestou-lhe significativa homenagem, nomeando o Centro de Pesquisa de Rondonópolis como Centro de Pesquisa Dario Minoru Hiromoto. Entre diversas honrarias, recebeu, em 2000, o título de Cidadão Mato-Grossense, da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso. Em 2012, no gramado deste Centro, a Fundação erigiu uma estátua de Hiromoto, em mais uma homenagem àquele que deixou um legado de excelentes serviços prestados à agricultura mato-grossense e brasileira e um exemplo a ser seguido.

13. Em 2011, o premiado foi **Sukesada Takehara (41° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2011)**, de Naviraí (MS), como produtor de milho, soja e feijão. Takehara nasceu em Takanabe, na província de Miyazaki, Japão, em 1939 e graduou-se no Colégio Agrícola de Takanabe. Chegou ao Brasil em 1958 e com apenas 18 anos iniciou os trabalhos na fazenda de Takeshi Yoshio, em Álvares Machado, SP, como agricultor contratado. Em 1961, juntamente com a família Kamitani, que conheceu em Álvares Machado, iniciou o cultivo de algodão e, no ano seguinte, mudou-se para Naviraí (MS), onde a família citada já se instalava em busca de novas fronteiras. Dedicou-se ao cultivo do algodão por essa década e, em 1970, passou ao cultivo de soja e milho, contribuindo diretamente para o desenvolvimento econômico de Naviraí. Sempre estimulou as famílias a adotarem técnicas novas e avançadas nas atividades agrícolas.

Em 1982, desligou-se do grupo Kamitani e como agricultor independente foi o pioneiro, na região, no uso da prática da curva de nível e do sistema de plantio direto, como meios de preservação do solo contra a erosão. Dessa maneira, sempre obteve elevadas produtividades nas culturas, motivo de admiração e

aprendizado de outros agricultores. Recebeu, em 1980, 1982 e 1983, do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), do Governo Federal, o Prêmio Produtividade Rural/Produtor Modelo, pela produtividade de soja em Mato Grosso do Sul. Em 1983, recebeu o mesmo Prêmio, também, em nível federal. Desde a fundação da Cooperativa Agrícola Sul Matogrossense (COPASUL), em Naviraí, vem ocupando o cargo de conselheiro do Conselho de Administração. Sempre preocupado com a comunidade e formação de sucessores, usou a prática do beisebol para unir os jovens e, como líder rural, através do exemplo, conseguiu formar não só seu filho Nelson engenheiro-agrônomo e agricultor, como tantos outros jovens da região.

Em 2013, foram premiados Munefumi Matsubara, de Sinop (MT), como produtor de milho, soja e algodão e Walter Yukio Horita, de Barreiras (BA), como produtor de algodão, soja e milho.

14. Munefumi Matsubara (43° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2013) nasceu em Vera Cruz (SP), em 1938 e formou-se técnico de contabilidade em 1960. Em 1972, mudou-se para Lucas do Rio Verde (MT), abrindo a Fazenda Progresso, visando cultivar arroz e soja, mas sem resultado satisfatório, pois até 1986 estava praticando a tecnologia desenvolvida para regiões de clima temperado. Em 1986, cedeu 250 hectares da fazenda e custeou as despesas com a pesquisa de tecnologia para região tropical de forma holística, com pesquisadores da Embrapa e do Centre de Coopération Internationale en Recherche Agronomique pour Développement (CIRAD), da França.

Em 1990, implantou a tecnologia de plantio direto e alternando a cultura de soja com a de milho, seguido de milheto, conseguiu aumentar a produtividade da cultura de soja, de 2.100 kg/ha para 3.300 kg/ha. A partir de 1993, introduziu inúmeras técnicas de rotação de culturas e produção de palhada para o plantio direto, com sucesso, e o plantio de algodão logo após a safra principal de soja e milho safrinha. Em suma, trabalhando na Fazenda Progresso junto com a pesquisa, conseguiu viabilizar a agricultura de alta tecnologia tropical no Estado de Mato Grosso. Em reconhecimento pelo seu trabalho em prol da agricultura mato-grossense, recebeu muitas homenagens, como títulos de Cidadão Mato-Grossense, pela Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, de Cidadão Sorrisiense, pela Câmara Municipal de Sorriso (MT), de Cidadão Honorário, pela Câmara Municipal de Lucas do Rio Verde.

15. Walter Yukio Horita (43° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2013) nasceu em Maringá (PR) em 1963. Por volta de 1950, após muito trabalho e dedicação, a família comprou suas primeiras terras no norte do Paraná, onde plantou inicialmente, café e, mais tarde, soja, milho e trigo. Em 1984, mudou-se para a região oeste da Bahia juntamente com os irmãos Ricardo e Wilson, adquirindo, com o apoio do pai, a primeira propriedade, com 1.200 hectares. Em 1988, Walter graduou-se Engenheiro de Produção Mecânica, na Escola de Engenharia de São Carlos, da USP. Quando começaram os plantios, em 1984, os Horita amargaram baixíssimas produtividades nas culturas. Era o preço do pioneirismo em uma área sem infraestrutura, tradição agrícola e sem qualquer credibilidade,

como era o caso do Cerrado baiano. À época, colhiam de 900 a 1.200 kg/ha de soja e, atualmente, chegam a mais de 4.200 kg/ha de soja e a mais de 12.000 kg/ha de milho. Esses resultados só foram possíveis com a adoção de inovação tecnológica.

O Grupo Horita está sempre acompanhando as atualizações do mercado agrícola, adquirindo fertilizantes, corretivos, defensivos, máquinas e implementos de última geração. O Grupo emprega mais de 1.500 pessoas no oeste da Bahia, investe no treinamento de seus funcionários para assegurar a capacitação do time e, conseqüentemente, dos resultados econômicos. A renda gerada pelas seis fazendas aquece a economia regional, que é lastreada no agronegócio. Atualmente, o Grupo Horita produz algodão, soja e milho, numa área de 98.000 ha, nas fazendas Acalanto, Querubim, Ventura, Sagarana, Timbaúba e Centúria, com área total de 150.000 ha.

O Grupo Horita tem recebido muitas homenagens desde 1996, pelos relevantes serviços prestados à agricultura baiana, como o da Embrapa, em 2012, por contribuir para o fortalecimento da pesquisa agropecuária no Cerrado baiano e da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, em 2013, com o título de Cidadão Baiano, ao Walter. A revista “A Granja” concedeu, durante oito anos consecutivos (2008-2015), o prêmio Destaque, Categoria Algodão, ao Grupo Horita.

Considerações Finais

Conforme retratado por levantamento censitário em meados da década de 1990, no Estado de São Paulo, a participação da comunidade *nikkei* na agricultura paulista era muito elevada na fruticultura, olericultura, floricultura e avicultura de postura e modesta nas culturas de grãos, como algodão, arroz, milho e soja. Os registros de censos agrícolas mostram que, em meados da década de 1930, no auge, mais de 50% da produção de algodão no Brasil foram obtidos por agricultores *nikkeis*, de primeira e segunda gerações.

A amostra de agricultores de origem japonesa representada pelos que foram agraciados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto, na área de grãos, revela que as culturas de maior interesse foram as de algodão e arroz irrigado, no início (décadas de 1960 e 1970) e as de soja e algodão, no fim (1990 e 2000). Os méritos dos premiados não se restringiam aos seus resultados técnico-econômicos nas atividades produtivas, oriundas de adoção de inovações tecnológicas nos sistemas de produção, mas também quanto às mudanças em relação à sustentabilidade de seus negócios. Adotaram técnicas de preservação do meio ambiente, como o sistema plantio direto e de agregação de valor aos seus produtos, formando agroindústrias ou cooperativas agrícolas.

Todos os premiados mostraram elevado espírito público, ao procederem a uma ampla difusão de seus conhecimentos aos seus pares. Alguns produtores *nikkeis* vem se destacando na produção de grãos em regiões de fronteira, como o Centro-Oeste e o Nordeste, com inovações nos sistemas de produção, servindo de exemplo para os agricultores locais. Pesquisadores da área de grãos, espe-

cificamente de soja e de algodão, foram premiados pelos relevantes serviços prestados no desenvolvimento de cultivares mais produtivas, mais resistentes a doenças e pragas e mais adaptadas aos ambientes de produção, além de técnicas inovadoras no controle de pragas. Seus trabalhos têm merecido amplo reconhecimento, não apenas no meio científico, mas também entre “seus clientes”, ou seja, produtores agrícolas, recebendo inúmeras homenagens de entidades públicas e privadas.

Referências

CANAL RURAL. Personagem Soja Brasil: José Tadashi Yorinori. Publicada em: 9 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://www.projetosojabrasil.com.br/personagem-soja-brasil-jose-tadashi/>>. Acesso em: 6 set. 2015.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB. Séries históricas. Brasília, DF: CONAB. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1252&>>. Acesso em: 14 set. 2015.

FUNDAÇÃO MT. História de Dario - um japonês com pressa em fazer acontecer. Disponível em: <<http://www.fundacaomt.com.br/dariohiromoto/>>. Acesso em: 18 set 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto - centenário da imigração japonesa - personagens de destaque na agricultura. São Paulo: Bunkyo, 2009. 401 p. Edição bilíngue: japonês-português.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. Cerimônia de entrega do Prêmio Kiyoshi Yamamoto. São Paulo: Bunkyo, 2009-2014. Edição bilíngue: japonês-português.

TSUNECHIRO, A.; MIURA, M. Valor da produção agropecuária do Brasil: a geografia econômica da agricultura e pecuária no Brasil em 2012. Análises e Indicadores do Agronegócio, São Paulo, v. 9, n. 12, dez. 2014.

TSUNECHIRO, A.; PINO, F. A. Agricultores *nikkeis* no Estado de São Paulo. Informações Econômicas, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 73-83, jan./fev. 2013.

VENCOVSKY, R.; MORAES, A. R.; GARCIA, J. C.; TEIXEIRA, N. M. Progresso genético em 20 anos de melhoramento do milho no Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE MILHO E SORGO, 16., 1986, Belo Horizonte. Anais... Sete Lagoas: Embrapa-CNPMS, 1988. p. 300-307.

YAMANAKA, I. A influência do *nikkei* na agricultura. In: HARADA, K. (Coord.). O *nikkei* no Brasil. 3. ed. São Paulo: Cadaris Comunicação, 2013. p. 83-111.



Colheita de algodão, Grupo Horita, região oeste da Bahia.



Colheita de soja, Grupo Horita, região oeste da Bahia.

Cultivos Pioneiros: juta, chá, pimenta-do-reino, rami, cravo-da-índia, bambu, cogumelo *shiitake*, grama em tapete

Guenji Yamazoe

Entre os laureados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto destacam-se aqueles que introduziram plantas exóticas, trabalharam incansavelmente na sua adaptação, seleção, abrindo mercado, enfim, trazendo como resultados novos produtos agrícolas, que contribuíram e vem contribuindo decisivamente para o desenvolvimento econômico de algumas regiões do Brasil.

Juta

Até a década de 1920, o Brasil importava da Índia de 15 a 20 mil toneladas de juta necessária para a embalagem de café e outros produtos agrícolas, representando elevado dispêndio de divisas. Com o início da chegada de imigrantes japoneses na Amazônia, foi cogitada a produção de juta para atender a essa demanda. Kotaro Tsuji, da Escola Superior de Comércio de Kobe, em sua visita à Amazônia, obteve uma pequena amostra de sementes de juta na Secretaria da Agricultura de São Paulo, dando início ao plantio experimental, em Manaus (AM), com o auxílio dos estagiários do Colégio de Colonização do Japão. Entretanto, as três tentativas resultaram em fracasso. Em 1934, **Ryota Oyama (3º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1967)**, ao chegar como imigrante no local, encontrou os produtores de juta em total estado de desânimo e alguns haviam se mudado para se dedicar a outras atividades. Oyama, ao percorrer os plantios de juta existentes, descobriu dois pés que se destacavam pelo comprimento das folhas mais longas. Teve o cuidado de proteger esses pés das enchentes, mas mesmo assim acabou perdendo um deles, levado pela água. De uma única planta remanescente, cuidada com todo carinho, colheu uma quantidade exígua de sementes. A partir dessas sementes conseguiu formar 200 plantas, de alta qualidade, que se multiplicaram, expandindo a cultura por todo o Estado do Amazonas, chegando a atender todo o consumo nacional e representar, na época, 34% da renda do Estado. A variedade selecionada por Oyama leva o seu nome e ele é reconhecido, com toda a justiça, como Pai da Juta no Brasil.

Chá

Ao imigrar para o Brasil, **Torazo Okamoto (3º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1967)** radicou-se em Registro (SP) e após alguns fracassos na agricultura convencional, decidiu dedicar-se ao cultivo de chá (chá-da-índia), valendo-se da

experiência no Japão buscava a produção de chá preto de melhor qualidade. Em 1935, ao retornar do Japão, onde havia adquirido equipamentos para beneficiamento de chá, obteve 60 sementes de Assam, durante a parada em Colombo, Ceilão, atual Sri Lanka. No navio, semeou-as em embalagens improvisadas e quando chegou ao porto de Santos, elas já haviam germinado. Após quatro anos, nas primeiras colheitas de folhas os resultados foram desanimadores, com sabor muito abaixo dos chás indianos e ingleses obtidos das mesmas folhas. Com o aperfeiçoamento dos processos de beneficiamento, conseguiu melhorar a qualidade do produto e, em 1940, fundou a empresa Chá Ribeira, tornando-se, na época, o maior produtor, na principal região produtora de chá do Brasil.

Pimenta-do-reino

Renkichi Hiraga (5º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1969) chegou ao Brasil em 1933, chefiando um grupo de imigrantes solteiros, organizado pela Associação Cristã de Moços (ACM), em Monte Alegre (PA), onde se dedicou à pecuária durante oito anos. Em 1939, como técnico da Companhia de Colonização da América do Sul (Nambei Takushoku Kaisha), mudou-se para Tomé-Açu (PA), tendo como missão o seu reerguimento. Berço da imigração japonesa na Amazônia, Tomé-Açu chegou a receber 365 famílias, mas na época estava em situação de decadência, com apenas 40 famílias. Hiraga, juntamente com Enji Saito e Tomoji Kato, realizou um trabalho de seleção de pimenta-do-reino a partir do material nativo e das plantas introduzidas por Makinosuke Usui, desenvolvendo variedades adaptadas à região a altamente produtivas. O sucesso de cultivo da pimenta-do-reino com essas variedades trouxe muita riqueza, não só para Tomé-Açu, mas para toda a Amazônia, sendo apontado, tal como a juta, como experiência mais bem-sucedida da região.

Rami

Desde 1930, os agricultores *nikkeis* introduziram numerosas culturas na região norte do Paraná, sendo que a de rami pode ser considerada a pioneira. Uma empresa japonesa de fibras plantou 500 hectares de rami em Urai (PR) e incentivou os agricultores *nikkeis* também a cultivarem, tendo como objetivo o mercado japonês. Com o início da II Guerra Mundial a exportação para o Japão foi suspensa e as cotações despencaram. Entretanto, Susumu Ichimura (18º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1982) continuou a produção, confiante no futuro e quando o Japão retomou a exportação, após a II Guerra, Ichimura tinha se transformado no maior produtor de rami do Brasil, chegando a ser o maior produtor do mundo nas décadas de 1980 a 1990. Para melhorar a qualidade de seus produtos, Ichimura firmou contrato com as empresas japonesas detentoras de tecnologia de industrialização e, conseqüentemente, viabilizou a exportação de produtos industrializados.

Cravo-da-índia

A maioria dos primeiros imigrantes japoneses, que chegaram à Colônia Ituverá (BA) como precursores do plantio de cravo-da-índia, abandonaram suas terras devido à ocorrência de malária. Permaneceram apenas a família de **Kiyoshi Yogo (11º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1975)** e mais uma família. Yogo apostou no cravo-da-índia, valendo-se dos conhecimentos adquiridos sobre seu plantio quando lutou durante a II Guerra Mundial no sudeste asiático. Adotou o espaçamento de 7 x 7 metros para plantio de cravo-da-índia e como cultura intercalar a pimenta-do-reino, no espaçamento de 2 x 2 metros. A pimenta-do-reino começava a produzir aos 18 meses e nas condições climáticas da região, com chuvas regulares durante o ano, obtinha duas safras anuais. O cravo-da-índia atingia quatro metros de altura aos quatro anos, iniciando a produção aos cinco anos, quando a pimenta-do-reino era eliminada, concentrando-se apenas na produção de cravo-da-índia. Esse sistema foi largamente adotado na região e inclusive aprovado pelos bancos para financiamento.

Bambu

Desde 1950, **Takashi Miyazaki (31º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2001)** se dedicava à confecção de vasos, cestos, cortina e utensílios domésticos de bambu. Em 1972, ao participar da Feira Mundial em Tsukuba, Japão, (BANPAKU), interessou-se pelo maquinário para confeccionar cortinas típicas – *sudare*. Depois de muitas dificuldades, conseguiu importar e ao longo dos tempos foi o único fabricante dessa cortina. Paralelamente, introduziu diversas variedades de bambu, efetuou vários sistemas de plantio, como em consórcio com eucalipto, Pinus, ou com mata nativa. Sempre trabalhou em parceria com o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) e o Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, (ESALQ), de Piracicaba (SP), colaborando nas pesquisas. Mantinha-se sempre atualizado, em contato com especialistas do exterior (China, Vietnam, etc.) Generoso, orientava e compartilhava seus conhecimentos no cultivo, industrialização e comercialização, como forma de contribuir para o setor e retribuir o carinho que julgava ter recebido no Brasil. Por ocasião do recebimento do Prêmio Kiyoshi Yamamoto trabalhava no desenvolvimento de outras aplicações de bambu, como na produção de carvão, construções típicas, para fins terapêuticos, etc.

Cogumelo *Shiitake*

Formado no Colégio Agrícola-Florestal de Hirose, na Província de Yamaguchi, Japão, **Kanji Sambuiti (35º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2005)** emigrou para o Brasil em 1954, juntamente com a família, inicialmente na Colônia Bela Vista (AM), mudando-se em 1958 para Brasília (DF), onde se dedicou à produção de verduras e frutas. Desenvolveu o chamado Sistema de Agricultura Sambuiti, que se baseava na ausência de fertilizantes químicos, manutenção da

vegetação herbácea e redução de mão de obra. Ele defendia uma agricultura economicamente rentável, com utilização de menos mão de obra, variedades resistentes e adaptadas às condições locais. Preconizava a supressão da capina, apenas a roçada, sem remover o solo. Chegou a dirigir o Centro de Pesquisas de Agricultura Tropical de Ishigakijima, Japão, a convite do governo japonês. Sobre o cultivo de *shiitake*, introduziu micélios resistentes a climas quentes e desenvolveu o sistema de produção em toretes de eucalipto, viabilizando sua produção no Brasil.

Grama em Tapete

Minoru Ito (42° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2012), natural de Itapetininga (SP), em 1940. Engenheiro Agrônomo pela ESALQ, em 1966, trabalhou na Cooperativa Agrícola de Cotia, Hokko do Brasil e Union Carbide do Brasil. Em 1968, durante estágio nos EUA como agrônomo da Cooperativa Agrícola de Cotia, conheceu a produção de grama em sistema de tapete. Em 1973, começou a produção de grama coreana com seu irmão Tsutomu, chegando a cultivar 50 hectares. Por volta de 1974, cultivou 150 hectares de grama obtida em Ponta Grossa (PR), que denominou "São Carlos". Em 1978, ao visitar os EUA juntamente com seu irmão Tsutomu e Renê Barreto, conheceu o Prof. Stanley, da Universidade da Califórnia, em Riverside, e recebeu uma pequena amostra de grama originária da Ásia. Essa grama foi multiplicada com nome de "Esmeralda" e viria a se constituir em grande sucesso de vendas. No cultivo dessa grama, identificou e desenvolveu duas variedades: uma de ciclo mais curto, que foi batizada de "Esmeralda - Imperial" e outra, de desenvolvimento mais lento, denominada "Esmeralda - Imperatriz". Minoru requereu as patentes dessas variedades nos EUA, obtendo-as em 2000. Em 1980, fundou a Itograss Agrícola Ltda. em sociedade com seu tio Kaoru, com seu irmão Tsutomu, além de Renê Barreto e Marcos Rodrigues. Em 1990, na primeira grande reforma do estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, foi utilizada a grama Esmeralda em tapete. Trinta dias depois, o gramado pôde ser utilizado para jogos. Atualmente, na sua propriedade de 20 hectares, próxima a Itapetininga e administrada por seus filhos, há um pesqueiro e dois campos de *mallet golf*. Em outra propriedade de 20 hectares, Ito produz grama, possui plantios de lichia e ameixa e desenvolve novas variedades de grama.

Referência

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. *História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto - centenário da imigração japonesa - personagens de destaque na agricultura*. São Paulo: Bunkyo, 2009. 401 p. Edição bilíngue: japonês-português.

Cadeias Produtivas: sericicultura, bovinocultura, cana-de-açúcar e agroindústria

*Guenji Yamazoe
Minoru Takano*

Este capítulo trata das contribuições da comunidade *nikkei*, representada por agricultores, pesquisadores e empresários detentores do Prêmio Kiyoshi Yamamoto que, pela diversidade das atividades em que atuaram e atuam, não se enquadram nos itens anteriores. Essas contribuições abrangem áreas tão distintas, como a de sericicultura, bovinocultura, cana-de-açúcar e agroindústria, e são tão importantes quanto às das áreas de maior presença dos imigrantes japoneses e seus descendentes, como a fruticultura, a olericultura, a avicultura e a floricultura.

Sericicultura

Akira Taniguti (4º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1968) nasceu na província de Hyogo, Japão, em 1902, numa tradicional família de criadores de bicho-da-seda. Depois de concluir o curso de sericicultura, trabalhou em uma indústria de seda na Província de Saitama. Emigrou para o Brasil e empregou-se numa fazenda de café, em Lins (SP), durante cinco anos. Em 1933, com o início das atividades de sericicultura na empresa Fiação de Seda Bratac Ltda., em Bastos (SP), Taniguchi foi convidado para prestar assistência aos criadores do bicho-da-seda. Nesse mesmo ano, juntamente com Kenji Amano, presidente da Bratac, constituem a cooperativa de sericultores, que em 1940 se transforma numa empresa independente, ainda sob o nome de Bratac.

Com o início da Segunda Guerra Mundial e bloqueio das importações de seda da Itália e do Japão, ocorre uma grande expansão na criação de bicho-da-seda para atender, não somente o consumo nacional, mas também para exportação como matéria-prima estratégica durante o conflito. Com o término da guerra e a retomada das importações do Japão e da Itália, os preços caem vertiginosamente e os estoques aumentam. A situação é agravada pelo advento do fio sintético de nylon e a sericicultura brasileira, incluindo a Bratac, passa por um longo período de dificuldades. Em 1962, o fio da Bratac recebe certificado de qualidade de um órgão suíço de pesquisa e classificação, equiparando o produto brasileiro ao do Japão, China e Itália, abrindo as portas para a exportação, inclusive para o Japão, com sua crescente demanda. A Bratac contribuiu para o desenvolvimento da sericicultura, mediante introdução de 30 famílias de japoneses especializados na criação de bicho-da-seda, importação de modernos equipamentos de fiação do Japão e indução de empresas do ramo a se instalem no Brasil.

Shinjiro Miura (21° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1986) nasceu na Província de Yamagata, Japão, em 1905, numa família de sericultores. Aos 19 anos alistou-se na Marinha, onde serviu durante 15 anos. Em 1959, emigrou para o Brasil com a família como imigrante especializado em sericultura e se dedicou à criação de bicho-da-seda como meeiro da Bratac. Nessa época, descobriu três pés de amora, de folhas mais grossas, nervuras bem definidas e constatou que o seu sistema radicular não estava infectado por nematoide. Inicialmente, se preocupou apenas em multiplicar, sem pensar em desenvolver uma nova variedade.

Após pesquisas efetuadas por Toshio Uchida, da Bratac, constatou-se que se tratava de uma variação da variedade calabresa, de origem italiana. Resistente a nematoide, estacas com bom enraizamento, permitindo 3,5 cortes por ano, com produtividade 40% maior do que as convencionais, maior peso dos casulos, maior rendimento em fios e melhor preço dos casulos, essa variedade se difundiu rapidamente. Denominada variedade Miura pela Bratac, que efetuou sua distribuição por meio de estacas, a procura foi muito grande. Em 1986, 60% das amoreiras cultivadas no Estado de São Paulo eram dessa variedade. Em outros estados, como no Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Rio Grande de Norte, atingia 90%.

As qualidades da amoreira da variedade Miura propiciaram o surgimento de milhares de sericultores em todo o Brasil, o que estimulou a instalação de várias indústrias de seda, todas japonesas. Entretanto, à época da premiação, Miura não havia se beneficiado com essa expansão, nem havia enriquecido, levava uma vida simples, na mesma propriedade onde encontrou a nova variedade e com muita humildade agradecia a honra de ter seu nome dado à variedade, atribuindo sua realização à sorte.

Bovinocultura

Hiroshi Yoshio (10° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1974) emigrou para o Brasil em 1919, aos sete anos de idade. Sua família abriu um comércio no Rio de Janeiro, mas por falta de experiência teve de fechar depois de três meses. Mudou-se para Álvares Machado (SP), a convite de parente, onde se dedicou à agricultura até 1932. Em 1925, conseguiu adquirir 24 hectares de terra e, com o lucro obtido, retomou o ramo do comércio em 1932. Hiroshi trabalhou durante um ano em São Paulo, nas Lojas Endo, para adquirir experiência e a seguir passou a trabalhar com o pai.

Em 1937, Yoshio abriu seu negócio em Presidente Prudente (SP) e, paralelamente ampliou suas atividades agrícolas, plantando algodão, café e cereais, chegando a cultivar 2.400 hectares de algodão. Com o advento do Estatuto do Trabalhador Rural, durante o governo Goulart, Yoshio resolveu dedicar-se à pecuária que exigia pouca mão de obra. Para iniciar a criação de bovinos, saiu à procura de reprodutores, mas concluiu que não existiam touros de alta qualidade. Então decidiu, em 1962, importar gado da raça Nelore, da Índia, e iniciou o trabalho de melhoramento genético. Os reprodutores resultantes desse

trabalho passaram a ter muita procura, inclusive pelos países vizinhos. Ganhou muitos prêmios em exposições de âmbito local e estadual, e foi homenageado pelas entidades de classe. Além de reprodutores, Yoshio preocupou-se com a melhoria das pastagens. Para recuperar as terras depauperadas da região oeste do Estado de São Paulo, resolveu utilizar o esterco bovino. Dividiu o pasto em áreas de 12 hectares, soltando 1.000 cabeças de gado por quatro a cinco dias, promovendo o rodízio. Com isso, dispersava de forma intensiva o esterco que recuperava a fertilidade do solo e evitava o pisoteio excessivo das forrageiras, acelerando a sua recuperação.

Jorge Nakaguma (41º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2011), natural de Araçatuba (SP), em 1941, graduou-se em Odontologia pela UNESP da mesma cidade em 1964 e clinicou em São Paulo, mas em 1967 retornou às origens como “homem de campo”. Trabalhando na propriedade de seu pai, em Guaraçaí (SP), com gado da raça Nelore, convenceu-se de que o aumento da produtividade de carne só poderia ser obtido mediante melhoramento genético, desenvolvendo linhagens adaptadas às condições climáticas locais. Dentro dessa linha de atuação, nesses mais de 40 anos, distribuiu sêmen de touros selecionados e realizou fertilização artificial, contribuindo para a melhoria da raça, não só na região noroeste do Estado de São Paulo, mas em Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Também foi pioneiro da região na prática de correção do solo e adubação de pastagens, por entender que o aumento da produtividade de bovinos está diretamente ligado à melhoria na qualidade das pastagens. Nakaguma foi um dos fundadores da Faculdade de Medicina Veterinária de Araçatuba, em 2001, e tem colocado a sua propriedade à disposição para realização de cursos e eventos, visando à melhoria da qualidade do gado na região. Também, tem-se preocupado com a história, criando o Museu da Época na sua fazenda para preservação de ferramentas, peças e fotos relativas à ocupação do oeste paulista.

Cana-de-açúcar

A produção de cana-de-açúcar foi a principal atividade econômica do Brasil Colonial, nos séculos XVI a XVIII, denominado ciclo do açúcar no Brasil. Consta que Martim Afonso de Souza foi o introdutor da cana-de-açúcar em 1553, e que também instalou o primeiro engenho em São Vicente, no Estado de São Paulo. Essa atividade foi importante para a consolidação da colonização portuguesa no país, principalmente na região Nordeste brasileira.

A Europa, que extraía açúcar da beterraba e concorria diretamente com o açúcar brasileiro, perdeu força no início do século XX, devido à Primeira Guerra Mundial, que devastou as indústrias do ramo. Esse fato coincidiu com os desejos dos fazendeiros paulistas em diversificar seu perfil de produção, surgindo, assim, novas usinas no Estado de São Paulo. Na década de 1920, os canaviais tiveram a infestação de “mosaico”, quando teve início o controle biológico de pragas, ocasião que coincidiu com a busca por novas variedades de cana mais produtivas e mais resistentes às pragas e doenças.

A partir de 1975, o Programa Nacional do Álcool (“Proálcool”) foi fundamental para o Brasil enfrentar as crises do petróleo, hoje consagrado como o maior programa de energia renovável já estabelecido, em termos mundiais.

Nesse contexto, foram reconhecidas três personalidades da comunidade *nikkei*, que atuaram, cada qual na sua área, para contribuir no desenvolvimento da cultura de cana-de-açúcar no Brasil. Em 2006, foram laureados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto os pesquisadores Sizuo Matsuoka (36° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2006) e Hideto Arizono (36° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2006), que criaram, com outros pesquisadores, variedades de cana-de-açúcar RB (República do Brasil), com maior índice de sacarose, mais resistentes às pragas e doenças e muito mais produtivas. O trabalho de ambos foi tão inovador que, na época da premiação, elas representavam 50% dos canaviais do país. Suas pesquisas e os resultados positivos com a cana-de-açúcar são de reconhecimento internacional. A formação de origem nipônica certamente teve papel importante no êxito desses dois pesquisadores, através dos valores de paciência, obstinação, disciplina, dedicação e humildade.

O Dr. Sizuo Matsuoka, engenheiro-agrônomo pela ESALQ em 1967, foi pesquisador científico do IAC e do IAA/Planalsucar, professor adjunto da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Coordenador do Programa de Melhoramento da Cana-de-Açúcar da UFSCar, realizou importantes trabalhos sobre melhoramento genético da cana-de-açúcar.

O Dr. Hideto Arizono, biólogo, com mestrado e doutorado em agronomia pela ESALQ, foi pesquisador do Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA)/Planalsucar (1972-1990) e professor adjunto da UFSCar. O Dr. Arizono e o Dr. Matsuoka contribuíram significativamente para o desenvolvimento de diversas variedades de cana-de-açúcar (10 cultivares RB) de grande relevância para o setor sucroalcooleiro do Brasil. As variedades RB (República do Brasil), criadas com a colaboração desses pesquisadores, foram fundamentais para o fortalecimento desse setor do agronegócio brasileiro devido às suas características de maior resistência às doenças e maior produtividade de açúcar e álcool, possibilitando maior rentabilidade aos produtores.

Em 2015, foi laureado Pedro Isamu Mizutani (45° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2015), que idealizou e implantou o projeto “Cultivar”, de apoio e sustentação aos produtores de cana-de-açúcar, principalmente dos pequenos e médios, para continuarem na atividade de maneira sustentável econômica, social e ambiental. O projeto, que tem abrangência regional (estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás e futuramente Minas Gerais), visa apoiar e orientar os produtores na aquisição dos insumos agrícolas, nas negociações de crédito rural com as instituições financeiras, no provimento de capacitação técnica, inclusive sobre a questão da preservação do meio ambiente.

Agroindústria

Taitiro Hashizume (8° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1972) nasceu na Província de Wakayama, Japão, dedicou-se ao plantio da batata nos primeiros anos da

vida de imigrante. Em 1934, já em terras próprias no bairro de Vargem Grande Paulista, em São Roque, experimentou plantar uva de mesa, que aparentava ser mais estável do que a batata. Não sendo bem-sucedido, manteve apenas a Niágara, única variedade de mesa consumida, para garantir sua sobrevivência e plantou uvas para produção de vinho, seguindo o exemplo de vizinhos imigrantes italianos e espanhóis, tornando-se assim o primeiro produtor de vinho *nikkei*.

Depois de um período de aprendizado e de instalações rústicas, em 1947 fundou a Indústria Vinícola Vargem Grande Ltda., com 10 acionistas majoritários e outros menores que contribuíram com capital. Em 1952, contava com 30 produtores de uva como acionistas, na época um caso raro de produtores agrícolas se unirem para fundar indústrias. A Vinícola, que iniciou com produção de 17 mil litros por ano, em 25 anos, por volta de 1970, havia multiplicado por 10. O produto era comercializado com a marca Caeté, famoso pela qualidade e sempre premiado na Festa do Vinho de São Roque. Seu filho Takuo formou-se engenheiro-agrônomo pela ESALQ/USP e como pesquisador científico do Instituto de Tecnologia de Alimentos do Governo do Estado de São Paulo tornou-se conhecido enólogo e ajudou no crescimento da indústria da família.

Riogo Amaya (45º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2015), membro da terceira geração da família Amaya que se dedica ao chá desde a década de 1930, continua nesta atividade lutando para evitar a sua extinção, contribuindo para a produção deste produto. Com o encerramento das exportações, criou-se uma grave crise para a cultura. O chá preto era exportado para o Reino Unido, Estados Unidos da América, Canadá e Chile, mas com a queda cambial e produtividade, ficou inviável a sua continuidade. Diante desse tenebroso quadro, Riogo teve de buscar medidas para superar o problema. Idealizou, então, investir na técnica de produção de chá preto e verde com alta tecnologia, conseguindo atingir um chá de qualidade internacional, com o reconhecimento do público japonês no 3º Festival de Chá Preto, em Owari Asahi, Japão, e pela visita da Professora Minako Uehara, especialista em chá, na degustação feita no World Travel Market, realizado no Expo Center Norte, na capital paulista.

Confiando na qualidade de padrão internacional e no inigualável sabor e aroma do chá-da-índia (*Camellia sinensis*), produzido através de variedade desenvolvida no Brasil, é atualmente a única indústria mecanizada e totalmente verticalizada de chá preto no Brasil. Riogo desenvolveu uma técnica de processamento de chá verde que não precisa ser preparado com água quente, podendo ser colocado diretamente na água fria, de sabor superior e coloração verde vivo, mais intenso do que o chá verde comum. E com a adaptação do equipamento consegue atingir em 30 minutos a fase final de produção do chá verde, enquanto no processo convencional leva quatro horas. Devido ao crescente consumo de chá no exterior, com a descoberta dos benefícios para a saúde, a mudança de comportamento do povo brasileiro abre novas perspectivas para a manutenção e gradativo retorno da cultura do chá na região de Registro (SP), considerada como a terra do chá, que graças à persistência de Riogo não vai acabar.

Referência

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. **História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto** - centenário da imigração japonesa - personagens de destaque na agricultura. São Paulo: Bunkyo, 2009. 401 p. Edição bilíngue: japonês-português.

Sistemas de Produção: mecanização agrícola, conservação do solo, irrigação, sistemas agroflorestais, desenvolvimento regional

*Guenji Yamazoe
Toyoshiko Kashima*

Este capítulo, tal como o anterior, relata as contribuições da comunidade nipo-brasileira representada por agricultores, pesquisadores e empresários detentores do Prêmio Kiyoshi Yamamoto que, pela diversidade das atividades em que atuaram e atuam, não se enquadram nos itens anteriores. São atividades ou áreas diversificadas, como mecanização agrícola, conservação do solo, irrigação, sistemas agroflorestais e desenvolvimento regional, nas quais nove imigrantes japoneses e um agricultor não *nikkei* se destacaram, reunindo méritos para o recebimento do prêmio.

Mecanização Agrícola

Shunji Nishimura (16º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1980) emigrou para o Brasil em 1932. Depois de trabalhar como colono em fazenda de café, em Botucatu, foi para o Rio de Janeiro, empregando-se numa residência abastada. Retornou a São Paulo, empregou-se como ajudante de metalúrgico e cursou o colégio. Em 1939, tomou o trem da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e desceu em Pompeia (SP), ponto final da ferrovia na época, a 470 km de São Paulo. Gostou do local, alugou um barraco, sem energia elétrica nem água, e colocou a seguinte placa: "Conserta-se tudo". Além de consertar tudo, montava canecas, soldando alça em latas vazias que recolhia nos postos de gasolina. Com a aquisição de torno, serra mecânica e bancada de um alemão que voltava para seu país, passou a fabricar carrinhos e balanços para crianças.

Em 1948, alertado sobre as dificuldades que os agricultores enfrentavam no polvilhamento de defensivos, inventou uma polvilhadeira costal, utilizando lata de querosene, tendo obtido grande sucesso. Foi o início das Indústrias de Máquinas Jacto, que passou a fabricar pulverizadores e outros implementos agrícolas. Nishimura sempre se preocupou em criar equipamentos de baixo custo, fácil manuseio, resistentes, assegurando assistência técnica completa.

Em 1979, depois de sete anos de pesquisas e estudos, a Jacto lançou a primeira colhedora de café do mundo. Em 1981, as primeiras 18 unidades foram comercializadas e teve início a grande mudança na tecnologia de colheita da rubiácea. Em 2007, mais de mil colhedoras estavam em operação. A cafeicultura continuou expandindo-se em áreas de Cerrado – solos de baixa fertilidade, mas com topografia mais plana, apropriada para total mecanização da lavoura. Sua utilização proporcionou a redução de custos de colheita em 50%, acompanhada de qualidade e rapidez na operação.

Essa tecnologia consolidou o Brasil, que continuará a oferecer “Café barato, volume e qualidade” e a manter absoluta liderança no mundo. Nesse período, vários modelos foram desenvolvidos pela empresa, para atender qualquer tamanho de área. Em 2015, foi lançada a Colhedora K 3500, que proporciona três operações: colheita, pulverização e poda do cafeeiro. O grupo de empresas, além da colhedora, oferece uma gama enorme de produtos: pulverizadores, adubadoras, veículos elétricos, lavadoras, produtos plásticos e linha “fitness”.

Depois de vencer os grandes desafios, aos 70 anos começa uma nova missão. Nasce o Colégio Técnico Agrícola. Nas palavras de Nishimura, “Tudo o que tenho devo ao Brasil. Eu nada teria se eu estivesse em outros países. O Brasil é generoso, sempre me deu mais do que meu trabalho. Por isso preciso devolver um pouco do muito do que recebi neste país”.

Nishimura criou a Fundação Shunji Nishimura de Tecnologia e depois vieram o Colégio Técnico (1982), a Escola Profissionalizante, em convênio com o SENAI, e o Museu Agrícola (1998). Na escola, os alunos estudam as técnicas agrícolas na prática. Desde 2009, o colégio deixou de existir e, em 2010, começou a Fatec Shunji Nishimura, em nível universitário, oferecendo o curso de graduação em Tecnologia e Mecanização em Agricultura de Precisão, único no país.

Tadataka Minami (44º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2014) chegou ao Brasil em 1955 e aos 12 anos começou a trabalhar em uma fazenda de café, em Bauru. Em 1963, mudou-se para Biritiba-Mirim, onde sua família adquiriu uma propriedade. Depois de trabalhar como aprendiz de marceneiro em São Paulo, em 1970, montou a primeira máquina de lavar cenouras, inicialmente de madeira, em uma oficina rústica na sua propriedade, em Biritiba-Mirim. No mesmo local, instalou, em 1972, a Minami Indústria de Aparelhos para Lavoura Ltda. O lavador de cenouras foi um sucesso, porque não danificava a cenoura, a lavagem era perfeita e de alto rendimento. Devido à eficiência desse lavador, muitos agricultores ampliaram seus plantios de cenoura. Foram vendidas mais de 2.000 unidades do lavador.

Posteriormente, lançou o espalhador de esterco, também com grande aceitação, vendendo mais de 3.000 unidades. Em 1980, começou a fabricação de encanteirador, acoplado ao trator agrícola. Em 1997, criou um adubador específico para cafeicultura, cujas vendas atingiram mais de 1.800 unidades. Minami sempre se preocupou em desenvolver equipamentos que proporcionassem conforto e bem-estar nos trabalhos dos pequenos e médios agricultores, aumentando o seu rendimento e reduzindo custos.

Conservação do Solo

Nozomu Abe (2º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1966) nasceu na Província de Kumamoto, Japão, e chegou ao Brasil em 1933. Instalou-se na região de Araraquara (SP), onde permaneceu durante 25 anos. Mesmo durante os anos em que cultivou algodão como arrendatário, já se preocupava com o problema da erosão e perda de fertilidade dos solos e acreditava que o cultivo de algodão entraria em rápida decadência. Ao adquirir 650 hectares de terras, priorizou a prevenção da erosão do solo, adotando o plantio em curvas de nível, aperfeiçoando o método por meio de tentativas e erros e também com a orientação da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Com o sucesso alcançado, agricultores da região também passaram a adotá-lo. Como prática de conservação do solo, adotou também a rotação e a diversificação de culturas, plantando arroz, milho, laranja, café e, para aproveitar a entressafra, cultivava verduras e batata. Introduziu também a criação de gado leiteiro e a avicultura, visando ao aproveitamento de esterco para recuperação da fertilidade do solo. Todas essas experiências foram repassadas aos agricultores e outros interessados, visando contribuir com a melhoria e estabilidade da vida no meio rural.

Irrigação

Noboru Yamashita (37º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2007) nasceu na Província de Hokkaido, Japão, em 1933. Chegou ao Brasil em 1937, juntamente com sua família, que se estabeleceu em Guará (SP), na região conhecida como Alta Mogiana e, em 1951, mudou-se para Guaíra (SP), na mesma região. Devido à época de seca prolongada e severa, nessa região só se praticava um plantio por ano. Em 1980, Yamashita introduziu o sistema de irrigação por pivô central, que permitia irrigar 100 a 150 hectares por unidade de equipamento. O seu investimento equivalia ao preço do terreno e parecia incoerente o seu uso em cultura de baixo valor unitário, como feijão. Entretanto, os resultados econômicos foram altamente compensadores, pois permitiram uma agricultura bem diversificada, com o uso do solo o ano inteiro e, hoje, seu uso se encontra bastante difundido. Nesse mesmo ano de 1980, Yamashita se deslocou para região de Ipameri (GO), onde se dedicou ao plantio de soja, algodão e café, tornando-se pioneiro da agricultura no Cerrado.

Sistemas Agroflorestais

Noboru Sakaguti (29º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1999) nasceu na Província de Wakayama, Japão, e concluiu o curso de ciências florestais da Universidade de Agricultura de Tokyo em 1956, chegando ao Brasil em 1957 a bordo do navio "Ari Parreira", da Marinha brasileira, instalando-se na propriedade de Shigueji Wada, em Tomé-Açu (PA). Adquiriu suas terras em 1959, filiou-se à Cooperativa Agrícola de Tomé-Açu (CAMTA), onde ocupou vários cargos. Como diretor técnico, liderou, planejou e executou os plantios de cacau em substituição à pimenta-do-reino, em decadência na época. Sob a liderança

de Sakaguti, novos padrões de beneficiamento foram adotados, resultando em cacau de alta qualidade, alcançando preços mais altos no mercado de Londres, tendo contribuído para o desenvolvimento econômico e social da região. Desde a década de 1970, Sakaguti vinha pregando a agricultura sem deterioração do solo e do meio ambiente, mediante adoção de sistemas agroflorestais. Seus estudos têm chamado atenção dos especialistas de todo o mundo, têm recebido numerosos estagiários.

Gilberto Ohta de Oliveira (42º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2012) nasceu em Sete Barras (SP) em 1959 e graduou-se em administração de empresas em 1985. Sua família chegou ao bairro Guapiruvu, no mesmo município, em 1969, dedicando-se, inicialmente, ao cultivo tradicional da região, a banana. A partir de 1978, passou a produzir gengibre em grande escala, exportando volumes expressivos para a Inglaterra. Entretanto, devido à monocultura sucessiva, sem rotação, a produção de gengibre passou a exigir uso intensivo de defensivos. Desde 1999 sob sua liderança, a comunidade de Guapiruvu tem procurado desenvolver modelos agroecológicos, baseados nos sistemas agroflorestais. Além dos aspectos agroecológicos, Ohta tem-se preocupado com a comercialização mais vantajosa dos produtos agrícolas, por meio de mercado solidário e agregação de valor, mediante venda direta em postos instalados na região do ABC, na Região Metropolitana de São Paulo.

Hiroshi Okajima (43º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2013) nasceu na Província de Gunma, Japão, em 1941, veio para o Brasil juntamente com sua família em 1954, fixando-se em Santa Izabel do Pará (PA). Em 1956, iniciou a formação de sua propriedade em Castanhal (PA), com o plantio de 500 pés de pimenta-do-reino. Dedicou-se até hoje a essa cultura, tendo sido Presidente da Associação Brasileira de Exportadores do produto. Visando diversificar a produção agrícola da região amazônica, nas décadas de 1970-80 produziu, juntamente com seus irmãos, melão espanhol, mamão papaia e maracujá em grandes escala para os mercados de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Entre as atividades de Okajima merece destaque o plantio pioneiro, em 1990, do mogno africano e especialmente do mogno brasileiro, este último listado entre as espécies em risco de extinção. O reflorestamento com mogno consorciado com pimenta-do-reino foi realizado em Paragominas (PA) no sistema agroflorestal. O maior problema do plantio de mogno brasileiro é o intenso ataque da broca do mogno, *Hypsipyla grandella*. Foram efetuados testes de eficiência de vários inseticidas para o seu controle, paralelamente aos estudos de manejo da pimenta-do-reino. Aos 25 anos, o mogno brasileiro atinge diâmetro de até 30 cm e serve de referência para todo o país. Além disso, as sementes produzidas nessa propriedade têm contribuído para a disseminação do reflorestamento com mogno africano e para a preservação do mogno brasileiro. Em 2008, com as sementes fornecidas de Tomé-Açu, foi plantado cacau sob mogno, com eliminação da pimenta-do-reino. Os resultados alcançados têm sido excelentes, contrariando a tese de que a região de Paragominas é imprópria para cacau.

Desenvolvimento Regional

Togoro Shimosaka (22º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1988) nasceu na Província de Fukushima, Japão, em 1910, emigrou para o Brasil em 1956 e trabalhou na formação de lavoura de café, em Cafelândia (SP). Encerrado o contrato, em 1958, adquiriu 25 hectares de terras em Jales (SP), onde plantou café, algodão e cereais. No mesmo ano, associou-se à Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil, exercendo sucessivamente a presidência da cooperativa singular (1960), o conselho fiscal (1970) e a diretoria da cooperativa central (1972). Foi um dos pioneiros do desenvolvimento da agricultura no Cerrado, adquirindo, em 1974, uma área de 143 hectares, em Carmo do Paranaíba (MG), num projeto conjunto da Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil e do governo federal para assentar agricultores na região. Constatando que a base da agricultura no Cerrado estava na melhoria do solo, procurou autossuficiência de adubação orgânica, com a criação de gado e aves. Dedicou-se, ainda, à busca de melhores variedades, métodos de cultivo e adubação de café, milho e soja, adaptadas às condições climáticas do Cerrado, divulgando os resultados aos agricultores de toda a região. Acolhedor por natureza, sempre estava à disposição, principalmente dos novos agricultores que chegavam ao Cerrado. Foi pioneiro no plantio de café em Carmo do Paranaíba. Em 1978, a família possuía 2.600 ha de terra. Os seus esforços foram reconhecidos com o prêmio de agricultor-modelo do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Em 1984, recebeu o título de Cidadão Honorário de Carmo do Paranaíba e, em 1986, foi agraciado com a Comenda de 5º Grau do governo japonês.

Shoji Yamanaka (37º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2007) nasceu na Província de Iwate, Japão, em 1938, formou-se em ciências florestais pela Universidade de Agricultura de Tokyo em 1960. Veio para o Brasil como estagiário da Fazenda Tozan (Tozan Kenshusei), em 1961. Após a conclusão do estágio, trabalhou nos escritórios de São Paulo, Belém e Tomé-Açu (PA) da Japan Migration and Colonization (JAMIC), organização para o apoio aos imigrantes japoneses. Em Tomé-Açu, destacou-se pelos trabalhos de apoio aos imigrantes que se estabeleceram em assentamentos, e pelo apoio na educação e assistência técnica aos imigrantes que chegaram depois da II Guerra, na abertura de estradas, instalação de hospital, e implantação da estação experimental de agricultura tropical. Depois de ter exercido o cargo de diretor administrativo-adjunto da JAMIC, em Belém, que encerrou suas atividades em 1980, Yamanaka permaneceu ali e se dedicou à produção e comercialização de flores e plantas ornamentais. Yamanaka foi também um dos responsáveis pela disseminação e aperfeiçoamento dos plantios de açaí, acerola, cupuaçu, camu-camu e maracujá, cujo suco é um dos principais produtos da Cooperativa de Tomé-Açu.

Sakae Kamitani (37º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2007) nasceu em Osaka, Japão, em 1930, chegou ao Brasil em 1934 com a família já contratada para trabalhar numa fazenda de café em Guarantã (SP). Seguiu-se um período em que passaram por aproximadamente 10 localidades, como Valparaíso, Birigui, Pereira Barreto, Andradina e outras, como arrendatários, plantando café, algodão e

hortelã. Em 1956, Kamitani adquiriu terras próprias em Loanda (PR). Mudou-se para Naviraí (MS) em 1961, onde, como pioneiro, derrubou mata virgem para plantar algodão, soja e milho. Em 1968, ainda em Navirai, chegou a plantar 2.000 hectares de algodão, época em que surgiu o Grupo Kamitani. Em 1978, fundou a Cooperativa Agrícola Sul Matogrossense (COPASUL), com 27 membros, hoje com 1.050 cooperados. Ele mesmo, juntamente com o filho, produz soja, algodão e milho em áreas próprias e arrendadas, que totalizam 5.000 hectares. Pode-se dizer que Naviraí, hoje com uma população de 50 mil habitantes, surgiu e cresceu graças à COPASUL, tendo como personagem central Sakae Kamitani.

Referência

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto - centenário da imigração japonesa - personagens de destaque na agricultura. São Paulo: Bunkyo, 2009. 401 p. Edição bilíngue: japonês-português.



Colhedora de Café Jacto, Modelo K 3500



Parque Industrial de Pompeia (SP)

Ensino, Pesquisa e Extensão

Mário Eidi Sato
Alfredo Tsunechiro

Introdução

Os progressos alcançados pela agricultura, nos últimos 50 anos, graças aos avanços científicos e tecnológicos, não têm precedentes na história da humanidade. O cultivo das plantas para atender às necessidades humanas é atividade dependente de condições socioeconômicas, climáticas e do solo. As espécies e suas variedades não ocorrem em todas as condições, mas têm suas adaptações climáticas específicas. No caso da agricultura, os cultivares, as tecnologias e os processos adequados para as regiões temperadas são inapropriados e não adaptáveis às condições tropicais. Tal aspecto torna imperativo que todas essas tecnologias devam ser necessariamente desenvolvidas nas condições locais onde serão utilizadas, o que aumenta a importância das pesquisas científicas conduzidas no Brasil.

Para o cafeeiro, a partir do melhoramento genético iniciado pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) em 1933, novas variedades têm sido obtidas com maior produtividade e associadas a importantes características, como a resistência a pragas e doenças, com destaque para a ferrugem-do-cafeeiro (*Hemileya vastatrix*).

Para o milho, o melhoramento genético tem alcançado progresso contínuo ao longo dos anos, verificado pelos incrementos anuais de produção de grãos. Além do aumento da produtividade, importantes aspectos agrônômicos, como resistência a enfermidades, tamanho mais compacto, resistência ao acamamento, foram incorporados no melhoramento. Nos últimos 20 anos, vem alcançando sucesso o cultivo de milho fora da estação usual de verão, conhecido como milho “safrinha”, a partir de fevereiro, para o qual novos cultivares foram desenvolvidos.

Até 1970, o Brasil não tinha expressão no plantio de soja, representando apenas 2% da produção mundial, tornando-se, hoje um dos principais produtores deste tipo de grão. Em 1961, a produtividade era de 1.127 kg/ha, chegando em 2014 a mais de 2.800 kg/ha, correspondendo a um aumento anual de aproximadamente 31 kg/ha/ano, ou seja, um ganho de mais de 1.600 kg/ha em 50 anos de pesquisa.

Para o feijão, a produtividade tem sido aumentada graças às técnicas adequadas de cultivo e ao melhoramento genético. Avaliações procedidas durante 20 anos, nas décadas de 1980 e 1990, indicaram um progresso da ordem de 43 kg/ha/ano.

Para as frutas de clima temperado, o melhoramento genético conseguiu viabilizar o cultivo de várias espécies no Brasil, com destaque para os sucessos

obtidos com maçã, pêsego, pera e ameixa, originalmente não adaptáveis às condições climáticas do país, uma vez que requerem longos períodos de baixas temperaturas para a indução do florescimento. A produção de 16 mil toneladas de maçãs em 1977 para 1.335 mil toneladas em 2012, com um ganho de 0,8 t/ha/ano, tornou o Brasil um importante produtor, inclusive, exportador para mercados muito exigentes.

Grandes avanços também foram alcançados para diversos outros cultivos no Brasil, como algodão, arroz, cana-de-açúcar, eucalipto, hortaliças e plantas ornamentais.

As produtividades médias de várias culturas no Brasil cresceram acentuadamente nos últimos anos. Comparando-se as produtividades médias do triênio 2011-2013 com as de 1991-1993, com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), verificaram-se aumentos de 20,9% na cultura do algodão herbáceo, 42,1% do milho (primeira e segunda safras), 7,4% da soja, 17,9% do café (arábica e robusta), 39,8% da batata inglesa, 15% da goiaba, 32,3% da maçã, 26,7% do pêsego, 16,4% da pera e 10,5% da uva. No caso das frutícolas, são somadas as culturas para mesa (ou in natura) e para indústria.

O controle de pragas e doenças também tem passado por várias mudanças em função das pesquisas e conhecimentos obtidos, empregando-se, atualmente, um sistema mais racional de controle denominado manejo integrado de pragas, que compreende a associação de diferentes técnicas, incluindo controle biológico, controle químico, resistência genética das plantas e práticas de cultivo e de proteção do meio ambiente.

Na área de nutrição de plantas e fertilização, progressos no conhecimento das necessidades nutricionais das plantas têm resultado em significativos aumentos de produtividade no Brasil. A produtividade agregada de 16 culturas entre 1970 e 1995 passou de 1.450 para 2.804 kg por hectare, correspondendo a um aumento de aproximadamente 93%.

A partir do conhecimento da estrutura do material genético DNA (ácido desoxirribonucleico) e desenvolvimento de técnicas de genética molecular foi possível proceder a manipulação dos genes e suas transferências entre espécies. A biotecnologia é hoje uma ferramenta a mais à disposição dos pesquisadores, que possibilita a obtenção de plantas geneticamente modificadas de maneira mais previsível. Entre as principais culturas transgênicas utilizadas atualmente estão a da soja, do milho e do algodão. Diversos países, incluindo o Brasil, conduzem pesquisas destinadas à avaliação de plantas transgênicas e à obtenção de novas variedades transgênicas. Entre as espécies pesquisadas destacam-se milho, soja, algodão, arroz, feijão, cana-de-açúcar, batata, mamão, eucalipto e tomate. Das características incorporadas, podem ser mencionadas a tolerância a herbicidas; resistência a insetos, fungos e vírus; aumento da produtividade, além de outras características agrônômicas. Pesquisas visando à melhoria na qualidade de alimentos e óleos comestíveis, com destaque para teores de proteínas e de outros componentes (vitaminas, ferro), estão sendo conduzidas. As possibilidades oferecidas pela biotecnologia são praticamente ilimitadas.

Para viabilização das pesquisas e divulgação das tecnologias geradas no país, tem havido importante contribuição das agências de fomento do Brasil, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e as Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa, com destaque para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Agências internacionais, como a Japan International Cooperation Agency (JICA), a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), também têm representado importante papel no treinamento de pesquisadores e agricultores, no Brasil e no exterior, na difusão de tecnologia e no apoio a projetos de pesquisa e de assistência técnica aos produtores.

Os Agraciados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto nas Áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão

Os premiados pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (Bunkyo), nas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão, nos 50 anos de outorga do Prêmio Kiyoshi Yamamoto (PKY), de 1965 a 2015, totalizaram nove pessoas.

A contribuição desses premiados foi de grande relevância para o progresso científico da agricultura brasileira, como pode ser observado no texto a seguir, com o resumo da biografia de cada um dos homenageados. A maioria desses premiados é *nikkei*, indicando a grande importância da comunidade de origem japonesa para o estabelecimento da agricultura no Brasil.

1. Na terceira edição do prêmio, o homenageado foi Jorge Bierrenbach de Castro (3º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1967), formado em engenharia agrônoma pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP). Assumiu o cargo de engenheiro agrônomo na Seção de Genética do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) em 1931 e tornou-se chefe da Seção de Raízes e Tubérculos do IAC em 1940. Dedicou-se principalmente às pesquisas sobre batata, mandioca e batata-doce, culturas de grande importância econômica na época. Graças à sua importante contribuição à sociedade, uma escola pública municipal de ensino fundamental de Valinhos, SP, recebeu o nome de Jorge Bierrenbach de Castro, em 1992, em sua homenagem.

2. Chotaro Shimoya (14º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1978), nascido em Tóquio em 1912, tornou-se o primeiro filho de imigrante japonês a se formar em agronomia pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) de Viçosa, que posteriormente viria a constituir a Universidade Federal de Viçosa (UFV), MG. Em 1952, tornou-se professor assistente da Faculdade de Agronomia e, em 1958, após a obtenção do título de doutor pelo desenvolvimento de um trabalho sobre taxonomia de plantas, assumiu a posição de professor catedrático dessa Universidade. Em 1969, recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* pela UFV devido à sua importante contribuição em sua área de atuação.

3. Álvaro Santos Costa (16° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1980), formado pela ESALQ em 1933, iniciou sua carreira na Seção de Genética do IAC em 1934, atuando como pesquisador científico até 1982. Foi considerado o pesquisador de maior destaque na área de fitovirologia da América Latina. Orientou várias teses de mestrado e doutorado em virologia em três universidades estaduais (USP, UNICAMP, UNESP). Provavelmente, o trabalho mais amplamente conhecido, realizado pelo Dr. Costa, tenha sido a utilização de estirpes menos agressivas do vírus da tristeza dos citros (CTV) para proteção cruzada contra as estirpes mais agressivas do CTV. Esse conceito foi desenvolvido com um de seus assistentes, Dr. Gerd W. Müller, e resultou no maior programa de pré-imunização de plantas no mundo. Ao longo de sua carreira recebeu muitos prêmios, entre os quais o de Honra ao Mérito pela Sociedade Americana de Fitopatologia (1972), a medalha “Luiz de Queiroz” pela ESALQ/USP (1996) e a insígnia da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, considerada a mais importante condecoração feita pelo Ministério da Ciência e Tecnologia no Brasil. O prêmio foi outorgado pelo então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso.

4. Edson Consolmagno (17° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1981) atuou no início da carreira como agrônomo da Estação Experimental de São Carlos (atual Embrapa Pecuária Sudeste), onde foi criada a raça de gado de corte Canchim. Trabalhou como agrônomo da Casa da Lavoura de Piedade (SP), fundando, em 1951 a Associação Rural de Piedade. Atuou, posteriormente, na Casa da Lavoura de Mogi das Cruzes (SP), tendo forte presença na associação rural local. Foi nomeado delegado regional agrícola de Mogi das Cruzes em 1959, ficando no cargo até 1983. Foi diretor do Departamento de Raízes e Tubérculos da Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo (FARESP). Por seus importantes trabalhos de assistência técnica e cooperativismo, com forte atuação junto à comunidade *nikkei* do Estado de São Paulo, recebeu diversas homenagens, incluindo a de Engenheiro Agrônomo do Ano do Estado de São Paulo (1972) e a Comenda da Ordem do Sol Nascente, do Governo Japonês. Seu nome foi atribuído a uma rua em Piracicaba (SP) e a uma avenida em Mogi das Cruzes.

5. Sohei Okamoto (22° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1988) chegou ao Brasil em 1937, juntamente com a família, instalando-se inicialmente em Santa Cruz do Rio Pardo (SP). Com o auxílio da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), formou uma cooperativa de algodoeiros, que passou a beneficiar a produção dos associados e, posteriormente, passou também a extrair o óleo. Colaborou também para a formação de uma cooperativa agrícola em Maringá (PR). Em 1970, foi enviado pela CAC para iniciar um grande projeto agrícola no Cerrado mineiro, acreditando-se que as técnicas agrícolas dos japoneses e seus descendentes seriam de grande ajuda para a região. O primeiro município a ser desbravado foi São Gotardo (MG). Na década de 1960, a CAC criou um projeto que visava transformar a região de São Joaquim (SC) em polo produtor de maçã devido às condições climáticas semelhantes às de Nagano, grande produtora de maçãs no Japão. Em 1974, Sohei Okamoto se instalou em São Joaquim. Os moradores locais consideravam, na época, praticamente impossível produzir maçãs em larga escala em um local tão pedregoso, entretanto, após alguns anos, reconheceram

a viabilidade da cultura. Até a década de 1970, não havia produção de maçãs em escala comercial e 15 anos após o início das atividades a produção alcançava 300.000 t/ano no Sul do país, sendo que apenas São Joaquim chegava a produzir 190.000 t/ano. A colaboração de Sohei Okamoto para o crescimento do cultivo da macieira no Sul do país foi imensurável e seu trabalho beneficiou um grande número de agricultores.

6. Goro Hashimoto (28º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1997), nascido em Shizuoka, Japão, em 1913, chegou ao Brasil em 1934. De 1948 a 1954, foi pesquisador do Jardim Botânico Municipal de São Paulo, realizando trabalhos sobre taxonomia (classificação) da vegetação brasileira. Em 1961, foi designado chefe do Centro de Meteorologia do Ministério da Agricultura, localizado no Paraná. Coletou e catalogou muitas espécies botânicas da região e sua coleção se tornou referência para muitas espécies que desapareceram da região após a construção da usina de Itaipu. Em 1978, liderou a construção do Museu da Agricultura do Paraná, tornando-se presidente deste museu até 1983. Nesse ano, firmou parceria com a Toyota e passou a pesquisar as plantas medicinais da região amazônica, catalogando 2.168 espécies de plantas medicinais, reunindo as informações em uma publicação (Enciclopédia Ilustrada de Plantas Mediciniais Brasileiras) com 2.177 páginas, lançada em 1996. A publicação é uma importante referência na área de taxonomia de plantas. Ao longo do tempo, Hashimoto reuniu uma coleção de 100 mil espécies, que estão expostas no Museu Goro Hashimoto, em Itaquera, na zona leste da cidade de São Paulo.

7. Kunio Suzuki (38º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2008) nasceu em Tadami, município de Minami Aizu, província de Fukushima, Japão, em 1928 e formou-se em veterinária em 1948, pela Faculdade de Iwate. Chegou ao Brasil em 1956, tornando-se funcionário da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) como chefe do Departamento de Aves da Estação Experimental do Moinho Velho, em Cotia (SP). Depois assumiu a chefia do Departamento Veterinário. Em 1969, tornou-se sócio da empresa Comercial Harada, onde se dedicou à pesquisa de enzimas para enriquecimento de rações e adubo orgânico. Em 1989, realizou pesquisas com fungos do cogumelo *shiitake*, que se tornaram a base da atual produção nacional. Pesquisou e selecionou a variedade de *shiitake* que melhor se adaptava ao clima brasileiro. No Japão, existem mais de 200 espécies de *shiitake*, o que exigiu exaustiva pesquisa. Atualmente, o Brasil é autossuficiente, em grande parte devido ao seu trabalho. Preocupado com a exaustão do solo, pesquisou bactérias que pudessem ser adicionadas ao esterco e a outros materiais orgânicos para acelerar o processo de fermentação e a consequente formação de adubo orgânico rico em nutrientes. Na Estação Experimental do Moinho Velho, desenvolveu ração para aumentar a produtividade na avicultura. A equipe de pesquisa da CAC era formada por profissionais brasileiros e japoneses e Suzuki, hábil conciliador, sempre manteve a harmonia entre seus colegas.

8. Valdir Atsushi Yuki (40º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2010) nasceu em São Paulo em 1947. Engenheiro agrônomo pela ESALQ (1971), com mestrado e doutorado em Fitopatologia pela ESALQ, tem atuado como pesquisador científico do IAC, realizando pesquisas na área de virologia, especificamente na trans-

missão de vírus por insetos-vetores em várias culturas de importância econômica como alface, algodão, batata, citros e feijão. Atualmente, tem realizado pesquisas com maracujá e plantas ornamentais, especialmente hortênsias. Em 2008, identificou um vírus que reduz o tamanho das flores de hortênsias azuis e causa manchas às folhas. Trabalhos para a obtenção de matrizes livres desse vírus, através de termoterapia e cultivo de meristema, beneficiaram muitos produtores de ornamentais da AFLORD.

9. Júlio Nakagawa (42º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2012), nascido em Jardinópolis (SP), em 1934, formou-se em engenharia agrônômica pela ESALQ/USP em 1966 e obteve o título de doutor pela UNESP de Botucatu (SP) em 1971. Foi professor da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA) da UNESP, ministrando as disciplinas de Fertilidade do Solo; Corretivos e Fertilizantes e Nutrição Mineral de Plantas, por mais de 25 anos. Foi diretor dessa Faculdade por dois mandatos (1977 a 1985) e ao longo de sua carreira publicou mais de cem artigos científicos, proferiu mais de trezentas palestras em eventos nacionais e internacionais, além de orientar muitos alunos de graduação e pós-graduação. Como pesquisador, desenvolveu trabalhos importantes com feijão, mamona e alho. Foi coordenador de convênios entre a UNESP e instituições japonesas como o Tropical Agriculture Research Center (TARC) e a Tokyo University of Agriculture and Technology (TUAT). O professor Nakagawa também teve uma forte atuação junto à JICA, proferindo palestras sobre solos, adubação e nutrição de plantas em núcleos coloniais agrícolas implantados em vários estados brasileiros, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Pernambuco, Bahia, Maranhão, Pará e Amazonas, além de países vizinhos como Argentina e Bolívia. Recebeu diversas homenagens, como a de primeiro Professor Emérito concedido pela FCA-UNESP de Botucatu, em 1999; Honra ao Mérito, concedida pelo Conselho Universitário da UNESP por ocasião do Jubileu da Universidade, em 2001; e a comenda Ordem do Mérito da Educação e Integração, conferida pela Sociedade Brasileira de Educação e Integração, em 2014.

Considerações Finais

Os pesquisadores e extensionistas agraciados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto nas áreas de Ensino, Pesquisa Científica e Extensão, apresentaram grande influência para o fortalecimento da agricultura brasileira nos últimos 50 anos. Entre as contribuições mais significantes, está o desenvolvimento de cultivares adaptados às diferentes regiões geográficas brasileiras, com maior produtividade e maior resistência às pragas e doenças.

Deve-se ressaltar que outros 21 pesquisadores, *nikkeis* e não *nikkeis*, laureados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto, no período de 1965 a 2015, não constaram deste capítulo de ensino, pesquisa e extensão, mas fizeram parte dos agraciados nas áreas especializadas, sendo oito na fruticultura, cinco na olericultura, três em grãos, dois na cafeicultura, dois na cultura da cana-de-açúcar e um na floricultura. Essa sistemática de agrupamento dos premiados oferece ao leitor uma visão ampla da sinergia gerada pelo trabalho conjunto de institui-

ções envolvidas, como cooperativas, associações de produtores, faculdades de agronomia e instituições públicas de pesquisa e de extensão rural.

O estabelecimento de novas estratégias de manejo das culturas agrícolas, com menor impacto ambiental, visando à preservação do solo e a biodiversidade nas áreas cultivadas e seu entorno, também consistiu em uma importante contribuição realizada pelos agraciados com o referido prêmio. A comunidade *nikkei* teve forte participação nesse processo de evolução da agricultura brasileira, pela condução de inúmeros trabalhos de pesquisa ou orientação aos agricultores sobre técnicas adequadas de cultivo no Brasil.

Referências

ABREU, A. F. B.; RAMALHO, M. A. P.; SANTOS, J. B.; MARTINS, L. A. Progresso do melhoramento genético do feijoeiro nas décadas de setenta e oitenta nas regiões Sul e alto Paranaíba em Minas Gerais. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, Brasília, n. 29, p. 105-112, 1994.

CARAM DE SOUZA-DIAS, J. A.; KITAJIMA, E. W. Alvaro Santos Costa, 1912 to 1998. *Phytopathology*, 1998. Disponível em: <<http://apsjournals.apsnet.org/doi/pdf/10.1094/PHYTO.1999.89.2.112>>. Acesso em: 6 set. 2015.

FACULDADE DE CIÊNCIAS VETERINÁRIAS - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - FCA - UNESP. Julio Nakagawa recebe a Ordem do Mérito da Educação e Integração. Disponível em: <<http://www.fca.unesp.br/#!/noticia/1078/julio-nakagawa-recebe-a-ordem-do-merito-da-educacao-e-integracao/>>. Acesso em: 18 set. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Sistema IBGE de recuperação de dados - SIDRA. Rio de Janeiro. Disponível: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 18 set. 2015.

MACEDO, N.; ARAÚJO, J. R.; BOTELHO, P. S. M. Sixteen years of biological control of *Diatraea saccharalis* (Fabr.) (Lepidoptera: Pyralidae) by *Cotesia flavipes* (Cam.) (Hymenoptera: Braconidae), in the State of São Paulo. *Anais da Sociedade Entomológica do Brasil*, v. 22, p. 441-448, 1993.

PATERNIANI, E. Agricultura sustentável nos trópicos. *Estudos Avançados*, v. 15, n. 43, p. 303-326, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a23.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2015.

PESQUISADOR *nikkei* salva as hortênsias - Valdir Atsushi Yuki, do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), foi premiado por sua pesquisa que livrou essa espécie de flores da contaminação por vírus. Disponível em: <<http://www.nippo.com.br/campo/especiais/especial543.php>>. Acesso em: 13 set. 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto - centenário da imigração japonesa - personagens de destaque na agricultura. São Paulo: Bunkyo, 2009. 401 p. Edição bilíngue: japonês-português.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. Cerimônia de entrega do Prêmio Kiyoshi Yamamoto. São Paulo: Bunkyo, 2014. Edição bilíngue: japonês-português.

VENCOVSKY, R.; MORAES, A. R. GARCIA, J. C.; TEIXEIRA, N. M. Progresso genético em 20 anos de melhoramento do milho no Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE MILHO E SORGO, 16., 1986, Belo Horizonte. Anais... Sete Lagoas: Embrapa-CNPMS, 1988. p. 300-307.

Ações Comunitárias e Cooperativismo

Guenji Yamazoe

Ações Comunitárias

Itiro Shimizu (9º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1973) nasceu na Província de Nagano, Japão, ingressou na entidade Rikkokai e emigrou para o Brasil em 1928. Com prática adquirida no Japão, empregou-se num consultório dentário em Guarulhos (SP) e obteve licença de dentista. Bom profissional, amável e educado, em pouco tempo conseguiu clientela razoável em Guarulhos, mas inconformado com os conterrâneos que levavam vida precária, dirige-se à região noroeste do Estado, onde atende pessoas que não tinham acesso aos serviços dentários. Na Colônia Aliança, conhece Issamu Yuba, que abria mão da individualidade em favor da comunidade. Alguns anos depois abandona uma vida estável e de conforto e muda-se com toda família para a Comunidade Yuba, onde permaneceu por 13 anos, até surgirem conflitos ideológicos. Muda-se com dez famílias para Guaraçai (SP), empregaram-se numa fazenda de café e paralelamente cultivavam verduras, criavam suínos e galinhas, tarefas executadas por 65 pessoas das famílias. Em quatro anos, junta capital suficiente para adquirir 12 hectares de terras, onde começou a organizar a Comunidade Shinsei.

Shimizu sempre acreditou no equilíbrio entre o material e o espiritual. Pregava que a Comunidade deveria considerar a produção agrícola como uma fonte de alimentos para assegurar a sobrevivência e não como produto para gerar lucros. Dentro dessa filosofia, destinava a produção prioritariamente para alimentar a Comunidade e vendia o excedente, chegando a instalar uma mercearia para comercialização desses produtos. Com a renda obtida, Shimizu dotou a Comunidade com energia elétrica, água encanada, casas confortáveis. Shimizu se preocupava com o ambiente harmonioso e incluía confortos da vida moderna. O dia a dia na comunidade começava com café comunitário, os homens seguiam para roça, oficina e serraria; as mulheres cuidavam dos animais e serviços domésticos. Depois do encerramento dos trabalhos e do banho, jantavam juntos. Depois do jantar, era a hora de lazer de cada um, música, filmes. Como toda a Comunidade era de cristãos, aos domingos se reuniam para ler a Bíblia e cantar hinos religiosos, sob a liderança de um antigo pastor. Havia reuniões mensais para discutir a administração da Comunidade, apresentação de balanço financeiro, planejamento de atividades, além de problemas familiares, como o estudo dos filhos, etc.

Shiguelo Hayashi (3º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1967) nasceu na Província de Yamagata, Japão, em 1904, formou-se em letras na Universidade de Waseda e veio para o Brasil em 1938, estabelecendo-se na Colônia Aliança e em seguida na Colônia Mizuho. Integrante da entidade Rikkokai, em 1952, Hayashi convidou

Shigueshi Nagata, presidente da entidade, que trouxe a ideia de difundir na comunidade *nikkei* o movimento de Clubes 4H, destinado aos jovens rurais. Os quatro agas significavam *head* (cabeça), *hand* (mão), *heart* (coração) e *health* (saúde física e mental). Os imigrantes japoneses de antes da II Guerra vieram com o firme propósito de retornarem à pátria assim que ganhassem dinheiro. Entretanto, poucos tiveram essa sorte, e, com a derrota do Japão, esse sonho se esmoreceu. A maioria dos imigrantes ficou sem rumo, pois não se haviam preparado para se fixarem em definitivo no Brasil. O movimento dos Clubes 4H veio preencher essa lacuna, deu nova esperança à juventude *nikkei* da zona rural, inclusive repensar na educação dos filhos. Os jovens passaram a ter intenso intercâmbio com Japão e EUA, por meio dos congêneres Clubes 4H destes países. Na história da imigração, o papel do Clube 4H foi muito relevante e seu líder, Shiguelo Hayashi, dedicou a vida para ajudar os jovens da comunidade.

Mititoshi Yanase (14° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1978) nasceu na Província de Fukuoka, Japão, em 1913, veio para o Brasil em 1925 com a família e se estabeleceu em Duartina (SP). Trabalhou nos cafezais e depois de alguns anos adquiriu 20 hectares de terra. Contrariando a prática comum, na época, de abandonar terras exauridas e procurar solos virgens, adquiriu terras vizinhas e recuperou a fertilidade cerca de 120 hectares, mediante aplicação de adubos. Esse trabalho foi reconhecido pela Secretaria da Agricultura e passou a produzir sementes certificadas de algodão, milho, soja e trigo em campos de cooperação. Realizou também, a pedido da Secretaria, experimentos de cultivo, adubação, teste de defensivos agrícolas, tendo sido sempre bem-sucedido. Todas as informações assim adquiridas eram repassadas aos vizinhos. Ampliou a propriedade para 720 hectares e diversificou as atividades com a criação de bicho-da-seda, gado bovino, além de café.

Em 1963, com o advento do Estatuto da Terra, Yanase formou uma associação para prestar assistência jurídica aos agricultores, para evitar que eles fossem extorquidos por advogados desonestos. Essa associação também debatia problemas técnicos da agricultura, promovia cursos, excursões técnicas, aulas de culinária para senhoras, cuidados com a saúde, formação de novos líderes e herdeiros, sempre sob a liderança de Yanase. Quando surgiu o programa de eletrificação rural, Yanase tomou a iniciativa de instalar eletricidade na sua propriedade e incentivou os vizinhos a seguirem o exemplo. Foi fundador de Clube dos Idosos de Bauru, presidente da Associação Cultural Nipo-Brasileira de Bauru, Membro do Conselho Fiscal da Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil, membro do Lions Clube e de outras inúmeras entidades beneficentes.

Marina Ikuko Suhara (35° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2005) nasceu em Bastos (SP) em 1942. Formou-se em nutrição pela Escola Industrial Carlos de Campos em 1961 e a partir de 1962 começou a trabalhar no Departamento de Senhoras e Jovens da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC). Suas atividades com senhoras e jovens foram as mais variadas, realizadas com muita dedicação e perseverança: culinária, artesanatos, trabalhos manuais, cursos, palestras, visitas, viagens, num trabalho incansável. Com o encerramento das atividades da CAC, Marina

organizou a Associação Cultural dos Departamentos de Senhoras Cooperativistas (ADESC). Apoiou a comercialização de trabalhos manuais produzidos pela ADESC, no Japão, pela congênere japonesa. Realizou intercâmbio com a associação de senhoras do Paraguai. Também coordenou o concurso para crianças “Desenho das Crianças no Mundo”, promovido pela revista japonesa “Ie no Hikari”. Organizou a publicação do livro “Delícias da Mamãe”, baseado em concursos de culinária de outras épocas pela CAC, com grande sucesso, tendo alcançado três edições.

Cooperativismo

A Cooperativa Agrícola de Cotia (20º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1984) e a Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil (20º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1984) foram constituídas em 1927 e 1929, respectivamente, para solucionar o problema de transporte e comercialização dos produtos agrícolas. A soma de esforços dos agricultores japoneses na forma de cooperativas resultou em surpreendente avanço no desenvolvimento da agricultura brasileira, não só na olericultura, mas também na avicultura, fruticultura, cafeicultura, grãos. A cooperativa pode ser comparada a uma locomotiva que puxou numerosos agricultores, dando suporte em vários aspectos, desde a estruturação do sistema de comercialização, fornecimento de insumos para produção, até financiamentos, como também a assistência técnica.

Sob a liderança de Kenkiti Shimomoto, a comunidade japonesa de Cotia (SP) e região fundou a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) em 27 de dezembro de 1927, com 84 membros filiados. Ao longo do tempo, a CAC, que agregava bataticultores, transformou-se em organização de grande porte, com milhares de associados, englobando praticamente todos os setores da agricultura. A Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil foi criada em 1929, por 49 produtores de batata de Juqueri (atual Mairiporã, SP), com a denominação inicial de Cooperativa Agrícola Juqueri. O tripé que inicialmente sustentava a entidade era batata, tomate e granja avícola. Em 1950, com infraestrutura mais sólida, passou a denominar-se Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil, ampliando seu campo de atuação, antes restrito a Mairiporã.

Kiyoshi Hori (5º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 1969) nasceu na Província de Ibaraki, Japão, em 1901, filho de banqueiro abastado. Veio para Brasil em 1926, a convite de um tio, trabalhou na Cooperativa Agrícola de Registro, de 1929 a 1935 e dedicou sua vida ao Cooperativismo. Na época, após a fundação da Cooperativa Agrícola de Cotia, surgiram numerosas cooperativas e tiveram apoio financeiro do Consulado do Japão. Em 1932, entrou em vigou a lei das cooperativas e, em 1933, foi criado o Departamento de Associativismo e Cooperativismo (DAC) do Governo de São Paulo. Hori estudou em detalhes a nova legislação e manteve estreito contato com o DAC. A produção de algodão encontrava-se no seu auge, mas os produtores japoneses de Aliança, Tietê e Bastos vendiam seus produtos em condição desvantajosa. Hori, por meio da Cooperativa Central Agrícola de São Paulo, organizou os produtores, instalando nove máquinas de beneficiamento em vários locais.

Com o início da II Guerra Mundial, as cooperativas da comunidade *nikkei* se defrontaram com sérias dificuldades, mas conseguiram superá-las com a nomeação de presidentes brasileiros, sem ascendência japonesa. A Cooperativa Central Agrícola de São Paulo teve na presidência, Francisco André de Toledo Piza, evitando o confisco do patrimônio e outras restrições. A sericicultura no Brasil, que prosperou durante a II Guerra Mundial, declinou drasticamente depois do conflito, com a volta dos concorrentes estrangeiros. Kiyoshi Hori acreditou na recuperação da indústria da seda e liderou a criação da Associação Paulista de Sericultores, tendo como presidente, Francisco Toledo Piza. Por meio da Associação, trouxe do Japão 200 famílias, nestas famílias haviam técnicos em criação do bicho-da-seda e especialistas em beneficiamento dos fios de seda. Esses imigrantes foram os primeiros a chegar após a II Guerra Mundial, abrindo, assim, caminho para a reabertura desse fluxo migratório.

Mário Matsuda (39º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2009) nasceu em Araçatuba (SP) em 1931, foi vereador nos municípios de Pacaembu (SP), de 1952 a 1956, e de Adamantina (SP), de 1964 a 1968. Atuou no comércio de Adamantina, foi diretor de várias associações, cooperativas e de sindicato patronal. Foi fundador e diretor-presidente da Cooperativa Agrícola Mista de Adamantina (CAMDA), de 1965 a 1996. Nesse período, enfrentou desastres naturais, como geadas (1975) e os planos econômicos Cruzado (1990), Collor (1991) e Real (1994). Sempre se preocupou na melhoria de vida dos cooperados. Criou o departamento de assistência técnica, instalou estação experimental, procurou substituir a monocultura do café por uma atividade diversificada, com as culturas de cereais, cana-de-açúcar, seringueira, produção de mudas e pecuária. Construiu infraestrutura para suprimentos, como fábrica de ração e sais minerais, e assentamento de café em Coromandel (MG), para cultivo de café. “O solo se desgasta com o tempo, não temos como evitar a geadas, mas sabemos que nada vence a habilidade do agricultor”.

Ruy Kikuty (35º Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2005) nasceu em Ituverava (SP) em 1927. Formou-se engenheiro-agrônomo pela ESALQ em 1958, ingressando na Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), onde já havia trabalhado antes de cursar agronomia. Em 1959, casou-se com Carolina Setsuko com quem teve dois filhos e uma filha. Na CAC, foi chefe do Departamento de Fomento Agrícola do Norte do Paraná, em Londrina, de 1961 a 1964, chefe do Abatedouro de Bastos, de 1964 a 1975, foi chefe do Departamento de Vendas do Rio de Janeiro, chefe do Departamento de Pessoal em São Paulo e responsável pelo Departamento de Insumos Agrícolas, onde se dedicou à pesquisa de novos produtos, visitando vários países à procura de novas técnicas e variedades de plantas.

Foi membro da Associação Brasileira de Estudos Técnicos da Agricultura (ABETA), da qual foi presidente por diversas gestões, atuando ativamente na organização do Prêmio Kiyoshi Yamamoto. Exerceu o cargo de presidente do Sindicato Rural de São Paulo, de 1986 a 1989, e 1995 a 2001, totalizando nove mandatos. Foi também Presidente do Conselho Deliberativo da Associação Fukushi-

ma Kenjin do Brasil, bem como presidente da Associação de Jovens *Nikkeis* do Brasil. Foi diretor da Associação dos Engenheiros-Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP) no período de 1972 a 1973.

Mesmo acumulando inúmeras funções, nunca deixou de apoiar a ABETA, trabalhando ativamente para manter a entidade sempre atualizada e adaptada aos novos tempos, merecendo o Prêmio Kiyoshi Yamamoto (PKY 2005), *in memoriam*.

Izuho Taniguchi (38° Prêmio Kiyoshi Yamamoto, 2008) nasceu em Hokkaido, Japão, em 1927. Formou-se em agronomia pela Universidade de Chiba, em 1951. Em 1953, veio para o Brasil a convite de Guenitiro Nacazawa, presidente da então Cooperativa Agrícola de Juqueri, que se transformaria em Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil, onde trabalhou até o encerramento de suas atividades em 1994. Nesse período, prestou assistência técnica aos cooperados, foi chefe da Seção Agrícola, diretor executivo e vice-presidente. Atuou na Estação Experimental de Atibaia, Fazenda Experimental de Franca (SP) e no projeto de assentamento de Carmo do Parnaíba (MG). Prestou orientação técnica e proferiu numerosas palestras, tanto no Brasil como em diversos países da América Latina.

Participou da ABETA desde seu início, foi seu vice-presidente por várias gestões, sendo o principal responsável pela publicação de um dicionário técnico agrícola e um manual sobre fungicida. Como um dos criadores do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, trabalhou incansavelmente por mais de 40 anos na sua organização, atravessando épocas de grande dificuldade. Atuou também na JAMIC (Japan Migration Corporaation) e Cooperativa Central Agrícola e de Colonização do Brasil (Notakyo). Participou, por longos anos, da diretoria da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (Bunkyo), tendo sido um de seus vice-presidentes. Após sua aposentadoria, dedicou-se à Associação Hokkaido de Assistência e Cultura, onde teve atuação marcante, viabilizando a construção da sede própria, tendo sido seu presidente por várias gestões.



Foto: Visita ao “Projeto Agrícola” em Algodão, no Bairro Mizuho, em Pompeia (SP), em 1968

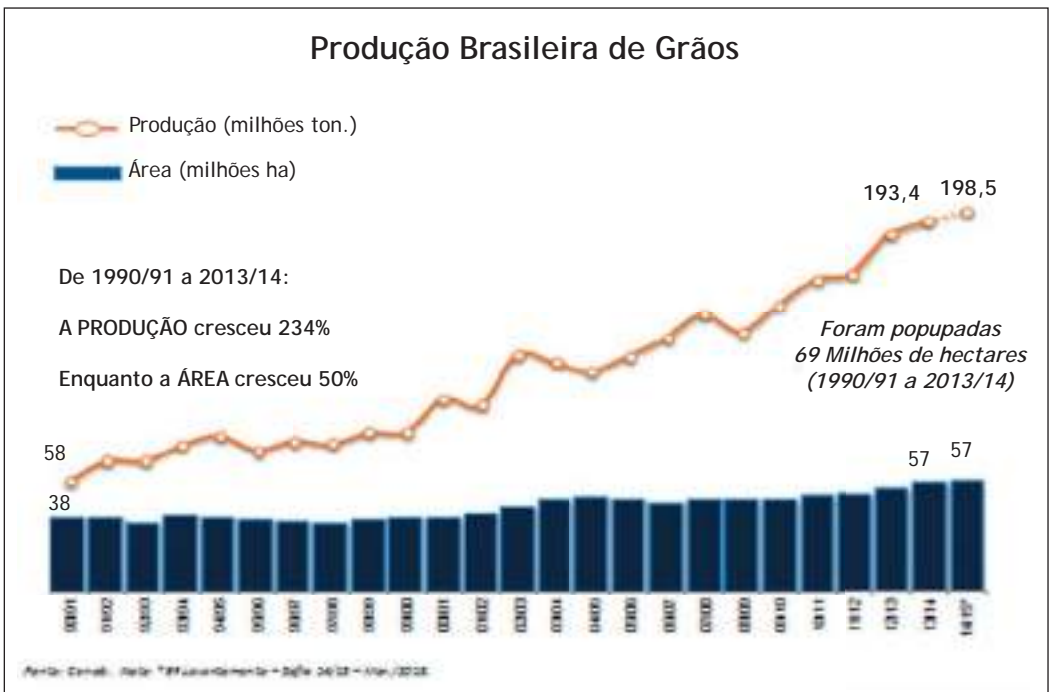
Da esquerda para a direita: Eduardo N. Ishii, Takahiro Yoneda, Hidekichi Suzuki (líder), Prof. Shiguelo Hayashi, Toyoshiko Kashima, Kuniiti Yoneda e Kazuya Ishii (orientador).

Meio Século Avançando

Roberto Rodrigues¹

Nos últimos 50 anos o agronegócio brasileiro experimentou saltos extraordinários. Talvez o exemplo mais notável desse fenômeno seja a soja. Há 50 anos, havia pouco mais de 300 mil hectares de soja no Brasil, concentrados no Rio Grande do Sul e com uma produtividade de 1.200 quilos por hectare. Hoje, temos 31 milhões de hectares cultivados em quase todos os estados, com uma produtividade média de 3.000 quilos por hectare.

O exemplo é impressionante, mas é também um ponto fora da curva, e vale a pena olhar o setor como um todo e num período menor.



O quadro acima mostra que nos últimos 25 anos a área plantada com grãos cresceu 50%, enquanto a produção aumentou 234%, mais de quatro vezes. Isto se deveu à tecnologia tropical desenvolvida em nossos órgãos de pesquisa federais, estaduais e/ou privadas: novas variedades, novas técnicas e, sobretudo, as melhores práticas agrícolas que levaram à sustentabilidade ao nosso agro. Os números, também nesse tema, são expressivos: hoje, são cultivados 57 milhões

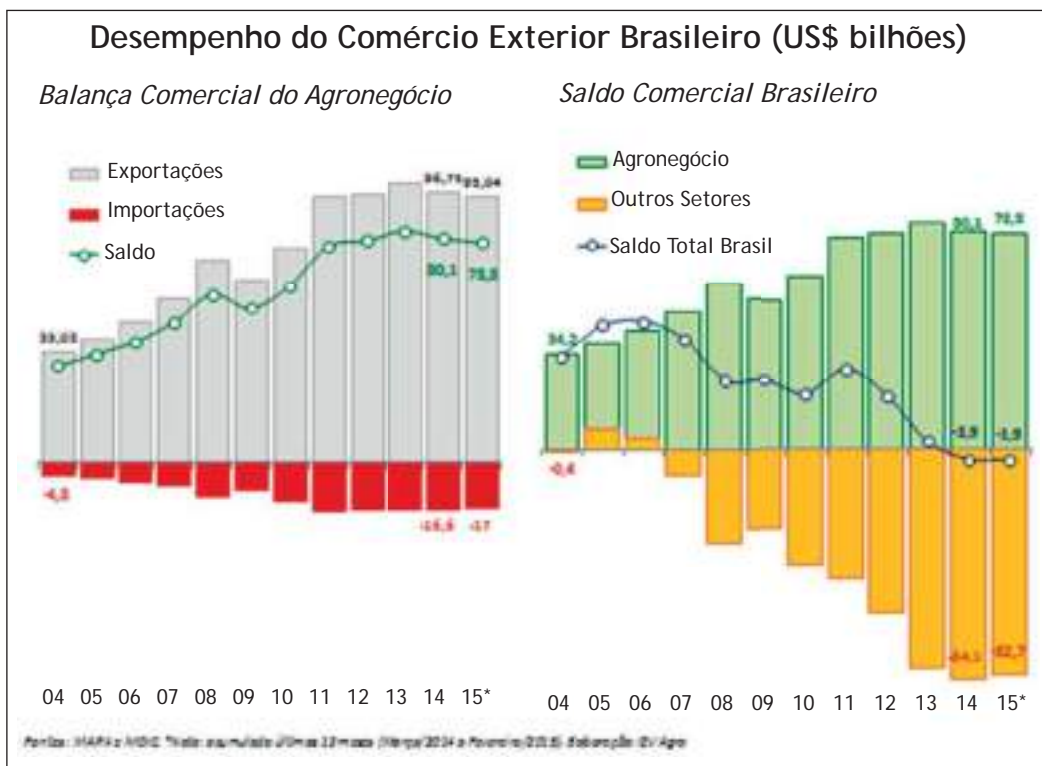
¹ Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)

de hectares com grãos no Brasil. Se tivéssemos a mesma produtividade por hectare de 25 anos atrás, seriam necessários mais 69 milhões de hectares com grãos para colher a safra deste ano, que por sinal é recorde mais uma vez. Isso implica que poupamos 69 milhões de hectares, e não se trata de uma promessa, já foi feito.

Crescemos também em carnes: 100% em carne bovina, 225% em carne suína e 460% nas carnes de aves, sem falar em cana, café, laranja, etc.

Esse crescimento leva a uma boa competitividade do agro, de modo que estamos exportando cada vez mais e para mais países em todos os continentes. Em 25 anos, saltamos de 13 bilhões de dólares exportados, para 100 bilhões em 2014, algo espetacular. E já somos o maior exportador mundial de café, suco de laranja, açúcar, carne bovina, carne de aves, complexo soja, tabaco, e crescendo em milho, em suínos, algodão, flores e frutas.

Com isso, nosso agronegócio equivale a 23% do PIB nacional, gerando 30% dos empregos formais do Brasil. E o saldo comercial do setor é sempre crescente e positivo, salvando, de resto, o saldo total do país, como se vê na figura abaixo.



Mas podemos fazer muito mais: a OCDE, com dados da FAO, diz que até 2020 a produção de alimentos precisa crescer 20% em todo o mundo e, para que isto aconteça, precisaremos aumentar em 40% a nossa produção. E diz isso porque temos terra disponível, boa tecnologia e gente competente. E a participação dos imigrantes japoneses nessa questão ajudou muito, seja com a introdução de variedades de hortifrutigranjeiros que permitiram a criação dos cinturões verdes brasileiros, seja na organização de boas cooperativas agrícolas, seja - e principalmente - na conquista do Cerrado através do célebre programa Prodecer.

Para crescer os 40% esperados pela OCDE, precisaremos de uma boa estratégia para concluir uma ampla rede de infraestrutura e logística, contemplando novas rodovias, ferrovias e a ampliação de nossos portos.

Nossa política de comércio deve priorizar acordos bilaterais que aumentem nossas exportações.

Devemos criar mecanismos para uma política de renda que modernize o crédito rural, crie um seguro agrícola efetivo e estabeleça mecanismos de comercialização com menor presença governamental.

Claro que temos de investir mais em tecnologia, em defesa sanitária e em agregação de valor, melhorando a competitividade.

E isso tudo está sendo encaminhado pelo governo em conjunto com a classe rural brasileira, de modo que há uma tendência de nos transformarmos no maior supridor de alimentos do mundo nas próximas décadas. Como segurança alimentar é sinônimo de paz, deveremos ser o campeão mundial da paz num futuro próximo.

Perspectivas da Agricultura *Nikkei* no Brasil

De acordo com Miyao (2015), veio do Japão um total de 250 mil imigrantes. Incluindo seus descendentes, a população atual, da chamada comunidade *nikkei*, é estimada em 1,6 milhão de pessoas. Segundo o mesmo autor, nos primórdios da imigração japonesa, 90% dos imigrantes dedicavam-se à agricultura. Mesmo nos anos 1960, esse número era estimado em 50%, percentual este próximo da população rural brasileira, de acordo com o IBGE. Entretanto, nas últimas décadas, o êxodo rural dos *nikkeis* foi muito maior do que o da população geral e a proporção da população rural da comunidade *nikkei* caiu para 4%, segundo Miyao, enquanto a da população rural brasileira foi estimada em 15%, com base em dados de 2011.

Conforme Tsunehiro e Pino (2013), em 1996, foi constatada a existência de 13.959 proprietários *nikkeis* no Estado de São Paulo, que representam 5% das 277.672 propriedades rurais, totalizando 739.242 hectares, correspondendo a 3,7% da área total do Estado. Isso significa que essas propriedades têm área média inferior à média estadual, a saber, 53 hectares contra 72 hectares. Em 542 dos 645 municípios paulistas aparecem imóveis com proprietários *nikkeis*, isto é, espalham-se por 84% dos municípios. As propriedades de posse de imigrantes japoneses e seus descendentes são grandes produtoras (com mais de metade dos imóveis produtores ou com mais de metade da área cultivada) de: a) frutas, como nêspera, *kinkan*, baunilha, romã, tangor, caqui, lichia, anona; b) flores e plantas ornamentais, como cravo, crisântemo, antúrio, rosa, lírio, outras flores e plantas ornamentais; c) olerícolas, como alcachofra, espinafre-da-nova-zeelândia, acelga, escarola, catalonha, coentro, rábano, gengibre, aipo, mostarda, funcho, manjerona, agrião, rabanete e d) chá. Poucas propriedades *nikkeis* são criadoras de animais. Entretanto, algumas são grandes produtoras de ovos de galinha e de ovos de codorna. No caso da avicultura de postura, os imóveis *nikkeis* representam 4% dos imóveis totais com esta atividade e 62% do número de cabeças, o que indica que são produções de larga escala. O mesmo acontece na criação de codornas, na qual representam 12% dos imóveis com esta atividade e 53% do número de cabeças. A participação na sericicultura também é importante, com 12% das propriedades produtoras.

A causa principal de os *nikkeis* deixarem a agricultura foi a sua insustentabilidade devido ao modelo de agricultura convencional baseada somente no uso de insumos modernos, como adubos e defensivos químicos. Essa agricultura convencional provocou degradação contínua do solo, aumentando os problemas para as culturas. Ocorreu aumento nos custos de produção, e, conseqüentemente, a queda na renda do agricultor, tornando inviável sua continuidade, inclusive a sucessão nas propriedades rurais. Outro fator do êxodo rural de *nikkeis* foi a demanda de *dekasseguis* das empresas dos setores secundários e terciários do Japão, que nas épocas de crescimento econômico, coincidentemente de crise

no Brasil, como na década de 1980, motivou a emigração maciça de *nikkeis* brasileiros àquele país, entre eles, muitos do meio rural.

Kiyoshi Yamamoto, ao fundar a Associação Brasileira de Estudos Técnicos de Agricultura (ABETA) em 1958, instituiu a carta de princípios da sua criação, alertando para os graves problemas enfrentados pela agricultura. Hoje, perduram as mesmas dificuldades. A continuar esta situação, o próprio Prêmio Kiyoshi Yamamoto corre o risco de sua descontinuidade. As medidas sugeridas na fundação da ABETA devem ser adotadas nos dias atuais. Assim, a comunidade *nikkei*, por meio de suas entidades, como os *bunkyo*s, associações rurais, cooperativas regionais, a Cooperativa Central Agrícola e de Colonização do Brasil (*Notakyo*) e outras deveriam focar suas atenções para esta situação. A crise de alimento está prestes a ocorrer nas próximas décadas e a comunidade rural *nikkei*, que tanto vem contribuindo para a agricultura brasileira, não pode diminuir sua contribuição.

Modelos de Gestão

Pode-se dizer que os 152 laureados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto, ao longo dos 50 anos, representam a excelência da agricultura *nikkei*, especialmente no complexo hortifrutigranjeiro. Não obstante as perspectivas pessimistas para a agricultura *nikkei*, vislumbram-se possibilidades de suplantar barreiras, especialmente para os pequenos e médios produtores, desde que organizados. Existem associações e cooperativas que são modelos de gestão bem-sucedida.

O caso marcante de associação é a Associação Paulista de Produtores de Caqui (APPC), com sede em Pilar do Sul (SP), que atua em vários municípios da região sudeste do Estado de São Paulo, além de Mogi das Cruzes. A APPC trabalha no aprimoramento técnico e cultivo de caqui, atemoia, tangor, *kinsei*, uvas de variedades japonesas e *guinnan*, e também na divulgação e comercialização dos frutos produzidos pelos sócios, inclusive exportação por meio de seu braço comercial.

A atuação das então grandes cooperativas está permeada em todo o livro, dispensando-se aqui maiores detalhes. Na verdade, embora algumas cooperativas, como a Cooperativa Agrícola de Cotia, tenham encerrado suas atividades, muitos de seus cooperados se organizaram em cooperativas regionais, como a cooperativas agrícolas de Capão Bonito, Integrada (norte do Paraná), etc. A Cooperativa Agrícola Sul Brasil deixou de existir como Cooperativa Central, porém as singulares, como a Grande São Paulo, Pinhal (São Miguel Arcanjo), Atibaia, Marília, Londrina, etc., continuam atuando regularmente.

Os atuais melhores exemplos de cooperativas são: Cooperativa Agrícola de São Joaquim - SANJO (SC), Cooperativa Agrícola de Juazeiro (BA), Cooperativa Agrícola de Ibiúna de São Paulo - CAISP, Cooperativa Agropecuária do Centro-Oeste - COPACENTRO (MS), Cooperativa Agrícola Sul Matogrossense - COPASUL (MS), Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu - CAMTA (PA), etc. No caso da avicultura, em granjas de até 50 mil aves, que exigem investimentos menores, as cooperativas têm-se mostrado eficientes, como são os casos da Cooperativa de Guataparã (SP) e de Várzea Alegre (MS).

Todas essas cooperativas têm demonstrado maior eficiência pela sua atuação local ou regional, apresentando, entre outras, as seguintes vantagens: 1) estrutura mais enxuta, portanto menor custo de administração; 2) orientação e assistência técnica mais direcionadas, de menor custo; 3) relação produtor com associação ou cooperativa mais estreita e direta; 4) concentração na região tem resultado em uso mais intensivo de estruturas, como *packing house* (PH), que, geralmente, exige investimentos vultosos. Com o próprio PH, possibilita agregar valor ao produto através de processamento mínimo (empacotado e higienizado) para consumo direto.

A união em cooperativas ou associações tem assegurado fornecimento contínuo, evitando-se as interrupções ou falta temporária de produtos, altamente danosa à cadeia de consumo. Por outro lado, constata-se que, tanto em cooperativas como em associações, há necessidade de estrutura comercial, planejamento a médio e longo prazos, e logística própria para atendimento personalizado a cada cliente.

No caso da avicultura, vem-se destacando empresas, na escala de um milhão de aves, com autossuficiência no suprimento de milho, redução de custo mediante automação das operações, mecanização na remoção de esterco e cuidados com o meio ambiente, mediante eliminação de odor e seleção de raças com alta tecnologia, visando maior produtividade. Por meio dessas ações, em busca de alta lucratividade, a avicultura *nikkei* poderá manter-se na liderança do setor.

Outro modelo que vem obtendo sucesso é o agronegócio familiar, onde cada membro atua de forma articulada, em diferentes áreas: produção, processamento, comercialização, etc.

Agricultura Sustentável

A sobrevivência do setor agrícola depende da prática da agricultura sustentável. Dentre as diversas definições de agricultura sustentável, cita-se: “A agricultura sustentável caracteriza-se como um conjunto de sistemas de produção com enfoque holístico que busquem a maximização dos benefícios sociais, a autossustentação, a redução de dependências de insumos e energia não renovável e a preservação do meio ambiente, através da otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômico disponíveis”.

A sustentabilidade da agricultura, como uma atividade econômica, é aquela que contempla, simultaneamente, as dimensões econômica, ambiental e social, segundo os atributos (não exclusivos) de produtividade, equidade, resiliência e estabilidade: 1) produtividade para garantir a rentabilidade do produtor e a demanda de uma população crescente; 2) equidade para assegurar uma distribuição mais justa dos benefícios da agricultura por produtores com maior capacidade de autogestão e melhor organização, em especial na fase de comercialização; 3) resiliência para permitir ao sistema uma recuperação mais rápida após incontroláveis estresses nos processos de produção (ex. clima) e comer-

cialização (ex. crises econômicas e importações) e 4) estabilidade para que as características do sistema possam ser mantidas ao longo do tempo.

“Agricultura sustentável é o manejo e a conservação da base de recursos naturais e a orientação tecnológica e institucional, de maneira a assegurar a obtenção e a satisfação contínua das necessidades humanas para as gerações presentes e futuras. Tal desenvolvimento sustentável (agricultura, exploração florestal e pesca) resulta na conservação do solo, da água e dos recursos genéticos animais e vegetais, além de não degradar o ambiente, ser tecnicamente apropriado, economicamente viável e socialmente aceitável”.

O caso do produtor Masanori Toda (PKY 2012) pode ser considerado como um dos modelos de agricultura sustentável. Nascido na Província de Wakayama, Japão, em 1950, chegou ao Brasil em 1959. Em 1974, Toda se tornou independente, e adquiriu sua propriedade em Ibiporã (PR), dedicando-se à produção de uvas finas de mesa e de hortaliças. Em 1995, iniciou o plantio de *net* melão, em estufa, fomentado pela Cooperativa Agrícola Sul Brasil de Londrina.

Dada sua alta produtividade e lucratividade, esse cultivo atraiu rapidamente outros 22 produtores da região. Entretanto, passados três anos, começaram as desistências devido ao excesso de produção concentrado numa época do ano (Natal) e a conseqüente queda nas cotações; os danos de plantios contínuos e sucessivos e baseada somente em insumos químicos.

Seguindo orientação de um técnico, Toda passou a utilizar *bokashi*, outros compostos orgânicos preparados no próprio sítio. O controle de doenças e pragas do solo é feito pela aplicação de produtos no solo, ou pelo gotejamento, utilizando inimigos naturais e bactérias fotossintetizantes. Na parte aérea, são feitas aplicações preventivas com produtos à base de produtos químicos para controle de fungos e bactérias. Toda introduziu a rotação de cultura com adubo verde *Crotalaria spectabilis*, que também controla o nematoide. Pesquisou espaçamentos mais apropriados para diferentes épocas do ano visando também à mecanização dentro das estufas. A semeadura é feita semanalmente, com diferentes variedades, para garantir a produção durante o ano todo. Toda utiliza o *mulching*, que conserva a umidade do solo e controla as invasoras. A irrigação é feita por gotejamento.

Atualmente, Toda cultiva uma área de 15.000 m² (1,5 ha), em estufas de fabricação própria, utilizando estruturas metálicas, com vão livre de 10 m e pé direito com estacas de concreto. É uma área que ele já vem cultivando há 20 anos de forma intensiva. O plantio é sucessivo, proporcionando colheitas contínuas durante todo o ano, obtendo 37 safras de 1.000 m², colhendo 18.500 cx/ano, alcançando o preço médio de R\$ 25,00/cx/7,0 kg, que lhe proporciona uma renda bruta de R\$ 462.500,00. Com o custo anual da produção, em torno de R\$ 180.000,00, sua renda líquida chega a R\$ 282.500,00, por ano (a preços de 2014).

Seus filhos, Maurício Norio e Roberto Tooru, têm curso superior, mas preferem trabalhar nessa atividade agrícola com o pai, diante da qualidade de vida e da renda auferida no empreendimento. As estufas são divididas entre os três, mas o transporte da produção até São Paulo é feito por Masanori Toda.

Referências

- KAMIYAMA, A. **Agricultura sustentável**. São Paulo: SMA, 2011. (Cadernos de Educação Ambiental, 13).
- MIYAO, S. Burajiru nikkei shakai no guenjitsu kara sono shorai o yosoku suru (Previsão do futuro da comunidade nikkei com base na situação atual). **Revista Seifú**, São Paulo, p. 6-19, 2015.
- REIFSCHNEIDER, F. J. B.; LOPES, C. A. Horticultura brasileira sustentável: sonho eterno ou possibilidade futura? **Revista de Política Agrícola**, Brasília, DF, v. 24, n. 2, p. 90-101, abr./maio/jun. 2015.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - BUNKYO. **História do Prêmio Kiyoshi Yamamoto - centenário da imigração japonesa - personagens de destaque na agricultura**. São Paulo: Bunkyo. 2009. 401 p. Edição bilíngue: japonês-português.
- TSUNECHIRO, A.; PINO, F. A. Agricultores nikkeis no Estado de São Paulo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 73-83, jan./fev. 2013.

O Futuro do Prêmio Kiyoshi Yamamoto

Guenji Yamazoe

O Prêmio Kiyoshi Yamamoto é a láurea mais antiga do setor agrícola brasileiro, constituindo-se em valioso patrimônio da Comunidade *Nikkei* e que, portanto, precisa ser preservado e assegurada a sua continuidade para as futuras gerações.

A sua longevidade, de 50 anos, certamente é fruto da atuação íntegra e coerente da então Diretoria da Associação Brasileira de Estudos Técnicos da Agricultura (ABETA) e, mais recentemente, da Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, às quais couberam, ao longo do tempo, estimular a indicação de candidatos, selecionar com seriedade os premiados e organizar as cerimônias de outorga.

Em épocas anteriores, com a população rural *nikkei* mais numerosa, havia abundância de candidatos em potencial e facilidade de localização dos melhores candidatos por meio de extensa rede formada por cooperativas e as chamadas *nihonjinkais* (associações de japoneses). Com a redução drástica do número de agricultores *nikkeis*, extinção das maiores cooperativas, o caráter mais urbano dos atuais *bunkynos* e lembrando também que uma boa parcela dos agricultores não faz parte de cooperativas, tornou-se mais difícil a captação de candidatos ao Prêmio. Não obstante, sempre haverá aqueles que mais se destacam e se tornam merecedores da láurea.

Portanto, uma das missões da Comissão será a incessante busca, uma verdadeira “garimpagem” de potenciais candidatos ao Prêmio, por todo o país, valendo-se dos meios de comunicação disponíveis. Ressalve-se que, de acordo com a sistemática adotada, a indicação ao Prêmio deverá ser feita por entidades locais ou regionais, cabendo à Comissão eventuais sugestões de nomes para indicação.

Por outro lado, nos últimos anos tem aumentado o número de indicações de pesquisadores, professores, extensionistas e empresários dos agronegócios, que não são propriamente produtores rurais. Caberá, então, à Comissão, uma análise criteriosa dos indicados, sem perder de vista que o Prêmio foi criado para homenagear os agricultores. Um dos aspectos a considerar nestes casos, será quanto à atuação direta desses profissionais em benefício dos agricultores.

Esforços também deverão ser envidados para que esse Prêmio seja mais conhecido em toda a sociedade brasileira, com maior divulgação na mídia e inclusive pela distribuição eficaz deste livro. Dentro desse esforço será, também, importante a divulgação das atividades dos premiados que resultaram na premiação. Eventual abertura deste Prêmio para os não *nikkeis* deverá passar pela análise de abrangência e competência da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, promotora da láurea.

Lista dos Agraciados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto 1965 a 2015

(continua)

N°	Nome	Ano	Edição	N°	Nome	Ano	Edição
1	Kyunosuke Kanegae	1965	1°	39	Ienori Nakao	1976	12°
2	Keiiti Matsumoto	1965	1°	40	Hiroshi Saito	1976	12°
3	Yoshiji Kakihara	1965	1°	41	Hiroshi Watanabe	1976	12°
4	Hiroshi Haramoto	1965	1°	42	Kenshi Ushirozawa	1976	12°
5	Shozo Sakai	1966	2°	43	Umeiti Shimoguiiri	1977	13°
6	Sakuzo Sawabe	1966	2°	44	Taizo Ito	1977	13°
7	Nozomu Abe	1966	2°	45	Kanjiro Fukushi	1977	13°
8	Ryota Oyama	1967	3°	46	Alcides Carvalho	1977	13°
9	Torazo Okamoto	1967	3°	47	Kaoru Hino	1978	14°
10	Shiguo Hayashi	1967	3°	48	Mititoshi Yanase	1978	14°
11	Jorge Bierrenbach de Castro	1967	3°	49	Masao Igarashi	1978	14°
12	Akira Taniguti	1968	4°	50	Motoji Ito	1978	14°
13	Ken Okano	1968	4°	51	José Ribeiro Almeida Santos Neto	1978	14°
14	Narumi Ueno	1968	4°	52	Chotaro Shimoya	1978	14°
15	Eizo Sakai	1969	5°	53	Sho Yoshioka	1979	15°
16	Kiyoshi Hori	1969	5°	54	Shiniti Ogawa	1979	15°
17	Renkichi Hiraga	1969	5°	55	Masaru Hirooka	1979	15°
18	Susumu Usui	1969	5°	56	Orlando Rigitano	1979	15°
19	Yuzo Nakagawa	1970	6°	57	Shunji Nishimura	1980	16°
20	Kaoru Hiramatsu	1970	6°	58	Nagatoshi Yamaguchi	1980	16°
21	Taiti Yoshioka	1970	6°	59	Kanji Nagano	1980	16°
22	Haruju Matsuoka	1970	6°	60	Álvaro Santos Costa	1980	16°
23	Tsunezaemon Maeda	1971	7°	61	Tamitsu Nishimori	1981	17°
24	Hatsuo Ishibashi	1971	7°	62	Yoshio Uwasa	1981	17°
25	Yoshiji Kodato	1971	7°	63	Masashi Suguimoto	1981	17°
26	Kiyoji Endo	1972	8°	64	Edson Consolmagno	1981	17°
27	Taitiro Hashizume	1972	8°	65	Susumu Ichimura	1982	18°
28	Kazuta Imagawa	1972	8°	66	Tadao Kimura	1982	18°
29	Toranosuke Ikeda	1973	9°	67	Kotaro Okuyama	1983	19°
30	Toshiharu Kunizawa	1973	9°	68	Hirofumi Kage	1983	19°
31	Itiro Shimizu	1973	9°	69	Shiro Miyasaka	1983	19°
32	Marcílio de Souza Dias	1973	9°	70	Noboru Oya	1984	20°
33	Masuto Fujiwara	1974	10°	71	Hidehiko Fujiwara	1984	20°
34	Hiroshi Yoshio	1974	10°	72	Cooperativa Agrícola de Cotia	1984	20°
35	Jiniti Shigueno	1974	10°	73	Cooperativa C. Agrícola Sul Brasil	1984	20°
36	Takema Tamura	1975	11°	74	Shinjiro Miura	1986	21°
37	Kiyoshi Yogo	1975	11°	75	Ichiro Namekata	1986	21°
38	Kimisaburo Hirai	1975	11°	76	Togoro Shimosaka	1988	22°

Nota: Não houve premiação em 1985, 1987, 1989, 1994, 1996 e 1998.

Fonte: Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (Bunkyo).

Lista dos Agraciados com o Prêmio Kiyoshi Yamamoto 1965 a 2015

(continuação)

N°	Nome	Ano	Edição	N°	Nome	Ano	Edição
77	Sohei Okamoto	1988	22°	115	Ikuto Maeda	2007	37°
78	Flávio Augusto D'Araújo Couto	1988	22°	116	Masahiro Urata	2007	37°
79	Haruo Kumagai	1990	23°	117	Shoji Yamanaka	2007	37°
80	Seiichi Kumagai	1990	23°	118	Noboru Yamashita	2007	37°
81	Tadatoshi Saegusa	1990	23°	119	Kunio Suzuki	2008	38°
82	Noritaro Murata	1991	24°	120	Keizo Fujikura	2008	38°
83	Shigueru Aoyagui	1991	24°	121	Takashi Kakihara	2008	38°
84	Mamoru Yamamoto	1991	24°	122	Teruo Masuda	2008	38°
85	Keinosuke Murakami	1992	25°	123	Yuji Yamada	2008	38°
86	Manoel Tadashi Hirata	1992	25°	124	Izuho Taniguchi	2008	38°
87	Akira Iseti	1992	25°	125	Tadashi Shimosaka	2009	39°
88	Tsujimatsu Makiyama	1993	26°	126	Mário Matsuda	2009	39°
89	Suehiro Kano	1993	26°	127	José Tadashi Yorinori	2009	39°
90	Teruo Shimomaebara	1993	26°	128	Takanoli Tokunaga	2009	39°
91	Yoshio Utsumi	1993	26°	129	Sun Ho Fu	2009	39°
92	Ikuo Furuhashi	1995	27°	130	Shoji Korin	2010	40°
93	Takashi Chonan	1995	27°	131	Valdir Atsushi Yuki	2010	40°
94	Masasuke Mashima	1995	27°	132	Tumoru Sera	2010	40°
95	Yukimitsu Uemura	1997	28°	133	Dario Minoru Hiromoto	2010	40°
96	Osamu Yamashita	1997	28°	134	Jorge Nakaguma	2011	41°
97	Goro Hashimoto	1997	28°	135	Sukesada Takehara	2011	41°
98	Noboru Sakaguti	1999	29°	136	Taihei Korogi	2011	41°
99	Katsuya Araki	2000	30°	137	Júlio Nakagawa	2012	42°
100	Takashi Miyazaki	2001	31°	138	Kazoshi Shiraishi	2012	42°
101	Yoshio Hoçoya	2002	32°	139	Gilberto Ohta de Oliveira	2012	42°
102	Juniti Irikita	2003	33°	140	Masanori Toda	2012	42°
103	Yoshio Kinoshita	2004	34°	141	Minoru Ito	2012	42°
104	Hiroshi Ikuta	2005	35°	142	Hiroshi Nagai	2012	42°
105	Kanji Sambuiti	2005	35°	143	Yoshimi Shintaku	2013	43°
106	Tadao Morioka	2005	35°	144	Munefumi Matsubara	2013	43°
107	Marina Ikuko Suhara	2005	35°	145	Hiroshi Okajima	2013	43°
108	Ruy Kikutu	2005	35°	146	Walter Yukio Horita	2013	43°
109	Sizuo Matsuoka	2006	36°	147	Kiyoshi Shimasaki	2014	44°
110	Hideto Arizono	2006	36°	148	Tadataka Minami	2014	44°
111	Kazuo Takanashi	2006	36°	149	Sidney Hideo Fujivara	2014	44°
112	Tadao Takakura	2006	36°	150	Hiroshi Noda	2015	45°
113	Pedro Sato	2006	36°	151	Riogo Amaya	2015	45°
114	Sakae Kamitani	2007	37°	152	Pedro Isamu Mizutani	2015	45°

Nota: Não houve premiação em 1985, 1987, 1989, 1994, 1996 e 1998.

Fonte: Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (Bunkyo).

Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto (Gestão 2015-2017)



Sentados da (esquerda para a direita)

ALFREDO TSUNECHIRO

Nasceu em Tupã (SP), em 1945. Engenheiro Agrônomo pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP), em 1968, Mestre em Economia pela Faculdade de Economia e Administração (FEA/USP), em 1983, Pesquisador Científico VI, aposentado, do Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA). Foi bolsista da Japan International Cooperation Agency (JICA), em 1985 e membro do Conselho Assessor Externo da Embrapa Milho e Sorgo (2004-2010).

JUNJI ISHIKAWA

Nasceu na Província de Fukushima, Japão, em 1935. Engenheiro Agrônomo pela Tokyo University of Agriculture, em 1960, chegou ao Brasil em 1960, trabalhando inicialmente no sítio Katayama em Suzano (SP). Trabalhou nas seguintes empresas: Jornal Paulista (1964), Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil (1965), Fertilizantes Mitsui S.A. (1968), Iharabrás S.A. Indústrias Químicas (1976-2001), aposentando-se em 2001.

MINORU TAKANO

Nasceu em Araçatuba (SP), em 1938. Economista pela Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, de São

Paulo (SP), em 1963, foi bolsista da IDACA - Institute Development of Agricultural Cooperation in Asia (Japão), bolsista da Merrill Lynch (EUA), Managing Director da Bel Agro B.V. (Holanda), Diretor Superintendente da Cooperativa Agrícola de Cotia, de São Paulo (SP), recebeu o título de Cidadão Paracatuense, de Paracatu (MG).

KUNIO NAGAI

Nasceu em São Paulo (SP), em 1939. Engenheiro Agrônomo pela ESALQ, em 1961. Formado no Curso Especial de Administração pela Universidade Mackenzie. Autor do livro "Manejo do Solo e Adubação", publicado pelo Instituto de Pesquisas Técnicas e Difusões Agropecuárias, da JATAK, em 2008. Bolsista da Overseas Technical Cooperation Agency em 1965. Atualmente é consultor em agricultura sustentável e Vice-Presidente da Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto.

GUENJI YAMAZOE

Nasceu em Mairiporã (SP), em 1935. Engenheiro Agrônomo pela ESALQ (1963), Pesquisador Científico VI, aposentado do Instituto Florestal. Foi Diretor Geral desse Instituto (1980-1983) e contraparte de projetos de cooperação da JICA, do Japão (1979 a 2004). Foi Presidente da Associação dos Bolsistas JICA São Paulo - ABJICA (2010-

2014). Atual Presidente da Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto, da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (Bunkyo).

HISAO HABA

Nasceu na Província de Okayama, Japão, em 1942. Formado na Escola Provincial de Agricultura, em 1964. Nesse mesmo ano chegou ao Brasil. Em 1966 ingressou na Cooperativa Central Agrícola Sul Brasil, na Seção Técnica de Fruticultura, onde trabalhou até 1994. Em 1995 transferiu-se para a Unidade da Grande São Paulo da Cooperativa Agrícola Sul Brasil, ocupando cargo de Assessor da Diretoria, até 2012, quando se aposentou.

NORIKO TANAKA

Nasceu em Kiyoto, Japão, em 1967. Formada pela Faculdade de Rakuno Gakuen Lactínios, em Hokkaido, PhD em Economia Agrícola pela Universidade de Hokkaido (1999), atuou na JATAK. Atualmente é produtora de castanha japonesa em Atibaia e consultora de empresas.

ISIDORO YAMANAKA

Nasceu em Bastos (SP), em 1935. Engenheiro Agrônomo pela ESALQ (1963). Trabalhou na Cooperativa Agrícola de Cotia, foi Coordenador da Coordenadoria de Pesquisa de Recursos Naturais, da SAA, Assessor Especial de sete Ministros de Estado, da Agricultura, do Planejamento e da Fazenda, no período de 1975 a 2008. Condecorado pelo Ministério das Relações Exteriores com a Medalha da Ordem do Rio Branco, e pelo Imperador do Japão com a Medalha da Ordem do Tesouro Sagrado, Raios de Ouro com Laço, em 2010. Membro do Conselho Superior de Apoio e Orientação, do Bunkyo.

Em pé (da esquerda para a direita)

SHIRO KONDO

Nasceu em Manchúria, China, em 1945. Formado em Direito pela Universidade de Waseda, Japão, em 1968. Imigrante agrícola da Província de Kanagawa, Japão. Fixou-se na Colônia Guataparã pela JAMIC. Foi cooperado da CAC. Há 45 anos é produtor rural em Guataparã (SP). Atualmente cultiva alho. Tem registro na EMBRAPA como produtor do semente de alho, cultivar BRS Hozan. Foi presidente da Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto em 2012.

TAKANOLI TOKUNAGA

Nasceu em Fernão (SP), em 1940. Engenheiro Agrônomo pela ESALQ/USP, em 1966. Ingressou na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) em 1968 e aposentou-se em 2014. Por solicitação da JICA e da JATAK (Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Colonização), prestou assessoria técnica aos agricultores de outros países e estados do Brasil. Foi bolsista da JICA em 1976. Recebeu o Prêmio Kiyoshi Yamamoto em 2009. Atualmente é Vice-Presidente da Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto.

SHINICHI OKI

Nasceu na Província de Hiroshima, Japão, em 1939. Formado pela Universidade de Agricultura de Tokyo, em 1962, emigrou para Brasil no mesmo ano, foi consultor

e atualmente é Presidente da Associação Tokyo Nodai do Brasil (Associação dos Ex-Alunos da Universidade de Agricultura de Tokyo).

MÁRIO EIDI SATO

Nasceu em Marília (SP), em 1964. Engenheiro Agrônomo (1985), Mestre (1989) e Doutor (1999) em Entomologia, pela ESALQ e Pós-Doutor pela Universidade de Nagoya, Japão (2004). Pesquisador Científico VI e docente do Programa de Pós-Graduação do Instituto Biológico (IB/APTA). Foi bolsista da JICA (1991) e da Japan Society for the Promotion of Science (JSPS) (2004).

KAZUHISA SHIRAIISHI

Nasceu na Província de Shimane, Japão, em 1945. Formou-se pela Universidade da Prefeitura de Kyoto (1967), emigrou para o Brasil no mesmo ano. Trabalhou na Cooperativa Central Agrícola Sul-Brasil desde sua chegada ao Brasil como técnico e posteriormente na Cooperativa Agrícola Sul Brasil da Grande São Paulo até 2014, na administração.

TOYOSHIKO KASHIMA

Nasceu em Pompéia (SP), em 1938. Engenheiro Agrônomo pela ESALQ (1965). Foi Técnico em Extensão Rural (1966-1973), Diretor Técnico da Cooperativa Central Agrícola Sul-Brasil (1973-1980) e Diretor Técnico da Cooperativa de Crédito Rural Sul-Brasil (1980). Foi Coordenador da Colhedora de Café da empresa Máquinas Agrícolas Jacto S.A. (1980-2006), responsável pelo lançamento e consolidação da K-3 no mercado nacional.

KENZO NEGUISHI

Nasceu em Mogi das Cruzes (SP), em 1941. Produtor de frutas e cogumelos, em Mogi das Cruzes. Presidente da Associação dos Fruticultores de Mogi das Cruzes, Presidente da Associação dos Produtores de Cogumelos Comestíveis de Mogi das Cruzes, Presidente da Associação Cultural e Recreativa Okayama Kenjin do Brasil, Diretor do Sindicato Rural de Mogi das Cruzes, Diretor do Bunkyo de Mogi das Cruzes.

MASSATOSHI NODA

Nasceu em Lins (SP), em 1947. Engenheiro Agrônomo pela ESALQ, em 1971. Foi Gerente do Departamento de Sementes e Mudanças da Cooperativa Agrícola de Cotia, Diretor da Agroflora - Reflorestamento e Agropecuária, Gerente Comercial da Sumitomo Corporation do Brasil Ltda., em Diadema (SP), Presidente da Takii do Brasil e atualmente aposentado. Foi bolsista da JICA em 1978.

TAKETO NISHIMURA

Nasceu na Província de Yamaguchi, Japão, em 1940. Graduou-se em Zootecnia pela Escola Provincial Agrícola de Yamaguchi, em 1958. Emigrou ao Brasil em 1960, tendo iniciado a carreira de Técnico Agrícola na Cooperativa Agrícola de Cotia, sendo Gerente da Incubadora Iacri (SP) e Administrador Geral da Estação Experimental de Moimho Velho, de Cotia (SP). Fez estágio de avicultura na Holanda, em 1979 e de estudo sobre adubação orgânica no Japão, em 1987, como bolsista da JICA.

Lista de Siglas e seus Significados

Sigla	Significado
ABETA	Associação Brasileira de Estudos Técnicos da Agricultura
ABJICA	Associação Brasileira de Bolsistas JICA São Paulo
ABPA	Associação Brasileira dos Produtores de Anonáceas
ABRAMILHO	Associação Brasileira dos Produtores de Milho
AFLORD	Associação dos Floricultores da Região da Via Dutra
APPC	Associação Paulista dos Produtores de Caqui
APTA	Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (da SAA)
BNCC	Banco Nacional de Crédito Cooperativo
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BRATAC	Fiação de Seda Bratac Ltda.
BUNKYO	Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social
CAC	Cooperativa Agrícola de Cotia
CAISP	Cooperativa Agropecuária de Ibiúna
CAMDA	Cooperativa Agrícola Mista de Adamantina
CAMPO	Companhia de Promoção Agrícola
CAMTA	Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu
CAMVA	Cooperativa Agrícola Mista de Várzea Alegre Ltda.
CATI	Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (da SAA)
CEAGESP	Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo
CEASA	Central de Abastecimento
CEO	Chief Executive Officer (Diretor Executivo)
COAG	Cooperativa Agrícola de Guataparã
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
COPACENTRO	Cooperativa Agropecuária do Centro-Oeste Ltda.
COPASUL	Cooperativa Agrícola Sul Matogrossense
CPKY	Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto
CRD	Chronic Respiratory Disease (Doença Respiratória Crônica)
CTC	Centro de Tecnologia Canaveira
CTV	Vírus da tristeza dos citrus
DSMM	Departamento de Sementes, Mudas e Matrizes (da CATI)
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ENKYO	Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo
EPAGRI	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
ESALQ	Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (da USP)
ESAV	Escola Superior de Agricultura e Veterinária (da UFV)
ETSP	Entrepósito Terminal de São Paulo (da CEAGESP)
FAO	Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FCA	Faculdade de Ciências Agrônomicas (da UNESP/Botucatu)
FAV	Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (da UNESP/Jaboticabal)
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GERCA	Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura (do IBC)
IAA	Instituto do Açúcar e do Alcool
IAC	Instituto Agrônomico (de Campinas)
IAPAR	Instituto Agrônomico do Paraná

Lista de Siglas e seus Significados

Sigla	Significado
IB	Instituto Biológico (da APTA)
IBC	Instituto Brasileiro do Café
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEA	Instituto de Economia Agrícola (da APTA)
IF	Instituto Florestal
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
JACTO	Máquinas Agrícolas Jacto S.A.
JAMIC	Japan Migration ad Colonization
JATAK	Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Colonização
JICA	Japan International Cooperation Agency
KKKK	Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (Companhia Ultramarina de Desenvolvimento)
KENREN	Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil
KENSHUSEI	Estagiário
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MIP	Manejo Integrado de Pragas
NERUA	Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos da Amazônia
NHK	Nippon Hosô Kyokai (Corporação de Radiodifusão do Japão)
NOTAKYO	Cooperativa Central Agrícola e de Colonização do Brasil
OCB	Organização das Cooperativas do Brasil
OCDE	Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OIA	Organização Internacional Agropecuária
OTCA	Overseas Technical Cooperation Agency (Agência de Cooperação Técnica Ultramarina)
PIB	Produto Interno Bruto
PLANALSUCAR	Plano Nacional de Açúcar e Alcool
PKY	Prêmio Kiyoshi Yamamoto
PRODECER	Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados
PRRC	Programa de Revigoração e Renovação da Cafeicultura
SAA	Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo
SAF	Sistema Agroflorestal
SANJO	Cooperativa Agrícola de São Joaquim
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SMA	Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo
SNA	Sociedade Nacional de Agricultura
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
TOZAN	Monte d'Este
UFAM	Universidade Federal da Amazônia
UFLA	Universidade Federal de Lavras (MG)
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos (SP)
UFV	Universidade Federal de Viçosa (MG)
UNESP	Univesidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas (SP)
UNIMEP	Universidade Metodista de Piracicaba (SP)
USP	Universidade de São Paulo

Créditos das Fotos

Ademar Kiyoshi Akimura - Choju Akimura

Flavio Nakaoka - capa, avicultura e Comissão do Prêmio Kiyoshi Yamamoto

Grupo Horita - grãos (algodão e soja)

Guenji Yamazoe - Hiroshi Ikuta e Fazenda Tozan

Hisao Haba - fruticultura, exceto atemoia

Kazuhisa Shiraishi - olericultura (alface e tomate)

Kuinio Nagai - floricultura e olericultura (couve-flor, batata e pimentão)

Júlio, Luiz e Marta Yamamoto - família Yamamoto

Noriko Tanaka - mesa-redonda

Takanoli Tokunaga - atemoia

Toyoshiko Kashima - cafeicultura, mecanização agrícola e ações comunitárias

ISBN 978-85-8191-051-2



Patrocinadores:



TAKII SEED



ブラジル日本文化福祉協会
Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa
e de Assistência Social